Eça de Queirós
A tragédia da
RUA
DAS
FLORES

# A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES

EÇA DE QUEIRÓS

*Esta obra respeita as regras*

*do Novo Acordo Ortográfico*

# CAPÍTULO I

No Teatro da Trindade, representava-se o “Barba Azul”.

Tinha começado o segundo acto e o coro dos cortesãos saía, recuando em semicírculo, com os espinhaços vergados quando, num camarote sobre o balcão, à esquerda, o ranger ferrugento de uma fechadura perra, uma cadeira arrastada, fizeram erguer, aqui e além, alguns olhares distraídos. Uma senhora alta, de pé, desapertava devagar os fechos de prata de uma longa capa de seda negra forrada de peles escuras; tinha ainda o capuz descido sobre a testa e os seus olhos negros e grandes, que as olheiras de um brilho ligeiro ou desenhadas ou naturais, faziam parecer mais profundos, mais sérios, destacavam num rosto aquilino e oval, levemente amaciado de pó-de-arroz. Uma mulher esguia e seca, com um cordão de ouro de relógio caído ao comprido do corpete de seda, chato, desembaraçou-se da capa e ela, com um movimento

delicado e leve, voltou-se e ficou imóvel, de perfil, olhando o palco.

Foi logo sensação, no público amodorrado. Binoculavam-na «à carga cerrada», como disse o poeta Roma, autor estimado dos Idílios e Devaneios; mesmo um sujeito gordo, por baixo do camarote dela, ao torcer o corpo num movimento brusco de curiosidade, escorregou no degrau do balcão, caiu: houve risadas; ela debruçou-se e — enquanto o sujeito gordo, muito avermelhado, esfregava os rins, furioso falou a mulher esguia que se conservava direita, sentada a beira da cadeira, com um respeito de aia e uma rigidez de devota. Tinha um nariz carnudo e vermelho, o cabelo muito acamado pela escova e o seu sorriso condescendente mostrava longos dentes carnívoros. Parecia evidentemente uma velha governanta inglesa e, para olhar para o palco, assentou cuidadosamente uns óculos.

Murmurou-se logo no balcão que a estrangeira devia ser a princesa de Breppo, uma parenta pobre e remota da Casa de Saboia. Mesmo a condessa de Triães, ressequida como um galho murcho, com uma camélia branca nos seus

cabelos grisalhos, excogitou logo se «el-rei daria por ela»; mas o rei conservava-se imóvel, com os braços assentes sobre o rebordo do camarote, de lunetas azuis e os ombros cobertos por vastas dragonas de almirante; e a rainha, muito graciosa, de roxo, com os dedos, onde reluziam pedrarias, apoiados à face, seguia sorrindo às pernadas grotescas do «Conde Óscar». «Não davam pela princesa.» Ela, todavia, dizia-se, era esperada em Lisboa, de passagem para o Brasil onde a levava a intratabilidade dos credores, a curiosidade botânica pelas flores da América e o seu tédio da Europa.

Era um benefício, havia enchente. Num camarote, vestida de cor de lilás, com o cabelo enchumaçado em capacete, estava a viscondessa de Rosarim, branca e gorda, cuja virtude escandalizava Lisboa, a ponto de se gritar dela com impaciência e cólera: «Que estúpida, que estúpida, Santo Deus!»

Ao lado, escondia-se, por detrás de um largo leque negro, a menina Ginamá, da Baía, cujas meias de seda muito mostradas excitavam na população a lubricidade mais indomável. De frente, no meio de uma família respeitável e

religiosa, sorria a menina Mercês Pedrão, a Mercezinhas, que — dizia-se — dava a todos os menores de cinquenta e cinco anos que se lhe aproximavam os afagos refinados de uma voluptuosidade prudente. E no camarote ao fundo, com diamantes nos peitilhos, estavam dois pretos tristes.

No balcão, via-se o esbelto padre Agnaldo, de lunetas de oiro, com a coroa disfarçada, muito aplaudido no Martinho, quando às nove horas bebia chartreuse amarela, achincalhando os dogmas; o deputado Carvalhosa, ainda amarelo de vícios que amara na universidade; o estimado poeta Roma que, nos dias alegres, inventava palavras picarescas e, nos seus dias «spleenáticos», cantava o luar nos vales e o seu amor por duquesas e, ou triste ou jovial, não despregava do crânio cheio de caspa as unhas cheias de lodo.

De um camarote a outro, ia o bom Baldonísio, calvo e rapado, com o seu passinho saltitante, um rebolar doce de quadris, de expressões suaves, com uma voz de cigarra, muito atento à prática dos jejuns, muito querido da aristocracia devota. As senhoras sorriam ao ilustre pianista Fonseca, que ajeitava constantemente os seus óculos de

oiro e, na véspera, publicara uma valsa, o Trono, oferecida a suas majestades. E era muito observado o social Pavilhão, querido pelo seu talento em imitar atores, animais, uma locomotiva silvando e o som triste de um oboé.

Havia um camarote ruidoso apinhado de espanholas caiadas. Na plateia, enterrada em baixo, de um tom neutro e escuro, reluziam charlateiras de alferes. Abafava-se na mistura das respirações e na opressão. Os gordos suavam, corriam palpitações de leques. Mãos, calçadas de luvas de cor de sangue de boi, de fundo de garrafa ou gema de ovo, cofiavam cerimoniosamente recurvas pêras aguçadas. Nas varandas, uma criança chorava obstinadamente. E a gente anónima — que digere, procria e morre anonimamente — fazia errar os olhos muito negros aqui e além, sem ideias.

A estrangeira, agora, tomara o seu binóculo e fixava, um momento, a rainha, os penteados enchumaçados e floridos de senhoras, o perfil fino e galante de D. João da Maia e as meninas espanholas. De vez em quando, sorrindo, falava à governanta magra. Estava vestida de seda cor de pérola, com um pequeno decote quadrado: era loira ou pintada de loiro e, sobre o colo de uma cor de leite cálido, pousava,

preso por uma fita clara, um medalhão de esmalte negro, orvalhado de diamantezinhos.

Dois homens, sobretudo, no balcão, pareciam fascinados por ela. Um, sorrindo demonstrativamente, remexendo-se na sua cadeira, polindo os vidros do binóculo, fitando-a, de cotovelos no ar, era um sujeito de trinta anos, baixote e roliço, com um buço negro num rosto balofo. Chamava-se Dâmaso Mavião: dizia-se familiarmente «o Dâmaso». Era rico, muito estimado. O seu pai fora agiota, mas ele usava no dedo um anel de armas; eram quase, sem modificação, as armas do conde de Malgueiro, jogador decrépito e borrachão embrutecido a quem Dâmaso, por chique, dava placas de cinco tostões. Tinha umas calças de avelã e o colete aberto deixava ver um peitilho reluzente, cujos botões eram mãozinhas de coral, sustentando lapiseiras de oiro.

O outro — um rapaz de vinte e três anos — admirava-a, imóvel, com os braços cruzados, estudando-a com a aplicação que se dá a um quadro ilustre. Nunca vira, decerto pensava, uma beleza tão atraente e desejável, um esplendor igual ao da sua pele branca e quente, tão belos

movimentos de pálpebras com pestanas tão longas: a linha do pescoço e do seio excedia o que ele observara no peito das estátuas ou de gravuras; e a massa do seu cabelo loiro parecia-lhe dever ser pesada e doce, quando se apanhava nas mãos, e ter o calor macio das coisas vivas. A sua carne devia ter sensibilidades excecionais, elasticidades para fazer tremer um homem; e exalar subtilmente um aroma. Na seda mesmo que a cobria imaginava uma vitalidade e como outra forma da sua pele. Nunca observara, em nenhuma outra mulher, aqueles movimentos de pescoço, tão doces que não se percebia o jogo dos músculos; e quando ela descalçava a sua luva de dezoito botões, ficou pasmado para a sua pulseira — uma cobra que se lhe enroscava no braço em cinco voltas e parecia pousar, com delícia, sobre a carnação branca, a sua cabeça chata onde reluziam dois grossos rubis, como olhos ensanguentados.

Dâmaso dissera-lhe com autoridade «que positivamente era princesa» e àquela ideia sentia-a infinitamente distante de si, como perdida num fundo de glória, com a altivez das famílias históricas e a inacessibilidade das rainhas. Qual seria o seu passado? O som da sua voz? A maneira de

sentir? Teria amado? Quem?... E não a concebia noutras atitudes que não fossem cerimoniosas e ricamente vestida; não a podia compreender num fundo de alcova, numa brancura de camisa; o seu meio eram as altas salas adamascadas, onde pendem estandartes legendários, e semicírculos de pajens se curvam.

Porque estava ali, então, num camarote do Trindade, com uma aia feia? Teria as simplicidades de um coração poético? Poderia amar um qualquer? Que formas tomava o seu amor, com que delicados gestos se abandonaria, com que palavras finas? Ela devia inspirar fanatismos, como uma religião. Quem é que possui semelhantes criaturas?...

Pensava assim, vagamente, porque era de temperamento sentimental e melancólico. Chamava-se Vítor da Silva, era bacharel em Direito, vivia com o seu tio Timóteo e praticava no escritório do soturno Dr. Caminha. Tinha trazido da universidade e da convivência literária um vago romantismo, um tédio da atividade e da profissão, e uma tristeza mórbida; lia muito Musset, Byron, Tennyson; ele mesmo fazia versos; publicara, aqui e além, em jornais, em semanários, poesias: o Sonho de D. João, Flores da Neve,

alguns sonetos; compusera ultimamente um poemeto sobre o rei Artur, a Távola Redonda, os amores de Lancelote e o Santo Graal. A vida real, em redor, dava-lhe a melancolia de uma imperfeição bruta. Não desesperava de encontrar uma amante como Julieta; ao contacto de realidades muito fortes, perdera já algumas superstições românticas, mas a falta completa de ironia fazia-o persistir na veneração do ideal. Levantava-se tarde, odiava os autos, era republicano e era janota.

— Olha que ela percebe o português — exclamou de repente Dâmaso, com um brusco cotovelão.

— Porquê?

— Está-se a ver, olha. Está-se a rir do Isidoro.

O segundo acto terminava. O regente, aos pulinhos, brandia a batuta, os arcos das rabecas subiam e desciam, com o movimento de serras apressadas; agudezas de flautins sibilavam e o «bombo», de pé, de óculos, com o lenço tabaqueiro sobre o ombro, atirava baquetadas à pele do tambor, com uma mansidão sonolenta. Sobre o palco,

Carlota, muito escangalhada, arrastando aos sacões, através da corte, a sua cauda enxovalhada, gania:

*Aquela gorda varina*

*Aposto que é Clementina*

E as coristas, com grenhas desmazeladas, escandalizavam-se pasmadamente, erguendo ora um braço, ora outro, com rigidezes de articulações de pau. A «rainha» gorda, escarlate, suave; «El-Rei Bobeche» babava-se; e as palmas e gargalhadas romperam quando ele e o «Conde Óscar», torcendo-se de facécia, nas poltronas reais, colaram, um contra o outro, as solas dos sapatos, fazendo as pernas convergentes de um W patusco!

O pano caiu. Um rumor ergueu-se; saía-se; pessoas respiravam encalmadas; leques batiam e, pouco a pouco, nos camarotes nos balcões, ficou-se em silêncio, olhando com um cansaço morno; bocejos leves; uma vaga aplicação de binóculos, aqui e além.

A porta do balcão, um grupo examinava a estrangeira; faziam-se comentários; seria a princesa? Mas um sujeito afirmou que a princesa era uma velha baixinha, com um chinó. Devia ser, talvez, a dama nova que vinha para S. Carlos. E um indivíduo grisalho, um pouco gago, que penetrava no grupo, ficou e disse com autoridade:

— Aquilo é gado!

Como era uma pessoa que tinha ido a Madrid e a Paris, em comissões do Governo, as suas decisões sobre deboche, ou sobre cozinha, eram muito acatadas. E dois brasileiros, de dorsos pesados, afastavam-se com tédio, murmurando:

— São destas francesas que vêm a ver si arrecadam. Como há tantas, no Rio! Tantas, no Rio!...

Mas todos concertavam que era de apetite; o seio era muito gabado. Um rapaz macilento, de jaquetão abotoado, chapéu de abas direitas, como um prato, e uma bengala de castão homicida, fez luzir os olhos em redor, dizendo numa frase curta e rouca:

— O que eu faria, se a pilhasse ajeito!

Discutia-se, em tons altos, se era loira ou pintada de loiro. Como eram todos íntimos, diziam-se: «seu asno», «seu alarve». Um advogado, irritado, apostou duas libras que era tingida.

Ela, no entanto, fora sentar-se ao fundo do camarote, falando a espaços com a inglesa, numa atitude fatigada, com pequeninos bocejos que uma mãozinha comprimia — o que punha, no fundo escuro do camarote, vagas cintilações de pedras finas. Vítor da Silva, que a não podia ver bem assim, ia erguer-se, para se sentar adiante, na extremidade do balcão, quando viu entrar no camarote dela um homem conhecido, o Joaquim Marinho.

Marinho era de Trás-os-Montes, mas, havia anos, vivia em Paris. O seu património tinha sido uma tira de má terra ao pé de Bragança; mas os seus amigos — que diziam dele, com uma voz respeitosa e erguendo as sobrancelhas: «é um finório!» — afirmavam que ele enriquecera em Paris, e falava-se com seriedade nos «fundos do Marinho». Era baixo, delgado, com uma calva grave e bela barba aloirada; tinha o pé pequenino e andava sem ruído, desapercebido, deslizando; tinha um sorriso cortesão e, falando, esfregava

docemente as mãos. A sua polidez era tão refinada, que embaraçava. Tratava todas as pessoas por «meu excelente amigo». Trazia o bolso cheio de pastilhas de chocolate, para as senhoras. Era tão serviçal que se oferecia, com júbilo, a ir deitar uma carta ao correio, ou despachar um caixote à alfândega. Se, diante dele, um par do reino, um diretor-geral, falava ou do tempo ou dos touros ele escutava com os olhos arregalados, mordendo o beiço inferior, como na admiração assustada de uma sabedoria sobrenatural. Oferecia cerveja a capitalistas, no Balthreschi, e, com os rapazes, tinha palavras paternais passava-lhes a mão pela cinta, cochichava brejeirices sobre dançarinas. Usava sempre paletós magníficos. Se lho gabavam, tirava-o logo, mostrava o pano a uma luz favorável, o forro a solidez das costuras, e dizia baixo:

— Uma bagatela. É a primeira vez que o ponho: cinco libras.

E fazia sempre o negócio. Dizia-se dele: «O Marinho? O Marinho é a fera de Lisboa!» Jantava quase sempre fora e queixava-se de nevralgias.

Vítor estava surpreendido da sua familiaridade com a estrangeira; tinha-lhe apertado as mãos, muito risonho; apossara-se do seu binóculo, dizia-lhe segredinhos, ela ria. Positivamente não era a princesa e uma vaga alegria sobressaltou-o.

Foi também a opinião do Dâmaso, que, da porta do balcão, com outros, olhava torcendo o buço:

— Com aquela intimidade com o Marinho, não pode ser a princesa.

E decidiu-se que devia ser a dama nova de S. Carlos.

— Então, temos mulher! — exclamou Dâmaso. — Se se fizer fina, escacha-se com pateada.

E para o rapaz macilento, de bengalão homicida:

— Tu arranchas, visconde?

— Liró — respondeu o outro, com a voz roufenha. Queria dizer «sim».

Mas o ilustre pianista Fonseca, atarracado, com as mãos atrás das costas, disse que a dama nova era uma magra, baixa, com o cabelo como azeviche. O Marinho, então, é

que havia de dizer. E como ele saia, então, do camarote da estrangeira, vieram ao corredor, cercaram-no.

— Quem é, quem é?

— Seus curiosos! Seus curiosos!

— Não te faças tolo. ó Marinho!

Ele passava a mão pela barba, com risos mudos, a cabeça de lado; e confidencialmente:

— Uma senhora da primeira sociedade! Da primeira!

— Francesa!

— Isso agora...

Sorria, defendia-se. Pessoas em bicos dos pés formavam grupo; um camarista de el-rei, amável, subtil, estendia a orelha, risonho: e um velho caquético, surdo, com um enorme claque de cetim, fazia repetir as palavras de Marinho, por um homenzarrão de pêra aguda, que se curvava respeitoso e dizia: «Senhor conde...»

Enfim, Marinho, muito solicitado, as costas contra a parede, debaixo de um bico de gás, raspando a cal com uma das solas «largou tudo». Tinha-a conhecido em Paris,

em casa da baronesa de Villecreuse, pessoa muito respeitável, separada do seu marido, que vive nos Campos Elísios, a dois passos de Madame de Sagan. E para um sujeito barrigudo, pomposo, de barba grisalha:

— Tu sabes, Vasconcelos...

O sujeito respondeu com uma áspera voz de grilo:

— E eu que me pélo pelo sítio...

— Pois foi aí que a conheci. Convidou-me, jantei algumas vezes em casa dela. Chama-se Madame de Molineux. É portuguesa, da ilha da Madeira. O velho Molineux, um maganão, era senador do Império. Comia-se, naquela casa!... — E pôs os olhos em alvo, num enlevo. — Os Molineux são uma família antiquíssima da Normandia. Quando foi aquela desgraça de Sedan, o velho foi para a Bélgica e lá morreu. E tudo o que sei dela. Chamava-se Genoveva.

Então alguém perguntou:

— E a outra mulher?

— Dama de companhia, espécie de aia. Uma inglesa... Lá vou! Lá vou! — era respondendo a Dâmaso que se afastava e lhe fazia pst, pst?

A campainha tocava, dispersavam-se. E Marinho, indo passar o braço pela cinta de Dâmaso:

— Que é? Que é?

— Oh, Marinho, aquilo é mulher de...?

O outro, abrindo os braços, baixando a cabeça:

— Chi-lo-sa?

E Dâmaso, mais baixo, prendendo-o pelo botão do casaco:

— Tu podias-me apresentar, hem?

— Perfeitamente! Perfeitamente! Ela até me pediu que no outro intervalo, lhe levasse alguém!... Ele não é da etiqueta apresentar, num teatro... mas, aqui... Ela pediu-me, de resto.

A orquestra acompanhava a ária.

*Novos amores,*

— Então, logo — disse Dâmaso.

Mas Marinho deteve-o e, levando-o pelo braço, ao comprido do corredor, falava-lhe, curvado, urgente.

— Mas, para quando? — perguntou Dâmaso.

— Se pudesse ser, amanhã — respondia Marinho. — Eu passo pela tua casa. Tu desculpa, mas realmente estou atrapalhado... E por uma bagatela, uma ridicularia! Coisas do país! Quando é que, num hotel, em França, se importuna um cavalheiro, uma pessoa conhecida, por uma miséria de sessenta e dois mil réis! Porcaria! Amanhã, hem?... E logo, vamos à mulher, antes do fim do acto. E atira-te! Atira-te!

Esfregou muito as mãos, com um risinho mudo, e foi ao camarote da viscondessa de Rosarim, da «nossa virtuosa beleza», como ele dizia, curvando-se.

Dâmaso entrou no balcão, triunfante, deitou logo um olhar para Madame de Molineux, como para tomar posse

dela, começou a calçar as luvas; e inclinando-se para o encosto de Vítor:

— O Marinho vai-me apresentar!

E contou-lhe que era uma condessa, uma parisiense, de um chique! É portuguesa! Quem diria? Soberba mulher! Dava-lhe o que ela me pedisse!

Estava muito seguro de si. Em geral, achavam-no «janota» e diziam dele: «O diabo do Dâmaso nunca está sem mulher!» Uma atriz gorda do Príncipe Real, fada de mágicas, por ele tomara cabeças de fósforos. Era muito disputado entre as espanholas e o episódio aristocrático da sua carreira sentimental fora em Sintra, quando o social Padilhão o surpreendeu, nos Capuchos, com a condessa de Aguiar. A condessa era, é ainda, como um prato de mesa-redonda: o que a recebe do seu vizinho da direita serve-se e passa-a ao vizinho da esquerda. Desde então Dâmaso fitava as mulheres de frente, torcendo o buço, e quando às três horas fazia caracolar o cavalo, pelo Largo dos Mártires, sentia Lisboa às suas ordens.

Vítor, calado, agora achava-a mais cativante. Vivera em Paris — pensava — num elemento original e superior; fora às Tulherias, e sobre aquelas belas espáduas pousara decerto o olhar abatido e poluente do velho Imperador Taciturno. Conhecera os autores ilustres, visitara os ateliers memoráveis e o que ele lera ou ouvira de Paris agrupava-o em torno dela, como uma decoração natural e via-a vagamente confundida ao espírito de Dumas filho, às gravuras de Doré, à música de Gounod, aos velhos generais do Jockey Club e aos requintes do Café Inglês — formação adorável de uma civilização superior.

No entanto, no palco, cinco mulheres enxovalhadas, de cabelos ignobilmente riçados, com decotes lassos que descobriam clavículas necessitadas, cantavam em linha, com tons agudos, num ritmo pulante.

*Mortas desta cova*

*Surgi pa-ra a vida, pa-ra a vida, pa-ra a vida!...*

E da porta do balcão, Marinho, em bicos de pés, fazia acenos a Dâmaso. Ele reparou, precipitou-se, pisou uma criança que fez beicinho, derrubou o binóculo de uma senhora obesa. Ia pálido.

Mesmo uma velha, que se repimpava por trás de Vítor, disse com satisfação:

— Deu-lhe alguma cólica.

— Põe-se-no a comer neves... — murmurou uma outra, cujo egério parecia amargo.

E as cinco magricelas, em fila, retomando o quinteto, ganiam:

*Mortas desta cova,*

*Surgi pa-ra a vida, pa-ra a vida!*

Marinho entrou com Dâmaso no camarote de Madame de Molineux, apresentou-o e saiu recuando subtilmente. Ela teve para Dâmaso um movimento muito ondulado do pescoço e, indicando a inglesa:

— Miss Sarah Swan…

Dâmaso recurvou-se. Estava vermelho.

— Do you speak english? — perguntou-lhe Miss Sarah.

— Aprendi no colégio, mas estou esquecido.

Miss Sarah arreganhou os beiços num sorriso, tossiu e, ajeitando os óculos, fixou o palco.

Madame de Molineux voltou-se, então, de leve para Dâmaso, que se apressou a perguntar-lhe:

— Vossa excelência tem gostado?

— Sim, muito bem.

Afetava um acento arrastado e estrangeiro.

— Conhecia a peça?

— Ouvi-a em Paris, nas Varietés, creio.

— Muita diferença, naturalmente — sugeriu Dâmaso.

Ela concordou, polidamente, com um sorriso mudo.

Houve um silêncio. Dâmaso, mais vermelho, passava devagar os dedos pelo buço; tinha um suorzinho na

espinha. Mas o pano desceu; o rumor do entreato recomeçou. Madame de Molineux veio sentar-se ao fundo e, ao roçar por Dâmaso, a nobre beleza da sua pessoa, o frufru da seda, a penetração de um aroma, fizeram-no maquinalmente vergar os ombros.

Viu então que alguns vidros de binóculos o observavam; quis parecer animado, chique, e com voz muito lançada, o gesto arqueado:

— Vossa excelência chegou há muito?

Ela verificou com Miss Sarah, em inglês, a data e disse:

— Há cinco dias.

E Dâmaso, então, com um repentino fluxo labial, acumulou as interrogações:

Se era a primeira vez que vinha a Lisboa?

Era. Fora da ilha da Madeira para Londres e de lá para Paris...

Se gostava de Lisboa? «Muito!» Se já vira o Passeio, S. Carlos? «Sim.» Se fora a Sintra? «Não.»

Estava um pouco caída na cadeira, as mãos estendidas no regaço, sustendo o leque fechado. Tinha as mãos finas, brancas, mas fortes, como desenvolvidas pelo hábito das rédeas e pela atividade dos costumes.

Dâmaso então ofereceu, no caso que ela quisesse ir a Sintra, a sua casa em Colares. Era uma casa de estudante...

Mas vendo o seu olhar levemente surpreendido, corou, atalhou.

— Eu agora estou em Lisboa; no Inverno, vivo sempre em Lisboa...

— Perdão — interrompeu ela —, quem é aquela senhora de azul-escuro, em frente?

Era a condessa de Val-Moral. Dâmaso deu-se como intimo. «De resto, podia-lhe fazer-lhe a biografia de Lisboa», afirmou. «Conhecia, se conhecia!... E conhecido, então!...»

Animava-se. Citou outras senhoras; achou elegante aludir a escândalos; indicou-lhe alguns rapazes da sociedade; falou de touros; emitiu mesmo o ator Isidoro.

Ela disse vagamente, abrindo o leque com um gesto cansado:

— Tem graça...

Dâmaso ficou seguro de que lhe estava a fazer uma impressão dos diabos. Excitou-se; tirou as luvas; pediu para examinar os desenhos do leque. E mesmo para lhe falar, com o cotovelo no rebordo do camarote, voltava um pouco as costas ao balcão.

— De todas as senhoras que estavam — dizia ela —, a mais senhora, a melhor, a única, era a rainha. — E pondo um dedo na testa, um pouco franzida:

— De que família é ela?

Dâmaso apressou-se s dizer que era da Casa de Saboia, filha de Vítor Manuel.

— Ah, sim! Louca, que eu sou! É irmã do Humberto... Bravo rapaz, não é verdade?

— Diz que sim, diz que sim... Todos eles, todos eles...

— Montava muitas vezes a cavalo com ele, há dois anos, em Paris, de manhã. Não é costume, em Lisboa, passear-se

de manhã a cavalo?

— Oh, pois não!

Citou logo os seus cavalos; tinha três: o de sela, e o de fáeton; e um de serviço para o cupé, à noite.

Falaram de corridas. Ela assistira ao Derby, em Epson. E Dâmaso gabou logo a corrida de Belém. Ouvira dizer a estrangeiros que, como vista de hipódromo, não havia melhor no mundo; de resto, era tal qual como lá fora.

— Até entre nós, nas pesagens falam sempre inglês.

E recostando-se, cofiou o bigode.

Então Madame de Molineux quis saber quem eram aquelas senhoras que estavam no... no vinte da segunda ordem. Eram as raparigas espanholas; tinham camélias nos penteados disformes, camadas de pó-de-arroz nas cantas redondas. A cada momento, a porta do camarote batia e elas cochichavam, agitavam-se. Batiam desesperadamente os leques e, debruçadas, sondavam o balcão, a plateia, com olhares devoradores e, de repente, para parecerem, imobilizavam-se em atitudes de uma rigidez idiota.

Dâmaso olhou, sorriu, fez-se embaraçado, quis ser maligno:

— São... — E com um francês de sílabas escancaradas — São o dèmis-mônde.

— Ah! — E Madame de Molineux tomou tranquilamente o binóculo, demorou-se sobre as espanholas. — Uma não é feia — disse.

— A Lola! — exclamou involuntariamente Dâmaso. Mas mordeu o beiço, fez-se escarlate.

E Madame de Molineux perguntava:

— Há aqui restaurantes onde se vá cear depois do teatro, alguma coisa no género do Café Inglês do Maison d'Or?

— Infelizmente não! O país está muito atrasado. Temos o Malta, temos o Silva.

— E a que missa é costume ir?

Dâmaso aconselhou-lhe a da uma hora, ao Loreto. Havia muito boa roda...

No entanto, a inglesa conservava-se calada. Às vezes, voltando-se para Madame de Molineux, abria sem razão um

sorriso humilde; ou, erguendo o binóculo, fixava-o num homem e logo retomava uma imobilidade severa, fitando os seus olhos de um azul-baço, vagamente, em pontos no ar. Madame de Molineux bocejou de leve.

— Estou um pouco cansada, creio. Levantei-me cedo, para ir acompanhar uma pessoa amiga ao paquete que saiu para o Brasil.

— Ah, pois hoje saiu o paquete...

E como a orquestra afinava, Dâmaso ergueu-se:

— Um criado da vossa excelência.

— No Hotel Central, das duas às quatro. — E ela fez-lhe uma curta inclinação de cabeça.

Dâmaso voltou ao balcão, radioso, e atirando-se para a cadeira, baixo, a Vítor:

— Tenho mulher.

E logo, recostando-se, começou a «fazer-lhe olho».

Mas Madame de Molineux erguera-se subtilmente e, num instante, ficou envolvida na sua peliça de seda, com o capuz sobre o rosto.

Dâmaso ergueu-se agitado.

— Anda daí — disse a Vítor —, anda daí, homem.

Desceram; colocaram-se em baixo, à porta. As lanternas da carruagem que esperavam luziam na rua escura; garotos, de cigarro ao canto da boca, esperavam; o peristilo estava deserto, com as suas paredes cobertas de anúncios de almanaque e de empresas tradutoras; no café, um criado encostado a uma coluna, sob o bico de gás, lia um jornal enxovalhado; outro, dormitava estendido sobre o mármore de uma mesa; e do fundo vinha o ruído monótono de carambolas no bilhar. Mas houve um frufru de seda; era Madame de Molineux. Era alta, a sua peliça muito larga, e apanhando a cauda do vestido descobriu a renda das saias, a meia de seda preta.

Dâmaso adiantou-se e ficaram conversando à porta enquanto um garoto corria desesperadamente pela rua, ganindo pelo «cocheiro do Hotel Central».

Vítor, ao pé do guarda-vento, com o coração alvoroçado, embrulhava nervosamente um cigarro. A brancura da saia que vira e a sua estatura nobre; os ricos bordados da

peliça, perturbavam-no, como uma presença superior. Dâmaso bamboleava o corpo, batendo com a badine nas calças; parecia falar do tempo; a noite estava escura, com uma palpitação fria de estrelas.

Mas então Madame de Molineux voltou-se e pareceu reparar em Vítor; mesmo os seus olhos negros, que reluziam, pareciam maiores debaixo do capuz, pousaram-se um momento nele. Mas o garoto chegava, esbaforido, atrás do cupé da companhia. Dâmaso arqueou o braço e ela, no movimento de apanhar melhor a cauda, tornou a voltar-se e fitou Vítor diretamente.

Ele ficou todo suspenso, com o coração surpreendido. A portinhola bateu.

— Vamos cear ao Malta, hem? — disse Dâmaso. E descendo a rua, assobiava satisfeito a marcha do Fausto.

Vítor ia calado. Sentia o sangue correr-lhe nas veias, com uma vivacidade imprevista. Carruagens saíam de S. Carlos, grupos passavam, onde capas de mulheres alvejavam. E ele achava Lisboa interessante; queria publicar um poema, ou

ser aplaudido num teatro e ser, na cidade, uma pessoa essencial.

Quando entraram no Malta, o criado veio bocejando abrir na sala o bico de gás; uma luz crua, um pouco trémula, bateu as paredes, o teto baixo; e com uma voz enfastiada:

— Então, que hão de querer os senhores?

Dâmaso, em frente do espelho, examinava-se, torcia o buço; sentia-se estroina, vivo, cheio de energia.

— Vá, então, que hão de querer? — repetia a voz sonolenta.

Viram a lista, decidiram-se por dois meios bifes.

Dâmaso sentou-se em frente de Vítor, e, com os cotovelos na mesa, fixando-o muito:

— Que soberba mulher! Caramba, menino, olha que tenho sorte! E desdobrando o guardanapo gritou com um movimento estroina:

— E Colares branco, ó Manuel!

## CAPÍTULO II

Quando ao outro dia, às onze horas, Vítor desceu para o almoço, já o seu tio Timóteo estava na sala, ao pé da vidraça aberta à manhã luminosa, na sua larga poltrona, lendo os jornais, com uma perna dobrada sobre o corpo, à oriental; a outra, que era de pau, pousada sobre o poial da janela.

Moravam na Rua de S. Francisco, um pouco adiante do Grémio, no terceiro andar. Era nos princípios de Dezembro, o Inverno ia muito seco, com um ar fino e são, céus muito azuis, um bom sol para os velhos.

O tio Timóteo tinha sessenta anos; era pequeno e magro, falador e arrebatador. O seu rosto móbil tinha uma cor queimada, com faciais salientes; olhinhos faiscantes; uma gaforina branca atacava-se-lhe na cabeça e as suíças curtas, brancas também, vindo ao centro da face, eram de um corte atrevido. Era um juiz aposentado; toda a sua carreira fora feita no ultramar; estivera sobretudo muito

tempo na Índia, onde perdera a perna numa caça aos pássaros, o que o irritava, porque — dizia ele — devia-a, ao menos, ter deixado nas goelas de um tigre. Todo o seu temperamento fora sempre mais guerreiro que jurídico. Em Coimbra, era desordeiro e jogador de pau, e no seu tribunal, mais tarde, tinha punhadas sobre a mesa que faziam empalidecer as caras acobreadas dos advogados indígenas. Vivera em todas as comarcas em conflitos permanentes com as autoridades; espancara mesmo um secretário-geral da Índia, sujeito pacífico que compunha odes e sofria dos intestinos. Mas estimavam-no pela sua honradez severa e porque, sob aqueles ímpetos exteriores, era cheio de bondade, de piedade, com certos tons de sentimentos muito finos.

Era um grande amante dos fracos e intervinha por eles, com atrevimento de paladino. Uma ama que, na rua, sacudisse uma criança, um carreiro que tiranizasse um boi, um garoto que escaldasse um gato, tinham logo ao pé a voz trovejante de Timóteo e a sua bengala de castão de prata.

Sua mulher, uma excelente senhora macaísta, deixara-lhe oitenta contos, o que o habilitava — dizia ele — a «ter tipoia

e sobrinho». A sua afeição real era Vítor; a sua admiração, a Inglaterra; assinava o Times e lia-o todo, devotamente. E o seu companheiro era um cão, um retriever inglês chamado Dick. Timóteo era um grande madrugador, sectário de água fria, interminável fumador de cachimbo e bebedor de grogues. Detestava os padres e dizia que todo o homem que aos vinte e cinco anos nem era casado, nem tinha uma amante, era sujo.

— Quem é esta princesa de Breppo? — perguntou ele com um tom arrenegado mal Vítor entrou; e fixava severamente o Diário Popular, com grandes lunetas de tartaruga.

— Porquê? Que diz?

Timóteo leu:

— Acabam de chegar do Teatro da Trindade, onde o benefício, etc., etc.. Ah!... Num camarote, via-se uma formosa senhora estrangeira, que uns afirmaram ser a princesa de Breppo.

— Ah, não! Dizia-se, mas não é. É uma senhora francesa, uma Madame de Molineux...

— Estes bisbilhoteiros destes jornais... — rosnou Timóteo.

Vítor aproximava-se da janela bocejando. Dormira mal. Tinha saído do Malta às duas horas; e nervoso, pesado da ceia, toda a noite sonhara com Madame de Molineux, com personagens da História da Revolução Francesa, de Michelet, que andava lendo, e com recordações das poesias de Tennyson. Era numa rua do Bairro Alto e alguém o queria apresentar a Madame de Molineux, mas, quando iam a apertar as mãos, alguma coisa de inesperado passava violentamente entre eles: primeiro fora o cavaleiro da Távola Redonda, Sir Galahad, com um lírio no escudo, a sua armadura de prata, pluma branca no elmo, que os repassou dizendo: «Eu sou forte, porque sou virgem: ando à procura do Santo Graal e destruo os amores culpados.»

Depois, fora uma manada de carneiros muito brancos, com os dorsos algodoados, muito unidos, balando tristemente, exalando aromas de pastagem. E eles, por causa do rebanho, estendiam os braços, mas não podiam unir as mãos. Mas, enfim, iam enlaçar-se, quando uma carreta a trote fez a rua estreita, sonora; povo cercava-a gritando e, sacudidos pelos solavancos, com os rostos altos, três homens iam de pé na carreta; um era o Camilo

Desmoulins, que chamava: «Oh, Lucile, Lucile!»; outro, era Danton, sorrindo soberbamente; e o terceiro era seu pai, seu pai que apenas conhecia do retrato que ali estava na sala de jantar; seu pai vestido como um convencional, o olhar sepulcral, uma trança de cabelos negros de mulher, apertada contra o peito.

E Vítor espreguiçava-se, cansado ainda destes sonhos. Um canário, na gaiola, suspenso à janela, pôs-se a cantar estridentemente.

— Cale-se! — berrou Timóteo.

O canário emudeceu. E Timóteo, erguendo-se com um ruído seco da sua perna de pau:

— Querem ver que o pobre animalzinho não tem painço nem água. Clorinda! — berrou.

Uma mulher rechonchuda e fresca veio.

— Então, são onze horas e estes pássaros não têm água fresca nem comida. Nada de tolices, Clorinda, hem? E o almoço para nós!

E dirigindo-se à mesa, apoiado à bengala, com o jornal na mão:

— Então não era princesa hem? Poderia ser. Sabem lá nada! — E revirando o periódico, sacudindo-o: — se isto é um jornal! Aqui estão os artigos, as informações, as criticas: «Foi aprovada a tarifa especial número um não sei de quê... Foi despachado aluno pensionista do instituto, o senhor não sei quem... Parece que o senhor Fulano de tal não quer ir para Mirandela, conservador... O senhor Sicrano vai para leilão da sua casa de penhores… Foi aceite pela Câmara de Vila Nova de Famalicão a proposta do marchante Fernandes João...» Etc. Isto é extraordinário... Tudo do princípio ao fim... E duas colunas de «partir e chegar»: faleceu, por amor... Burros!... E há três dias que não recebo o Times... E é um pais isto! Clorinda! Estes ovos começavam a estar duros, Clorinda!

Pusera a bengala entre os joelhos, atara o guardanapo ao pescoço e dava torradas a Dick, que, sentado ao lado, fitava, olhos sôfregos, batendo a cauda no chão. E encarando Vítor:

— Que diabo tens tu, homem? Estás amarelo! A que horas entraste? A que horas o sentiu você, Clorinda?

A excelente mulher sorria finamente.

— Vim às duas horas, tio Timóteo e estive ainda a ler.

— E querem ter saúde! — exclamou o tio Timóteo, batendo com o talher na borda do prato. — E não querem ter nada na espinha! Arrasa-te homem, arrasa-te. Aos trinta e cinco anos hás de ter pés-de-galinha, corcovar, sofrer dos rins e olhar para as mulheres... de longe.., desinteressado da questão, inteiramente desinteressado.

Vítor riu.

— Estive a ler o que, antes da revolução, os seus amigos senhores feudais, abades e bispos faziam aos servos: bastonada, tortura, forca, um horror.

— Era mal feito — rosnou Timóteo. — O servo, o trabalhador, é homem; deve merecer o respeito do homem. Se fossem negros ou índios, não digo...

Vítor protestou escandalizado. O quê, os Índios! Uma raça nobre!

— Tolices. Quem chama a um Índio um homem, ou nunca viu homens, ou nunca viu Índios! E como eu, na revolta em Goa... Mandar regimentos... E curioso! Com dois homens e dois paus, varro a índia! Olha os Ingleses. É um punhado de polícias a contas com centos de milhões de homens. É uma questão de alimentação, meu rico. Que há de fazer gente que come arroz aguado, contra sólidos maganões que jantam rosbife? Vergar! Vergar!

Vítor tinha uma vaga política sentimental. Odiava os Espanhóis batendo em Cuba; os insurgentes da Manágua; o czar, governando a Polónia, a vergastadas de cnute, e os Ingleses punindo a Irlanda, terra céltica, ilha dos bardos. Disse, encolhendo os ombros:

— Tiranos!

— Tiranos — exclamou Timóteo, com o olhar flamejante. — Mas sabe lá você quando se exaltava, sobre a política colonial, dizia a Vítor «você», sabe lá você o que eles têm feito na índia? Tudo! Cidades, caminhos de ferro, pontos, docas, rios navegáveis, plantações. Antigamente, quando havia uma fome na Índia, morriam aos milhões. Aos

milhões! E agora, nunca lhes falta o arroz. Lá está o Inglês para dar o arroz.

Mas Vítor considerava os Índios mais poéticos que os Ingleses. Falou do idealismo, das suas arquiteturas, do maravilhoso dos seus poemas.

— Está a dizer barbaridades. Poemas! Vá ver o negócio do algodão, em Calcutá, em Bombaim! Isso é que são poemas! Com os seus poemas, viviam nos campos e andavam nus. E agora? Bem alojados, nutridos... Quando os Ingleses lá foram, acharam-nos cobertos de piolhos. E o piolho índio, então! Que piolho!

E mostrava a cabeça do dedo!

— Oh, tio Timóteo! — exclamou Vítor, repelindo o prato, o rosto transido de nojo.

— Então que tens, homem? Tens asco ao que está na Natureza. O homem deve falar de tudo e comer de tudo. Sempre te queria ver... Dos vinte e quatro aos vinte e cinco anos, todas as manhãs, o meu almoço foi um caldo de cobra. Excelente! Um ano a fio.., quando estava tísico.

Vítor abriu um olhar absorto:

— O quê? O tio Timóteo esteve tísico?

Timóteo resmungou, com o olhar no prato.

— Tive essa fraqueza, quando estive apaixonado.

Vítor riu alegremente.

— Outra! Mas essa enorme! Por quem, tio Timóteo?

— Traga o café, Clorinda. E o meu tabaco — e desapertando devagar o guardanapo. — Quando digo apaixonado, quero dizer embeiçado. Paixão, não. Dois meses depois estava curado. Mas, enfim, foi o meu único romance; nunca mais os tornei a fazer, nem a ler.

— Mas por quem foi, tio Timóteo — perguntou Vítor, curioso, com os cotovelos sobre a mesa, um sorriso vago.

— Foi pela tua mãe.

Vítor ficou atónito. Timóteo metia os restos da carne nas goelas sôfregas de Dick.

— Tua mãe tinha então catorze anos. Mas era alta, forte, com um cabelo até aos pés; parecia ter vinte e dois. Era formosa, cos diabos! Tu não podes saber, não deixou retrato. Mas... Um beleza! Era nossa vizinha. — E sorrindo

— Como o tempo passa! Tinha na janela dois melros numa gaiola. E justamente então cantava-se uma cantiga:

*À janela a menina trigueira*

*Está cuidando dos seus passarinhos.*

— Eu, mal a pescava à varanda, logo a cantiguinha... Foi por isso, creio, que ela me tomou asco.

Clorinda entrou com o café e, depois de remexer muito tempo o seu açúcar, de acender o cachimbo, o tio Timóteo, recostando-se, disse:

— Eu começo a embirrar, ela começa a embirrar, eu a beber os ares por ela, ela a não me poder tragar... Pois, senhores, aí comecei a embeiçar-me... Não havia desfeita que me não fizesse! Janela na cara, costas voltadas, sombrinha carregada para o rosto, uma fera! Que ela teve sempre um génio desabrido; e muito afoita cavaleira, o diabo! Uma noite... há de lembrar-me sempre... tenho a

maldita ideia de lhe dar uma serenata à espanhola. Era o tempo em que estava na moda uma espécie de «cachucha»:

*Senorita, usted que tiene*

*Amarilla la cola...*

«Ponho-me debaixo da janela, de viola.., eu tocava viola, com um certo descaramento, porque, enfim, louvado seja o Senhor Jesus Cristo, nunca me faltou o desplante... e aí começo a perguntar-lhe muito repenicadamente:

*Senorita, usted que tiene*

*Amarrilla la cola?*

«A janela abre-se e uma vozinha de cima: "É o senhor Timóteo?" Imagina como eu fiquei. Pus-me logo a calcular como havia de trepar à varanda. Fazia escuro, era de Inverno, um frio! "É o senhor?" — "Sou eu, meu amor, sou

eu!" — "Bem, aí vai!" E zás! Cai-me em cima um balde de água suja! Oh, com mil raios! "Para refrescar!", grita avozinha de cima, a vozinha da desav... da tua mãe... Como diabo se chamava ela?... Joaquina.

— E refrescou, tio Timóteo? — perguntou Vítor, muito interessado, muito surpreendido, com os olhos cravados no velho.

— Refresquei: com uma pleuresia! Estive dois meses de cama e uma convalescença... É daqui que datam os caldos de cobra; era o grande remédio para a tísica, no meu tempo, e creio que ainda é, lá para Trás-os-Montes. Apenas arribei, pedi para ir para o ultramar. Fui a bordo do Santa Quitéria. O capitão era de Tondela, um baixote, ruivo, valente homem! Logo ao sair a barra, que trabuzana!... Estivemos perdidos. Cada mar! Uh! Parece que o estou a ver, de chapéu embreado, bota até aos joelhos, no convés que escorria, a aguentar-se, a berrar, e que pancadas do mar! Eu estava agarrado a um mastro. Ele avista-me; põe-se a gritar: «Você raspe-se daí, seu filho daquele diabo de cornos que está no altar-mor de Tondela!» Era a sua praga favorita. Depois, éramos amigos íntimos. E dali a um mês,

eu estava curado, já amainava a bujarrona, como um homem! E da paixão nem lembrança. Éramos assim. Já não há disso.

— E depois? — perguntou Vítor, com os cotovelos na mesa.

E depois? E depois, nada. E depois, teu pai veio de Coimbra, viu-a, como eu, à janela a tratar dos melros, cantou-lhe, como eu, a cantiga. Não sei se lhe deu a serenata, mas o balde não apanhou: apanhou a bênção do padre e lá casaram... e tu fizeste a tua entrada neste vale de lágrimas. Bem vale de lágrimas... — acrescentou, com um rosto grave. E ficou calado.

— E daí a um ano, morreu a mamã?

Timóteo observou, um momento, o seu cachimbo e rosnou devagar:

— Sim, daí a um ano nasceste, ela ficou adoentada... Foi com o teu pai para os Pirenéus, foi com o teu pai e... e lá ficou. Lá ficou.

E depois de tossir ruidosamente, ergueu-se, sobre a bengala, e foi resmungando, grosso:

— E aí está como as coisas se passam… Este mundo é assim. Uma choldra!…

O relógio da sala deu meio-dia.

— Oh, diabo! E eu que prometi estar às onze horas no escritório! — exclamou Vítor. Ergueu-se e espreguiçando-se um pouco. — Pois, senhores, isto foi a manhã das novidades! Quantas coisas eu ignoro, nas crónicas da família!

E depois de acender outro cigarro, saiu, apertando a fivela do colete, enquanto Timóteo, estendido na poltrona, murmurava:

— Ignoras um par de coisas, ignoras!

Timóteo ficou cachimbando, com um ar acabrunhado, e os seus olhos erguiam-se, às vezes, para a parede onde estava o retrato do pai de Vítor, a óleo; era uma face pálida e comprida, com um longo bigode preto, caído aos cantos da boca, o cabelo comprido, a testa branca, alta, gravata de cetim preto. Fora tirado, em quarenta e seis ou quarenta e sete, nos anos das desordens civis e do seu casamento infeliz. Que espanto para Timóteo, quando recebeu, em

Angola, a notícia de que o mano Pedro tinha casado com a «Joaquina dos Melros. Que burro!», exclamara, amarrotando a carta com uma punhada na mesa. Timóteo tinha uma alta estima pelo seu irmão; era tão inteligente, tão corajoso, tão cavalheiro! E ia casar-se com a filha da Maria Silvéria! A Joaquina, a quem ele, Timóteo, dissera: «Em a menina querendo vem comigo para o Porto e tem casa e duas meias de mesada.»

É verdade que lhe atirara um balde de água... mas, não havia gente, na Guarda... o Teimo Santeiro, entre outros... que tinha visto um alferes de cavalaria marinhar-lhe a janela, por uma noite de neve? E casava seu irmão com ela! Grandessíssimo burro! Um bonito rapaz que escrevera aquele belo poemeto, a Noite do Cemitério! E daí a um ano e meio, uma manhã, que ele almoçava a sua carne ensopada, a negra vem-lhe dizer:

«Sinhô doutô, é um sinhô.»

O sinhô era Pedro, seu irmão Pedro, vestido de luto! «A Joaquina morreu?», exclamara ele. «Fugiu», disse Pedro, sem uma alteração na voz. Dois negros entraram com os baús de bordo. Tomou uma grande chávena de café. E

contou a sua história. Depois de casado, viera para Lisboa; na Guarda, sua mulher seria sempre a filha da Maria Silvéria; em Lisboa, estava como numa cidade estrangeira. Viviam na Rua do Crucifixo e, em frente, morava um rapazola espanhol, emigrado. Uma manhã, dois meses depois do nascimento do pequeno, antes mesmo do batizado, Pedro partira para a caça, à Outra Banda, só, e, quando voltou, encontrou um bilhete, na letra garrafal de Joaquina: «Adeus, esquece-me, porque o meu destino leva-me para longe.» E mais nada. A criada, a ama, disseram que a senhora saíra ao meio-dia, com uma trouxazinha. «Naquela primeira hora que foi um bocadito amarga», continuou ele, «combinei o meu enredo. Levei o pequeno para casa da tia Doroteia, coitada, que chorou, ouvindo o meu caso, agarrada aos beijos ao "anjinho" que vinha dar a uma velhice uma maternidade inesperada. Batizei-o; a mãe falara em lhe chamar Caetano; pus-lhe o nome de Vítor. Era o nome do nosso pai. À criada, que era uma algarvia aparvalhada, dei doze moedas que ela levou, em pintos, num lenço, para o marido, em Olhão. Nunca compreendeu nada; a ama ficou com o pequeno e eu, daí a dias, parti para Madrid. E claro que não era uma jornada de

perseguição... Estive em Madrid dias... ou três horas tristes, num quarto triste de La Fonda de la Nobleza. Enfim! Cada capa à espanhola que me roçava pelo ombro, cada caramba que me passava ao ouvido, fazia-me bater o pulso!... Enfim! De Madrid, escrevi a alguns amigos da Guarda, aos Magalhães, aos Vaz, que partia para os Pirenéus, com a minha mulher, que estava doente, coitada... E fui para os Pirenéus; lá andei oito meses; pescava trutas à linha, no Gave; é divertido. Por fim, tornei a escrever aos Vaz, aos Magalhães, etc., que a minha mulher morrera. De facto, para mim estava morta. Não creio que dessem grande atenção ao caso, nas preocupações patrióticas da Maria da Fonte! Disseram, por certo: "Bom alívio para o Ega." Voltei a Lisboa. O pequeno tinha um dente; estava desmamado; a ama morrera, santa rapariga, muito calada, forte como um pinheiro. Mas comecei a embirrar com a cidade; saia uma galera para aqui e aqui estou.» — «Para quê?», perguntara Timóteo. «Para tudo. Prás febres, por exemplo.» — «Ficou-lhe lá dentro a paixão», tinha pensado Timóteo.

O mano Pedro trouxera um dinheiro, negociou «por demais»; ocupou-se de botânica, aprendeu a empalhar pássaros e começou a beberricar aguardente. O médico, que vivia em Luanda, assanhado como um gato fechado, avisou: «Amigo e senhor Ega, se se mete pela aguardente, deixa a ossada neste degredo!» Uma noite, tinha ido passear com Timóteo para fora da cidade... nunca lhe esquecera aquela noite; as grandes estrelas africanas, tão numerosas; um pó de estrelas; o mar calado, com laivos de fosforescências; e bafos de braseiro no ar; e o cheiro das terras cálidas e húmidas... «Ouve lá», tinha dito, de repente, Pedro. «Eu não quero que o rapaz saiba o que a mãe fez... Para me envergonhar, basta eu. Para ele, para todo o mundo, a criatura está num cemitério de Baréges. Bem. A tia Doroteia, a santa, não é que lho diz. A ama morreu. A outra criada, a parva, está no Algarve, no inferno, perdida. Dá-me tu a tua palavra de honra que não lho dizes.»

Timóteo deu-lhe a sua palavra de honra. «Agora outra coisa», disse Pedro, «eu não quero que ele e a sua mãe usem o mesmo nome. Ela é Joaquina da Ega; há de

conservar o nome; é fácil de pronunciar no estrangeiro, é o seu e fidalgo. Para mim, para o meu filho, não há o nome de Ega. Ega é porco. Eu batizei-o com o outro nome da nossa família, desusado, que a Joaquina nunca soube: Corvelo. Vítor Corvelo, filho de Pedro Corvelo.» Parou, pôs a mão no ombro de Timóteo e disse, com a voz baixa, que custava: «Chama-te tu também Timóteo Corvelo.»

Timóteo tossiu duas vezes: «Ega é o nome do meu pai!», rosnou. «Eu pouco vivo, Timóteo», disse Pedro, «faz-me isso!»

Timóteo atirou a um coqueiro uma bengalada que fez ramalhar o arbusto: «Raios partam a Joaquina dos Melros», exclamou. «Está dito. Serei Timóteo Corvelo.» — «Obrigado irmão» disse Pedro, «e agora vamos, que estou a sentir arrepios.»

E, daí a poucos dias, a febre tinha-o levado. As autoridades acompanharam-no às terras de S. Jacinto, que era o cemitério velho. Uma pedra lisa, com uma cruz, cobriu a sua cova. Tinha então trinta e três anos. Timóteo, nessa noite, uma noite de vento, foi visitar a sepultura; andou-lhe em roda, um momento, escarrando grosso,

fazendo estalar as juntas dos dedos; e, fitando a lousa, disse alto, no silêncio: «Raios a partam!»

Voltou a Lisboa. Vítor tinha quatro anos, era um personagem; a tia Doroteia, quando o viu andar, correr já, chorava e babava-se. Esse Inverno foi severo, a tia Doroteia morreu do seu catarro. «Vão-se todos!», exclamou Timóteo, furioso. «Olha que espiga de vida!»

Como tinha de partir para a Índia, juiz, foi deixar o pequeno em casa do seu velho amigo Gouveia Teles, um velho, viúvo, retirado em Almada onde fazia caridade e lia Horácio.

Foi por essa ocasião, quando se vendiam os móveis da tia Doroteia, que lhe veio à mão uma carta de Espanha, dirigida ao Ex mo Sr. Pedro Ega, ao bom cuidado de D. Doroteia de Ataíde, na Rua da Oliveira, cinquenta ou sessenta. Abriu-a e encontrou duas linhas, num papel azul: «Sua mulher morreu, enterrou-se esta manhã no cemitério de Oviedo.»

«Bem fez ela. Está feita a barrela. Ponto final e vida nova.»

E embarcou no Trafalgar para a Índia.

Voltou. Vítor tinha feito os primeiros preparatórios. Timóteo tinha casado por lá, enviuvado, perdido a perna numa caça ao tigre. «Foi às galinholas», dizia ele ao Teles, «mas digo "ao tigre", para impressionar o rapaz.» Foram então viver juntos, com grande mágoa do velho Gouveia Teles, que murmurou:

«Dás-me o rapaz, tiras-me o rapaz. Valha-te Deus, Timóteo.» Mas estava tão velho, o velho Teles. E morreu daí a um ano, de repente, à janela, ao acabar de ler a Ode a Célia.

Foi por esse tempo, estando Vítor em Coimbra, que Timóteo leu, por acaso, na Revolução de Setembro um anúncio singular: «A pessoa que saiba ou possa informar sobre Pedro da Ega se roga, com um grande favor, queira deixar, no Hotel da Europa, o seu nome, morada e hora a que pode ser procurada. Perguntar por Mr. A. Fornier.»

Timóteo, surpreendido, mandou um bilhete-de-visita ao Hotel da Europa e, ao outro dia, à hora exata, Mr. Fornier entrava na sua sala. Era um indivíduo nutrido e roliço, de

pele próspera e rosada, com um calor de barba loira, com dois caracóis sobre a orelha e andando subtilmente, nuns pezinhos pequenos, calçados de um verniz tão lustroso que refletia os móveis e parecia esmalte; e trazia polainas de cotim amarelo. Pousou sobre uma cadeira um chapéu alto, branco, de abas muito reviradas, e, curvando-se com um jeitinho dos quadris, disse, num português singular, mal pronunciado: «É o cavalheiro Corvelo que tenho a vantagem de falar?»

Timóteo concebeu logo um rancor intenso pelo personagem. Escarrou grosso, rosnou: «Eu sou Timóteo Corvelo.»

O sujeito roliço sorriu e esfregando as mãos devagar:

«Perfeitamente bem! Pode o cavalheiro informar sobre...», procurou rapidamente nos bolsos, tirou uma carteira, encavalou no nariz umas lunetas de oiro e leu: sobre Pedro da Ega, da Guarda, casado, viúvo.»

Timóteo cravava nele olhos faiscantes. «Mas quem manda? Para quê?»

O sujeito roliço curvou-se e, com a mão sobre o peito:

«Não estou autorizado...» — «Bem, então adeus, amigo, rua!»

O indivíduo fitou o verniz dos sapatos, com as sobrancelhas muito erguidas, o beiço inferior muito estendido, e murmurou: «Extremamente duro, extremamente duro!...» Foi tomar o chapéu. «Oiça lá, senhor francês», rompeu Timóteo, «o Senhor Pedro da Ega morreu em Luanda. Se quer certidão de óbito, escreva para a freguesia de São Jacinto.»

O indivíduo escrevinhava rapidamente na carteirinha, em júbilo. «Perfeitamente bem, perfeitamente bem! Então, cavalheiro, pode dar informações sobre uma pequena criança... »

Timóteo, que o fitava de braços cruzados, exclamou: «A pequena criança também morreu. Toda essa família rebentou.» — «Extremamente desagradável, extremamente desagradável!...» — «Mas, enfim, se eu respondo», disse-lhe Timóteo, «creio que me deve dizer de onde vem, quem o manda, quem quer saber...»

O sujeito fechou as lunetas metodicamente e declarou que Timóteo era amável. Ele era um comprador de loiças antigas ou móveis góticos. E o seu amigo, o seu muito particular amigo Lord Lovaine, sabendo que ele vinha a Portugal, encarregara-o de se esclarecer sobre Pedro da Ega. Segundo julgava, Lord Lovaine conhecera-o... Em viagem, decerto. «Sim, havia de ser nos Pirenéus», resmungou Timóteo. E alto. É que pensei que a pessoa curiosa é a Joaquina dos Melros.»

O sujeito nutrido dilatou olhares pasmados. «Lord Lovaine, Lord Lovaine!» disse, sorrindo. «Bem, adeusinho, não quer mais nada, hem?»

O sujeito deu dois puxões às lapelas do fraque azul e recitou, de um fôlego, num português mais aprendido: «Se possui jarras da Índia, loiças da China ou do Japão, cadeiras de coiro, contadores árabes, leitos torneados, marfins, presépios Renascença, arcas, colchas de cetim, panos de Arras, que lhe seja grato converter em numerário...»

Timóteo, firme, interrompeu-o: «Tenho aquela bengala, é o que tenho. Adeusinho!»

O sujeito roliço estacou, coçou com uma ponta de unha a barba, em diversos sítios, tomou rapidamente o chapéu e, calmo, subtilmente, murmurando: «Extremamente duro, extremamente duro!»

Foi a última vez que Timóteo ouviu falar de Pedro da Ega. Para que lhe voltavam hoje aquelas recordações?

— O que lá vai, lá vai — murmurou, enchendo outra vez o cachimbo. Apertou o focinho de Dick.

# CAPÍTULO III

Tinham passado alguns dias; o tio Timóteo descia as escadas do número dezoito da Rua de S. Bento; no segundo andar, morava o coronel Stepheson, um seu velho amigo inglês que, desde a guerra de D. Miguel, pertencia ao exército português; era um robusto velho, grande bebedor de conhaque, cheio de anedotas, falando português com grande acento. Timóteo visitava-o amiúde, porque a gota do coronel não o deixava erguer-se da sua enorme poltrona, a sua «concha», como ele dizia, fumavam grandes cachimbadas, celebravam a política, os costumes, a cozinha de Inglaterra, bebiam um frasco de conhaque, recordavam, repetiam algumas pragas queridas.

Quando o tio Timóteo descia o último lance de escadas, devagar, com grande ruído da sua perna de pau, uma criança de ano e meio, gordinha, loira, ia atravessando o pátio, só, com passos incertos, guinchando de riso, equilibrando-se mal nas suas perninhas gordas, vermelhas,

cheias de regueifas, agitando os braços, com os punhozinhos muito fechados.

O pátio abria, por uma porta lateral, para uma loja de retroseiro, e, decerto, a mãe, uma boa criatura, fresca e alegre, que era a lojista que Timóteo conhecia, se descuidara um momento, e o pequerruchinho ia atravessar pelo pátio fora... E no mesmo momento, passos de cavalos afastavam-se, e uma mulher alta e loira, Madame de Molineux, entrava à pressa, erguendo no braço a cauda preta da sua amazona. Um véu branco descia-lhe do chapéu, um ramo de violetas estava metido numa casa do corpete.

Quando ela atravessava o pátio, direita à escada, a criança, que ia oscilante e cambaleando, pôs-se diante dela; Madame de Molineux, impaciente, arredou-a de repelão, com o pé; a criança caiu sobre as suas mãozinhas estendidas, estirada, com o ventrezinho na laje, e nem se pôde levantar, sempre aos gritos.

Madame de Molineux passara. Uma mulher entrara na cerca da loja, agarrou a criança nos braços, levou-a a correr, com muitos beijos.

Madame de Molineux subia as escadas, quando Timóteo, que estava afastado dela por dois degraus, lhe disse com um olho franzido:

— É necessário ter o coração bem duro, para dar com o pé numa criança.

Madame de Molineux estacou; sob o véu, o rosto inflamou-se de um escarlate súbito, e voltando-se, com uma voz seca, cortante:

— Fala comigo?

Timóteo voltara-se também, aprumado:

— Para quem hei de falar? São, porventura, modos de tratar uma criança que mal se tem em pé? Eu, se fosse a mãe, esbofeteava-a!

Por um movimento instintivo, Madame de Molineux ergueu o chicote; os olhos de Timóteo estavam agora fitos nos dela, com uma insistência estranha e, todavia, uma cólera crescente.

— Atrevido — murmurou ela.

Aquela palavra, Timóteo fez-se rubro e, aprumando-se com a bengala em riste, espaçando as palavras:

— Se tem um homem, que se arme até aos dentes e que venha por cá.

Madame de Molineux olhou-o, encolheu os ombros e, murmurando:

— É doido!

Mas Timóteo, erguendo a voz e atirando-lhe as palavras para cima:

— Eu não sei quem a senhora é... O que lhe posso afirmar é que é um traste!

E saiu, furioso. Atirou-se para a carruagem, tremendo, batendo com bengala no fundo do cupé, repetidamente; e através da cólera que lhe rugia dentro e que o fazia sofrer, disse a si mesmo: «Onde diabo vi eu aquelas feições?»

Madame de Molineux, apenas a criadita veio abrir a porta, atravessou a saleta de entrada e, com pé nervoso, sobre o qual caía a sua calça preta, a cauda de amazona no braço, o chicote ainda apertado colericamente na mão, foi à

janela da sala; queria ver o insultante, mas o cupé afastara-se e apenas via o dorso do cocheiro, com o seu chapéu enterrado até à nuca.

Arremessou o chicote para uma cadeira, desapertou o elástico do chapéu; as suas mãos, calçadas de guantes de camurça, tremiam um pouco. Deu alguns passos agitados pela saleta; a amazona preta vestia-lhe o corpo, como uma luva, pondo em relevo a linha do seu seio, a cinta estreita, flexível, redonda, os quadris um pouco descaídos e de mulher lasciva; a sua alta estatura tinha a ereção alta que dá a cólera; os seus olhos pretos chamejavam com um brilho seco; e sob o pó-de-arroz, a sua pele tinha tons inflamados. Parou e, tirando as luvas:

— Mélanie — gritou, entrando para o quarto.

Como a casa era alugada com móveis, o quarto tinha uma banalidade mesquinha de hotel; o tapete, diante do toucador, estava rapado do uso; as cortinas da cama eram de cassa ordinária e bambinela pobre; as cortinas de repes azul tinham o ar desbotado e comido do sol; o estuque do teto tinha uma racha; mas, como um artista pode, com traços hábeis de esfuminho, dar relevo e originalidade a

uma banal figura litografada, Genoveva dera ao seu quarto, pondo aqui e além detalhes de um luxo refinado, um vago aspeto rico e interessante. Um belo plaid de Ulster cobria a cama; os lençóis dela, de «olanda», tinham o seu largo monograma, tudo a retrós escarlate, sob uma coroa de condessa; a camisinha de dormir, de rendas caras, estava num largo sachei de cetim azul; sobre a cómoda, reluziam as tampas de oiro dos seus frascos de cristal; sobre uma mesa redonda, coberta com um feio pano felpudo, de cores anilinas, estava um buvard de pele de serpente de Klein, com um brasão a prata; folhas de papel, marcado por Wigan; uma faca de papel de baquelite; no toucador, em estojos de veludo, cor de cereja, o aço das tesouras, as pinças brilhantes e o tom dourado das tartarugas dos pentes; luvas de peau de Suêde, claras, de doze botões, estavam espalhadas; de uma gaveta, com risco de trasbordar, meias de seda, tão leves que o vento as levaria, e de renda aberta; e um aroma vago de sabor rico, de opópanax e de Tanglewood, errava subtilmente, como assinatura dela.

— Mélanie! — gritou com impaciência. — Onde estavas tu? Despe-me!

E desapertava os botões da amazona, com os dedos ainda vibrantes de cólera.

Mélanie tinha vinte e cinco anos, era de Plancus, na Provença, mas apenas conservava daquela quente região, onde o sangue arde, o olhar negro, desejoso, e os movimentos elásticos e ondulantes do corpo alto e magro. Paris, onde ela rolara como um seixo no leito de um rio, tinha desbastado, polido, afinado, apurado, a mocetona que outrora viera do seu povo, fugida com um catalão e chorando de ciúme. Tinha agora o nariz mais delgado, móbil, atrevido, os beicinhos sempre secos que humedecia com a língua, os quadris de um esguio masculino, o pé rápido, vivo e pronto. A sua vida era complicada: do catalão passara a um carlista, depois, a um brasileiro; fora criada, muitos anos, no triste Hotel Português do Meio-Dia de Pernambuco, na Rua Lafayette; depois, perdera-se no fundo de Paris, onde vivera, de trapeira em trapeira, dançando furiosamente nos bailes públicos, paga por uns, batida com prazer por outros.

Genoveva recebera-a da mãe de Madame de P. uma cocote portuguesa casada com um alemão que, em 1870, governara Metz. Tinha sido educada por Madame de P., era uma admirável criada de quarto, astuta, asseada, cheia de jeito, e falava o português como se tivesse nascido em Lisboa; somente tinha, das frequências do Hotel de Pernambuco, um leve acento adocicado do Brasil.

Genoveva tomara o hábito de falar sempre com ela português, para rolar melhor as suas confidências, porque não tinha segredos para Mélanie, e tudo o que lhe passasse no cérebro, de mau, de extravagante, ou de imoral, o desopilava em Mélanie, como num balde de águas sujas. Mélanie adorava-a; Genoveva, com as suas belas formas, inspirava-lhe mesmo uma vaga atração física, porque, de homem em homem, a sensualidade de Mélanie crescia a cada noite, como uma embriaguez a cada copo de vinho; tinha agora um histerismo ávido que lhe embaciava o olhar; mas as preocupações luxuriosas não a desviavam do zelo do serviço. Era uma excelente criada do vício, tinha jeito e tratava das toilettes de Genoveva como um sacristão devoto das alfaias de uma igreja; tinha o talento subtil da

duplicidade, do disfarce; ninguém como ela para «impor» um credor exigente, um amante importuno. A sua língua fina e vermelhinha, pródiga de palavras à provençal, sacudia uma mentira, naturalmente, como a saliva. Era avara, qualidade preciosa numa casa desarranjada, e, ao examinar as contas da cozinheira, discutia com ela até aos últimos reais, no verificar os preços. Tinha moeirices de agente de polícia e astúcia de vendedora de segunda mão. Com a sua touca, o seu olhar vicioso, os pés pequeninos, o andar felino de gata aquecida, mexia-se, agitava-se, ia, mentia, arranjava, com mãos ligeiras de dedos magros, bebendo grandes copos de água, alimentando-se de quase nada e usando os homens, como as gulosas mais rebuscadas: um, outro, outro, outro; às vezes, muitos ao mesmo tempo, sem confundir, distinguindo os gozos; querendo este pelo brilho do olhar; aquele pela forma dos músculos, outros por uma habilidade de libertinagem; dizendo do amor: «Ça c'est de la fichue blague et voilà!»

Genoveva descobrira, com espanto, que, no último ano em Paris, Mélanie tinha onze homens! Impondo-lhe o nome

de Mélanie dos Onze Gostos, deu-lhe inteiramente, sem reserva, a sua confiança.

Genoveva, com o colo nu, os braços nus, sentada na cama, era de uma brancura admirável; a pele bem tratada, habituada às abluções de leite, de água gelada, de uma frescura destemida igual à da camélia, absorvia a luz; deixando as pernas resvalar numa redondeza, com o brilho de uma claridade de marfim Polido; os seus braços eram finos, vigorosos, com um ar marmóreo e escultural, tendo no tom uma doçura láctea e na musculatura um vigor sensual. O pescoço, soberbo, cheio, tinha uma nobreza, e os dois globos dos seus seios, que a camisinha descobria, tinham, num desenvolvimento abundante, a firmeza rija das linhas virginais.

Estendera os pés a Mélanie, que lhe descalçara as botas, lhe tirara as calças justas de montar; e, vestindo um longo roupão de seda escura, colocou os pés, vestidos de meias de seda pretas, numas chinelas de veludo azul.

— Aqui estou! E é que não tenho nem marido, nem filho, nem irmão. Ninguém!

— O que foi, minha senhora? — disse Mélanie, toda admirada, cruzando os seus braços magros.

— Devia-lhe ter cortado a cara com o chicote!

E contou a Mélanie, estupefacta, o insulto de Timóteo. Era um velho de perna de pau, com uma carruagem, um cocheiro sebento, o ar de doido, tinha-lhe pregado moral, por causa de um pequeno que ela empurrara, por se lhe ter embrulhado nas saias. Um animal que ia a descer as escadas.

— Devia de vir de casa do coronel inglês. Já o encontrei, o outro dia... De resto, o senhor Dâmaso descia com ele. Pela perna... pela carruagem...

— O senhor Dâmaso é um asno — disse ela, de pé, abotoando com os dedos nervosos os botões de seda do roupão.

— Dá-me o frasco de gim, Mélanie, com água. Onde está a inglesa?

— Está no quarto, minha senhora.

E arrumava, em redor, ligeira, com uns sapatinhos que rangiam ligeiramente no tapete.

Genoveva, muito estendida na sua poltrona, bebia o seu gim, devagarinho. Parecia acalmar-se, pouco a pouco; tinha acendido um cigarrinho La Ferme e soprava o fumo, muito estirada, as pernas cruzadas; a sua testa branca, um pouco curta, desfranzia-se, serenava; e espreguiçando-se:

— Um passeio estúpido, por um diabo de uma estrada entre muros e quintas, sempre! — Ergueu os olhos ao céu, com desespero. — E aquele maçador do senhor Dâmaso, que imbecil, que idiota!...

E pousando o copo sob a jardineira, erguendo-se com o olhar duro que escurecia:

— Estou com vontade de tomar o paquete de volta para Paris. Estúpida terra, estúpida gente, estúpida vida!

Mélanie ia fazer algumas observações, sobre o clima, sobre a cidade.

— Não palres mais, basta! Vai-te. Estou-te com ódio. Estou com ódio a todo o mundo. diz à inglesa que vá à sala. Que toque. É para isso que lhe pago. Dá-me mais gim.

Mélanie hesitou:

— A senhora, ultimamente, bebe de mais; estraga a pele positivamente.

— Bem, basta de moral — gritou. — Já hoje tive bastante. Vai Mélanie. Avia-te. Chama a inglesa.

Falava com uma vivacidade brusca, impaciente, que contrastava com o rosto aquilino, a sua figura de estátua, que parecia revelar um temperamento frio e sereno. Ficou bebendo aos golos o seu gim. Ganhara aquele hábito em Londres, quando lá vivera com Lord Belton: os nevoeiros húmidos e sebáceos, onde tudo se esbate e afoga numa tinta parda, baça, onde os candeeiros de gás parecem um vago ponto de luz, chapinhando na lama, mal diáfana. Dava-lhe, então, à sua natureza meridional, um tédio tão impaciente que se acostumara a beber gim, para não deixar ganhar frio a alma. Depois começara a sentir que o gim aquecia o seu temperamento; dava às excitações sensuais uma vaga loucura violenta que lhe agradava; continuara a usá-lo, mas nunca se embriagava; bebia-o com muita água, o bastante para lhe ter circularmente acesa, por todos os músculos, uma vitalidade mais cálida e mais intensa.

Mas, decerto, a observação de Mélanie acudiu-lhe, porque se ergueu, limpou o rosto a uma toalha humedecida, tomou um espelho de marfim e esteve-se a ver. Não, a pele estava leve, branca, um bocadinho áspera, talvez, aos lados; nem uma ruga ainda a engelhava; apenas, nas asas do nariz, uma granulação impercetível como a que deixa o pó-de-arroz ordinário acusava a idade! A cara estava ainda de um tom puro e, apesar dos seus trinta e nove anos, estava com todo o forte desenvolvimento de uma beleza resistente; só os beiços precisavam um pouco de vermelho, às vezes, porque receava viessem-lhe películas.

Seria bela até aos quarenta e cinco anos, «com muita água fria e paz de espírito», pensou, sorrindo.

Mas Mélanie entrou, com um papel na mão; era o homem da companhia, para o aluguel da carruagem.

Genoveva enfureceu-se. Porque o não tinha imposto. Que costume era aquele, agora, deixar os credores vir assim, violentamente. E como Mélanie lhe estendesse o papel:

— Vire para lá! Para que quero eu isso? Quem quer que lhe pague? Nem com tenazes!

— Como a senhora tinha recebido dinheiro, ontem...

Genoveva bateu o pé.

Decerto que tinha recebido dinheiro, mas não queria dar. Estava a estranhá-la positivamente!... Como se o dinheiro fosse para a algibeira de ladrões. E acrescentou, com o espelho na mão:

— Não, Mélanie. Estou-te a desconhecer, desde que saíste de França... Estás-te a fazer bronca. É do ar de Lisboa...

E recostou-se tranquilamente na cadeira, ficando como esquecida, como no espetáculo de visões interiores que voltavam confusamente do seu passado; colocavam-se diante dela, como vida de teatro. Acontecia-lhe agora, desde que chegara a Portugal, ter daquelas horas de recordações, de meditações; e era a primeira vez que via, naquele hábito nascente de olhar para trás, de olhar para nada, um vago presságio de velhice. A sua existência até ali fora tão cheia, tão embaraçada, tão intensa, tão cruzada de factos, de cuidados, de sensações, que toda era na

excitação de hora presente: só se ocupara de viver; mas, no descanso que lhe dava a vida pacata de Lisboa, punha-se, às vezes, como um homem que sobe à torre, a examinar, aqui e além, o seu passado.

Via-se numa triste e antiga cidade de Espanha, ao Norte, gemendo de febre, num quarto de estalagem que ficava junto a uma igreja cujos sinos, badalando a todas as horas, lhe faziam, no cérebro, um ruído fúnebre de eternidade. Uma velha, de alto pente de tartaruga, cor de pergaminho, tratava-a e, sentada ao pé dela, entretinha-se, sobre uma mesinha, à luz de um alto candeeiro de latão, a deitar as cartas para saber a sorte de um filho que embarcara para Manilha.

Depois, quando ela estava melhor e se podia sentar à janela, sozinha, vislumbrava a triste rua de largas lajes, as gelosias esguias das janelas em frente, o almocreve que parava à frente da estalagem, com o seu lenço de seda amarrado à cabeça, as mulas carregadas de odres. Raparigas de pé nervoso, passavam com uns trejeitos, gestos quebrados da cintura, a mantilha apertada sobre os ombros; sujeitos, embrulhados em capas de bandas de

veludo escarlate, iam ao vinho, com o cigarro na boca; e as canonisas dirigiam-se à sé, com o seu velo convexo, as abas chatas no chapéu em forma de telha.

Depois, era uma aldeia no Norte da França, ao pé de Ruão; a casa baixa em que vivia com um homem que detestava, mas a que a ligava a miséria, a ignorância da língua, a falta de relações. Era no Inverno; os vidros, pela manhã, estavam cheios de geada e, sentada ao pé do fogão, via constantemente as neves grandes, ou a chuvinha miúda cair, e os guarda-sóis abertos, que passavam com o riso rústico do aldeão. À noite, o seu homem voltava, fatigado de ter visto os doentes, pelas aldeias, pelas casas, e comia uma sopa, com a cabeça baixa, triste do seu destino e olhando-a de revés.

Quando o dia estava bonito, abria a janela. em frente, um cabeleireiro de aspeto meridional passeava, esperando as freguesas, olhando o céu pálido, abafado num casaco de alamares, debruado de astracã; e olhavam-se, às vezes, como dois exilados, pondo nessa sua expressão a mesma saudade do sol e dos países quentes. Ela sentava-se então ao piano, ao escurecer, tocava modas portuguesas ou

espanholas, e o mestre-escola, que recolhia, ouvindo aquelas melodias doces, parava e escutava, imóvel na rua, com os seus compêndios na mão.

Depois, era a sua partida, nas diligências, pela estrada para os Pirenéus, a sua vida, em Luz; os seus passeios na estrada para S. Sauveur, sobre a ponte do Gave, entre renques de olmos. E ali ficava, a ver a torrente espumante, rasgada da rocha escurecida, esverdeada pela abrupta vegetação verde-negra que desce das altas margens a pique, de um modo esguedelhado e selvagem; a ver burricadas de estrangeiros, que passavam rindo, ao triste trote dos burros; nunca as mulheres do Béarn lhes tocam com uma vergasta. E encontrou, nas sílabas largas e abertas do patois dos montanheses, alguma da doçura da sua própria língua. E não acabaria nunca aquela vida triste, mesquinha? Porque a alvura da neve, a beleza altiva da frescura verde-negro, davam o desejo de cidades, de ruas bem estreitas de quatro andares; a natureza enfastiava-a e suspirava por ver teatro e ouvir o barulho dos cafés.

Tinha então conhecido Lord Belton e via-se, depois, na linda casa de St. John's Wood, em Londres. Ali vivera anos.

Pela manhã, a criada, com os braços nus, rechonchudos e vermelhos, pintava, a gesso branco, os três degraus da porta; era no Verão e as árvores do jardim tinham um verde de um tenro doce. Cabs corriam, sem ruído, no macadame branco, e para além sentia a enorme Londres, com um sussurro incessante, monótono e vasto.

Depois, a manhã a cavalo, em Hyde Park, devagar, no chão negro de terra revolvida, sentindo ranger os coiros novos da sela e a relva dos prados verdejar entre os graves troncos dos castanheiros; ou então, parecia-lhe ver Regent Street, coberta de um sol prateado, com as suas largas fachadas de uma cor de creme, onde as letras de oiro das tabuletas negras reluzem, como novas. Uma multidão apressada, viva, brusca, corre sobre os passeios; no largo rio, em canoas; em fileiras, as carruagens avançam devagar; até landaus de velhos de caracóis brancos, com os cocheiros gordos, apopléticos, de perruca empoada, sobre a almofada, cujo manto recai ao lado; bem gordos, com cara de duques; os cupés estreitos, rápidos, onde se entrevia um perfil cor de camélia.

Os cabs ruidosos; os grossos ónibus, apinhados, com os seus guardas vermelhos, vagueiam, sobre a geral, em letras enormes, negrejam anúncios; os faétons que andam negligentemente; um moço, com cabelos anelados, de um loiro de anjo; os tilbúris vivamente lançados, com homens de fisionomia dura, curtida com preocupação do oiro, que conversam com a testa franzida, impaciente, o chicote alto; tudo pára; gente correndo, apanhando as saias, com embrulhos, erguendo os guarda-sóis, atravessam; o policeman abaixa o braço e as fileiras de carruagens rolam serenamente, com as cintilações que o sol põe nos arreios, nos eixos prateados e, dos dois lados, por trás da grande fileira de lojas, joias cintilam, sobre tabuleiros de veludo preto, cortes de seda, em pregas ricas, pretas e de cores vivas, onde a luz aumenta; caxemiras da Índia pendem de cabides de marfim; as fileiras coloridas de chapéus fazem, com a ondeante plumagens, uns gestos de aves raras; os veludos têm tons sombrios e macios; num fundo armado, mobílias prodigiosas arqueiam os seus assentos de cetim bordado; espelhos de Veneza lançam vários reflexos; e as vozes agudas apregoam os jornais, dizendo os telegramas do mundo, cotações ou fundos, e o eco da guerra distante.

Ou então, parecia-lhe ver Londres, à noite. Chovia. Um estridor de trens faz a cidade sonora; as vitrinas das lojas alvidecem; milhares de cabs cortam a escuridão do centro das ruas, com as suas lanternas, como um olho ensanguentado, as salas do gim e do álcool flamejam; gente cambaleando; e os guardas da Polícia acertam a multidão, com o seu pau mecânico; a trompa de caça de um coche que rola a quatro ecoa por cima do ruído; então, sob o portarete da ópera, desdobram-se com um ruído seco os estribos dos landaus; dentro, sobre o corredor tapetado de veludo, o rugir da seda tem uma doçura discreta; os granadeiros do regimento de escolta, as pernas nuas, o alto shako de felpudas pelúcias, estão a um canto, numa imobilidade rígida; e na sala, há um silêncio seco; ombros nus atraem a luz; doce: há um murmúrio tépido, um perfume erra; e as penas brancas das senhoras que têm assento na câmara dos pares agitam-se brandamente; a Patti canta e gentlemen, corretos em tudo, oferecem-lhes os prospetos, em redor, silenciosamente, num papel acetinado que cheira bem.

Depois, era a volta e, às onze horas, a cidade, enorme sala escura; agora as lojas de tabaco decoram as vitrinas com luz crua, onde destacam as cores escuras dos charutos; as lojas de ostras estão abertas, com lagostins vermelhos, os camarões humedecidos por cubos de gelo que se derretem docemente, e através dos vidros do cupé via-se, interminavelmente, uma passagem de mulheres que arrastam grandes caudas e com um passo ... e embriagado, na ópera, agarram os braços dos homens, pedem freneticamente pão.

Mas Londres enternecia-a... e o amor veio. Como se recordava de uma fuga com aquele infame George de l'Estrolies, a sua passagem do Canal, por uma noite tempestuosa; em baixo, no salão, embrulhada num xaile, meio muda, numa agonia do vómito; sentia as pancadas de mar que passava sobre o convés; a máquina apitava; a voz do comandante tinha um ... sonoro, rouco e sereno; e parecia, assim, um nevoeiro sem descontínuo; um campanela lúgubre tocava à proa; e o silvo da máquina ainda continuava, quando, enjoada, quase adormecida nos braços de George, rolavam enfim para Paris.

Os seus primeiros dias no Hotel Mirabeau, na Rua de Pau. Que felicidade! Como o ar lhe parecia doce, as fachadas risonhas, os aspetos felizes, as vozes macias; não era a brutal violência da Londres colossal: era um encanto de uma cidade pequena, florida, ensolada, aromática, envolvida no céu azul, como uma joia em algodão.

Depois, a hora de abandono, de lágrimas, de ciúme. Ela, também, como lera nos romances, tinha de noite olhado invejosamente o Sena e pensado que o seu corpo seria exposto na morgue, seria sobre uma fria pedra lisa, com uma torneira de água, escorrendo sobre uma figura, esverdeada e molhada.

A cidade, que lhe parecera, até ali, tão amável, tão risonha, festejadora, convidativa, fácil, parecia-lhe agora medonha, com o seu egoísmo seco, e em todos os outros onde vira uma serenidade alegre pareciam-lhe ver mais frieza que nas fachadas das casas; e pareciam-lhe atrozes aquelas carruagens forradas de cetim, quando ela chapinhava na lama, com os últimos pares de botins; e tantos pratos ricos, nas lojas dos comestíveis, tanta prata nos restaurantes, quando ela comia um pão de um sou e

uma salsicha. Mas, como se conservara portuguesa… todas as noites pedia a Nossa Senhora da Alegria que lhe mandasse um homem rico.

Conheceu então as longas noites do bulevar, à caça de uma libra, ou de vinte mil réis. Nunca lhe tinham esquecido: ao princípio, saía com uma esperança: o bulevar flamejava dos lados, numa iluminação crua de restaurantes e de cafés; as vitrinas lançavam, todas as noites, os reflexos de joias, de sedas; apetite brune estava cheia de um tumulto alegre, as mesinhas dos cafés escalavam os passeios; mil pontos da luz dos lanternões das carruagens, vultos corriam, fazendo um rumor surdo; aqui e além, vinham acordes vagos de uma orquestra de pequeno teatro, os quiosques reluziam; todo o mundo parecia alegre, feliz, e era impossível que daquele dinheiro, daquela felicidade, não batesse, na sua pobre mão estendida, uma moedita de oiro, uma só.

Não se apressava então. Parecia-lhe que todos aqueles homens lhe viriam falar e, como era tímida, acanhada, noviça, não se esforçava por combater a timidez, acolhia-se

mesmo nela e, sentada numa cadeira, sob a ramagem alta de uma árvore, esperava.

Depois, as ruas dos cafés iam-se esvaziando, já havia, nos passeios, largos espaços vazios, onde só caía a luz dos cafés. Então erguia-se, caminhava; mas, se um homem a fitava, a vergonha voltava, virava o rosto, séria e arisca. Por fim, as vitrinas das lojas apagavam-se; uma sombra escura estendia-se; os moços dos cafés, empanzinados e balofos, começavam a fechar as portas; vinha então uma impaciência, ia correr, mudava, mexia-se; já as carruagens diminuíam; o último ónibus passava; tudo estava apagado, enfim, apenas as duas linhas de luzes acima de uma fila de tochas de uma procissão imóvel e, por fim, nos passeios desertos só escutava o passo vagaroso de algum sergent de ville.

Ia então encontrar-se com a sua única amiga, uma inglesa, Miss Maggire, alta como um arbusto, magra e de uma brancura de cera, que estava tísica. Todos os dias, pela manhã, escarrava sangue; todos, se embebedava; e tinha então cólera; uma necessidade de desordem, de ruído, de deboche; para a cama, aos homens, oferecia-se de graça,

com desespero, a face com laivos lívidos de um verde, as palmas das mãos cheias de um suor frio. Quantas vezes iam os dias sem ter comido todo o dia, arrastava-se pelas bancadas do Café Roch, no Bulevar des Capucines, com as mãos tremendo, sem nada no estômago, um sorriso vago, esperando que alguém a convidasse a cear, até que algum estrangeiro, amigo das francesas baratas, vinha oferecer, celebrando o francês, àquela esfomeada, camarões e cerveja!

Enfim, Nossa Senhora da Alegria compadecera-se dela; o homem rico tinha aparecido de repente, rompendo do solo, como numa mágica. Mal se lembrava como o conhecera; a sua pobre cabeça, então entristecida de necessidades, de embrutecimento, de deboche e de gim, mal conservava as sensações, e as ideias fugiam-lhe através do cérebro, como água, num cauchu. Conhecera-o, era verdade, e ele tomara conta da sua vida. Era o conde de Molineux, o marido.

Vivera com ele doze anos. Era bem velho, bem repugnante! Comia com um ruído imundo; a pele engelhada das faces caia-lhe flacidamente; era desdentado; o seu crânio calvo tinha tons amarelados. Mas era

riquíssimo, cínico, de uma libertinagem vil. Servira todos os regimes, cem amos: Luís XVIII, Carlos X, Luís Filipe, a República, o Império; tinha um amor pela autoridade que o fazia cair de bruços em frente de quem chegasse a instalar-se no poder, com a língua logo pendente, pronto a lamber... segundo o que o recém-chegado trazia nas botas: sangue ou lama.

O Império inspirava-lhe um amor desmedido: tinha aperfeiçoado as leis com que o prazer vive — a cozinha e o deboche. E amava-o por todos os gozos que recebia; amara a constituição, o imperador, o filho do imperador, o cão do imperador. O seu momento querido era a ceia; serviam-lha no quarto de cama. Ficava muito tempo com um grunhir rouco de presas a mastigar, a lamber os dedos, com a cabeça oscilante, flácido, a carne toda mole, as mãos pousadas sobre a mesa, as pálpebras descidas, o beiço gorduroso; e imediatamente ela, pobre dela, tinha de estar ao pé, quase despida, fresca, com perfumes quentes, para ele começar a percorrer-lhe as pernas com as suas mãos gordurosas dos molhos.

Mas que doçura a sua vida tinha! O melhor eram as tardes no Bois, pela Primavera, na sua caleche, com os seus cavalos ingleses; sorrindo, sob o guarda-solinho de seda, sentindo-se penetrar-se de um bem-estar concentrado que a dilatava, recebendo uma felicidade vaga de tudo; da brandura das noites, dos castanheiros dos Campos Elísios e do macio aroma de pó-de-arroz, da água fina e polida do lago; uma felicidade constante, contínua e doce, que lhe saturava o coração, como a água satura a esponja.

Morava na Rua de Balzac; tinha colocado dinheiro no último empréstimo da cidade; os seus cavalos eram conhecidos; dava-se a atitude reservada de uma mulher casada; recebia, com cautelas e recatos aflitos, um empregado do Ministério dos Estrangeiros, o visconde de La Rechantaye — só para pôr na sua vida um interesse romanesco. Ia-o ver em fiacre, vestida de preto, com um livro de missa, como uma devota libertina; frequentava S. Tomás de Aquino; era imperialista, nunca deixara de trazer o ramo de violetas de uniforme; tinha ares satisfeitos de rola bem nutrida; a sua cozinha era excelente; tinha orgulho no seu groom, um pequeno de dezasseis anos, lindo

como um anjo e tão vicioso que estava amancebado com uma mulher de cinquenta anos, e que tivera uma doença obscena tão medonha que o Dr. Ricard, lívido, julgou que era uma peste herdada do século XVI, do tempo do Jubileu. E contava aquele detalhe às suas amigas, com riso cantado, de gula satisfeita, toda vaidosa de possuir aquele monstro.

E todas lhe invejavam o groom. Depois, viera o ano terrível da guerra. Que momento alegre, o seu. No dia em que o Senado votou a guerra, o conde de Molineux deu um jantar; fora o melhor dia para ele! Como ela tinha uma toilette de cor de creme toda guarnecida de violetas. O seu amante, visconde de La Rechantaye, devia acompanhar o secretário dos Estrangeiros que levava a declaração de guerra a Berlim. E lembrando-se então de onde partira, de uma pequena vila de Portugal, obsoleta e esquecida, vinha-lhe um orgulho de se achar ali, naquele dia histórico, tendo à sua mesa diplomatas, dois capitães dignos que se queriam bater, dois senadores que, de manhã, por aclamação, tinham votado a guerra. O que falara, com o seu mau acento francês que nunca perdera! Todos

confiavam na vitória e repetiam, com um sorriso de deleite, as palavras do imperador: «É a minha guerrazinha.»

Era a guerrazinha da sua majestade; tinham sorrisos extáticos e devotos. Mas bem depressa foi necessário fazer as malas, para fugir para Bruxelas!

Ali passaram o Inverno, tristemente, num hotel; sonhou a morte do visconde, na batalha de St. Privats; e quando entraram, depois da Comuna, no dia em que ... foram-se prostrar aos pés da República, uma apoplexia atirou, morto, para cima do tapete, com a boca ao lado, o velho infame.

E não fizera testamento; as suas propriedades passavam a sobrinhos distantes, da Normandia; e Genoveva ficava com as suas mobílias, as suas joias e três mil francos de renda. Pobre!

Viveu um ano muito retirada, muito obscura, com uma economia escassa; a miséria vinha talvez voltar, quando Nossa Senhora da Alegria lhe mandou o Gomes brasileiro. Riquíssimo, magro como um esqueleto, com uma pele cor de marroquim colada à carne, olhos negros, pequenos, e

uma barba preta, renovou a Genoveva o seu luxo; viajaram pela Europa, até Sampetersburgo; e ofereceu-lhe levá-la para o Brasil. Num momento de tédio, sentindo-se já cansada para recomeçar a vida, esperando casar, aceitou; mas detestava-o, tinha horror à sua pele onde havia uma doença que fazia manchas vermelhas; e em Lisboa, vendo diante de si o mar a atravessar e o seu enjoo, o triste Brasil e o contacto daquele homem odioso — e como uma pessoa que, ao tocar num bocado de carne, sente um vómito subir-lhe à garganta —, recusou. O brasileiro, já talvez arrependido, aceitou, quase com reconhecimento, deu-lhe trezentas libras e partiu.

E ali ficou em Lisboa. Até quando? Encolheu os ombros e bebeu os últimos golos de gim.

A porta abriu-se devagarinho e a voz aflautada de Miss Sarah perguntou:

— My dear, está visível?

Genoveva exclamou logo, com um modo seco, que não! Era para lhe fazer um bocado de música; ia já ter à sala com ela.

Miss Sarah deslizou, com a sua alta estatura, pela saleta, foi sentar-se metodicamente ao mocho do piano, limpou os óculos ao lenço, pô-los, e com os seus cotovelos agudos, músculos salientes, ergueu a voz acre e cantou, batendo o acompanhamento com secura: *Last rose of the summer!*

Mas, vendo que Genoveva não vinha, suspendeu-se, olhou em redor, tirou os óculos e, deixando cair no regaço as suas mãos magras de homem, suspirou profundamente.

À luz do dia, a sua pele parecia mais dura, mais seca, com vagas manchas avermelhadas nas suas maçãs do rosto e no nariz seco e comprido; a sua testa alta e convexa tinha tons lustrosos e pálidos; e o cabelo, arrepiado sobre as fontes, um pouco reentrantes e como amassadas para dentro, erguia-se atrás, num rolo, fornecido de chumaços.

O seu vestido de seda preto parecia cobrir um corpo de pau, sem redondezas nem elasticidades. Os olhos duros, de um azul frio, tinham um olhar gelado, em que parecia aguçar-se sempre uma vaga acusação. Toda a servilidade, que a necessidade lhe impunha, dispensava-a em sorrisos frios que lhe mostravam as dentuças carnívoras.

Era triste. Falava pouco, por frases curtas, um pouco sentenciosas. Ao seu passado obscuro e misterioso referia-se sempre com palavras vagas e enigmáticas, às vezes a certos nomes ingleses da finança ou da aristocracia, tinha gestos e olhares repassados da saudade dessas convivências ilustres. Quando Genoveva aparecia com toilettes mais ricas, Miss Sarah contemplava-a com certo bamboleamento de cabeça, os beiços franzidos, como se recordando de luxos iguais, para sempre perdidos. E constantemente a sua conversa se enevoava de melancolias do tempo em que não dependia de ninguém e tinha um interior, uma casa sua, um lar, um "home". De resto, tinha toda a seca estreiteza das grandes Ilhas Britânicas, como ela dizia. Ela mesma se isolava numa inacessibilidade áspera, como uma ilha escarpada; endireitava-se muito, tinha ares de mártir; um ódio aos países católicos em que vivera acentuava a sua rigidez protestante. A mais inocente litografia de santos ou de Cristo lhe arqueava os beiços secos, num sorriso que escorria desprezo pela idolatria. Achava todo o mundo, para além da Inglaterra, desconfortável; toda a janela lhe parecia fechar mal e todas as comidas estragavam o estômago. Em França e em

Portugal, os franceses e os portugueses eram os estrangeiros; ela nunca era estrangeira... porque era inglesa. Tinha o amor secreto do álcool e devorava novelas inglesas de uma sentimentalidade penosa e pueril; e falando dos homens, do amor, com uma reserva desdenhosa de uma virgem ascética, passavam clarões turvos de uma luxúria fria.

Detestava Genoveva, pelas toilettes, pelas aventuras amorosas, pela palidez que lhe davam os prazeres, pelos trens... e porque recebia dela salários; e o servir uma estrangeira acrescentava às tristezas da pobreza as amarguras da humilhação. Mas não se revoltava e, com aceitação passiva do destino, ia-se apenas fazendo mais magra e falando mais vezes do dever!

Genoveva encontrara-a no momento em que, sustentada pelo Gomes e querendo estabelecer a sua vida solidamente, procurou uma governante séria e grave, para pôr na vida uma tabuleta de normalidade. Miss Sarah fora-lhe recomendada, como uma pessoa que tivera desgraças, quieta, muito económica, religiosa e boa pianista.

Genoveva bem depressa reconheceu que Miss Sarah não entendia de religião e muito pouco de música; sob os seus dedos magros, as melodias mais lânguidas, as mais vagas, curtiam-se, tomavam um andamento seco e brusco, em que as notas caiam como achas que rolam. A sua execução parecia-se com o seu andar: exata, mecânica e hirta.

Genoveva conservava-a porque Miss Sarah, com os seus vestidos de pregas puritanas, as suas lunetas escuras, quando o sol era vivo, os seus punhos sempre asseados, o seu nariz severo, fazia pensar numa casa de costumes graves, de horas regulares e de contas fielmente pagas, e dava-lhe crédito nas lojas. Aquela figura longa e vestida de preto, na saleta de Genoveva, dava confiança aos homens. Assim se fizera a imagem de uma santa, à entrada de um lupanar. «Substitui minha pobre mãe», tinha dito um dia Genoveva, «e é mais barata.»

Apenas Genoveva entrou na sala, Miss Sarah repôs os seus óculos e batendo, com os seus dedos longos e vermelhos, como pernas de lagosta, no teclado do piano de aluguer, retomou com melancolia a melodia irlandesa.

Last rose of the summer!

— Oh, não, não! Nada da «última rosa do Verão»! Basta disso! Basta disso!

Miss Sarah calou-se e, escolhendo entre os papéis da música, espalhados sobre o piano, soltou logo num triste plangente:

Dead leaves! Dead leaves!

— Oh, não! Também não!

E passeando pela casa, aumentando o murmúrio fresco do seu roupão de seda, Genoveva censurou-lhe aquelas músicas tristes, sempre de um lúgubre!... Estava farta de sentimentalidade. Queria alguma coisa alegre! Uma música pândega...

Miss Sarah tirou os óculos e, voltando-se no mocho do piano, declarou que felizmente nunca fora seu costume cantar ou estudar essas melodias perversas.

— Vai para o diabo que te carregue, hipócrita! — disse Genoveva em português.

E Miss Sarah, sentindo no acento a vaga vibração de uma praga, ergueu-se com dignidade, dirigiu-se para a porta;

mas, voltando-se, disse que via que ela estava com spleen.

— Estou — interrompeu Genoveva. — Estou com spleen.

A inglesa julgou do seu dever de cristã sentar-se e consolar-se. Também ela estava bem triste; todos tinham os seus pesares; recebera bem umas cartas de Inglaterra.

Genoveva interrompeu-a outra vez. As não queria ouvir. Bem lhe bastavam os seus pesares; ainda ouvir os dos outros... Não, não!

Ela mesmo sentou-se ao piano; tinha muito tempo estudado em Paris, mas nunca passara das escalas, com que afligia, de um modo tranquilo e pertinaz, todas as suas relações, mas sabia o acompanhamento de algumas canções libertinas; e uma, sobretudo, encantava-a: L'Amant d'Amanda!, que, durante um Verão, a França cantara com delícia; e erguendo a voz mordente e de uma vibração quente, cantou:

*Chaquefemme a sa toquade*

*La marone est un dada.*

*Amanda me demanda*

*Un jour entre deus oeillades.*

Miss Sarah tinha-se erguido e subtilmente saiu. Genoveva recomeçava, a cabeça alta, um sorriso garoto, com o francês arrastado e pandilha de café-concerto. E terminando as palavras por lá-lá-lá trauteado, voltara, arrastando as sílabas, numa voz cálida e canalha:

*Voyez ce beau garçon là,*

*C'est l'amant d'A*

*C'est l'amant d'A*

*Voyez ce beau garçon là,*

*C'est l'amant d'A*

... manda!

Fez a sua escala, então de uma vez, rapidamente, embrulhando, e ergueu-se, sacudindo as mãos, com tédio

triste.

Aquele estribilho que lhe trazia recordações de Paris, do Verão, quando os parques estão cheios de flores, os arbustos verdejam, os repuxos cantam nas bacias de mármore; a grande vida resplandece alegremente e dos vestidos claros saem aromas frescos; e as felicidades do campo, os cottages, escondidos de verdura; a pesca no Sena, com um largo chapéu de palha, e os casino onde se canta com a janela aberta, a aragem do rio, nas manhãs quentes, onde a areia reluz e iates envernizados cortam a água serena.

E o aspeto das coisas, em redor, dava-lhe uma melancolia cheia de bocejos: a sala, com o seu tapete barato, a luz escassa da varanda de caixilhinhos miúdos, a banal consola da sua mesa, com dois bonecos da Vista Alegre, o catreco com uma cobertura de fustão branco, o lustre vestido com uma gaze vermelha, um pouco suja das moscas, entristeciam-na.

Como se visse uma coberta com um vestido de merino tingido, a rua, em baixo, tinha uma tristeza lúgubre. Era ao pé do Arco e, constantemente, pesados galegos passavam;

canecas arrastavam, em torno ao chafariz; a água fazia ribeirinhos lamacentos; à porta de uma mercearia em frente, constantemente um barril de manteiga mostrava a sua cor rançosa; presuntos pendiam, com a cor branca da gordura fria; molhos de velas de sebo pendiam; e para além da casa caraira, via um pedaço da fachada de S. Bento, inexpressiva e lorpa.

E Genoveva bocejava. Os dias pareciam-lhe enormes, vazios, e o sol arrastava-se com um resplendor monótono; mas preferia estar só à companhia do Dâmaso; a sua cara balofa e satisfeita, o seu corpinho gordo e rebolante, a correção dos cabelos lustrosos de pomada, as suas luvas de cores garridas, o seu ar ricaço e parlapatão, exasperavam-na. Tinha, às vezes, vontade de o repelir à chicotada. Mas Dâmaso mostrara-se excelente, ao princípio, habituado às conquistas de espanholas e de matronas amancebadas, ou de alguma burguesa deslumbrada pelo seu fáeton; julgando-se irresistível, tinha falado a Madame de Molineux com um viatório de D. Juan.

Genoveva, com um olhar espantado e irónico, alguns ditos secos e picantes, destruiu-lhe a atitude; o leão, que

entrara com a juba ao vento, saiu com o rabo encolhido de burrinho. Quando voltou, Genoveva, muito tranquilamente, disse-lhe que, para ficar em Lisboa, precisava regular alguns negócios e necessitava de um conto e duzentos mil réis. Dâmaso esteve sem voltar dois dias, mas a paixão era urgente, a vaidade estava em brasa e, depois de quarenta e oito horas de reflexão, de muitos cigarros fumados e de mãos nervosas metidas pela cabeleira, veio humildemente com o seu dinheiro na mão.

Genoveva pressentia um «frango a depenar» e, na primeira noite que o recebeu, com uma condescendência altiva, na sua alcova, entonteceu-o, embruteceu-o, pelos processos hábeis de uma sensualidade científica. O excelente Dâmaso ouviu palavras ardentes de um orgulho quase doloroso, tanto lhe inchavam a pele; recebeu beijos que o desejavam a tremer, com olhos regalados; viu cuidados de toilette, rendas, sedas, que lhe faziam pensar baixo, dando pulinhos. «Hei de lhe dar os últimos cinco réis.»

A única contrariedade fora de manhã. Mélanie conduziu-o a uma alcova onde ele viu, com um calafrio, uma larga

banheira chata, com água, e dois grandes pedaços de gelo; era o tub. Mélanie, com uma gravidade sacerdotal, desceu na água meio frasco de Eau de Lubin, estendeu ao pé um penteador turco, pôs-lhe ao lado as escovas dos pés, deixou-lhe uma taça cheia de espuma de sabão de âmbar, e saiu dizendo:

— Faz favor de chamar, quando quiser a fricção.

Dâmaso ficou de pé, atónito, coçando a cabeça, olhando a bacia; meteu a medo as pontas dos dedos na água gelada, e recuou murmurando:

— Olha que partida!

Estava verdadeiramente embaraçado; aquilo, decerto, era um chique parisiense... pensou... e ele não queria escusar-se a ele; mas meter-se vivo naquele horror de água gelada, oh não! Molhou a ponta de uma toalha, passou-a ao de leve pela cara, arrepiado; fumou dois cigarros, junto à banheira, com a melancolia embrutecida de uma cegonha, e saiu, dizendo pelo corredor:

— Venho do banho. Ótimo banho!

Quando, depois de ele sair, Mélanie veio dizer que o senhor deixara a água intacta, apenas com duas pontas de cigarro, Genoveva exclamou furiosa:

— Oh, que bruto! Há de lhe custar mais um par de centos de mil réis.

E custou: ao fim de quinze dias, Dâmaso tinha «abulado», como dizia Genoveva, dois contos e quinhentos mil réis e começava a achar a graça pesada. Mas estava estupidamente apaixonado; todos os seus instintos burgueses, a prudência, a desconfiança, o egoísmo, o cálculo, estavam cloroformizados; se algumas vezes se mexia e gemia baixo, os braços macios de Genoveva passavam pelo pescoço dele umas doces palavras a que ele achava um encanto estonteante:

Meu bichano, minha vida, meu ratinho, cordeirinho quente!

A fraseologia clássica da eloquência libertina bastava para que tudo adormecesse dentro dele e o amor rugisse com impaciência lusitana.

No entanto, Dâmaso escondia cuidadosamente aos seus amigos aquela prodigalidade. Fazia-se passar por amante de coração; proclamava-a rica, generosa, desinteressada; porém, comprara, em segredo, uma abotoadura de coral que usava, erguendo-a como presente dela:

Porque me quer dar tudo! Presentes todos os dias! Está doida por mim! Tenho-a feito doida!

Dizia-o nos cafés, em S. Carlos, nos lupanares; estava a achar um meio como o havia de imprimir no high life do Jornal Ilustrado.

O último «presente» que ela lhe tinha dado, na véspera, era uma velha conta de Laffersein, de três mil francos, que ele metera na carteira, tomando, ao outro dia, silenciosamente uma letra sobre Marcenard et André, os banqueiros de Madame Lafayette, a sessenta dias do vale, com cem francos para o desconto; e ficara atónito, quando Genoveva os metia negligentemente dentro de um envelope, dizendo a Mélanie, com um bocejo:

— Deita no correio. É o preço da desonra.

Mas Dâmaso começara a exigir mais publicidade nos seus amores. Aquela felicidade escondida no seio de S. Bento, que lhe custava os olhos da cara, se lhe contentara a carne não lhe satisfazia o orgulho. Queria mostrar-se com ela, ser invejado no Chiado, na Casa Havanesa, olhado em S. Carlos, e ouvir dizer:

«Dâmaso, que felizardo! Aquilo é que é levá-la!»

Madame de Molineux não se opôs muito; falou ainda no encanto de um amor discreto, todo íntimo. Realmente, não a entusiasmava a ideia de se mostrar com aquele imbecil. Mas aceitou um camarote de primeira ordem, em S. Carlos, e mesmo um domingo de Campo Grande. Eram mesmo pretextos para ter enxaquecas; porque lhe começavam a vir enxaquecas e, coisa fatal, era sempre à noite, às suas horas.

— Ah, meu amor, estou terrivelmente doente. Não te posso dar hospitalidade hoje. Tenho de te pôr na rua. Que ferro. Se tu soubesses! Mas vou contigo...

E quando o sentia, em baixo, fechar melancolicamente a cancela, tinha um ar de alívio, chamava Mélanie, pedia o

seu gim e, até às duas horas, na cama, beberricava, palrava com Mélanie, ou escrevia às suas amigas de Paris, dizendo que estava em Lisboa, ao pé de África, fazendo sensação na rua, civilizando um selvagem, rico como um nababo e bronco como um caloirinho.

Naquela manhã estava resolvida a ter uma enxaqueca. Dâmaso, ao princípio, objetava a deixá-la assim só, doente.

Lembrava sinapismos. Queria ir chamar o Dr. Barbosa Mas Genoveva não acreditava em médicos portugueses; tinha-lhes horror; podiam envenená-la, ou desfigurá-la. Suspirava pelo Dr. Charmeau. E uma ocasião, vendo a repetição obstinada daqueles ataques que perturbavam a avidez dos seus desejos, Dâmaso, inquieto, lembrava timidamente uma purga. Mas Genoveva cravou-lhe um olhar tão friamente censurador, mostrou um nojo tão elegante daquela lembrança torpe, que Dâmaso, diante dela, não mais se atreveu a falar de remédios. Um dia mesmo que ia a falar de magnésia, corou, tossiu e empregou um circunlóquio.

Por fim, aquelas enxaquecas repetidas três, quatro vezes por semana, pareceram exageradas a Dâmaso. A sua

desconfiança burguesa arregalou os olhos, mas Genoveva tinha atitudes tão quebradas, expressões tão doloridas, queixas tão aflitas sobre o clima de Lisboa, que Dâmaso saia compadecido e desolado. Quis atrair aos seus interesses Mélanie. A primeira vez que ela lhe foi levar uma carta a casa dele, na Rua da Comenda, Dâmaso, julgando-se «finório», deu-lhe duas libras. Mélanie abriu-se logo às confidências, com a abundância de uma torneira: «Ai! O senhor Dâmaso não imaginava. A senhora estava doida por ele. Até estava maçadora! Falava dele constantemente, chorava, não queria voltar a Paris, tinha ciúmes terríveis! Bem podia ter cuidado, que se ela soubesse que ele olhava para outra mulher, matava-o. Era mulher para isso! Ela era mais arrebatada!»

Dâmaso, encantado, queria saber o passado de Genoveva. Mélanie contou-lhe logo, pedindo segredo. «A senhora tinha casado com o senhor conde de Molineux, um velho mais nojento! Mas, coitada, estava então pobre; o primeiro marido, um inglês, tinha-a deixado sem um vintém. Pois a senhora fora fiel ao velho, como uma escrava. E não faltava quem lhe arrastasse a asa! Puh! Duques, príncipes, até o

imperador. Pois nada. Que a verdade devia-se dizer: ela tinha tido uma inclinação por um rapaz, lindo como um anjo, um tal Paul de La Rechantraye; mas nunca houvera entre eles nada, nada! O tal Paul morrera na guerra e... acabou-se! Mas, lá isso era uma pessoa muito amorável... Coitado, o infeliz! O patife do velho não lhe tinha deixado nada. Tinha-se visto obrigada, depois da morte dele, a pôr no prego as suas joias e tinha dívidas, dívidas!

Fora a sua necessidade que a obrigara a vir com o brasileiro, mas, esse, não o podia sofrer e não fora ninguém; um belo dia, zás, deixou-o... Ah! Positivamente servia-a, havia dez anos, e era agora a primeira vez, a única, que a via apaixonada...

Mas porquê, porquê? — perguntava Dâmaso, babado. Mélanie deitou-lhe um olhar fino.

— O senhor Dâmaso é tão bonito rapaz...

Dâmaso deu-lhe outras duas libras e não se conteve: abraçou-a pela cinta e fê-la dar um «ai», beliscando-a de júbilo.

E dali por diante necessitava ouvir, a todo o momento, a Mélanie aquelas afirmações da sua felicidade. A rapariga prodigalizava-lhas. Era uma pingadeira; estava radiosa; acostumada à sovinice dos parisienses, achava os portugueses adoráveis.

«Se todos são assim», pensava, «isto é o Paraíso!»

Mas as exigências de dinheiro cresciam e as enxaquecas não cediam. Dâmaso começava a impacientar-se; além disso, achava-a às vezes esquisita, de mau humor, taciturna; outras vezes, irónica, cheia de pilhérias; surpreendia-lhe olhares secos, impaciências bruscas. E enfim, queixou-se ao seu íntimo, o Manuel Palma, o Palma Gordo, um sujeito baixote e roliço, de voz grossa e unhas roídas, que vivia um pouco à custa dele. Contou-lhe os nervos que lhe dava, os maus humores dela, sentia-se inquieto; parecia-lhe que ali andava ciúme dela.

— Ferra-lhe uma coça — disse o Palma Gordo.

Era, de resto, o seu sistema com o gado chamava sempre gado às mulheres. Usava sempre um jaquetão e, de Verão ou de Inverno, o seu colarinho tinha sempre, em roda, uma

orla de suor; comia com voracidade; as calças, muito justas, quase lhe estalavam nas pernas gordas e curtas; admirava Dâmaso, passava o dia a elogiá-lo, a ele, ao seu cavalo, ao seu cão.

— Que diabo, homem! — objetava Dâmaso. — Não é como qualquer portuguesa! Uma coça! Uma mulher acostumada a Paris...

— Qual Paris! Ferra-lhe uma coça. O gado não vai senão a pau! Ferra-lhe uma coça!

Dâmaso, às vezes, entrava em casa de Genoveva com tenções de ser enérgico, de lhe falar claramente: ou ele era seu amante e tinha o direito de vir quando queria, de estar até que horas quisesse, ou então, boas-noites. Mas, apenas a via, o espetáculo da sua pessoa, as suas toilettes, as suas atitudes, uma carícia leve, deslumbravam-no; e com tantos outros aspetos; uma civilização superior e maravilhosa que o enchia de respeito e de timidez.

Numa manhã, o passeio a cavalo encantara-o. Genoveva era admirável, na sua amazona. Dâmaso fizera-a passar por todas as ruas, ruas onde tinha relações; atravessara o

Chiado, tinha caracolado no Rossio, olhando em redor, com a face dilatada, para recolher os olhares de admiração, as expressões de inveja. Mas, infelizmente, parece que, pelo Diabo, as ruas estavam desertas de conhecidos; as janelas vazias de rostos amigos. Fizera caracolar a sua glória diante de alguns galegos de esquina e de alguns lojistas aquecendo-se ao sol, nas chinelas de tapete. Aquilo pusera-o de mau humor.

Tinha já várias vezes dito a Genoveva que queria que ela aparecesse, saísse!

— Como quer que eu saia, numa carruagem da Companhia? Dê-me uma vitória, uma parelha de cavalos ingleses, um groom decente, e verá o espalhafato por essas ruas...

E Dâmaso estava quase inclinado a dar-lhe a vitória. Via-a já descer o Chiado, nalgumas das suas toilettes extraordinárias, ao trote «stepado» de dois cavalos de raça; e ouvia, pela Casa Havanesa, pelo Balthreschi, um murmúrio invejoso correr: «É o Dâmaso! Que maroto! Que chique!»

Pelas duas horas, foi a casa de Genoveva. Mélanie veio dizer, em bicos dos pés, que «estava ali o homem». Genoveva fez logo com a mão um grande gesto: «Que não«: e falando ao ouvido de Mélanie:

— Que estou a dormir, que não recebo, mas que o espero, sem falta, para jantar, às sete.

E quando Mélanie voltou:

— Que disse?

— Fez uma carantonha...

— Que vá para o inferno! Animal!

E dirigindo-se ao quarto:

— Mélanie, traz-me as cartas.

Mélanie foi preparar, no quarto, a mesa com o baralho. E Genoveva, com atitude séria de uma fé religiosa, começou a deitar as cartas: baralhava-as gravemente, devagar, com cuidados cabalísticos; partiu-as com a mão esquerda, dividiu-as em maços e, com as suas mãozinhas brancas, arrebitando o dedo mínimo, onde reluziam pedrarias de anéis, ia-as enfileirando em semicírculos simbólicos.

Mélanie, por trás da cadeira, seguia, com interesse, como nas páginas de um livro, as revelações do destino. E

Genoveva murmurava:

— Uma desordem; um velho; o rapaz novo com a mulher loira; lágrimas, encontro num lugar com gente, por causa de uma carta.

Baralhou, depois refletiu; e de repente:

— Vem-me ver! Tem de vir ele mesmo. Três vezes, «vês»?

E mostrava a repetição do valete de ouros que se juntava com a dama de copas.

— Tem de vir ele mesmo...

E os seus belos olhos pretos, iluminados na fisionomia aquilina e pálida, estava cheios do vago assombro dos destinos inevitáveis.

— Eu, se fosse a senhora, não pensava mais nisso — disse Mélanie.

Genoveva misturou as cartas, com um ar vago, olhos muito abertos, prendeu o beiço com os seus dentinhos brancos e encolhendo os ombros:

— Ou então — continuava Mélanie, arrumando pelo quarto —, pedia muito simplesmente ao senhor Dâmaso que o trouxesse. Está-se a ralar por uma coisa de nada.

— Não, não quero que o Dâmaso o traga!

E erguendo-se, indo ao espelho e passando o pente nos cabelos:

— É ridículo, bem sei, mas então? Nunca houve ninguém que me fizesse a mesma impressão... Desde que o vi, no Teatro da Trindade... Que o vi? Mal o vi! Estava à porta, ia apanhar o vestido, volto-me, zás: dou com ele a fumar tranquilamente o seu cigarro. E não me tornou a sair daqui! Bateu com os dedos na testa: Tenho-o aqui, de noite e de dia. Diz que se chama Vítor, que é advogado... — E com piedade amorosa: — Advogado, coitado! Se a gente nasceu para estar num escritório, a rabiscar papel selado! Pobre bichano. Com aqueles olhos...

Deu um suspiro e, sentando-se aos pés do leito, espreguiçando-se com o olhar afogado num fluido lascivo:

— Oh, Mélanie!

Ergueu-se e com outra voz, seca, aguda:

— Não, palavra, nunca tive semelhante mania por um homem. Não sei o que queria... Queria-o levar, fugir com ele, ir para um sítio que ninguém nos visse, devorá-lo, matá-lo, trincá-lo. E mais lindo! Tão simpático! É um amor! E não sei, tem um quer que seja... Parece-se comigo!

Foi ao espelho afirmar, procurando, nas suas próprias feições, a vaga semelhança das dele.

— Aqui — disse, mostrando a testa —, os olhos. Se eu não me pintasse de loiro, parecia-se realmente... Deve ter vinte e cinco anos...

— A senhora veste-se para o jantar?

— Hem?

Mélanie repetiu.

— Sim, um vestido preto. Tenho de aturar aquele idiota. Ah, mas quero que ele saiba quem é o velho. Que vá pedir-lhe uma satisfação...

— My dear, está visível? — perguntou Miss Sarah, à porta.

— Ah, sim! — Podia entrar. Uma gotinha de gim, Miss Sarah?

O rosto da inglesa clareou-se de prazer: «Uma gotinha, um quase nada. Bastava! Com água. Era Old Tom, não? Só mais uma gotazinha, just a little drop! That well do. Thank.»

Sentara-se a beber o gim, devagar, com concentração, e repetia com devoção uma máxima muito inglesa:

— Um estimulantezinho é a saúde da alma!

## CAPÍTULO IV

Ao outro dia, pelas onze horas, Vítor estava no escritório. O Dr. Caminha advogava na Boa Hora e Vítor, com os autos abertos diante de si, os pés estendidos, fumava, olhando o teto. Sentia-se agora num estado de tédio, num vazio de vida que o enervava. A certeza de que Madame de Molineux amava Dâmaso tinha-lhe criado um vago sentimento de ódio por ela; desprezava-a, julgando-a banal, tola, estúpida. Apaixonar-se por aquele imbecil! E consolando-se com a ideia de que uma mulher de um espírito tão subalterno não o merecia a ele, com tanta beleza de alma, não se podia eximir a desejá-la, de um desejo constante e crescente. Desprezava o seu espírito, mas adorava o seu corpo e, como não podia adorar, pusera-se a detestá-la.

Não tornara a ver Aninhas e, perdendo toda a esperança de felicidade amorosa, quisera-se entregar à alegria da literatura. Tentara pôr o seu desprezo pela sociedade e pela vida em odes, mas, depois de noites passadas a triturar o

cérebro, e a fumar maços de cigarros, desesperado com as rimas, não encontrando ideias, decidira que, para poder ser artista, devia começar por ser feliz; e como a felicidade não vinha e a arte não o inspirava, pensava vagamente em começar a ser um estroina, embebedar-se, afogar em orgias o seu tédio. Mas para isto faltava-lhe o dinheiro e, iludido no seu amor, estéril na sua literatura, com cotão na algibeira, sentia-se na vida como um homem errante que só vê diante de si portas fechadas.

De repente, a voz do Dâmaso, fora, na saleta, disse com pressa:

— O senhor Vítor da Silva? Preciso falar-lhe.

O escrevente ergueu o reposteiro e, metendo parte de uma corpulência, disse baixo, com uma voz pigarrosa:

— Senhor doutor, está ali um sujeito fino.

— Ah, estás só — disse Dâmaso, e tornou a pôr o chapéu; e sem transição, com a voz aflita:

— Teu tio fê-la boa! Teu tio fê-la boa!

Vítor abriu os olhos, muito espantado.

— Encontra Madame de Molineux e ferra-lhe uma descompostura.

Dâmaso deixou-se cair na poltrona respeitada do Dr. Caminha. Mas deu um grito medonho, com um pulo, numa contorção. Tinha-se sentado sobre a ponta de um prego de cabeça amarela e chata. O Dr. Caminha detestava que, quando estava fora, alguém se sentasse na sua almofada de veludo verde; mas, na possibilidade do crime, deixava preparada a vingança; e aquele poderoso orador forense, como diziam as bocas, punha sempre, antes de sair, um pregozinho na almofada; era a sua pilhéria prezada.

Dâmaso tinha corrido, por conselho de Vítor, à cozinha onde havia um bocadinho de espelho, ao pé da bacia. Voltou mais sereno. Era apenas uma arranhadura. Mas estava pálido, chamou «infame» ao Dr. Caminha; achou a brincadeira «digna de um verdadeiro canalha».

O escrevente, à porta, com o reposteiro erguido na sua mão poderosa, olhava por cima dos óculos, a pena na orelha, e exclamou com crueldade:

— Foi o prego? Havia de ser o prego.

Estava contente: «Era mal feito a um fidalgo.

Mas toda a exaltação de Dâmaso se tinha acalmado e foi com uma voz tranquila que contou a Vítor o «caso da véspera».

— Imaginem agora, por causa de uma criança!... põe-se na escada... chama-lhe toda a sorte... Eu, quando ela me disse que era um homem com uma perna de pau, uma gaforina branca, um trem, um bengalão e um casacão comprido, percebi logo que era o teu tio. Ele não te disse nada?

— Ele contou-me ao jantar, vagamente, mas, a falar verdade, não dei atenção. Todos os dias lhe acontece ralhar a alguém, por causa de alguma coisa.

Dâmaso, agora, passeava-se no escritório, embaraçado e levando de vez em quando a mão acariciadora ao sítio ferido.

— Pois sim, mas o desastre é que Madame de Molineux quer que eu lhe vá tomar uma satisfação. Vês uma destas?...

Vítor riu-se.

— Uma satisfação?

— Uma satisfação, homem, parece-me que falei português. Diz que foi insultada, que não tem marido, nem irmão, nem filho, nem ninguém aqui; que só me tem a mim... — e com uma afirmação cheia de fatuidade — e é verdade que eu é que a devo desafrontar. Sim, enfim...

Vítor agora estava serio.

— Homem, isso é curioso!

— ...E que se eu não lhe levasse uma explicação do tio Timóteo... que não me recebe mais! Estava furiosa; quebrou dois vasos, partiu o chicote, ia matando a inglesa. Numa fúria. Queria ir desafiá-lo, matá-lo com um revólver. Enfim, para a conter, jurei! E ainda por cima me chamou imbecil. E então, saia-se a gente de uma destas. Hei de desafiar o tio Timóteo! Eu não tenho medo — acrescentou —, eu não tenho medo, mas que diabo! Um velho! Uma pessoa respeitável. Isto só a mim!

Vítor escutava-o, considerava, vendo-o passear, a sua figura roliça e gordita, a cara balofa, a cabecinha estreita, com o cabelo muito lustroso. E parecia ver a bengala do tio

Timóteo tirar sons baços, fofos, daquela nutrição, como se bate, na cozinha, untos almofadados, nas noites de um porco de Natal.

Mas Dâmaso estava realmente aflito. Depois, em tudo aquilo, pareceu-lhe que havia vagamente alguma coisa que o aproximava, por caminhos tortuosos, de Madame de Molineux e, a esta esperança, todo o seu despeito desvaneceu, como um nevoeiro à aproximação de um sol forte.

Falou em intervir, expor o caso ao tio Timóteo. Dâmaso apertou-lhe logo as mãos, com muitas palavras amigas, quase sentimentais. Que ele o salvava! Que o tirava de uma aflição!

— É falar-lhe hoje, falar-lhe hoje — acrescentava. — Eu contentava-me que ele fosse deixar-lhe um bilhete, nada mais. E tão pouco, é tão pouco!

Decidiram, então, ir logo falar-lhe. Àquela hora, estava a ler o Times. Dâmaso tinha, em baixo, o seu cupé; saiu e, ao vê-lo passar na saleta:

— Então, passou, hem? — perguntou o escrevente, com o cotovelo na mesa, a sua mão sustentando a pena. — Passou? É o prego! É o prego do senhor doutor.

Dâmaso sorriu. A corpulência e a voz pigarrosa do escrevente davam-lhe um vago temor. Desde a véspera, sonhava com perigos, desordens, duelos. E o escrevente, continuando a escrever lentamente sobre o papel selado:

— Corja de fidalgos — murmurava.

O tio Timóteo estava, com efeito, a ler o Times. Vítor deixou Dâmaso na sala, a ver um álbum de vistas de Calcutá, e foi expor ao tio Timóteo o caso, a dificuldade de Dâmaso, amansá-lo, convencê-lo.

— Mas que diabo tem esse tolo com a mulher? E marido? É irmão? É conhecido? E amante?

— Creio que é amante, tio Timóteo.

O tio Timóteo arregalou o olho.

— Olha o alarve! — E com uma palmada nos joelhos:

— Pois apanhou... Ora! Ora é uma mulher soberba! Isto aqui — e apontava o peito — é real!

E pondo-se de pé:

— Bem, como pedir-me satisfações era ridículo.., e como deixá-la, sendo amante, é duro, devo eu ceder — e com um grande gesto: — Faço-o por Vénus! — e teve um risinho. — diz a esse animal que entre.

Mas o aspeto de Dâmaso, com o seu rosto balofo que suava satisfação, de luvas amarelas, a perna gorda e o bigodinho muito arranjado, irritou-o e foi muito bruscamente, sem se levantar, que lhe perguntou:

— Então o senhor estava com ideias de me pedir satisfações?

O Dâmaso curvou-se, pálido.

— Oh!, senhor conselheiro! Pois podia supor? Eu! Ora essa! Por quem é!...

A sabujice daquele gordalhufo causava asco a Timóteo. Indicou-lhe uma cadeira, ofereceu-lhe conhaque e água pousando ele mesmo o seu copo sobre a mesa:

— Eu já disse a Vítor. Estou pronto a dar a satisfação; não quero ir perturbar-lhe o seu arranjinho. — E para Vítor: —

Amanhã, vai deixar o teu bilhete com o meu e escreve-lhe, por baixo, «com os meus cumprimentos». Mas, já o disse, não o faço por ela que não me parece uma boa peça; nem pelo senhor, que eu não faço favores aos meus amigos. Faço-o por Vénus! E tudo por Vénus. Com que então, seu maganão!... Pois, senhores, apanhou boa moça!

Dâmaso, sentado à borda da cadeira, cumprimentava, com um ar próspero e enfatuado, passando os dedos pelo bigode. O tio Timóteo bebeu outro golo de conhaque e, pousando o cotovelo no joelho:

— E é grátis?

Dâmaso fez-se escarlate: «Ora essa! Era uma senhora! Era a viúva de um senador... »

— São as piores. Na Índia, é a viúva do coronel. A viúva do coronel é terrível. Eu fui vítima. A única letra que assinei na minha vida, três a quatro por cento ao mês, foi por causa da viúva do coronel. Mas foi a única, porque, no meu tempo... que diabo... havia desinteresse; fazia-se amor, tinha-se graça, havia paixão. Agora, esta rapaziada, fria, enfezada, com doenças secretas, raquítica, para apanhar o

mais pequeno beijo, tem de abrir os cordões à bolsa. Um chupismo geral! Puh! Ouço às vezes dizer que as mulheres mudaram, estão interesseiras, especulam com o que Deus lhes deu... Qual! As mulheres são as mesmas. Os homens é que mudaram. No meu tempo, eram valentes, brutos, atrevidos, com pancadas prontas, guitarra prá frente e um bocadinho de touro; era um regalo, para uma pobrezinha de Cristo, abrir a porta, de noite, a um destes mocetões... Mas hoje... Vá lá uma mulher ter prazer com uns melquisedeques enfiados, magricelas, com a espinhela derreada, o queixo caído, sem pilhéria nem músculo. Que diabo, fazem elas muito bem; para aturar semelhantes bonifrates... e justo que o bonifrate pague. Eu sou por elas, coitadinhas!

E riu-se, com a sua viva fisionomia resplandecente de recordações.

— Pois é para a frente. Que é ela, francesa?

— É portuguesa, senhor conselheiro. Mas tem vivido sempre em França. Vive, há mais de vinte e cinco anos, em França.

Timóteo tirou o charuto da boca, devagar, fitou Dâmaso, perguntou, com a testa franzida:

— Como se chama?

— Genoveva.

E depois de um silêncio, Timóteo:

— Donde é?

— Da ilha da Madeira.

Timóteo encolheu os ombros. E repetiu:

— Pois é divertir-se! Que é o que eu digo cá a este São Sulpício — e indicou Vítor que, sentado sobre a mesa, cofiava melancolicamente o bigode. — Que diabo, há pais, há tios, que pregam moralidade! São asnos. Eu prego imoralidade. Um rapaz novo quer-se vivo, empreendedor, com dois ou três bastardos e duas meninas no convento, por paixão. Era assim no meu tempo. E seja quem for, criada, costureira, marquesa, tudo o que lhe calhar na mão. Um homem é um homem! Os conventos acabaram. Beba um golo de conhaque, que diabo, não pense mais nisso.

E retomando o Times, repetiu:

— O que lá vai, lá vai. Amanhã, lá vão os bilhetes.

Dâmaso, erguendo-se, agradeceu.

— Não tem que agradecer. Faço-o por Vénus.

E ria, esfregando vivamente a perna.

No sábado seguinte, pela manhã, Dâmaso entrou muito atarefado no escritório de Vítor, e indo sentar-se ao pé da banca, quase ao ouvido:

— E só uma palavra. A Molineux já recebeu os bilhetes. E manda-te pedir para ires lá passar a noite, amanhã... Sem cerimónia, hem?

Vítor sentiu o coração bater-lhe alto e, para disfarçar a perturbação:

— E quem vai mais?

Dâmaso fez um gesto desolado:

— Um capricho! Um diabo de um capricho. Imagina tu! Diz que para esta primeira soirée queria ter de todas as classes; deu-me uma lista: militares, jornalistas, poetas, membros da Academia, diplomatas, cantores. Eu, para reunir toda esta gente, tenho dado em doido.

E diz que pessoas da sociedade, não. Quer gente divertida. Queria um ator. Que diabo, não achei nenhum. Enfim, fiz o que pude... mas olha que é um diabo de um capricho. E adeus. Vou à casa do Carvalhosa e ver se ele vem, porque também quer um deputado.

E ia sair apressado, quando o Dr. Caminha emergia da contemplação de um bigode loiro, para dizer:

— E este é que foi o meu amigo que se sentou no prego?

Dâmaso voltou-se furioso.

— Lamento imenso!

Erguendo um pouco o seu alto corpo magricela e recaindo languidamente na almofada de veludo verde:

— Sinto imenso! É um gracejo patriarcal do escritório. Sinto imenso. É por causa dos intrusos. Foi minha esposa que bordou a almofada e aqui está o prego! Sinto imenso!

Cumprimentou e, repoltreando-se, estendendo o beiço, continuou a catar o longo bigode, pêlo a pêlo.

Vítor hesitou, muito tempo, se devia ir à soirée de Madame de Molineux de sobrecasaca ou casaca. Mas,

recordando-se de ter ouvido tantas vezes o tio Timóteo louvar o costume inglês de pôr sempre casaca, à noite... que diabo, mesmo para estar em casa, a fumar... decidiu-se a vestir-se de baile.

Era um hábito estrangeiro que agradaria, decerto, a Madame de Molineux. Poria gravata preta, gravata branca? Resolveu a gravata branca, com uma camélia no peito. E no cupé de praça, muito agitado, sentiu como uma sensação semelhante àquela que os estudantes exprimem pelo nome de «cólicas» que é um vago medo que aperta o estômago e relaxa os intestinos.

Que lhe diria? Com que expressões delicadas, espirituais, lhe falaria? Estaria muita gente? Dançar-se-ia? E estava tão trémulo que mal podia apertar os botões das luvas. Imaginava diálogos, preparava ditos, apreciações; e à maneira que o cupé rolava, sentia como um receio de se ver tão perto da casa e um cuidado de que a sua camélia não se desfolhasse.

O cupé parou. Vítor viu, no terceiro andar, as janelas todas iluminadas que destacavam na noite escura, um pouco húmida de névoa: era a soirée.

Foi com uma comoção que bateu à campainha. Um criado de suíças pretas, casaca, luvas de algodão branco, com um cumprimento que o fez raspar a sola no chão, perguntou-lhe baixo o nome; e erguendo um reposteiro:

— O senhor Vítor da Silva — atirou com uma voz grossa.

Na saleta de entrada estavam paletós acamados, chapéus sobre cadeiras, uma manta de lã de mulher; as velas, sobre a mesa ao lado, ardiam; um murmúrio de vozes, na sala.

No primeiro olhar. Vítor viu-a a ela, ao fundo, quase deitada num sofá, vestida de seda branca, e logo os seus olhos pretos e grandes, o seu cabelo loiro, o seu decote e a beleza das suas mãos de uma cor pálida, com brilho de pedrarias, lhe davam uma impressão tão violenta que se sentiu como dobrarem-se os ombros.

Não reparou no que estava em redor e apenas sentia que estavam velas acesas e que havia reflexos de espelhos.

Dâmaso precipitara-se e dissera curvado para Madame de Molineux:

— O meu amigo Vítor da Silva, o sobrinho de...

E completou a frase com um gesto de cabeça, um piscar de olho. Ela ergue-se muito ligeiramente, teve um sorriso, uma ondulação do pescoço, e continuou conversando com um sujeito de barba preta, curta, lunetas de oiro, calvo. Tinha ao pé de si uma mesinha e um copo de oiro, de onde, a espaços, bebia, erguendo todo o corpo, com ondulações doces e um frémito de seda.

Vítor ficara na sala, de pé, embaraçado e olhava em redor. Todas as pessoas lhe eram conhecidas; mas viu, numa poltrona, um velho cuja cabeça calva, com repas grisalhas repuxadas para as fontes, parecia enterrado na alta gola de veludo de uma enorme casaca escura; a pele engelhada, muito barbeada, estava sulcada de pregas, e o queixo quase desaparecia numa alta gravata de seda preta.

Porque estaria ele ali? Ficou espantado ao pé dele. Era um velho de quase setenta anos; tinha publicado outrora um livro de fábulas de Esopo, de madrigais, outros originais, vivia às expensas do Estado. Pertencia à Academia Real de Ciências, já não tinha dentes e era como uma ruína.

— Muito prazer no ver por aqui, senhor Couto.

O velho fabulista ergueu a cabeça e, passando a mão espalmada pela cara, sorvendo um pouco:

— Viva, como vai isso?

Tinha a voz arrastada, um pouco fanhosa, e ficou calado.

— Há muito que não tinha o prazer de o ver — disse Vítor, falando alto, porque o velho era um pouco surdo.

O fabulista voltou a cabeça para ele e, em voz baixa:

— A que horas é o chá? — Era muito guloso e esperava naquela casa ter ocasião de comer bolos estrangeiros. Vítor não sabia e ia erguer-se, enfastiado, do seu curvamento, quando Dâmaso veio ter com ele. Examinava-o; havia no seu aspeto um vago ar contraído de inveja.

— Puseste casaca, hem? — disse ele, de repente; e depois de uma pausa, muito chegado para ele: — Eu estive para pôr, hem? Mas tive medo de parecer que me queria dar ares. Que ferro, hem?

E ficou preocupado, beliscando a asa do nariz.

Vítor olhou então pela sala.

Ao pé de uma mesinha de jogo, onde ardiam velas, estava um grupo: duas senhoras e dois homens; uma era chamada a Tia do Tolomeu; não sabia a origem desta alcunha, mas conhecia a pessoa, de vista. Era severa, muito alta, com um penteado riçado, erguido, que a fazia parecer mais esguia. Tinha, na toilette, um ar trapalhão e enxovalhado; o pescoço tinha um tom escuro, ao pé do cabelo, de um trigueiro sujo que têm certas desleixadas. Estava separada do marido, que era alferes. Tinha olheiras grandes e, em toda a sua pessoa, sentia-se o hábito do quartel e influência do regimento.

A outra, não a conhecia. Era uma quarentona de aspeto solteirão, grossa, quadrada, atrigueirada, com um buço, um sinal muito cabeludo no queixo, um enfeite singular na cabeça, em que havia veludo vermelho. Falava pouco e os seus olhos, que exprimiam muita inveja, muito azedume, uma grande sensualidade, não se desprendiam de Madame de Molineux, ou de revés, às vezes, passavam com uma rapidez fulgurante de uma chama que lambia um objeto.

A figura efeminada e quebrada de rins do Sr. Reinaldo, que conversava, sentado, ao pé da Tia do Tolomeu,

torcendo e retorcendo o buço com as pontas dos dedos muito brancas.

Vítor entrou no fumoir, de onde vinham vozes. A sua entrada, três homens que conversavam, fumando, olharam com curiosidade a sua gravata branca. Era uma sala pequena, com cortinas, o sofá de cretone, um candeeiro direito, sobre uma mesa redonda, com um pano de veludo escarlate.

Um dos sujeitos estendeu-lhe a mão. Era o Carvalhosa, que fora seu contemporâneo em Coimbra, onde era conhecido pela sua porcaria e ilustre pelos seus vícios. Passava dias inteiros na cama e o cheiro do seu quarto estonteava. Agora era deputado e os jornais celebravam a sua eloquência e citavam os seus trechos. E logo, com a sua voz cantada, de papo, um aspeto de superioridade:

— Aqui vem — disse, com um charuto entalado entre dois dedos, à altura da boca — quem nos vai elucidar. Ó Silva, quem diabo é esta mulher? E surpreendente esta espécie de Vénus. — Aquele tom chocou Vítor:

— Tu deves saber melhor do que eu. É a primeira vez que venho a casa dela.

— E eu — exclamou ele.

— E nós — exclamaram outros dois.

Um, com uma cara muito chupada, o cabelo muito chato, de uma cor térrea, cheio de espinhas carnais, sempre a raspar o queixo com as unhas, muito corcovado, era um jornalista. O outro era um belo moço, com um ar vaidoso, fardado de oficial de Lanceiros.

— A mim, quem me trouxe foi o Dâmaso — disse o deputado.

— E a nós todos.

— Pediu-me, há três dias, para me trazer a casa de uma senhora da primeira sociedade de Paris.

— Diz que é a viúva de um senador. — E tomando tons declamatórios. — No segundo Império, os senadores eram uma coleção caturra de velhos debochados...

— Peço perdão — interrompeu o jornalista. — Havia grandes ilustrações: Saint-Beuve e Mérimée...

— Que levaram a França aos abismos — gritou logo o Carvalhosa.

— Pelo amor de Deus, não se fala no Império, meu caro amigo. O Império é a corrução, é a lei calcada aos pés, é a liberdade agrilhoada, é a orgia nas Tulherias.

Uma voz forte interrompeu, recitando:

— Mas ia por diante o monstro horrendo, dizendo nossos fados...

Carvalhosa voltou-se, escandalizado, mas, vendo entrar um sujeito baixo, com uma barba nascente que não fora nunca raspada, lunetas esfumadas, sorriu e estendendo-lhe a mão:

— Ora venha de lá o poeta.

— Meus senhores — disse ele, cumprimentando; e para o Carvalhosa: — Tu desculpa, eu acudiu-me aqueles versos do nosso Camões, quando entrei, mas... — E com uma voz compenetrada, de resto — ... sabes que ninguém aprecia mais do que eu o teu grande talento...

Mas, tendo reparado no jornalista, calou-se teve um gesto seco de cabeça e, embaraçado, tirou a cigarreira, começou a arranjar um cigarro. Mas Carvalhosa, triste, tinha então continuado:

— Não, meu amigo, os desastres do Império foram providenciais.

— Acredita então na Providência — disse o jornalista, raspando mais o queixo com uma vozinha baixa e um risinho.

Então Carvalhosa, aprumando-se:

— Alto com a questão religiosa!

Deus, segundo ele, estava em tudo; tanto no mais alto peito da História, como no grão de palha que a formiga... Lá diz Victor Hugo...

Mas o jornalista declarou:

— Victor Hugo é um asno! O asno Victor Hugo.

Acrescentou, com um desdém, que Victor Hugo estava velho, já não sabia o que dizia. Carvalhosa perdeu o domínio de si mesmo; defendeu Victor Hugo, com gestos

possessos, estampidos de voz; chamou-lhe o profeta do século XIX, o inspirado de Hauteville House.

— Isso, isso — dizia o poeta, alçando-se e recuando.

— Os últimos livros de Victor Hugo — disse o jornalista, friamente, coçando o fígado, entre o colete e as calças — fizeram-me rir. — Sorria.

— Cavalheiro! — berrava o Carvalhosa. — Ri-se da Imprensa, ri-se da poesia, ri-se do sublime.

— Mais baixo — disse uma voz, de perto.

Era Dâmaso, aflito. Fez-se um silêncio. E Dâmaso explicou que, na sala, todo o mundo estava inquieto, que se supunha que era alguma altercação e que Madame de Molineux lhe perguntara se era questão de jogo e que, além disso, os ouviam, em baixo.

— Porém, se não se pode discutir...

— O cavalheiro tem a voz um pouco alta — disse o jornalista, que não cessara de se coçar.

Carvalhosa, que a contradição azedara, disse com grande altivez:

— Tão alta que o país escuta-a!

E voltou-lhe as costas.

— O senhor Carvalhosa tem a voz um pouco alta — disse o jornalista.

Carvalhosa fitou-o, furioso.

— O que quero senhor dizer com isso?

O outro replicou, coçando febrilmente o queixo:

— Perdão, isto aqui não é lugar...

Dâmaso, que interveio:

— Oh, rapazes, pelo amor de Deus!...

E queria arrastar Carvalhosa. O deputado estava lívido.

— Bem, nada de tolices — disse o lanceiro, torcendo o bigode. — Chega! Lá por causa da literatura.., e numa casa de fora...

Vítor deixou-os ainda falando, explicando-se e, envergonhado, tornou a entrar na sala. Madame de Molineux, de pé, conversava com a Tia do Tolomeu, mas,

vendo-o, dando uma volta, que fez ondear a sua longa cauda de seda, aproximou-se dele.

— Eu tinha o maior desejo de o conhecer — disse ela.

Vítor curvou-se, balbuciou algumas palavras vagas; sentia-a muito perto de si, de pé, direita, e do seu olhar, do seu corpo, dos seus cabelos, saía alguma coisa de tão forte que o fazia instintivamente recuar, como diante de uma fogueira muito forte. Recuou, inclinando os ombros, como enfraquecido.

— Seu tio tem um génio muito mau — disse ela, sorrindo, abaixando os olhos sobre o leque que abria e fechava, devagarinho.

Era um grande leque negro onde havia duas figuras esbranquiçadas numa vaga floresta azulada. Vítor dominou um acanhamento que lhe contraia a voz.

— É um pouco arrebatado, mas...

— Oh, eu perdoei-lhe logo — disse. — De resto, gosto de gente assim; é uma espécie de dom quixote; a defesa das viúvas e dos órfãos... — e teve um pequeno risinho cantado. — Tem uma bela cabeça. Como se chama?

— Timóteo, minha Senhora.

— Parece-se um pouco com Crémier, não o que fez as óperas-cómicas.... o outro que fez a República — e teve outro risinho.

Vítor olhava-a, enleado. A proximidade da sua carne atraía-o, como um magnete atrai o ferro; tinha vontade de lhe tocar na carnação esplêndida do seio, de passar, de leve, a ponta do dedo, para sentir como era.

Havia, numa mesa próxima, duas luzes que a iluminavam plenamente: o queixo, o nariz, nas saliências mais saídas da claridade, mostravam o seu desenho puro, macio, que a luz acariciava nas curvas, com uma suavidade adorável.

Vítor reparara muito nos ligeiros vestígios de pó-de-arroz; os seus beiços cheios, sanguíneos, de uma pele fina e lisa, como uma folha de rosa; tinha uma maneira quente, lânguida, de sorrir, abrindo-se devagar, como sob a ação de um crescente calor do sangue, e o seu peito erguia-se, descia, com um ritmo doce.

— Que idade tem o tio?

— Sessenta anos, minha senhora.

— Ele estamos aqui a conversar, de pé, como duas cegonhas.

E foi andando, direita, com um passo lento, sereno, os braços muito juntos ao corpo, as mãos unidas, tendo o leque meio aberto, numa atitude de quadro ou de retrato.

Sentou-se no sofá, muito estendida. Indicou a Vítor uma poltrona, ao pé. Naquela posição, o vestido,, muito colado, revelava as linhas gerais das formas e, desde o pescoço até aos pés, podia-se ter uma ideia de uma nudez.

— Sei que é um íntimo amigo do senhor Dâmaso — disse ela.

— Conhecemo-nos bastante...

Vítor considerava Dâmaso um imbecil; queria-se mostrar superior, tendo apenas com ele um contacto social.

— Encontramo-nos muito...

Então, ela falando devagar, com uma voz um pouco lenta, dando a certas entoações um cantado parisiense, começou o elogio de Dâmaso: «Era um excelente companheiro; tinha-lhe feito toda a sorte de obséquios; saíam a cavalo;

fora ele que lhe arranjara a casa; fora ele que trouxera as pessoas que estavam.»

E abaixando a voz, com um ar sério:

— Estou muito contente de ter um membro da Academia.

E olhou, com deferência, o velho Couto, que, só, na sua poltrona, estava meio adormecido.

— De resto, contava receber... Naturalmente demorar-me-ei todo o Inverno em Lisboa.

Falava devagar, examinando o leque; outras vezes, erguendo, por um momento lento, o olhar para Vítor; e de repente:

— Faz versos?

Vítor, admirado, quase envergonhado, não respondeu.

— Ah, pensei... — disse ela —, pois olhe, foi Dâmaso que me disse.

Dizia «Dâmaso», muito familiarmente!

Disse então as suas opiniões: ela adorava os poetas, os letrados. Monsieur de Molineux tinha sempre um ou dois a

jantar; os que podia receber; nem todos se podiam receber; havia alguns tão... — e procurou a frase.

— Tão sebentos — disse. E com um risinho: — Não sei se a palavra é muito chique. Estou muito esquecida do português.

Vítor, ao contrário, estava pasmado como ela não o esquecera.

— Ah, não seja lisonjeiro!

Os seus olhos, por um movimento lento, lânguido, envolviam Vítor.

Vítor então declarou que, se ele vivesse no estrangeiro, a sua primeira preocupação seria esquecer o português, Portugal, os Portugueses; corou mesmo um pouco ao dizer os «Portugueses».

— Nem todos, decerto — disse Madame de Molineux. E com um sorriso: — Se ela ouvisse isso?

— Que ela?

— Ela, ou elas, aquelas que...

Mas Dâmaso aproximou-se; esfregava as mãos; inclinou-se ao ouvido de Madame de Molineux, que se retraiu um pouco, dizendo:

— Bom Deus! Hão de imaginar que me estava a fazer declarações. Diga alto, meu caro. Que é?

— E que está pronto, hem? É laranja e morango; está delicioso: é da melhor neve que tenho tomado este ano.

— Dava um bom entendente, não é verdade? — disse Madame de Molineux para Vítor, mostrando Dâmaso, com o leque.

Dâmaso protestou que sim; estava pronto a servi-la, até como trintanário; e preparando a fisionomia para uma pilhéria mais fina:

— Mesmo como criada de quarto...

Mas, tomando um aspeto sério, falando baixo:

— Eu estou realmente envergonhado; estive para pôr casaca, hem, como o Vítor. Mas tive receio de me dar ares... Que ferro, hem?

— Fez muito mal. À noite, está-se sempre de casaca... E outra coisa, meu amigo, não se está de botas engraxadas.

Dâmaso olhou para as suas botas de vila, para os sapatos de verniz de Vítor, fez-se escarlate, enfureceu-se:

— Também tenho sapatos de verniz. Nós também sabemos, minha senhora...

Ia-se fazendo rubro. Mas ela, batendo-lhe com o leque no braço:

— Não seja mau — disse com um olhar que o acalmou. — E olhe, que venha isso lá de dentro; bem, são quase onze horas.

— Pronto, pronto. — E Dâmaso precipitava-se.

Voltando-se logo para Vítor, com um sorriso:

— Estava eu a dizer-lhe que ela...

— Mas, minha senhora — exclamou Vítor que perdia o seu embaraço, achava facilmente as palavras —, juro-lhe que não há ela; desejava bem que houvesse; nada mais sublime que...

Mas hesitou, vinha-lhe uma frase literária sobre o amor; receou ser pedante.

— Acabe. Quero saber o que acha sublime.

A sua voz era mais abafada; tinha-se endireitado no sofá, estava muito chegada. Vítor, que sentia o calor da sua pessoa, o aroma da sua pele:

— Há muitas coisas que eu acho sublimes. — E com uma audácia: — A beleza.

— A beleza é toda relativa; assim é possível que haja muita gente que ache aquela senhora com um enfeite escarlate... não me lembra agora o nome dela... muito mais bonita do que eu.

— Impossível — exclamou Vítor.

— Para si, talvez não...

— Decerto que não!

E os seus olhos encontraram-se. Mas, naquele momento, Carvalhosa atravessava a sala, com uma das mãos na algibeira do colete, olhando; e dirigindo-se a Madame de Molineux:

— Vossa excelência está decerto muito fatigada da sua viagem?

— Mas eu cheguei há mais de mês e meio — disse ela rindo.

— Ah, tem tido tempo de descansar — disse, metendo os dedos pelos cabelos. E aproximou uma cadeira, sentou-se, traçou a perna e o elástico usado da sua bota apareceu sob a calça arrepanhada.

— E como vai a política, em Paris? — disse.

— Bem — disse Madame de Molineux, embaraçada, constrangida.

— Os republicanos têm sido admiráveis. O último discurso de Gambetta era bom... Que eu não me entusiasmo; faltam-lhe imagens, o brilho, a eloquência, as flores. Mas, enfim, começa uma nova aurora.

— Perdão — interrompeu ela, com um sorriso. E erguendo-se, com um passo muito subtil, um lento ciciar da sua cauda, foi sentar-se ao pé da mulher do alferes, que corou, arredou a cadeira, empertigou-se, bem devagarinho, e fez «boquinha».

Carvalhosa limitara-se a segui-la com o olhar; e baixo, a Vítor:

— É estúpida esta mulher. Não sabe cavaquear!

E erguendo o sobrolho, arremessando os dedos através dos cabelos, foi outra vez, através da sala, para junto do pianista:

— O homem tarda — disse-lhe o ilustre Fonseca.

— Que homem? — perguntou Carvalhosa.

— Para a surpresa.

E com um ar desolado, arregalando os olhos, encolhendo os ombros:

— É segredo, ordens superiores.

Mas Dâmaso veio passar o braço pelo do Carvalhosa.

— Ó Carvalhosa, por quem és, menino, vai falar com o Pascoal Pimenta.

— Eu, falar com esse suíno? — gritou o outro, orgulhosamente.

— É bom rapaz, coitado.

— É uma besta.

E o Sr. Reinaldo, que, desde que Madame de Molineux se fora sentar junto à Tia, errava pela sala, embaraçado, procurando uma simpatia, uma conversa, não podendo bastar-se a si mesmo, vivendo sempre dos outros, veio logo perguntar:

— Quem é a besta, quem é a besta?

Carvalhosa fitou Reinaldo. Dâmaso viu que não se conheciam; fez logo as apresentações, muito cerimoniosamente.

— Tenho muita honra — disse Reinaldo, cumprimentando. — Tive o prazer de o ouvir na Câmara. Eu vou muito à Câmara. Ainda ontem lá estive.

— Interessa-se pela... — começou Carvalhosa, brincando com os berloques do relógio.

— Não. É que fui a acompanhar uma rapariga espanhola que estava com muita curiosidade. Há de conhecer... É da... — e falou-lhe ao ouvido: — A Lola — disse alto —, a Magrita.

— Ah, sim, sim — disse Carvalhosa, e afastaram-se, muito unidos, cochichando.

Vítor voltara ao gabinete de cretone azul; no sofá, isolado, estava Pascoal Pimenta; roía as unhas, bamboleava as pernas.

Vítor não o conhecia, mas, sentando-se, lançando uma baforada de fumo:

— A questão, há pouco ia-se azedando — disse.

— É um asno — disse Pimenta, friamente.

Mas então o poeta lírico entrou, acendeu o cigarro, sentou-se noutro canto; lançava o olhar viperino, por trás de umas lunetas áureas, ao jornalista, com os braços cruzados, os pés cruzados. E todos os três fumando como chaminés, estavam imóveis e calados, como ídolos. Mas a figura de Madame de Molineux apareceu à porta.

— Cuidei que tinham fugido! — E o seu olhar foi direito a Vítor, mas, voltando-se para o poeta: — Sabe que chegou a sua vez? Aquelas senhoras estão ansiosas por o ouvir.

O poeta curvava-se, dobrava o espinhaço, mas a um gesto de Madame de Molineux, atirou o cigarro e, com um movimento, veio oferecer-lhe o braço.

— Outro asno — murmurou o jornalista.

Mas sentiu-se um prelúdio de piano. Vítor entrou na sala.

O ilustre Fonseca, com a cabeça no ar, o olhar errante, à parte, por trás dos seus óculos que reluziam à luz, passeava as pontas polpudas dos seus dedos de merceeiro, de leve, sobre o teclado sonoro. Uma lenta harmonia velada elevava-se; as duas velas do piano, com um enorme morrão, vermelhejavam, e ao lado, de pé, o poeta lírico passava, um pouco trémulo, as mãos pela barba. Olhou em redor, fincou a luneta, tossiu.

Ele estava de pé, ao piano; os seus cabelos, que a luz fazia parecer um pouco castanhos, compridos, com pêlos caídos sobre a gola; a barba, atravessada pela claridade da vela, parecia mais fraca, como uma penugem de algodão, e suja; e num movimento do seu rosto pálido, os vidros defumados das lunetas tinham reflexos negros. E de repente disse:

— Contemplação-Visão. É o título do poema. — Tossiu, declamou:

*Tudo está lindo e calado.*

*Há crepes no horizonte.*

*A água que cai do monte*

*Geme no fundo do vale.*

*As aves vão emigrando*

*Pra os doces calores do sul.*

*Ébrias de luz e de azul*

*Vão fugindo ao vendaval.*

*Para que fugis para longe*

*O doces aves do céu?...*

E o poeta apostrofava os passarinhos, pedia-lhes o segredo do seu voo: o que os fazia fugir? Era a injustiça dos grandes? Era ver o talento humilhado? A poesia tornava-se

socialista, amarga. A voz do poeta tornou-se cava, e o ilustre Fonseca, procurando o pedal, com o gesto ansioso, bateu os bordões graves do teclado. Aquilo tornava-se lúgubre. Mas então, de repente, o poeta sorriu e, como uma aberta num céu de Inverno, saiu-lhe da boca, com o seu som fanhoso, uma estrofe alegre: a estação mudara; a neve tinha derretido; flores rebentavam:

É Primavera, é verdura. Tudo sorri: céu e terra. Cansados de infernal guerra. Cantam o espesso árvoredo, As margaridas no prado; As virgens falam de amor E está debruçada a flor, Dizendo ao lago um segredo!

— Muito bonito, muito bonito — disseram vários.

Mas então o poeta voltou a enlutar-se; a voz escureceu-se. O ilustre Fonseca procurou o pedal; um acompanhamento semelhante ao dobre dos finados ecoou na sala; os olhos da mulher do alferes alargaram-se com cintilações piedosas. E o poeta disse as suas amarguras; naquela festa da natureza só ele estava triste; desprezava o mundo, não via nele senão fel; desprezava os potentados, exércitos, o brônzeo canhão; preferia a tudo a singela violeta.

Mas de repente a poesia encheu-se de alegria; uma felicidade transbordava das estrofes, como de taças cheias, escorria pelas rimas. O que o consolava? O quê?

Porque sinto este meu peito. Que era um campo ressequido Tornar-se prado florido...

E todos esperavam, ansiosos, a explicação daquela felicidade. Mas então a porta abriu-se; dois homens entraram. Dâmaso fez-lhes «chut», com um olhar ansioso, o dedo sobre o nariz acachapado. E os dois homens ficaram imóveis, encostados à parede; um vestido de baile, com o hábito de Cristo, era o Marinho, que se mexia, encostado à parede; o outro era um homem alto, corpulento, de uma palidez de mármore, grandes cabelos luzidios. Deitava-os para trás, compridos; um chapéu, de parte, de cetim; o bigode levantado; todos os movimentos de um cantor e as atitudes de um charlatão.

Foi logo muito olhado. Cochichou-se baixo. O poeta percebeu que a atenção lhe fugia por entre as estrofes, como uma pouca de água por entre os dedos. E procurava cravar o interesse; o que o consolava? ELA!

Via-a numa noite doce, Em que o rouxinol cantava, E todo o céu se estrelava, Luminoso pavilhão:

*Era Sintra! Sinto ainda*

*O doce correr das fontes*

*E a sombra nas nossas caras*

*Das árvores do Ramalhão.*

A poesia tornava-se indiscreta: Roma cantava passeios comprometedores, apelava para os astros, para os balcões:

*Não revelem o segredo,*

*Ó relvas do prado ameno!*

Mas, ao seu ver, embruteciam-se. O ilustre Fonseca procurou o pedal; o Roma voltou às estrofes de desdém:

*Tudo findou. Sobre a terra.*

*Erro, sombra fugitiva.*

*Tudo odeio: a flor mais viva*

*É para mim flor de Averno.*

*Por mais que as fontes murmurem.*

*Que a aragem brinque no ar*

*Que haja na terra verdura,*

*Para mim é tudo Inverno!*

— Bravíssimo poeta! — disse o homem corpulento. E logo João Marinho, adiantou-se, com ele pela mão, e curvou diante de Madame de Molineux. Disse logo que era o barítono de S. Carlos, o Sarrotini. Havia grupos, um rumor; o criado entrou com a pira da neve.

Roma ia recolhendo elogios: a Tia do Tolomeu pediu-lhe uma cópia; o Sr. Reinaldo achava lindo, para pôr no fado. Pois eram acordes; que era melhor que o Sr. Vidal. E Roma

saboreava o seu triunfo, quando entrou no fumoir, onde o Pimentel dizia ao lanceiro:

— É uma série de ninharias, como tudo o que faz o Roma.

Este esteve para fazer um escândalo, mas manteve-se furiosamente.

Dâmaso encontrou-o no corredor, vestindo desesperadamente um gabão de Aveiro.

— Vais-te embora? Que é?

— Não, não me quero perder. Se fico, racho aquele insolente daquele perdigueiro.

Dâmaso quis acalmá-lo:

— Ó menino, ó menino — dizia.

Tirou-lhe o gabão e disse-lhe:

— Mas olha que há ceia.

Com aquela certeza, o Roma ficou, tornou a entrar na sala.

Mas o Sarrotini, de pé, no meio da sala fazia sortes de prestidigitação. Com a manga da casaca arregaçada,

pedindo, a todo o momento, um ovo ou um limão. Havia um círculo de admiração. Dâmaso precipitava-se; aparecia rindo, estava radioso e, de vez em quando, baixo a Vítor:

— Está uma bonita soirée. Um ferro, de não ter trazido casaca.

Depois, Sarrotini imitou o zumbido de uma mosca; fingia-se perseguido por ela, angustiado; batia palmadas no cachaço, seguia pela sala em bicos dos pés e, com a sua mão concavada, com o braço estendido, queria caçá-lo no ar. E no silêncio, o zumbido monótono, aparecia fino e assobiado, ou grosso, como um ralo; volteava, zumbia; pousava um momento; voltava ao seu ruído impertinente, através da sala. Houve muitos aplausos. Sarrotini tornou ao centro. Então foi fazer de charlatão, falando meio italiano meio espanhol, com grandes gestos de pantomima e pilhérias de palhaço, a comprida aba da sua casaca flutuando, um olhar impudente, imitou vozes de animais, torceu um vintém entre os dedos, contou anedotas da campanha da Sicília; fez a paródia de personagem célebre e, como era garibaldino, imitou uma cena, entre o papa e Antonelli em que um defendia as mulheres gordas o outro

as magras. Declarou-se republicano. Em redor estava-se atónito. Carvalhosa, então disse, no silêncio:

— O papado, com efeito, é a chaga da Itália. O papa é a treva.

Sarrotini olhou-o, pediu a tradução e, reconhecendo naquela pessoa a alma de um patriota, veio abraçá-lo, dar-lhe palmadas nas costas; declarou-lhe ao ouvido que era carbonario.

Quis, então, cantar A Marselhesa. Rolou: Alons enfants de la Patrie! Um entusiasmo rumoreava, apossava-se do poeta Roma, que gritou com voz firme:

— A Marselhesa, A Marselhesa!

Mas Madame de Molineux interveio. A Marselhesa, não! Detestava-a. Fez-se um silêncio.

— A Marselhesa, não. É uma cantiga que detesto. Lembra-me o povo. Outra coisa, outra coisa.

Parecia muito assustada, como se ouvisse uma fuzilaria insurreta. E veio tomar o braço de Vítor.

— Como estão animados, agora, bem!

E sempre pelo braço de Vítor, aproximou-se do velho Couto e, com um sorriso muito deferente, com respeito:

— Foi por uma consideração também que não quis que cantassem A Marselhesa; nada mais desagradável no ouvido do conservador.

— Não. Passou — respondeu o Couto, que entendera só «dor». — Hoje estou melhor. O que tenho ainda é um bocadinho de lumbago.

Ela calou-se um momento.

— Então, tem estado doente? — perguntou, com a voz muito alta, Vítor.

— Muito, a minha ciática.

Madame de Molineux, inclinando para ele:

— Decerto, com os seus trabalhos literários.

— Hem? — e o surdo fez uma visagem.

— Com os seus trabalhos literários — disse Madame de Molineux.

— Ah — disse o Couto —, essa tolice já lá vai! A que horas é que é o chá? Madame de Molineux sorriu e afastando-se com Vítor.

— É um grande escritor, creio. É da Academia. Vítor ia explicar-lhe que a Academia em Lisboa não é a Academia em Paris, mas ela ia-o levando para o gabinete. O jornalista fumava, só, e, quando os viu, ergueu-se, pousou o cigarro numa bobeche de um castiçal, e saiu com um cumprimento de lado.

— Sinto que os afugentemos — disse Madame de Molineux.

Ele resmungou, fez-se vermelho, terminou o cumprimento de lado.

— Eu já pedi ao senhor Dâmaso para fazer assinar o jornal onde escreve. É O

Povo.

— O Povo — disse ele. Cumprimentou outra vez, mais vermelho, saiu. Abafava.

— Madame de Molineux, rindo-se, começou logo:

— Fazer de dona de casa, receber, fatiga-me. Aqui não, que são meia dúzia de pessoas, mas em Paris... Ah, nem imagina — e tomando uma atitude melancólica: — E tão secante a vida de sociedade!

Vítor parecia-lhe que, todavia, Paris...

— Oh, Paris. Paris! Visto de largo, decerto, mas quando se é obrigada a viver naquele turbilhão...

E depois de uma pausa:

— Estou com vontade de me enterrar aqui, em Portugal, numa aldeia.

E olhou para Vítor, um pouco de lado.

— E há-as muito bonitas — disse Vítor —, tendo-se uma bonita casinha.

— E sendo-se dois — disse ela.

Mas João Marinho apareceu, a perna bamboleando batendo com a claque nas pernas, todo risonho, movendo muito a cabeça, em ondulações:

— O nosso homem vai cantar.

E arredondou o braço para Madame de Molineux. Vítor seguiu-os.

Ao pé do piano estava Sarrotini, com a sua alta estatura aprumada, e depois que o ilustre Fonseca batesse alguns compassos, a sua voz poderosa, cheia, de barítono, encheu a sala, dando a tudo uma vibração única. Era a ária de Lucrécia Bórgia. Tinham disposto, instintivamente, as cadeiras em plateia, e arqueando os braços, rolando os olhos, o barítono atirava as suas notas fortes, inclinando um pouco a cabeça, o que mostrava um pouco do seu pescoço branco, cheio, forte, que a mulher do alferes olhava freneticamente e que a do turbante vermelho olhava de revés.

Foi muito aplaudido e recomeçou logo com a ária de Dinorah. Estava em «veia». Tinha tomado agora uma atitude séria, romanesca; o charlatão mudara-se herói e, a cada momento de uma pausa, limpava o canto da boca a um lencinho de cambraia bordado.

Teve uma ovação; ele agradecia comovido, curvando-se como em S. Carlos. E pediu logo a Madame de Molineux que cantasse. Ela recusou: «Não, não.»

Sarrotini atirou-se de joelhos. Todos riram. E Sarrotini, arrastando-se no chão, com as suas mãos erguidas, diante de Madame de Molineux, que sorria, recusava e, com jeitinhos de cabeça: cantava uma velha melopeia napolitana, Preguiami la Madona.

João Marinho reuniu a sua voz áspera e quebrada àquela súplica cantada. Todos riam.

E Dâmaso, triunfante, esfregando as mãos, baixo, a Vítor:

— Isto vai-se tornando uma orgia.

Enfim, Madame de Molineux aproximou-se do piano. Dâmaso bateu logo as palmas; todos bateram as palmas, saltaram as palavras. João Marinho acenava com um lenço, como uma ovação pública.

— Bem — disse ela.

Fez-se silêncio.

— Eu não sei de cor senão a balada de Ofélia, da ópera de Ambroise Thomas, Hamlet. Se lhes serve...

— Bravo, bravo — gritaram.

Carvalhosa curvou-se para Vítor:

— Hamlet! Que profunda obra! — To be, or not to he!

— recitou, arregalando os olhos.

Mas a voz de Madame de Molineux elevava-se, forte veemente, como um cristal, justa, um pouco frouxa nos tons baixos; cantou:

*Pâle et Blonde*

*Dort sous l'onde profonde*

*La wíllis au regarddefeu*

*Que Dieu garde*

*Celui qui s'attarde*

*La nuit, autour du lac bleu!*

Vítor nunca ouvira nada mais delicioso; aquela música vaga, penetrada de ternura poética, de legenda melancólica, resignada, dava-lhe a visão recuada de uma terra legendária. Devia ser um nevoento país escandinavo, de terras baixas, cheio de árvoredo; ali um lago dorme e,

numa exaltação mística do lago, balançam as formas indefinidas de willis e das ondinas; as pedras de um velho castelo escandinavo esbatem-se na névoa; em som triste arrasta-se uma nota igual, de um canto choroso.

Ou então, desejava estar longe dali, naqueles países do Norte, onde as mulheres são altas e têm os olhares azuis; devia ser num parque nobre e triste, onde os abetos do árvoredo põem uma sombra húmida; uma aragem salgada paira no ar; o Báltico anila-se. E no longo terraço edificado por algum velho pescador, paira, leve como uma pena, calada, cismando, toda envolvida no ar frio, uma princesa da raça dos Suécios uma filha de rei, uma Ofélia...

Mas, na pausa, antes da segunda estrofe, os olhos de Madame de Molineux pousaram-se nele; e de repente, sem motivo, sentiu um orgulho, uma felicidade de viver, uma plenitude renascer; teve quase vontade de chorar.

Mas aplaudia-se Madame de Molineux; havia tumulto, quase; ouviam-se apreciações: «divino», «maravilhoso».

— Tem uma fortuna na garganta! — dizia com grandes gritos o Marinho.

E Carvalhosa dizia com autoridade:

— Tem o sentimento!

O alferes afirmava que era uma mulher de fazer endoidecer.

Ela no entanto, tremendo um pouco, como que cansada, fora sentar-se.

Dâmaso veio ao pé dela e falando-lhe quase ao ouvido:

— Cantaste como um anjo.

Naquele momento, Vítor olhava-a devoradoramente.

— Já lhe disse que não quero que me trate por tu.

Dâmaso ficou «picado».

— Ora essa! Mas parece-me que...

— Que durmo consigo, na verdade? — E encolhendo os ombros. — Pois bem, não é uma razão.

O criado veio bradar que a ceia estava na mesa. Fez-se um rumor de cadeiras, Madame de Molineux, com uma grande majestade, foi tomar o braço do ilustre Couto. O velho fabulista dormia; tiveram de o acordar, avisá-lo. Meio

estremunhado não compreendia. Todos esperavam de pé, calados.

Dâmaso puxava-lhe pelo braço e, depois de gemer, resmungar, tossir, cabecear, o velho fabulista equilibrou-se sobre as suas botas espalmadas, com joanete decrépito, e foi, com o passo arrastado, trémulo, pelo braço de Madame de Molineux.

Os outros seguiram. O jornalista foi o último; a sua bílis crescera, estava humilhado, furioso, mas não queria perder a ceia e, escarrando no chão, foi andando, bruto, com as mãos atrás das costas.

Às duas horas da manhã, a ceia findara, Madame de Molineux estava esquecida com uma grande conversa com Vítor; tornavam-se expansivos. Vítor dizia-lhe as suas ocupações, as suas simpatias, as suas opiniões.

— Sou republicano — disse ele.

Ela repreendeu-o brandamente: devia ser pelo seu rei, pela religião. A religião é o primeiro dever de um homem bem-educado; não era possível ser-se de sociedade, ter chique, sem a religião. Depois ocuparam-se dos outros,

analisaram certas figuras ridículas; o jornalista que comia, calado, hirto, despeitado, levando a faca à boca; o poeta, que devorava com sofreguidão, estendendo o braço por cima da mesa, partindo o pão com a faca; o Sr. Reinaldo, que, conversando com a mulher do alferes, limpava as unhas com um palito. Riram, cochicharam, beberam. Marinho ficara ao pé da mulher do turbante: estava furioso; cravava em Madame de Molineux olhos desesperados. Uma velha grunhia, não respondia; viera com a mulher do alferes e, durante toda a noite, tivera apenas umas palavras salientes. Madame de Molineux perguntou-lhe se tinha ceado bem.

— Estou entupida — disse com uma voz de papo.

O Couto comia ainda, abatido na cadeira, o braço estendido em cima da mesa, fazendo com os dedos velhos cartilaginosos, que saiam de uma comprida manga de canhão, bolinhas de pão que, da polpa dos dedos, lhe saíam negras. E Dâmaso, atarefado, sempre a levantar-se, falava baixo ao criado: indo à cozinha, aparecia com garrafas debaixo do braço. Estabelecia claramente que era ele... segundo expressava a mulher do alferes... que era «ele

quem pagava a despesa». E então, com o Sr. Reinaldo, numa longa suposição de «quanto lhe daria por mês».

Mas quem mostrava uma felicidade exuberante era o ilustre Fonseca; o Sarrotini chamava-lhe «maestro«; todos começaram a chamar-lhe «maestro«; o ilustre Fonseca estava rubro de glória. Disse, alto, uma ocasião a Sarrotini:

— Tu, com o teu grande génio...

Sarrotini respondeu:

— Falando de génio, quem o tem mais farto que lei?

O ilustre Fonseca inclinou-se, grave. E de uma extremidade da mesa à outra diziam:

— O meu génio, o teu génio, o nosso génio...

Houve a ideia de cantar uma canção, com acompanhamento nos pratos, logo Sarrotini, já avinhado, surgiu, numa firme garibaldina:

*Entremos na Roma Santa,*

*Montaremos ao Capitólio.*

— Não, não — exclamaram. — Não queremos uma canção política.

Desejava-se alguma coisa de ligeiro.

— Além disso — gritou Vítor, que estava já alegre —, a canção não tem razão, já que os italianos entraram em Roma.

Aquela observação exaltou Sarrotini. Ergueu-se, fazendo no movimento cair a cadeira, veio a Vítor, com o olhar inflamado, e dobrando com as suas fortes mãos a cabeça para trás, deu-lhe um beijo na testa; houve um alarido.

— Proponho que não se beijem senão as damas! — gritou Marinho. — Este signor é bastante formoso para se poder beijar.

Todos olharam um momento Vítor com uma cor no rosto, o olhar aceso pela proximidade de Madame de Molineux, pelo Veuve Clicquot, um sorriso voluptuoso nos lábios. Estava realmente, como disse baixo o Reinaldo:

— Um rapaz de fazer furor!

Madame de Molineux olhou-o e o seu olhar alargou-se, escureceu: o peito arfou-lhe e, com a passagem aguda de um desejo, deu um tremor nervoso às pálpebras.

Ficou calada, mas tinha um certo sorrisinho fechado que, do lado esquerdo, levantava o beiço, deixava ver uma claridade de dentinho.

Mas Marinho não cessou de gritar:

— Proponho que não se beije senão as senhoras.

— Tem medo que o ataquem — bradou, rindo muito, o Reinaldo.

— Que comece pela vizinha — dizia Dâmaso, cumprimentando.

Aquelas palavras, a do turbante vermelho ergueu-se furiosa: saiu da sala. Dâmaso precipitou-se; Madame de Molineux, a mulher do alferes e, em volta dela, falavam explicavam:

— Que tonteria! É uma brincadeira.

— Eu sou uma mulher de bem, eu sou uma mulher de bem — disse sufocada.

Enfim trouxeram-na de novo, sentaram-na. Estava apoplética; os olhos luziam- lhe com laivos sanguíneos.

Mas então Dâmaso ergueu-se, foi falar baixo a Carvalhosa. Carvalhosa teve um sorriso, aceitou. E dali a momentos Dâmaso vindo sentar-se e batendo com a faca no prato, fortemente:

— Peço um silêncio, meus senhores.

E com o copo em punho, Carvalhosa, majestoso, ergueu-se.

Todos se calaram. O deputado estirou os dedos por entre os cabelos, limpou-os bem com o lenço que arremessou para cima da mesa, mexeu no prato, na faca, com vivacidade de quem espalha apontamentos num rebordo de tribuna, e disse:

— Eu não estava preparado para falar, mas o meu ilustre amigo, o senhor Dâmaso, veio-me pedir para ser o intérprete dos sentimentos de todos nesta noite festiva, para com a nossa graciosa anfitriã.

Fez uma pausa, olhou em redor, levou à boca a taça de champanhe. Uns escutavam, com os cotovelos sobre a

mesa, roendo os palitos; outros com os olhos baixos, como no sermão. Sarrotini tinha a fisionomia esgazeada; Madame de Molineux sorria, imóvel.

— Vossa excelência vem de Paris — continuou ele na sua apóstrofe. — Decerto não pode encontrar aqui os esplendores do Bulevar, o luxo do Grand-Hotel, a vida infrene do Bosque de Bolonha.

Madame de Molineux, ao ouvir falar do luxo do Grand-Hotel, retomou uma fisionomia pasmada com o violento disfarce de um riso.

— Nós somos pobres, mas gloriosos…

— Apoiado — murmurou o Fonseca.

— Se não podemos rivalizar em luxuosas exibições, mostramos à Europa o espetáculo de uma paz constante e a persistência de um trabalho propício. E cuide vossa excelência que as nossas glórias não são pequenas. Cuide vossa excelência.

Madame de Molineux, tão diretamente interpelada, corou. Mas Carvalhosa tinha retornado:

— Não brilham como faróis, aquecem como chamas.

— Muito bem, muito bem — disse o poeta. — Que riqueza de linguagem!

Carvalhosa, escarlate de prazer pela conceção daquela frase, repetia:

— Brilham como faróis.

— Perdão — disse Vítor —, aquela senhora está incomodada!

Todos olharam a mulher do turbante vermelho. Parecia ansiada, ofegava, os olhos reviravam-se-lhe e, de repente, caiu, com a cabeça pendente, para os braços do Marinho. As senhoras ergueram-se, os homens precipitaram-se, e Carvalhosa, lívido, o copo de champanhe na mão, olhando em redor, com o olhar desolado, de pé, o gesto da mão esquerda suspenso e imobilizado no ar... esperando.

Mas a sala estava vazia. Todos tinham saído para o salão grande; já se ouvia o piano. O poeta lírico, diante de um pudding, servia-se brutalmente, um pouco bêbado. E vendo Carvalhosa:

— E tu ilustre orador, ficaste reticente?...

Carvalhosa, furioso, atirou-lhe uma obscenidade, foi vestir o paletó e saiu.

O criado, que iluminava, observou:

— Há o café, agora.

— Obrigado, que o bebam! — e desceu a escada, com um passo enraivecido.

No entanto, no quarto de Madame de Molineux, a do turbante vomitava. Tinham-lhe feito chá verde, mas a indigestão rebelde enfartara-se, irrompera pelas goelas, com grandes jatos. E na sala ouvia-se uma valsa que tocava o ilustre Fonseca. Sarrotini e Dâmaso valsavam.

Mas enfim, tinham conseguido dominar a indigestão da mulher do turbante. Mélanie levara-a para o quarto de Miss Sarah, para descansar um bocado, desapertar. E Genoveva, diante do espelho, dava um jeito no cabelo, quando Vítor apareceu à porta; vendo-a só, retirou-se.

— Vinha saber se a senhora estava melhor...

— Entre, entre — disse Genoveva. — Faz-lhe medo o meu quarto? Não é a caverna do grande salteador da Calábria...

— Vítor entrou devagar, como numa igreja, e logo as cortinas do leito, o sachet de cetim azul, o faiscar dos frascos, um roupão de seda pendente, as luzes que se derretiam nas bobeches, tudo o prendeu, o imobilizou, e fazia como laços de uma malha a que uma vida se prende. Ficou tão perturbado que apenas pôde dizer:

— Está muito bem instalada aqui...

Ela riu, com o seu riso cantado.

— Que bem?... Nem diga isso! É um quarto de aluguel, é um quarto banal. Nem sei como posso dormir... Tive de comprar colchões de penas, um sommier de molas, senão, não podia.

Aqueles detalhes caíram na alma de Vítor como o cair perturbante de um vinho generoso. E olhou avidamente os mesmos detalhes, como para surpreender, nos móveis, no toucador, vestígios de uma beleza descoberta, de uma abertura no robe-de-chambre, alguma coisa da sua nudez e os seus pensamentos.

Madame de Molineux continuou, diante do espelho, a arranjar o cabelo, a pôr pó-de-arroz, a bulir nas pulseiras; o seu peito arfava apressadamente; o seu olhar escuro reluzia e o seu perfil, que Vítor via à luz do espelho, fazia rebrilhar claridades de uma doçura em que via, nas pálidas alvuras da sua pele, um esplendor animado.

— Queira-se sentar-se, sente-se — disse ela. — Tem além cigarros. Pode fumar. Eu não me importa o fumo no quarto. São chegados de Paris; Phersali forte.

Vítor tomou um cigarrinho e foi acendê-lo à luz do toucador; aproximava-se de Genoveva, quase lhe roçou o cotovelo, não diziam nada. Fora, na sala, sentia-se o ruído do piano, risadas, uma valsa incessante que fazia oscilar o soalho velho.

Dentro de um vaso, estava um primor de camélias, Vítor pôs-se a gabar-lhas. Ela, calada, passou o pente, que retomara e, sem se voltar para ele, escolheu uma vermelha, tirou-a do vaso e, voltando-se, meteu-lha na casa da casaca.

Os olhos de Vítor devoravam, por um momento, encontraram-se com os de Genoveva; e os dela, ao fixarem

a flor, tremiam, e disse, com a voz ligeiramente perturbada:

— Não a vai perder, hem?

Vítor teve uma audácia e disse com a voz tremendo, pesando as palavras, com um mordente apaixonado:

— Vou guardá-la para sempre!

Ela teve logo um risinho:

— Que tolice! Ah, mas o senhor é poeta, esquecera-me.

E acabando de lhe pregar um alfinete na casaca, afastando-se, a camélia ainda nos seus dedos:

— Aí está! Condecorado. É a minha Ordem; é a Ordem da Camélia Vermelha. É o meu cavaleiro. Voilá!

Mas então, uma labareda de paixão abrasou Vítor; sentiu a cabeça voltar-lhe, estendeu desesperadamente os braços para ela; exclamou:

— Oiça!

Ela recuou, bateu-lhe ao de leve com o leque nos dedos e, como surpreendida:

— Que é isso?

Ele ficou petrificado, vermelho. E ela adiantando-se:

— Vamos valsar — e tomou-lhe o braço.

A porta abriu-se neste momento e a voz de Dâmaso exclamou:

— Que é isto aqui:

Madame de Molineux, direita, com o peito alto, perguntou-lhe com uma voz singularmente fria e altiva:

— Isto, quê?

— Esta cavaqueira… Assim desaparecem… — balbuciou.

Ficara à porta, pálido, diante dela.

— Get out of the way! — disse ela, com desprezo, acenando com o leque, impaciente, como para repelir um cão.

Ele afastou-se, com os beiços trémulos.

— Sabe inglês? — foi perguntando Genoveva, tranquilamente, a Vítor.

Ele teve uma solução suprema:

— Só uma frase.

— Qual? — perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

— I love you.

Madame de Molineux voltou à sala, abriu o leque, abanou-se rapidamente, não respondeu. E erguendo a voz:

— Maestro! A valsa da Madame Angot.

E começaram a valsar: iam tão rapidamente, que parecia a Vítor, pouco acostumado, que a casa girava como um disco; sentia o corpo forte dela vergar-lhe nos braços, a sua mão carregava-lhe no ombro e, com a cabeça um pouco baixa, o leque na mão, volteava, de um modo doce e ondeante, e a longa cauda do seu vestido varria em volta o espaço e, quando parava, impelida ainda, enrodilhava-se nas pernas de Vítor. Ele ficava a arfar; ela, sorria, vermelha, como luminosa.

E viu, diante, o lanceiro, os rins saídos, volteando, volteando, levando nos braços, a Tia do Tolomeu. Então, o Sarrotini valsava com o Sr. Reinaldo… Não: pulavam.

O ilustre Fonseca apressara o compasso e o poeta Roma, ao pé do piano, avinhado, cantava a valsa, improvisando:

*Valsam, valsas,*

*No delirante giro.*

E no fumoir, o velho fabulista, espapaçado a um canto, roncava.

No entanto, Dâmaso, sentado, seguia Vítor e Genoveva, com olhos furiosos; porém Genoveva parou, um momento, junto dele:

— Que fúnebre que está! Dance. Distraia-se. Esses desgostos envelhecem-nos!

Ele ergueu-se furioso:

— Que graça! — murmurou e, com um olhar de rancor, afastou-se.

— Idiota! — murmurou Genoveva.

Vítor ouvira e concebeu daquelas palavras uma esperança imensa, um deleite extraordinário. Arrastou-a à valsa; mas ela parou e, voltando a dar o braço, indo, com

um passo nervoso, a Dâmaso, que estava encostado a uma umbreira, com o aspeto feroz, disse-lhe rapidamente:

— Está a ser excessivamente ridículo, percebe? Se não puder dominar esses ares lúgubres de tragédia, agarre o seu paletó e vá-se.

— Mas, para que estavas tu...?

— Já lhe disse que não me tratasse por tu.

— Bem, boas noites — disse ele, furioso. E ia sair.

— Escute! Leve-me aquele académico, aquele sábio que está a ressonar! Vão, vão!

Dâmaso, que prometem reconduzir o fabulista, foi acordá-lo brutalmente, pô-lo de pé, estremunhado, gaguejando; sacudiu-o, agarrou-o pelo braço, levou-o para o patamar. Ele e o criado vestiram-lhe uma capa de gola de veludo; e Dâmaso, arrastando-o pela escada, meteu-o dentro do cupé, como um fardo e batendo com a portinhola, furioso:

— Para casa deste senhor! — gritou. — Cocheiro, a Jesus!

Em cima, as janelas flamejavam. Acordes de piano ouviam-se; sentiam-se risadas; e enterrando-se no fundo do

cupé, Dâmaso ruminava a sua cólera. Aquela desavergonhada! Já de namoro com o outro! E que modos! « Que tom! « Como se fosse uma senhora. Uma reles prostituta. Uma chupista! E ele a meter-lhe dinheiro no bucho!

— Bonita festa — disse a voz do Couto, que mascava em seco.

— Muito bonita! — disse Dâmaso, com rancor.

## CAPÍTULO V

Vítor da Silva voltou da soirée de Madame de Molineux a pé, sentindo-se como levado por alguma coisa profunda e doce, que vinha da sua alma e que o enchia, como o vento faz a uma vela. O nevoeiro dispersava-se, estrelas brilhavam, um ventozinho frio errava. E batendo o passeio, com passos nervosos que levantavam um eco nas ruas desertas, Vítor procurava lembrar-se de todos os detalhes da soirée e continuá-la pelo pensamento, para sentir renovar as sensações que ela lhe dera; mas tudo se perdia, confusamente, afogado no brilho da figura de Genoveva.

Ora toda a sua pessoa, ora reaparecia diante dele, mandando-lhe a fulgurância total da sua beleza que o fanatizava; ora eram fragmentos dela que, de repente, resplandeciam na noite escura: os seus ombros cheios onde o vestido fazia uma prega; o seu busto, tão elástico, cujos movimentos faziam ranger a seda; ou a pele maravilhosa do seu antebraço nu, ou as sombras que corriam no seu queixo, redondo e firme; certas ternuras da sua voz

estavam-lhe ainda no ouvido, como uma prolongação melodiosa e expirante, e ouvia os seus risos sonoros, como repercussões argentinas. Sentia-se feliz, cantarolava baixo; sentia uma abundância de vida correr-lhe no sangue, mil energias erguê-lo, impeli-lo, como se as excelências da sua alma, do seu carácter, adormecidas dentro dele, por falta de um impulso de excitação, tivessem acordado à voz de Genoveva, e à influência do seu olhar e se pusessem, ao mesmo tempo, a reclamar ação e movimento.

Que fora a sua existência, até ali, senão um lento atravessar de um subterrâneo infindável, num sonambulismo espesso; mas agora, de repente, via desenrolar-se diante dele, toda uma vida, luminosa, cheia, amaciada de doçura, que ele atravessaria com Genoveva, de um modo contínuo e delicioso, num encanto crescente... porque não duvidada que ela o amava. Resumia todas as provas: a camélia vermelha ali estava; e todas as palavras que ela murmurara; as meias intenções, os olhares, as alusões; sentia então um orgulho imenso.

Genoveva parecia-lhe quase divina, embelezada por todas as cidades em que vivera, todas as ilustrações que

conhecera, todos os prazeres que gozara; uma civilização poderosa, rica, completa, refinada, criara-a, aperfeiçoara-a e penetrara-a, enchera-a de uma mesma maneira requintada. E aquela criatura perfeita amava-o!

Ela que conhecera tantos homens, cativantes pela beleza e dominantes pelo génio... amava-o a ele; e sentia-se como num pedestal, muito alto, na vida.

Como a cidade, em redor, lhe parecia mesquinha; e todos aqueles homens nas casas escuras, adormecidos nos braços de mulheres triviais, dignos de compaixão e subalternos.

Jurou tornar-se digno dela: ter toilettes elegantes; ler todos os romances, todos os dramas, para se penetrar do espírito, da graça moderna, saber manejá-la como um florete. Escreveria versos, pediria dinheiro ao tio Timóteo. E quando entrou no seu quarto, foi-se contemplar ao espelho, calmo e formoso; arranjou os cabelos. Em que teria ela reparado, na sua fisionomia? O que lhe agradava? Era o seu cabelo preto, anelado, os seus olhos rasgados e quebrados? O seu buço tão simpático, tão macio? A sua pele, que tinha o leve tom de um pálido marmóreo?

E não se resolvia a despir-se, a calçar as suas chinelas, como se, tirando a sua casaca e os seus sapatos de verniz, viesse o encanto da sua pessoa e da soirée a desaparecer.

Teve um acordar de namorado, ressentindo logo a recordação dela invadir-lhe a alma, com a doçura de um beijo maternal; e, apertando os braços contra o peito, abraçava-se a uma imagem, com toda a sorte de pensamentos ternos.

Nunca o dia lhe pareceu tão lindo; tudo tinha uma luz radiosa e uma sonoridade festiva; uma vaga languidez errava no ar. Almoçou na cama e, recostado num travesseiro, fumando cigarros, perdia-se em suposições de episódios de felicidade. Via-se passeando com ela, em Sintra, muito unidos, sob o árvoredo murmuroso, ao frio som de água corrente; ou no seu quarto, ajoelhado aos seus pés, enrolando e desenrolando um dedo a umas tranças loiras. Nada de impuro ou de libertino lhe passava no espírito; a agudez do desejo quase desaparecia, sob a doçura do amor, e mesmo era castamente que se via beijando brancuras da sua nudez, com beijos pequeninos, devotos, refletidos, extáticos.

Vestiu-se devagar e quis compor um poema, mas, depois de torturar o cérebro, apenas pôde produzir dois versos:

*Ontem, nos giros de uma valsa ardente,*

*Senti teu corpo vacilar, tremer...*

E como a manhã lhe parecia admirável, tomou o chapéu e saiu.

Tinha uma vaga esperança de a encontrar. Naturalmente não foi ao escritório; tinha horror à Rua do Arco do Bandeira, ao Dr. Caminha, à figura plácida do procurador. Ah, não! Não lhe faltava mais nada senão enclausurar-se na caverna dos autos! Não nascera para isso. Era um homem todo de literaturas de sensação, de romances, de poesia. Ao diabo o papel selado. Ia escrever um livro, é o que ia fazer. Dedicar-lho-ia, a ela.

Mas, depois de ter errado pelo Chiado, pela porta do Alves, pela Rua do Alecrim, pelo Aterro, outra vez pela

porta do Alves, não a viu, O dia parecia-lhe entristecer-se, como um retirar-se das cores, um vago encanto ambiente.

E ao outro dia, não se conteve, dirigiu-se, muito nervoso, à Rua de S. Bento. Genoveva tinha-lhe dito que estava sempre em casa da uma às três; e tremia quando sentiu a campainha retinir no corredor.

Foi Mélanie que veio abrir, e o alvoroço dela, correndo logo, dizendo: «Ah, é o senhor», deu-lhe o sentimento vaidoso de que era esperado.

Encontrou Genoveva languidamente deitada no sofá da sala, com um livro na mão. Ergueu-se sobre o cotovelo, pediu-lhe desculpa de o receber assim, mas estava doente, desde a véspera e, deixando cair o livro no tapete, com um gesto desfalecido, indicou-lhe uma cadeira, ao pé, perguntando:

— Então que há de novo?

Vítor ficou muito embaraçado. Estava vestida com um largo roupão de pano azul, amplo, que fazia pregas largas, soltas sobre o seu corpo, desenhando os seios, a curva cavada da cintura; os seus pezinhos cruzados, calçados de

meias pretas, tinham sapatinhos de verniz. Parecia pálida e, com a cabeça comprimida sobre um travesseiro de grandes rendas, destacavam-se os olhos que, cercados de umas olheirazinhas cor de bistre, com um destaque negro, sobre os tons louros e brancos, voltavam-se para Vítor, de um modo dolorido e curioso.

— Que tem?

Dizia-se fatigada, com um vago mal-estar; um pouco indisposta do estômago. Pediu-lhe que chamasse Mélanie e, quando ela apareceu, com as mãos nos bolsos do avental branco, engomado, pediu-lhe, com uma voz expirante, o seu caldo. E voltando-se para Vítor:

— Não repare que eu não faça cerimónia, não é verdade? É um amigo do Dâmaso. E como se fora da casa...

Ao nome do Dâmaso, tão familiarmente trazido, como uma justificação de intimidade, Vítor teve uma contrariedade que o fez corar. Respondeu vagamente:

— Ora essa, minha senhora, ora essa!

E sentiu como um arrefecimento geral de tudo em torno dele; uma distância imensa, gelada, desolada, interpondo-

se repentinamente entre eles; e sentindo evaporar-se a simpatia que o aquecera, ficara na sua cadeira, constrangido e calado. Disse mesmo:

— Eu, se soubesse, não tinha vindo incomodá-la...

Ela fez um gesto com a mão, sorriu, como para o tranquilizar e repetiu, ajeitando-se no sofá:

— Então, que há de novo?

Nada. O dia estava muito bonito. Um bocadinho frio, talvez.

Ela voltou-se no sofá e, deitando a face sobre a mão voltada para ele, numa atitude atenta, carinhosa.

— E que fez ontem?

O sorriso que abrira mostrava um par luzido de brancos dentes, entre os lábios vermelhos e húmidos, como uma folha de rosa debaixo de água. Vítor viu como uma solicitação amorosa no seu olhar. Respondeu baixo:

— Pensei em si.

Mas Mélanie entrava com o caldo e com o seu passo subtil, confidencial, pôs uma mesinha ao pé dela; deixou a

bandejinha de prata, ajeitou o travesseirinho, saiu com uma ligeireza de sombra, tendo dardejado para Vítor um olhar de lado, curioso.

— Então, que fez? — disse Genoveva, que se ergueu sobre o cotovelo e remexeu devagarinho o caldo.

Vítor repetiu:

— Pensei em si.

E então, com uma abundância de palavras, que todas tinham um tom magoado, Genoveva, deixando-se cair sobre o travesseiro, lamentou que ele lhe falasse assim. Não era verdade. Que nunca se encontrava sinceridade, nem bom senso! Porque havia de ter pensado nela? Tinham-se visto apenas duas vezes, tinham ceado e valsado... Era uma razão para lhe dizer palavras de amor, ou de galanteio? Mas que mulher julgava ele que ela era? Não se devia começar a pensar assim nas pessoas, contra vontade delas. Ele bem via que as suas relações não podiam ser senão de uma boa camaradagem. Realmente, os homens eram bem singulares! Apertava-lhe a mão, dava-se-lhes uma flor, para

rir, sem má intenção, e logo inflamavam e logo faziam uma ideia, julgavam-se no direito de exigir...

— Mas eu não exijo nada — disse Vítor, que aquela verbosidade, caindo em rajada sobre as suas esperanças, dispersava-as dolorosamente.

— Mas havia de exigir, se eu o escutasse, se eu acreditasse. Não é bonito o que fez. Sabia que eu tenho tido amantes, julga-me fácil; diz consigo: «E chegar e gozar»; e vem-me ver, acha-me doente e diz-me logo que pensou em mim. Para quê? Com que fim? Com que esperança? Para eu lhe servir de passatempo, para ir dizer aos seus amigos...

— Oh, minha senhora, acredite — balbuciou Vítor.

Aquela compreensão tão errada dos seus sentimentos ofendia-o, mas ela fê-lo calar com um gesto:

— Oiça. Eu já não sou nova. Que idade me supõe? Tenho trinta e dois anos. Sou uma pessoa para quem a vida não tem sido senão uma série de infelicidades; doente, caprichosa, difícil de aturar. Tenho mais de dez contos de réis de dívidas. Já vê que sou uma mulher pouco agradável.

Não sou uma mulher em que se pense — disse sublinhando. — Simpatizo consigo, venha ver-me, jantar às vezes.., janto às sete, sempre... cavaquear, mas mais nada. O mais seria ridículo. Sou boa rapariga, falei-lhe com franqueza. Não me quer mal, não?

E nos seus olhos havia, ao dizer estas palavras, uma ternura tão suplicante, com uma sinceridade risonha, que ele sentiu o desejo de se ajoelhar, de lhe jurar uma submissão respeitosa e pedir-lhe para a consolar, apenas para ser o seu confidente, o seu irmão. Desejaria poder pagar as suas dívidas... e tocar de leve no pé que, por um gesto, ela estendera fora do roupão; e viu o começo da perna a que a meia preta dava uma beleza picante e romântica.

— Não se zanga, não é verdade? — repetiu ela.

Estava agora meio erguida, apoiada sobre os braços; a sua cintura dobrou, numa linha quebrada, que se erguia sobre as redondezas nervosas dos quadris, dando todo o desenho de perna, sob a prega do roupão; cabelos loiros, num fino desfrisado, cobriam-lhe a testa do frio, e, com a

cabeça um pouco erguida, o seu pescoço branco aparecia, de um redondo firme e polido.

— Posso lá zangar-me consigo! — disse ele, apaixonadamente.

— Não sei, meu amigo, mas é verdade? Sente-se aqui.

Deu-lhe um lugar no sofá e Vítor sentia o contacto dos seus pés, vendo as suas formas estendidas, e sentiu um desejo irresistível de cair sobre ela, abraçá-la, devorá-la de beijos.

— Porque não traz o cabelo apartado ao meio? — perguntou-lhe ela, examinando-o muito.

Vítor levou os dedos ao risco da cabeça. Disse:

— Não sei. Sempre o trouxe assim.

Aconselhou-lhe então que abrisse a risca ao centro; via-se mais a testa; quando se tinha uma testa bonita... E disse logo, com volubilidade:

— O Dâmaso tem uma testa de estúpido.

Vítor riu. Ia, decerto, acabrunhar o seu amigo de injúrias engraçadas, quando ela começou o seu elogio: era muito

bom rapaz, muito serviçal, tinha bom coração e não tinha maus dentes; e montava bem a cavalo.

— Que idade tem?

— Ele?... Ah, eu! Tenho vinte e três anos.

Vinte e três anos! E atrevia-se, então, a dizer que pensava nela, uma velha, uma mulher gasta, boa para avó.

Vítor, exaltado, debruçando-se para ela, ia falar-lhe da sua paixão, mas ela, com muita tranquilidade, perguntou que horas eram.

Eram quase três. E Dâmaso que não vinha! Tinha-lho prometido.

Vítor, despeitado, julgando que ela o escarnecia, ergueu-se, ia tomar o chapéu.

Mas Genoveva pareceu muito surpreendida. Porquê? Onde ia?

— Não, sente-se.

Cruzou os braços, por trás da cabeça, sobre o travesseirinho. O roupão repuxado desenhava vagamente os contornos das pernas e a forma dos seios. Cerrou os

olhos e o seu seio arfava um pouco. Aquele silêncio embaraçava Vítor; não compreendia e, torcendo a pontazinha do bigode, devorava-a com o olhar; aquela atitude adormecida, que parecia oferecer-se, fazia-lhe passar no coração desejos frenéticos e ia, decerto, falar, abraçá-la, quase louco, quando ela abriu os olhos, fixou-o, com uma espécie de angústia, cerrou-os, com um vago suspiro, e ficou imóvel, como alheia à presença dele.

Vítor ergueu-se bruscamente. Deu alguns passos pelo salão; sentia as fontes latejar. Ela tornou a abrir os olhos e murmurou:

— Não. Sente-se ao pé de mim. Seja bom rapaz. Sinto-me mal.

Que tinha? Sofria? E Vítor, a tremer, pousou-lhe, de leve, os dedos no braço.

— Veja se tenho febre.

E estendeu-lhe as mãos que ele tomou; prendeu-lhe o pulso com os dedos; sentia o seu coração. Batia bem alto e, como um zumbido, entonteceu-lhe a cabeça.

— Não, não tem febre.

Ela riu, com o seu risinho cantado, estranho:

— Que doutor! Tem graça!

E numa transição, começou a queixar-se: a vida era bem triste. Sentia-se tão só! Nunca conhecera a felicidade de uma verdadeira afeição.

— Todos os que me têm dito que me amavam eram egoístas; eu era nova, dava-lhes prazer.

Mas reconhecia sempre, bem depressa, que não havia um real, dedicado, puro, cheio de sacrifício.

— Nunca ninguém me estimou. Meu marido, Monsieur de Molineux, era muito bom, muito bom. Mas egoísta, também. Ninguém me tem, em verdade, dedicação. Mesmo Mélanie, que até morre por mim, se amanhã lhe oferecessem mais soldada, deixava-me logo. A vida é bem triste, tudo é uma ilusão!

Vítor, numa exaltação, tomou-lhe a mão.

— E se eu lhe dissesse que a amo, que a adoro, que quero ser tudo para si, neste mundo...

Genoveva erguera-se, com um olhar que devorava, e, apertando-lhe as mãos com muita força:

— Não é verdade, não é verdade!

Havia na sua voz como uma exaltação aflita.

— Juro-te — disse Vítor, caindo, no sofá, aos pés dela.

Mas Genoveva, erguendo-se de pé, com uma voz quase tranquila:

— Não, meu amigo, não. Não se exalte. Os Portugueses são terríveis. Pega-se-lhes fogo com a maior facilidade.

Riu, com um riso mordente, seco. Vítor teve-lhe ódio.

Mas a porta abriu-se, a longa figura de Miss Sarah apareceu e ia retirar-se discretamente, quando Genoveva gritou:

— Entre, entre. É um amigo de Dâmaso.

E apresentou Vítor; disse que ele sabia falar inglês. Miss Sarah, vermelha, cumprimentou, com os seus longos braços caindo ao longo do corpo. Mas Genoveva disse logo:

— Ah! São três horas e meia.

Vítor tomou o seu chapéu.

— E venha ver a pobre doente — disse Genoveva, estendendo-lhe a mão.

Vítor curvou-se diante de Miss Sarah, que o olhava com uma fixidez admirada, as maças do rosto vermelhas.

— E a camélia? — perguntou Genoveva, rindo.

— Tenho-a guardada — disse ele, saindo.

Genoveva aproximou-se da janela, ergueu o transparente, mas recuou vivamente e, no meio da sala, espreguiçando-se, torcendo a boca:

— Oh, meu Deus!

Miss Sarah, então, exprimiu gravemente a ideia de que Vítor era formoso.

— É um bonito arranjo para si, Miss Sarah.

A inglesa fez-se escarlate.

Quando Vítor entrou em casa para jantar, encontrou uma carta de Aninhas, de quatro folhas de papel, mas a letra era tão má que não teve paciência de a ler e, depois de a

percorrer com os olhos e de distinguir, entre o encruzilhamento confuso do «gancho» e da «haste», as vagas palavras de «desgraça da minha vida»... «adoração até à morte»... «forçada pela necessidade»... «arrependimento»... atirou-a para o lado, dizendo com vigor:

— Que a leve o diabo!

E pôs-se a resumir toda a sua manhã com Madame de Molineux e confessou a si mesmo que a não compreendia. Amava-o ela? Decerto, a julgar por certos olhares, por atitudes do seu corpo, pelos silêncios, pela comoção que parecia sentir junto dele. Mas as suas palavras tinham, às vezes, um ar de tranquilidade amiga, outras vezes de escárnio frio, não poucas vezes de distração.., que revelação!.., transbordavam de indiferença. Mas, por isso mesmo, amava-a mais. Achava-a caprichosa, complexa, indecifrável, e ao seu amor juntava-se a curiosidade. E para falar dela, pela necessidade que leva a alma fraca a espalhar, derramar, sobre os outros alguma coisa dos seus sentimentos, foi passar a noite com um íntimo seu, um

pintor chamado Camilo Gorjão. Viam-se poucas vezes, mas estimavam-se profundamente.

Vítor admirava o talento eloquente e original do pintor e Camilo achava em Vítor um escutador paciente e atento às suas teorias, às suas grandes tiradas, um depósito passivo da exuberância do seu palavreado estético.

Gorjão morava num quarto andar e tinha convertido em atelier uma sala baixa, com duas janelas para a rua; o soalho, que nunca se lavava, tinha uma negreira de todos os tacões e de todas as solas que o passavam; um largo divã velho, gasto, amachucado, servia para os repousos da pintura, para as suas «solidões contemplativas», como ele dizia. Era ali que modelava, que criava. Era o seu Olimpo; pelas paredes havia toda a sorte de gravuras, pregadas com alfinetes, alguns quadros, adquiridos a um ferro-velho: couraças do século XVII, obtidas a quinze tostões, no Arsenal da Marinha; umas quantas cabeças de gesso; reproduções baratas de obras de museu; uma mesa sobrecarregada de papéis, desenhos, aguarelas começadas; tendo, em redor, quatro velhas cadeiras de coiro, dispostas como num capítulo de abadia. Um cavalete, junto da janela,

recebia a luz magra que coava caixilhos estreitos; caixas de tinta, um pequenino estrado ocupava um recanto. Chinelas arrastaram uma saia, um robe-de-chambre de mulher estava caído a um canto; fósforos apagados juncavam o chão e tudo tinha um ar sujo e íntimo; um aspeto de necessidade, de uma vida brusca e confusa... e de obras começadas com impaciência e abandonadas com desconsolação.

E pelo atelier, Gorjão, de chinelas, um jaquetão escarlate aberto sobre a camisa amarrotada, passeava nervosamente, fumando como uma chaminé e divagando como um folhetinista. Era baixo, magríssimo, um pouca corcovado. Tinha movimentos desconjuntados, de esqueleto pouco firme; a sua cabeça era enorme; sobre a testa saliente, convexa, plantava-se uma massa dura e negra de cabelos em escova; o rosto era seco; tinha o nariz torcido; a boca reentrante, coberta por um bigode que ele arrebitara a um canto e, nuns côncavos fundos, dois olhos expressivos fuzilavam de vida.

Os seus dias eram ocupados, porque, para viver, fazia cenografia na Rua dos Condes, no Variedades; à noite,

porém, em casa, «fazia arte». Gorjão tinha talento, mas, inteiramente preocupado de sistemas e de teorias, excessivamente falador, cheio de ditos, de máximas, de fragmentos de leituras, dissipava-se numa loquacidade incessante, e não produzia nada.

Andava, como ele dizia, à procura do verdadeiro princípio da arte, na certeza que, logo que o achasse, produziria obras consideráveis; renovaria a pintura em Portugal, faria escola, encheria os museus de quadros sublimes e viveria na posteridade. Para isso, lia todos os críticos, todos os estéticos. E muito impressionável, dominado sempre pela última leitura, passava de um sistema a outro, como um cometa errante, iluminando-se de todas as opiniões que atravessava.

Entusiasmara-se, ao princípio, pela ideia de que a pintura, sendo uma arte essencialmente plástica, tinha por objeto a representação das belezas físicas; por isso, só concebia quadros mostrando a imortal divinação de corpos nus: as nobres atitudes, a glória da musculatura, os esplendores da carnação; Vénus prodigiosas, admiráveis posições de gladiadores. A ideia, segundo ele, era nada. Um

quadro não devia ter ideia: devia mostrar corpos belos, atitudes nobres, ser uma escultura que, pela cor, se aproxima mais de vida.

A isto prendia um vago sistema da transformação do corpo moderno; achava deplorável que todos os corpos atuais fossem mais ou menos deformados, mal feitos, tortos, magros, feios, ridículos. Atribuía isso à dominação tirânica da ideia e ao abandono do culto plástico. Queria, pois, sim, criar uma escola de pintores exclusivamente preocupados da beleza plástica; dentro em pouco, cada casa possuiria, na parede, um belo quadro, onde uma forma divina se destacaria numa luz gloriosa. As mulheres, as esposas grávidas, vendo constantemente estas formas novas, impregnando-se delas, tendo-as sempre presentes nos nove meses de gestação, dariam à luz, como sucedia na Grécia, corpos perfeitos. E dentro em pouco, a raça portuguesa Seria a mais bela do universo, rivalizaria com a Grécia antiga; veriam passar, no Chiado, costureiras belas como Vénus, e dirigir-se às secretarias do Terreiro do Paço amanuenses, nobres como Apolo. A criação do belo tornar-se-ia o cuidado da cidade. Bem depressa esta influência far-

se-ia sentir no vestuário e na arquitetura e, dentro de cem anos, Lisboa seria como Atenas e ver-se-iam corpos esculturais, em atitudes harmoniosas, com amplo vestuário artístico, moverem-se entre pórticos de linhas nobres, num azul igual ao do mar Tirreno.

Depois, apaixonara-se subitamente pelo pitoresco. «O que é arte?», exclamava. «É simplesmente a idealização da vida; é o meio de pôr um interesse ideal na existência burguesa. A vida atual é chata, trivial, ocupada de questões de dinheiro, de vendas e compras, de preocupações mesquinhas, de plebeísmo. O negociante, com os seus fardos; o advogado, com os seus autos; o banqueiro, com as suas cotações de fundos; o médico, com as suas cataplasmas; o empregado, com as cópias de ofícios, vivem uma vida subalterna, reles, plebeia, estúpida, uma vida asfixiante. E necessário, na vida de toda esta gente, pôr um interesse nobre, alto, ideal; alguma coisa que lhes compense de todos os trabalhos estúpidos e que os distraia das suas preocupações mesquinhas. Aí está para que serve a arte. Aí está para que se dependuram quadros nas paredes, para que se enfileiram as galerias dos museus;

para que o burguês, o homem positivo, a alma nobre cansada das tristezas plebeias da vida, possa contemplar alguma coisa de mais belo, de mais nobre, de mais interessante, de mais pitoresco, que as salas de jogo, os cubículos da Boa Hora, a luz magra dos escritórios e o tédio das secretárias. A sala, portanto, deve ser pitoresca; representar paisagens doces, suaves, onde se console o homem que é obrigado a viver constantemente na Baixa; onde se mostrem céus grandiosos, de gala, de cavalgadas triunfais; o movimento trivial dos amanuenses que rolam, ou de cangalheiros que passam; onde aparecem os ricos vestuários, os veludos, as joias a quem só se vê sobrecasacas do Calasso, ou umas calças do Xafredo. A arte deve ser a grande consoladora. Imaginar então enormes telas desconhecidas, como abundância de Rubens e o esplendor de Veroneso; conceber um quadro que devia formar uma antítese consoladora à vida moderna. Seria uma larga paisagem, tendo o vago ideal da composição de Turner. Árvores de uma beleza paradisíaca deixariam entrever uma luz, forte como um nimbo de uma glória. Arquiteturas maravilhosas, entre a verdura; a palidez do mármore e a transparência do jaspe; fontes correriam,

derramando no quadro uma frescura doce: no primeiro plano, um corpo de mulher ideal, em paisagem terna de cores nobres, de arcarias, uma renda pendendo-lhe pelas mãos, numa cadência nobre e ampla; em vasos de porcelana, frutos acastelados, em jarras de prata, os vinhos preciosos; entre as avenidas, pares enlaçados, numa intimidade amorosa, caminham no silêncio estático da felicidade absoluta. Velhos de olho luminoso, sábios e serenos, falariam do poeta e do filósofo; e moços heroicos fariam jogos atléticos, mostrando o orgulho da sua anatomia perfeita. Este quadro corresponderia logo às necessidades da alma. Contemplando-o, sentir-se-ia a consolação das passagens suaves, a doçura da filosofia, a alegria das terras abundantes e a sensação de amores imortais.»

Depois Gorjão achou isto simplesmente idiota e concebeu uma festa veneziana, ao modo de Tintoreto: num terraço da Renascença, damas e cavaleiros formariam grupos de uma nobreza heroica; sobre as balaustradas, pavões abriam as caudas resplandecentes; em jarras de oiro, vinhos preciosos circulariam; de cofres transbordariam cequins de

oiro; os olhos falando de amores profundos; os punhais a contar vinganças sanguinárias; negras vestes, resplandecentes, sustentariam galgos atrelados; num préstito, ao som dos violinos, recitariam tercetos; e o fundo representaria uma florescência e um árvoredo, de uma paisagem artificial e simbólica. E aquilo serviria para regalar os olhos do luxo que falta à existência moderna.

Mas Gorjão, ultimamente, desprezava todas essas ideias; achava-as «imorais». A arte, segundo ele, devia educar, pela representação de ações justas e não pelas expressões de luxo, corruptoras. E nesta preocupação, falando, combinando, cheio de imagens, de fragmentos de quadros, ia, na absoluta atenção da ideia, desprezando o estudo do processo; de conta que o seu desenho era incorreto; a sua anatomia era falsa; a luz dos seus quadros espessa; o movimento fantasista, errado; e com ideias para encher um museu, apenas tinha a execução para produzir uma tabuleta.

Vítor encontrou-o desenhando à luz de um candeeiro de petróleo, coberto com um abat-jour verde que fazia cair uma luz crua, sobre uma larga fita de papel, riscado de

grossos traços confusos de carvão. Todo o resto do quarto estava numa sombra silenciosa, onde se destacavam algumas brancuras de gesso, ou a alvura dos cantos das gravuras; e num quarto, ao pé, ouvia-se ranger um berço.

Gorjão fez-lhe sinal que se calasse e Vítor, com receio que os seus passos perturbassem a inspiração que, na sua retórica, comparava a um pássaro subtil que passa, um momento, e qualquer ruído faz fugir, ficou imobilizado sobre o largo divã forrado de chita. Gorjão desenhava com violência, por traços bruscos, passando a mão pelos cabelos, afastando-se da cadeira, precipitando-se, de bruços, sobre o cartão, com sopros, grunhidos, fungadelas, mexendo-se, numa conceção dolorosa.

Então Vítor encontrou, debaixo da mesa, o braço de uma viola e, tirando-a instintivamente, fez soar os cordões. Gorjão deu um pulo.

— Toca alguma coisa, para um acompanhamento. E disso que eu necessitava; preciso de um lundum, um fado; um lundum.

Vítor fez vibrar, baixo, a guitarra docemente; os sons dormentes, abafados, faziam um murmúrio doce, na sombra velada do quarto, enquanto o carvão corria sobre o papel e, sem cessar, o berço rangia tristemente.

— Vem ver! — gritou Gorjão.

Vítor aproximou-se e pareceu-lhe descobrir vagamente os contornos arredondados de um cerro de floresta, sobre a qual um disco redondo, ao lado, parecia elevar-se, como um ponto por cima da construção aguçada de um campanário.

— E a Lua? — disse ele indicando o traçado.

Gorjão teve um risinho seco. Recuou a cadeira, enrolou um cigarro e, impondo o dedo sobre o desenho, discorrendo:

— É a hóstia — disse.

E imediatamente explicou o seu quadro, desenvolveu as suas últimas reflexões sobre a arte.

Tinha andado, até aí, por um caminho errado. E tinha perdido dez anos na sua vida, os melhores, os mais vigorosos, os mais criativos, a servir de rastos um princípio

imundo da arte pela arte. Que idiota, hem? Mas possuía, enfim, a verdade; e como o S. Paulo no caminho de Damasco, via sempre claridade, graças ao raio divino que lhe luzia em frente, a arte não era senão isso: uma força da Natureza e, como tal, devia ser aproveitada, em proveito da civilização; por outra, a arte era estava com verdadeira emoção... é um foco de civilização. A grande tendência humana era transformar em utilidades imediatas os grandes fenómenos naturais. O que era o vento? Uma grande deslocação de ar errante no firmamento. Só por si, de que servia?

— De que serve o vento, só por si? É um idiota, um palrador, um bruto, um indiscreto. Vejo-o aqui a suspirar num arbusto, como um poeta lírico; além, a apalpar a perna de uma mulher, como um libertina; adiante, a brincar com um chapéu, como um idiota; depois, a destruir um pobre barco de pesca, como um assassino. Um vadio, uma besta! Que se lhe fez? Estudou-se, delimitou-se, explorou-se, escravizou-se. Disse-se-lhe: anda por aqui, vadio, faz-me girar esse moinho e mói-me a farinha; enche-me essa vela do navio e traz-me cacau, do Brasil. E aí o temos moleiro e

aí o temos rebocador. Que se fez da eletricidade? Carteiro, um empregado do Correio. Que se fez do vapor? Um cavalo, um puxador de trem. Vindo da Natureza, está convertido numa utilidade direta. Tudo tem um fim, nada existe por existir. Não se pode permitir nenhum sentimento, nenhuma força, nenhum movimento inútil; é necessário que tudo trabalhe, que tudo se empregue, que tudo faça civilização: o Sol é retratista, não queremos vadios no universo; as estrelas são um mapa celeste de navegação. Tudo isto são banalidades, de resto. Pois bem, o que se faz com a força da Natureza é necessário que se faça com a força do espírito. A arte é um grande fenómeno cerebral que é necessário transformar em utilidade direta, corno trabalhando para a civilização, ou para a revolução. Combatendo o velho mundo, o preconceito, a tirania, a força bruta, e examinando a justiça, o equilíbrio, o bem. A arte deve ser essencialmente revolucionária. Um quadro deve ser um livro, deve ser um panfleto, deve ser um artigo de jornal. Deve atacar o catolicismo, a monarquia, a burguesia podre, o tirano; todo o velho ogre teimoso e persistente. A arte deve ser tribuna filosófica, panfletária. Todo o mais é arte de luxo, de decoração, de corrupção, boa para o prazer dos

olhos, inútil como a vaidade, infame como a prostituição. Aí está o que eu não tinha percebido. Idiota! Tinha estado alheio, tapado, arrolhado, até aqui. Mas... pim! A rolha salta e aqui estou, zás! Mostro-me, vou aproveitar; cada trabalho meu há de valer uma barricada. Hei de tomar à minha conta o velho, destruí-lo a pinceladas. Aqui está: este é o primeiro quadro. Aqui o tens — mostrava o cartão. — É a missa! A missa será assunto.

«Aqui os tens na igreja; a igreja mundana moderna, pintada, iluminada a gás, com órgãos que tocam a Grã Duquesa, com tapetes de Gardé no altar-mor, santos vestidos pela Aline... pela Aline, tenho provas... com padres que são tudo: batoteiros, chulos, compositores de ópera cómica, flautistas; tudo menos padres. Aqui está a multidão, o celebrante, pálido de noitadas no lupanar, tendo almoçado lombo de porco, com o sapato acalcanhado, erguendo, com os dedos queimados de cigarros, a hóstia, a branca hóstia, a oferta, o símbolo.

«Aí tens o culto! Agora, vê-me a devoção: esta mulher gorda, com lombo de porco no cachaço a estalar no vestido de domingo, mirando, examinando as toilettes, criticando

os chapéus, cochichando; os homens, ali, às portas laterais, examinando as pernas, fazendo olhos, sinais, passando cartinhas, apalpando os braços das raparigas e... o resto! Estes velhos que vêm examinar as raparigas novas que puderam alcovitar; estes sabujos que vêm, à uma, para agradar ao seu diretor-geral; aqueles que dormem; estes que bocejam; aqueles sujeitos que vêm para ouvir a música; vê-los erguerem-se, persignarem-se, abaixarem-se e ajoelharem-se. Nota-lhes as expressões: um pensa na amante; outro, na indigestão que lhe deram os figos, ao almoço; outro, no ágio que há de levar; este, no empenho que o há de nomear amanuense. Aquele pensa no namoro; o outro, como há de escorregar a carta à amante. Há um sentimento de constrangimento, uma pressa de sair; puxam, às escondidas, relógios; examinam os vizinhos. Se um cão ladra, há remoção, todo o mundo se volta, cochicha, funga, satisfeito do incidente que quebra a monotonia divina. E quando o idiota, lá em cima, abre os braços e diz: Ita missa est, que vago suspiro de alívio sai de todos os peitos! Acabou a maçada. Vê-los a cumprimentarem-se, a apertarem as mãos e felicitando-se, na alegria do encargo

findo. E aqui está a religião. Que civismo, que quadro!... Dá cá um cigarro!

Deixou-se cair, extenuado, no divã.

— Enfim, achei. Tenho aqui — bateu na testa — quadros para uma revolução; depois da missa, hei de fazer o enterro; depois hei de fazer a câmara dos deputados; depois hei de fazer a agiotagem, depois as eleições. Uma execução geral.

Vítor ia dizer alguma coisa; Gorjão interrompeu-o:

— E tudo isto, meu amigo, num processo de pintura nova; nada de acabado, nada de alinhado, de amaneirado, de trabalhado, de pintura de luxo, de decoração. Novidade. A pintura não é nada; a ideia é tudo. Traços largos, sombras indicadas, tons nobres, para darem a impressão exata da realidade. Paf, paf! — e dava grandes pinceladas no ar. — A expressão! A expressão é linda! Com três borrões, pinto-te um agiota. Queres um agiota? Tons verdes, numa face cavada; um empastamento de ocre, na testa; tons metálicos, de branco de prata, nos olhos, negros de

chumbo, nos traços do pescoço, e aí o tens, cavado, frio, contido, infame! É a grande arte.

Falara numa exaltação, deitando os cabelos para trás, por movimentos balanceados, gestos largos, doidos, torcendo-se sobre o divã, num desconjuntamento inspirado. Tomou a guitarra, correu-lhe vivamente as cordas, atirou-a. E agarrando as goelas, com as suas duas mãos cruzadas, ficou imóvel, como entorpecido, os olhos vagamente fixos, que reluziam sobre as concavidades cavadas.

Mas Vítor, então passeando no atelier, começou a dizer que a ideia era sublime, mas quem lhe compraria esses quadros? Porque, enfim, não estando no gosto universal, chocando mesmo os preconceitos; sendo a execução pouco brilhante, não era fácil encontrar colecionadores.

Gorjão ergueu-se, como ferido por uma punhalada. Aquela reflexão entrava, como um machado gelado, na maravilhosa ramificação do seu sonho.

— Quem há de comprar? — disse, passeando pelo atelier, com a cabeça baixa, gestos bruscos de ombros. — Quem há de comprar?... Ninguém!

E deixando-se cair, com desalento, no divã, exalou com amargura: tinha vontade de se fazer salsicheiro: pintaria ele mesmo uma tabuleta; seria uma tabuleta extraordinária, onde os produtos essenciais de mercearia teriam expressão humana: a brancura do toucinho, com a face balofa de um conservador; os queijos da serra teriam a papada dos vendedores burgueses; no vermelho dos salpicões flamejaria toda a prosperidade da agiotagem triunfante; todas as velas de sebo teriam, como as colunas do Rossio, aspeto de monumentos constitucionais: as barricas de manteiga afetariam o bojudismo enfartado e rançoso de um enorme ventre burguês. E por baixo, em letras escarlates, de um escarlate radical e escaldante: «Camilo Gorjão — merceeiro da casa real.»

E esfregava as mãos, entusiasmado com a sua tabuleta, pensando com frémito e júbilo «no que se dirá, no escândalo!» Era a única coisa: era fazer-se merceeiro!

— De resto — dizia —, a arte é impossível na democracia. Tenho duelo, mas é a verdade. Acabadas as casas históricas, acabaram as ricas coleções. O burguês, o parlamentar, o constitucional, o republicano liberal,

querem gravuras; a coisinha; uma paisagenzinha bem lavada; carneirinhos; a virgenzinha idiota que desfolha um malmequer, com dedos que parecem relembrar manteiga rançosa. Ah! Quando voltam os tempos do Rafael, do Ticiano, do Veroneso, da pintura humana? Quando o artista tinha uma realeza; era a mais alta emulação do Estado; tinha o lugar eminente nos salões, comandava a defesa da cidade, dava imortalidade e, do alto do seu estado, dizia lei ao papa.

Tudo acabara, o mundo estava eclipsado. E voltava à sua ideia: fazer-se merceeiro!

Mas, a gente rica — exclamava — teria todas as ideias, as mais idiotas, as mais pícaras, as mais bestas, antes de ter esta ideia simples, necessária: encomendar uma obra de arte. Que qualquer desses idiotas teria amanhã uma melhor; tudo lhe lembraria: ser barão, pôr casa a uma dançarina, comprar uma parelha, ter um barco para regata, dar um baile mascarado, e com mais insensatez; mas nunca mesmo lhe vem esta ideia simples, útil, conciliadora, nobre, normal, de dizer: «Camilo, aos pincéis e atire-se para uma obra de arte sublime.» Nenhum, nenhuma besta!

E voltando-se para Vítor, pressuroso:

— Tu, tu és rico, tens tio e rico, tens uma figura, tens uma cadeia de relógio... Já me encomendaste um quadro? — Sorriu.

— Porque não me encomendas um quadro? Porque és um asno!

E então, de repente, uma ideia tinha atravessado o espírito de Vítor: o retrato de Madame de Molineux. Via-o já, maravilhado, num caixilho, no seu quarto; ele poria, por baixo, flores e seria como o tabernáculo de um altar.

— Pois vou-te encomendar um quadro — disse ele.

— Queres a missa? — disse logo Camilo, aproximando-se com a sua voz cavada, os olhos brilhantes.

— Quero um retrato...

Camilo fez uma careta e, girando sobre os calcanhares:

— Ora, sebo! — E abrindo os braços — Aí está! Queres, talvez, o teu retrato, de casaca, gravata branca, com a tua idiota face de janota, destacando sobre uma cortina escarlate; caixilhos de Margoteau e admiração das primas!

— E fitando-o: — És indigno de saber ler! O que pode dar a tua cara? Que expressão? Que ideia?

Foi tirar a bandeira do candeeiro e examinava-o vorazmente, murmurando:

— Nada de saliente, de acentuado, de realçado; tons fundidos, sem relevo, num amaciamento de brancura anémica. Que queres tu que faça do teu focinho? Um retrato, decerto, pode ser uma obra de arte, mas é necessário um modelo. Junta-se que tenha uma alma, uma ideia, uma ação, grandeza: mas juntar um banal, um burguês... Fotografá-lo, fotografá-lo. Vítor disse, então:

— Não, não é o meu retrato: é o retrato de uma senhora, de uma estrangeira, de uma mulher admirável.

E citou o seu espírito, a sua beleza loira, a superioridade da «na figura.

Camilo, encruzado no sofá, roía vivamente as unhas.

Queria saber a cor dos olhos, dos cabelos, a altura. E passeando pelo atelier, planeava já uma obra admirável que faria a sua glória: pintá-la-ia de corpo inteiro, vestida de veludo azul, com uma alta renda espanhola, fios de pérolas

sobre o peito, descendo as largas escadas de um terraço e, no fundo, a decoração à Ticiano de um jardim da Renascença.

— Monta ela a cavalo? — perguntou de repente.

— Perfeitamente.

— Então, porque não a pintamos com um longo amazona de pano preto, luvas de anta, de canhão, e o chapéu à Gainsborough, ou melhor, com um chapéu da Fronda... e tendo no braço um manto de seda forrado de peles?

O seu amor do pitoresco voltava, com tentações persuasivas.

— Mas não! Com mil demónios! Toda a obra de arte deve civilizar! — E exclamou logo: — Pode fazer-se um retrato que seja uma condenação severa do luxo e da publicidade! — E com grandes gestos que pareciam desenhar, numa tela, as grandes linhas do desenho: — Uma parte, burguesa: anda sob uma trepadeira que, por graduações de tom, cede o olhar à parte essencial do quadro: a cabeça; a cabeça nua, destacando-se no negro do corredor; uma cabeça suave, caridosa, com um olhar sério e justo, uma

aquilinidade reta de feições, uma serenidade que mostre o equilíbrio da alma...

Uma voz de criança começou a soltar altos gritos:

Camilo foi bruscamente à porta; abriu, gritou:

— Fazes calar esse demónio? — E voltando-se para Vítor: — Aqui está! Não é possível trabalhar, pensar, sentir, com fedelhos a berrar pela mama. Não é possível. Abafa-se nesta vida estreita, burguesa! Um artista deve viver em palácios, civilizado, cercado de todos os luxos da arte, só com a sua ideia.

— É o teu pequerrucho?

— É — disse ele secamente. — Esqueceu-me deitá-lo à Roda. Nem disso lembrei... Que dizia eu? Ah! Um rosto que seja a simbiose da justiça e da razão; toda vestida de preto, de um modo casto, sóbrio, mangas justas; de preguinhas no vestido que revelem a beleza de um ser maternal, de uma fonte de vida, e estendendo as mãos, mas delicadas, tratadas... Nada disto! Falta-lhes pão!

— A quem?

— A quem? A duas medonhas crianças choronas, ranhosas, cobertas de pintinhas, tiritando de frio e de fome, cheias de opróbrio: o povo! O eterno oprimido!

— Não é má ideia...

— Como, não é má ideia? É simplesmente... É o retrato tratado filosoficamente. É o retrato socialista. É o retrato panfleto.

E fitava os olhos em Vítor, como assombrado da altura do seu projeto. Que revelação na arte! E erguendo os punhos ao ar:

— O que nós podemos, o que nós podemos!

— Queres o chá? — perguntou uma voz de mulher, da porta entreaberta.

— Traze.

E no fervor da sua ideia, pediu logo informações sobre o modelo: a sensibilidade, as suas ideias, as suas origens políticas e sociais, « porque tudo, tudo é importante».

E Vítor, aproveitando avidamente a ocasião, desabafou, descreveu Madame de Molineux, contou a sua paixão.

Ouvindo-o, as ideias de Camilo mudaram bruscamente. «Ah! Era uma surpresa! Uma cocote! Uma Dama das Camélias!» E então, entreviu uma outra interpretação: os quadros de cortesãs, do Ticiano: estendia-se, sobre um divã, um manto de veludo carmesim; sobre ele, o modelo estava meio nu; uma cortina, meio corrida, mostrava um fundo de jardim e, ao pé, no primeiro plano, estava por terra um bandolim, para simbolizar a harmonia, as festas; um punhal que lembrasse a vingança do ciúme, e colares de pérolas, transbordando de uma taça de prata, com os presentes da luxúria! Ou, porque não fazer um quadro moderno, um Fortunis: uma sala forrada de cetim branco; um fogão, com uma alta chaminé Renascença, e ela estendida numa causeuse por trás de um grande fogo de chamas, onde mãos, de anéis, se surpreendiam num fundo dourado?

— E então, estás apaixonado, hem? — perguntou ele, enrolando um cigarro.

— Loucamente.

— É triste, é estúpido.

Vítor rompeu em declamações líricas: que havia de melhor que os estremecimentos de amor, os sonhos, os corpos enlaçados, os beijos?...

Camilo encolheu os ombros e expôs a sua teoria sobre o amor, rapidamente, com uma voz seca, falando, como sempre, de si: «A paixão era a maior desgraça para o homem inteligente. Um artista que se apaixona está perdido; o amor introduzia-lhe na vida uma tal quantidade de cuidados, de preocupações, de renúncias, que todo o trabalho, todo o pensamento se torna impossível. Vem o ciúme, a exaltação fictícia, a renovação incessante do desejo, a preguiça de languidez, as subserviências da criatura; o carácter efemina-se, o cérebro amolece, a conceção retrai-se e o que era ontem uma força na sociedade é hoje um clube de bordel. O artista deve eximir-se do amor, como o mais humilhante tirano. Amar uma mulher é pôr todas as suas forças da vida ao serviço... de um órgão! É como um glutão: como o glutão, não pensa, não vive, não trabalha, não se move, senão para o estômago. O amante não existe senão para servir, obedecer ao coração, para lhe dar um nome decente. Eu dei aos

artistas do meu tempo uma grande lição. Suprimi o amor. Desta porta para dentro, nunca entrou uma mulher; uma mulher, isto é, um conjunto de caprichos, de fantasias, de nervos, de sensibilidades, de tiranias, de altercações, de volubilidades. Mas, como a Natureza é exigente, e o cérebro precisa estar desembaraçado, tomei uma fêmea.»

Aquela palavra aterrou Vítor.

— Escolhi-a. Escolhi-a, feita como uma estátua... porque me podia servir de modelo. Nesse tempo, eu tinha, sobre o génio, de juntar as ideias mais idiotas. Acreditava no nu. Acreditava em Vénus. Imaginava que uma arte plástica devia só ocupar-se de proporções, atitudes, cor e musculatura. Burro! Tinha esquecido esta pequena coisa: a ideia. Por não querer tomar a fêmea, tomei a bela. Custou-me a descobrir porque é que a maior parte das mulheres são medonhas... Porque hás de notar, menino, que não há meio termo entre o horror e a beleza na mulher; tudo o que conta na mulher — isto é o seios, os cabelos e os quadris... — quando o não divinizamos, degrada-se. Como são acréscimos falsos ao verdadeiro tipo humano, que é o homem, logo que não se salvem pela beleza, finura e ideal,

são apenas excrescências, objetos doentes; quer os seios caiam, quer os quadris se agitem, quer o cabelo seja curto e macio, a mulher é um mito; é mais feia que o hipopótamo e que o macaco.

Mas a porta abriu-se e Vítor viu entrar, com um tabuleiro, uma criatura esplêndida: branca, com os olhos pretos, grandes e ardentes uma massa forte de cabelo magnífico, a sua cabeça pequena pousava nobremente sobre um corpo de estátua; sentia-se debaixo do vestido de chita amarelada uma magnificência de formas majestosas e de um relevo e de uma firmeza singulares. Pousou o tabuleiro, com as suas mãos grossas e enxovalhadas, e saiu com um passo sereno.

— É esta — disse simplesmente Camilo, sentando-se à mesa e partindo logo uma grande fatia de pão.

— É de Lisboa? — perguntou Vítor.

— Não. Lisboa não poderia produzir destes corpos; o tipo está viciado. E de ao pé de Ovar, do campo, e provém de uma combinação particular: aquela etnia entre a raça árabe e a raça céltica. É uma bela produção animal.

E passeando pelo atelier, com a fatia de pão na mão:

— Como fêmea de artista, é completa. E estúpida e é passiva. Come, obedece e despe-se. É um corpo às ordens. Não me importuna, não me interrompe, não me dirige a palavra: está ali. Quando necessito de fêmea, chamo a fêmea.

— E casaste?

— Casei. Não havia outro meio de a tirar de casa da mãe. Comprei-a, mas, em lugar de dar à velha um dobrão de oiro, atirei-lhe o sacramento. Paguei-lhe em moeda espiritual. Boa pilhéria, hem? E aqui a tenho. Todo o artista deve fazer o mesmo. A verdadeira é a amante; os nossos amores são as nossas criações; é o amor a que damos a nossa alma, o nosso sangue, a nossa vida, tirando o que há de bom em si. A fêmea é para os momentos em que o espírito repousa e a besta reclama.

— De modo que és feliz.

— Profundamente desgraçado — disse Camilo.

E sentando-se no divã, ao pé de Vítor:

— Porque imaginas tu? Tudo tão inteligentemente combinado. Só me esqueceu de uma coisa. Uma só: os

filhos! Não me lembraram os filhos… Desprevenido, ao fim de nove meses, zás!… um marmanjo, uma sementezinha de carne, que grita, berra, ruge, faz-me da casa um inferno. Como é a família: a morte do artista. Tenho todos os tédios. Ouviste, há pouco, aquele ranger do berço? É da minha melhor música ordinária: pela manhã, gritos de atroar, à noite, berros de fugir, ecoam pela casa… e a mulher ocupada; a necessidade de tomar uma criada. Um inferno, um inferno! Corrigi a minha máxima e aqui digo: o artista necessita a fêmea estéril. Chama-se Joana. E, coisa extraordinária, a gravidez, o parto, não lhe alteraram uma linha do corpo: nem uma prega, nem uma ruga, nem um afrouxamento no primeiro dos contornos. Perfeita, perfeita, perfeita. Um soberbo modelo… para as bestas que acreditam na linha e na forma… Joana!

A mulher entrou. O seu olhar que, da primeira vez, se conservara baixo, ergueu-se agora para Vítor, alargou-se como admirado; um clarão passou-lhe nas pupilas. E tirando a bandeja do chá, saiu, com o seu andar sereno.

— E aí tens como compreendo o amor — resumiu Camilo, batendo-lhe no ombro.

Vítor tinha tomado o chapéu.

— E o retrato?

Vítor havia de falar a Madame de Molineux. Camilo refletiu, com um dedo no queixo.

— Nada positivamente. Pinto-a revolucionariamente. Que quadro!... Espera que te iluminem. Eu não vou, que não quero apanhar frio — e gritou: — Joana; ilumina este senhor, se fazes favor.

Vítor desceu; Joana atrás, com o candeeiro a petróleo. Mas aqueles passos serenos, o roçar do vestido nos degraus, davam uma vaga perturbação a Vítor. A porta, acendeu um cigarro e, chupando a chama do candeeiro, os seus olhos encontraram-se com os de Joana. Foi um momento, mas Vítor sentiu um desejo furioso alvoroçar-lhe o coração. Tirou o chapéu, agradeceu:

— Muito boas noites, minha senhora. Ela corou e respondeu:

Muito boas noites, meu senhor.

## CAPÍTULO VI

Vítor, no dia seguinte, foi saber notícias de Madame de Molineux. Tinha-a ainda presente na ideia como a vira na véspera, estirada na causeuse, com gestos doentes, palavras cansadas. Ficou muito contrariado, vendo à porta o cupé do Dâmaso. Como o cocheiro o conhecia, resistiu à tentação de se retirar discretamente. Entrou, mas, no último lance de escadas, deu com Dâmaso, que descia. Ficaram um pouco embaraçados.

— Saiu — disse logo Dâmaso, secamente.

— Eu sabia que tinha estado doente.

— Doente? — fez Dâmaso, surpreendido. — Está ótima, saiu. Estive toda a noite com ela.

Era mentira, mas queria mostrar a Vítor a sua felicidade e humilhá-lo. O pobre rapaz fez-se pálido. E desceram calados.

— E então, que é feito? — perguntou Dâmaso, à porta, calçando as luvas.

— Por aqui... — disse vagamente Vítor.

Dâmaso entrou no cupé e, depois de uma ordem seca a que quis dar uma intenção triunfante, com dois dedos bateu com força a portinhola, com um ar satisfeito, mas furioso: Madame de Molineux tinha saído, depois de ter prometido esperá-lo.

Vítor desceu a rua, devagar. Aquela secura brutal de palavras separava-o do amigo. «Melhor», pensou Vítor. «Asno!»

E imediatamente foi percorrer todos os sítios onde o podia encontrar. Estava desesperado com ele; queria encontrá-lo para O cumprimentar com indiferença, como com distração. Deu uma volta ao Aterro, subiu e desceu o Chiado, meteu a cabeça em todas as lojas, comeu bolos na do Balthreschi, mas não o viu.

Ao jantar, estava tão sombrio que o tio Timóteo, impaciente com o silêncio, disse todo arrenegado:

— Com mil diabos, diz alguma coisa. Estou aqui a arrebentar por falar.

Vítor desculpou-se: estava secado, adoentado. E depois de algumas palavras vagas, como se língua lhe fosse pesada como chumbo, ficou na mesma taciturnidade. Achava não poder fazer sair do seu cérebro as palavras de Dâmaso «passara a noite com ela», cantavam-lhe dentro, com uma espécie de acto irónico; e via-a despir-se, lançar os braços ao pescoço de Dâmaso, suspirar de amor; sentiu por ela um ódio agudo, um desprezo imenso. Consolava-se pensando-se numa superioridade sobre Dâmaso e, desprezando-o, invejava-o.

— E como vai o teu amigo Dâmaso? — perguntou o tio Timóteo.

Vítor animou-se logo. Não sabia, não o tinha visto. Nem saudades. No fundo, era uma besta. E derramou-se em considerações sobre a sua figura tola, a sua fatuidade idiota, a sua estupidez crassa. Encarniçou-se sobre ele, contou dele tolices que lhe ouvira, ridicularizando as suas toilettes. E partiu rancorosamente a sua vitela assada, como se trucidasse a carne odiada de Dâmaso.

— Que te fez o rapaz?

— A mim? Nada. Digo a verdade. Se me fizesse alguma coisa, rachava-lhe a cara; rachava-lha, tão certo como dois e dois serem quatro; não lhe deixava osso sobre osso! Espezinhava-o.

Falava numa cólera crescente, com uma cor de paixão na sua pele pálida.

O tio Timóteo olhou-o de lado, finamente, e sorriu por dentro.

— É um pobre diabo — murmurou.

Nessa noite, Vítor percorreu todos os teatros. Ao anoitecer, começara a cair uma chuva miudinha. E dentro da tipoia, da Rua dos Condes para o da Trindade, do da Trindade para S. Carlos, ia resolvendo a atitude que tomaria, se a visse num camarote. Nem a iria visitar! Far-lhe-ia um cumprimento seco! Namoraria outras! Uma cura de pilhérias dos atores! Falaria a Dâmaso, bocejando com tédio, e, se ele o fitasse ou tivesse um movimento atrevido, cortava-lhe a cara às bengaladas.

Mas não viu Madame de Molineux e todas as tintas lhe pareciam sob uma cor lúgubre; todas as mulheres, medonhas; todas as faces, inexpressivas; e a cidade com a sua névoa húmida e chuva morrinhosa, triste como uma prisão, solitária como um subterrâneo. Já perto do D. Maria, encontrou o Palma Gordo, com as mãos nos bolsos, arregaçando o jaquetão que lhe descobria as formas atoucinhadas das suas ancas gordas.

— O Dâmaso? — perguntou-lhe Vítor.

O Palma, com o cigarro entre os dedos de cabeças polpudas e muito suadas, disse com a voz aguardentada:

— Há de estar com a... — e disse uma obscenidade.

Vítor hesitou se o espancaria, mas voltou-lhe as costas, veio subindo para casa furioso.

— É uma pega! Uma mulher imbecil! Uma desavergonhada! Os diabos me levem se eu torno a pensar nela.

Entrou em casa, para perguntar se não havia carta para ele. Nada!

Aquilo fez crescer o seu ódio. «Que camafeu!», pensou.

E seguindo a tradição romântica de que as contrariedades dos amores ideais se devem esquecer com os amores libertinos, foi cear ao Malta, com uma espanhola, uma Mercedes, bela mulher de Málaga que se dizia filha de um general, afetava-se modos aristocráticos, mas comendo tudo com a mão e lambendo os dedos depois.

Vítor bebeu uma garrafa de Colares, dois copos de conhaque, julgando-se interessante, na sua dor, e pensando em Alfred de Musset, que, ele também, se embebedava com álcool, para esquecer a desilusão do amor humano.

Mas, ao outro dia, ao acordar, como um raio de sol que ilumina subitamente um quarto escuro, esta simples reflexão encheu-o de luz e alegria. «É perfeitamente ridículo enfurecer-me porque ela saía e passeava.»

E às duas horas, batera à porta de Madame de Molineux. Esperou um momento na sala e viu-a entrar, alegre, fresca, com um grande roupão de seda, um sorriso, as mãos estendidas, muito amável. E ao simples aspeto da sua

pessoa, todos os seus despeitos se fundiram, como a neve ao fogo.

«Sabia que ele tinha vindo na véspera, mas ela tinha saído. O dia estava tão lindo, para ir a Belém, no vapor. E tinha pena que ele não tivesse vindo; o Tejo estava adorável.»

E então, com uma necessidade de expansão, Vítor contou-lhe que a procurara, de manhã, nas ruas; à noite, nos teatros.

— Para quê? Para quê? — murmurava ela, mas todo o seu rosto resplandecia de satisfação daquela solicitude.

E declarou-se muito alegre.

Vítor, que uma curiosidade mordente torturava, perguntou, corando, por Dâmaso.

— Não sei. Vi-o antes de ontem, de tarde, no dia em que estive doente. Voltou à noite, mas não o recebi. Veio ontem de manhã, e à noite também, mas não o recebi.

Vítor sentia uma doçura de leite correr-lhe nas veias. E para tornar a conversa íntima, para mostrar que pensara

nela, disse-lhe a ideia do retrato. Exaltou o génio de Camilo Gorjão: o único artista de Portugal, desconhecido, ignorado, pobre, mas um génio. Mas os projetos de Camilo fizeram dar gargalhadas de humor a Genoveva.

— O quê? Ver-me representada a dar pão aos pobres? Credo! E porque não a cozer os legumes? Por quem me toma esse homem? Queria, talvez, por baixo, o título original de «Ricos e Pobres», ou «Caridade». Ele era doido!

Mas não se recusava a tirar o retrato; se o sujeito tinha talento, queria; porém, com um vestido de seda clara, azulado, numa cadeira de espaldar gótico, decotada, com os braços nus, o leque meio aberto, nas mãos, ao pé de um vaso de mármore, cheio de rosas.

Citou outras atitudes célebres: os retratos de Bonnat, de Carlus Duran, de Mademoiselle Altheim. Falava com volubilidade, num movimento rápido de gestos. E uma mobilidade na fisionomia que lhe dava muitas expressões diferentes, todas de alegria, de felicidade.

E Vítor, que a vira havia dois dias, mórbida, lânguida, prostrada no sofá, achava-a com outra frescura, com outro

encanto e, depois de tê-la amado tanto, naquele enfraquecimento de doença, adorava-a na vivacidade da saúde.

— Quer beber alguma coisa?

Ela sentia-se com sede; tomou Curaçau com soda. Estava hoje nesses dias felizes; tudo lhe parecia cor-de-rosa.

— Não tem desses dias?

«Tinha», disse ele; e entraram numa longa conversa de simpatias, de afinidades.

— Parecemo-nos em muita coisa, não é verdade? — disse ela.

E olhava-o muito, como encantada. Mas de repente ergueu-se, foi abrir o piano; queria que ele fizesse música.

Ele lamentou não saber; às vezes um piano fazia tanta companhia! Havia certos estados de alma que só a música exprimia. Ao anoitecer, por exemplo, às vezes, desejava pôr em melodias uma quantidade de coisas vagas que lhe passavam na alma.

— Poeta — disse ela rindo.

Parecia escutá-lo com avidez, recebendo com alvoroço cada confidência que ele fazia dos seus sentimentos, das suas ideias, dos seus hábitos, provocando-as. Queria saber a que horas ele se levantava, o que costumava ler, quais eram as óperas de que gostava, abrindo uma fresta às portas fechadas da sua alma, como se quisesse examinar uma casa; e os seus olhos percorriam-no, estudavam-no.

— E Miss Sarah? — perguntou ele.

Ela bateu as mãos, rindo muito.

— Não sabe? Está apaixonada por si.

— Ora!

— Palavra. Não faz senão falar em si. Diz que o acha formoso, interessante, romântico. E não é verdade — disse, olhos abertos, num tom radioso, presos nos dele. — Eu não acho.

Ergueu-se, veio firmar-lhe as pontas dos dedos nos ombros, examinou-o.

— Não acho — repetiu. — É simpático, mas mais nada.

Vítor quase corava. Ela parecia-lhe ser o homem; o provocador; ele parecia a mulher, recebendo, com uma feminilidade passiva, aquelas provocações de simpatia.

Genoveva, então, arranjou-lhe o cabelo, com a ponta dos dedos; compôs-lhe a gravata, mas não lhe deixou tomar as mãos; fugiu com a cinta, dizendo:

— É o nosso tratado. Sempre amigos. Nada mais.

Fez estalar a unha nos dentinhos, recuando, fazendo uma mesura, à antiga, e os seus olhos abrasavam, com um desafio, um olhar radiante.

Foi sentar-se ao piano e começou a sua canção favorita:

*Chaquefemme a sa toquade,*

*Sa marotte est un dada.*

Atirava as notas de um modo petulante, pondo em certas palavras aquele abaixamento de voz gracioso e canalha que, nos cantares do teatro do Bulevar, tinha uma intenção provocante e lasciva.

E soltando o estribilho:

*Voyez ce beau garçon-là,*

*C'est l'amant d'A...*

*C'est l'amant d'A...*

E atirava-lhe olhares que o faziam estremecer de desejo.

*Voyez ce beau garçon-là...*

E o seu olhar parecia designá-lo, confirmar-se, render-se.

*C'est l'amant d'A...*

*C'est l'amant d'A...*

*C'est l'amanr d'Amanda.*

Mas subitamente calou-se e ficou sentada sobre o mocho do piano, tomando a fisionomia séria; e disse-lhe, com um sorriso, um certo desdém novo:

— E como a Aninhas, hem?

Vítor ficou petrificado.

— Não há de que se envergonhar. Diz que é bonita; foi cozinheira, creio eu; é entretida, a quinze mil réis por mês, por um lojista da Baixa, no Chiado; aprende o francês, já conjuga os verbos. Vê que estou bem informada. Vai bem essa interessante Madalena?

— É mentira — disse Vítor.

— Não é — e Genoveva ergueu-se. — Disse-me o Dâmaso. O Dâmaso conhece-a.

Vítor jurou mentalmente espancar Dâmaso e logo começou, por se justificar, a explicar aquela relação.

Era certo, tinha estado com ela; pobre criatura sem educação, muito tola; mas tinha-a, como se pudesse ter uma amizade; só o seu coração não tomara parte...

— Pois pode crer que, com os meus gostos, os meus sentimentos, eu não me iria prender a uma mulher que mal sabe ler. E de resto, há mais de um mês que a não vejo. Aborrecia-me tanto, que a deixei. Ainda antes de ontem me escreveu; nem li a carta.

— Palavra? — disse ela.

— Juro-lhe.

— De resto, ninguém tem direito sobre si. — E passeava pelo quarto, com um rumor de seda arrastada. E olhando para ele: — Eu também já sabia que estavam de mal. Ela encontrou o Dâmaso e queixou-se... Coitada! Faça as pazes, não desole aquele pobre coração.

— Está a escarnecer — disse Vítor, magoado.

— Não. Um conselho de boa amiga... Que ela, naturalmente, consola-se com algum côvado de casimira que lhe manda o amante... ou com algum caixeiro suplementar... — E com um riso cantado: — A Aninhas! Fazia-lhe vemos.

— Bem, adeus — disse ele despeitado.

Ela tirou-lhe o chapéu da mão.

— Perdão, se não falei com respeito da sua bem-amada.

— E vendo o rosto dele contrariado: Estou a brincar. — E acariciando a seda do chapéu: — E a mim, faz-me versos?

— Decerto.

— Quero que me faça um soneto todos os dias. É muito chique! — E estendendo-lhe o chapéu: — E agora, meu querido amigo, adeus. São três horas.

— Manda-me embora!

— É necessário.

— Está à espera do Dâmaso — disse ele, com um sorriso de rancor.

Ela pós o dedo sobre a boca.

— Chut! Obedeça. Adeus.

Vítor teve uma raiva de ciúme, de desespero.

— Bem, adeus. Não volto.

— Não volte — disse ela, encolhendo os ombros.

Fixaram-se um momento.

— Porque me faz sofrer? — disse ele, muito desconsolado.

Ela teve um sorriso contrafeito.

— Sofrer! Mas que homem extraordinário! Veio-me fazer duas visitas, conhece-me apenas e acha que eu o faço sofrer, porque tenho de estar só, às três horas! Realmente, é injusto...

— É porque a adoro — disse ele.

Ela pôs-lhe rapidamente a mão na boca.

— Nada dessas grandes palavras. Parece mal. — E com uma cortesia, sorrindo: — Se me quer, direi, venha pedir a minha mão à mamã.

Riu muito e, correndo, entrou no quarto. Voltou com um raminho de violetas.

— Vá, seja bom rapaz — disse ela, metendo-lhas na casa da sobrecasaca. E disse rindo: — Cuidei delas, como de um vaso, e ainda se queixa! Là, Voilà! As violetas bonapartistas.

Ele olhava com uma suplicação infinita, estendia o rosto; os seus lábios pediam tão humildemente um beijo...

O rosto de Genoveva perturbou-se e, baixando a cabeça, recebeu o beijo de Vítor sobre o cabelo.

Ele ficou tão comovido que teve um suspiro soluçado. E ficava no meio da sala, como idiota, olhando-a, a tremer, sem sair.

— Addio! — disse ela, com uma voz séria.

Ele saiu, sentindo o chão oscilar-lhe sob os passos.

Após o sentir fechar a cancela, Genoveva chamou Mélanie.

— Logo que venha o outro, o Dâmaso, manda-o entrar. Preciso falar-lhe. Estou sem dinheiro.

Deu um suspiro e, deixando-se cair no sofá, disse, apertando as mãos por trás da cabeça:

— Mélanie, isto vai mal.

— Ia com uma cara tão desconsolada, o pobre rapaz — disse Mélanie.

— Pobre querido! Oh, Mélanie, que paixão esta, tão absurda, tão repentina! O que é isto? Porque veio isto? Quem me diria?

— Isso passa, minha senhora.

Ela oscilou a cabeça tristemente, a olhar o chão.

— Não. É para sempre. Não sei o que me diz o coração. Mas adivinha desgraça...

Vítor não se esquecera do pedido de Genoveva: «Quero que me faça, todos os dias, um soneto. Lembrava-se de um herói do romance D. Juan de Pasini que todas as tardes, depois do seu jantar, fumando tranquilamente o seu charuto, no terraço do seu castelo, na orla de um bosque, fazia um soneto à bem-amada do dia. Os cavaleiros italianos da Renascença, que Ticiano tinha restaurando, e que tinham ceado com César Bórgia, faziam o mesmo. E achou muito elegante produzir, cada manhã, um soneto, que lhe mandaria com um ramo; depois, publicaria a coleção; chamar-se-ia «Carícias» teria uma notoriedade famosa e dar-lhe-ia celebridade; porque, mal se lhe abria uma perspetiva, a sua imaginação lançava-se por ela, como

galope impetuoso de um cavalo de raça, e depois de alguns saltos ficava a arquejar, estendido sobre os flancos, como um sendeiro lazarento.

E na manhã seguinte, depois do almoço, fechou-se no quarto e, em chinelas, com um maço de cigarros sobre a mesa, um copo de água para aclarar as ideias, preparou-se para produzir. Durante horas, os seus passos trituraram o soalho e, até ao jantar, tinha produzido as duas primeiras quadras.

Quando Clorinda o veio chamar para jantar, apareceu à mesa com os olhos esgazeados, a face animada de um homem que emerge do ideal.

— Tens estado a dormir? — perguntou-lhe o tio Timóteo.

— Tenho estado a escrever — disse, com a reserva de um iniciado que fala a um profano.

Depois do jantar, tomou a encerrar-se e, às nove horas da noite, tinha enfim terminado os dois tercetos finais e saiu para tomar ar.

Estava uma noite áspera, um pouco lúgubre, com grossas nuvens errantes, entre as quais, às vezes, aparecia a lividez

da Lua. As rajadas uivadas deram-lhe então um arrepio à alma; as casas estavam fechadas; as lanternas de gás tinham oscilações aterradas; e errou com a sensação de desgraças fatais e de mistérios homicidas. Foi passear para o Aterro; o mar batia tristemente contra os cais e, na extensão saturada de água, tremulavam luzes acanhadas de barcos que, às vezes, no súbito clarão de um luar gelado, desenhavam mastreações espectrais.

Mas aquela decoração não condizia com o estado luminoso da alma e veio para casa copiar cuidadosamente o seu soneto, com uma deleitação paternal.

Deitou-se com um volume de Alfred de Musset, achando a vida boa; tinha, enfim, aquela paixão ideal, nobre, pitoresca, que ele vira nos livros e nos, poemas e que o encantava tanto. E por um favor da fortuna, vinha-lhe acompanhada de todos os requintes do luxo, todas as faíscas da fantasia, todas as seduções do espírito. Onde havia, em Lisboa, uma mulher que se pudesse comparar a Madame de Molineux? Qual tinha as suas toilettes, os seus admiráveis caprichos, a sua ciência amorosa, tantas experiências de viagem e de sociedade?

Decerto tinha tido amantes, mas o conhecimento dos homens tornava o seu amor mais apreciado. E tão fácil agradar a uma pobre burguesa que não vê senão as chinelas do marido e a rabugice dos filhos; é tão fácil seduzir uma rapariga de dezoito anos, ainda com as imaginações do colégio e as ambições de maternidade que lhe deu a boneca! Mas uma mulher que conhece os homens tão profundamente, a quem as desilusões repetidas deram ceticismos, a quem o atrito das sensações trouxe a inércia da saciedade... uma mulher assim, que glória interessá-la. E o mesmo prazer áspero que se deve sentir em tomar católico um ateu. E possuindo-a, não iria possuir um corpo belo, mas um ser complexo. Cada um dos seus amantes, das suas relações, formou-a, deixando no seu espírito... ou no seu remorso.., alguma da sua personalidade; tê-la nos braços, possuí-la, era possuir o refinamento dos elegantes, o espírito dos dramaturgos, a polidez dos diplomatas, todas as civilizações de que eles são a flor, a essência, o resumo artificial e delicioso.

Que diferença, na sua vida, hem? Ainda há um mês, a sua existência era estúpida e banal, como um macadame da

rua; ia do tédio do escritório do Dr. Caminha para os reles prazeres da alcova da Aninhas: era um sensaborão, um banalão!

E agora, o amor de Genoveva idealizava-o, enobrecia, forrava a sua alma, por dentro, de doçura, cobria-a, por fora, de resplendores. E estirara-se na cama, com orgulho, sentindo, fora, o vento gemer, roçando-se pelos muros das casas.

Como ela admiraria o seu soneto, como se sentiria contente de ser obedecida; era impossível que não lhe desse um beijo e, àquela esperança, a sua alma tinha ferocidades expirantes de languidez.

Ao outro dia, com o seu soneto na carteira, dirigiu-se à Rua de S. Bento. Mélanie, que veio abrir, disse-lhe logo:

— Não está. Foi esta manhã para Queluz, com o senhor Dâmaso; mas está a inglesa,... faça o favor de entrar.

E abriu a porta, chamou Miss Sarah. Vítor entrou, como um homem que caiu de uma altura; entristecido, com um sorriso vago, o coração frio, entrou na sala. Um rugido de seda forte roçou o tapete; viu ao pé de si Miss Sarah,

corada, direita, que lhe disse logo que Madame e Mister Dâmaso tinham partido para Queluz, muito cedo.

E sentando-se, abrindo e fechando um livro que tinha nas mãos, os seus olhos azulados, com uma esclerótica raiada de amarelo e biliosa, fixava-os em Vítor, com admiração.

Vítor, com o chapéu nos joelhos, ficara tão embaraçado, que não encontrava uma réplica.

A inglesa notou que o dia estava bonito. Vítor tomou um ar profundo e concedeu, depois de reflexão, que «sim». E então a inglesa disse que os dois tinham ido de carruagem descoberta, tendo levado um lanche; pareciam muito felizes. E acrescentou algumas palavras de louvor sobre Mister Dâmaso. Era encantador, um perfeito gentleman.

Vítor, acabrunhado, murmurou:

— Decerto, decerto.

«E quando voltavam?», perguntou. Miss Sarah disse que talvez passassem a noite em Queluz; que não tinha ouvido fazerem projetos, mas que era mais que natural. Quis saber se Queluz era bonito.

— Oh, yes! — disse Vítor, erguendo-se.

Mas Miss Sarah não o queira perder tão cedo. Pôs-se a falar de Portugal; dos Portugueses; achava-os encantadores. «Era o Paraíso! E tão delicados com as mulheres!... Os Ingleses deviam vir aprender...»

E falando, tinha gestos requebrados, o seu pescoço ondeava, abria para Vítor sorrisos elásticos, ora abaixando os olhos, como deslumbrada, ora erguendo-os, como fascinada, revelava todas as suas cismas de solteirona, diante de um rapaz formoso.

Mas Vítor, de pé, batia impacientemente com o chapéu na perna. Miss Sarah então declarou que o não queria prender; ela não tinha decerto os encantos de Madame de Molineux...

Vítor, embaraçado, protestou: «Mas tinha tanto que fazer...»

Miss Sarah recuperou: «Decerto, alguma paixão, alguma senhora que ia ver. Ah! Conhecia os homens, todos levianos, entusiasmando-se pelas aparências...

Aquela voz com acento duro e cantante, o largo olhar baço de inglesa, davam a Vítor como um entorpecimento; enfim, rompendo por esforço a sua inércia, saudou Miss Sarah, saiu. Ela fez um cumprimento grave e pôs, num último olhar, todas as declarações do seu desejo.

Vítor, ao achar-se na rua, exalou toda a sua fúria contra Genoveva, num pensamento: «É uma reles prostituta.» Acalmou-se. E como uma vela que uma rajada de vento apaga, pff!, o seu amor desapareceu. E apertando convulsivamente a bengala, assentando com os pés nervosos, com tédio dela, da casa, da vida, o seu ódio, como um gás que se dilata, estendera-se a todas as pessoas, a todos os objetos; desejava uma querela, dar bengaladas, escrever nos jornais coisas odiosas contra as mulheres, vê-la a ela pobre e pedindo esmola! E não nutria ódio contra Dâmaso; mal pensava nele: achava-o digno dela, o estúpido, a besta! E num sarcasmo: «Que tenham muitos filhos e que os leve o diabo.» Tudo lhe parecia esbatido numa névoa triste, apesar do esplendor do dia assoalhado; as vozes do rio chegavam-lhe com um zumbido importuno. Então, em casa, atirou o chapéu ao chão e veio-lhe, de repente, uma

sensação de abandono, de solidão, de vazio. Como se os cuidados, os amigos, a casa, as relações, tudo tivesse recuado, deixando-o a ele, só, ser martirizado e solitário, num vasto espaço vazio e lúgubre; sentia-se fraco, infeliz, incompatível com a vida, e sentou-se na cama, rompeu a chorar.

Para não sofrer as perguntas, a conversa do tio Timóteo, foi jantar só, num gabinete, ao Silva. E quando o criado lhe perguntou o que desejava, oferecendo-lhe a lista, respondeu com um ar desolado e profundamente abatido:

— O que queria?... Veneno, se há.

Aquela pilhéria consolou-o. Consentiu mesmo em ler o Jornal do Norte que o criado lhe trouxe; e não se esqueceu de tomar atitudes tristes, sempre que o moço entrava; que nada consola os temperamentos efeminados, como dar publicidade à sua dor.

Desceu o Chiado, devagar, com o abandono fatigado de um adolescente; sentia uma calma no olhar, aquela lassidão magoada que deixam as lágrimas e, todavia, não lhe desagradava estar triste por um desgosto de amor; porque

dá a consolação da atribuir uma origem nobre às nossas aflições.

Entrou no Teatro de D. Maria, comprou um camarote a um vendedor, para dar ao seu desgosto uma atitude elegante e, com os cotovelos no rebordo de marroquim esgaçado, olhos distraídos pela sala, escutou distraidamente a peça, fazendo, por hábito, por distração, olhos a uma mulherzinha bem feita que, de uma frisa, lhe atirava olhadelas agudas. Mas sofria realmente; às vezes, a lembrança de Genoveva dava-lhe uma comoção; e vendo que eram dez e meia e que, àquela hora, eles, se estivessem a deitar, em Queluz, veio-lhe um desespero, uma raiva tão intensa, que abriu a porta do camarote, saiu e foi andando pelas ruas, sem destino. Os seus passos levaram-no às Janelas Verdes e ia numa agitação de pensamentos, tentando ganhar, no cansaço do corpo, as calmas da alma. Mas um relógio deu uma hora e voltou para casa.

Ao chegar à porta, tirava tranquilamente a chave da algibeira, quando, da parede escura de uma porta, ao pé, se

destacou um vulto de mulher que correu a ele, agarrou-se-lhe, exclamando surdamente:

— Vítor!

Era Aninhas.

— Que queres tu?

— Escuta-me pelo amor de Deus... Vem... Ouve-me. diz umas palavras, por quem és! Estou como doida. Se não me escutas, vou-me atirar ao rio. Vítor, juro-te...

A sua voz ofegava em lágrimas exaltadas, elevava-se...

E para evitar escândalo, como saía ainda gente do Grémio, foi andando com ela até ao largo da Academia, escuro, àquela hora, em frente da arcada do Museu das Belas-Artes.

Aninhas agarra-lhe o braço, prendendo-se a ele com uma força ansiosa, soluçava baixo, murmurou:

— Tenho estado como doida... Não me importa... Queria morrer, é que eu queria...

— Mas então o quê? Que queres tu?

Aninhas, então, num só fluxo de palavras, andando, parando, com grandes gestos, pôs-se logo a explicar o caso do outro dia: «Não era o Policarpo que estava com ela. Era verdade. Era outro homem. Mas não era um amante; era um velho, um diabo, um animal, um Lopes da Travessa da Palha. Fora a necessidade que a impelira. O Policarpo era um forreta; mal lhe chegava para o sustentar a casa. Tinha duas pulseiras no prego, a medalha com o brilhante. Não sabia como havia de dar com a cabeça. Aquele demónio daquele velho andava a persegui-la; tinha de desempenhá-las à força. Pob... pobre dela, na aflição, aceitara. Mas amaldiçoava-o agora. Sentia-lhe ódio.»

— Juro que é a verdade. Juro-te pela vida da minha mãe. Ainda eu morra, se isto não é verdade! Pergunta à Rosa.

Escrevi-te a explicar-te tudo. E se não te encontrasse hoje, dava cabo de mim.

Tomava-lhe as mãos, apertava-as, com uma força nervosa. Na escuridão do largo, ela via apenas os seus olhos pretos reluzirem sobre o vago rosto pálido, cheio da sombra da renda preta que tinha na cabeça. Sentia uma sensação doce, amolecê-lo; a expressão tão imensa daquela paixão

era como uma compensação ao desdém de Genoveva e uma vaidade consolada enchia-o de uma condescendência perdoadora. E foi com uma voz branda que disse:

— Mas se estavas em apuros, porque não disseste? Eu podia-te dar o dinheiro.

Ela acudiu:

— Ah! Não! Nem cinco réis. De ti quero só o meu amor. Quero-te a ti. Do outro, tudo, dinheiro, o que puder juntar. Mas de ti, não. Vem. faz as pazes. Não tenho dormido! Tenho estado doente. Pergunta à Rosa. Hoje, não pude, vim esperar-te. Vem. diz que sim.

Mas os despeitos do seu amor por Genoveva deram a Vítor desejos de vingar-se sobre Aninhas. Manteve-se duro, repeliu-a.

— Não, não, não — disse. — Já não é a primeira vez que mo fazes. Estou farto. Adeus.

E acrescentou, fundo, para a criminosa.., somente a melancolia no acento da sua voz:

— Sê feliz, Aninhas.

A rapariga chorava baixo, mas Vítor não se afastava; sentindo-se fraco, irritado com a sua fraqueza, derramou-se numa verbosidade irritada: chamou-lhe uma leviana; não estava para aturar os seus caprichos; que não lhe faltavam mulheres; e, para a fazer chorar mais, acrescentava que a amava, decerto, que sempre a amara, mas que, tendo refletido, estava tudo acabado.

— Adeus.

— Vais-te? — disse ela, com a voz seca, reprimindo as lágrimas.

— Adeus.

— Adeus, Vítor.

Aquela aceitação tão pronta da sua separação enfureceu Vítor. Não se foi e continuou passeando, dizendo-lhe coisas desagradáveis, com as suas mãos nos bolsos, ia repetindo as suas queixas fastidiosas, destilando das suas palavras um tédio rancoroso e misantropo, desesperado.

— Mas não te zangues, Vítor — dizia ela, com resignação lacrimosa. — Eu não te quero forçar. Fiz o que pude. Vim-te pedir perdão. Adeus...

Então, Vítor insultou-a, atirou-lhe os nomes de todos os seus amantes: o Alves, o Guerra, o Teira Vesgo, o João Patriota.

Aninhas irritou-se:

— Para que me atiras todos esses homens à cara? É verdade, estiveram comigo; eles não te enganavam; enganava-os a eles, por ti. Pedi-te alguma coisa? Dize. Pedi-te jamais cinco réis? Dize.

Ergueu a voz, erguendo-se na ponta dos pés.

— Fala baixo, olha a sentinela! — disse Vítor, furioso.

Ela encolheu os ombros, impaciente. «Era melhor acabarem», disse; e batendo com as mãos:

— Vá uma pobre mulher fazer sacrifícios por um homem!

— Que sacrifícios?... — exclamou Vítor, orgulhosamente.

— Pois. pela tua causa, estive para perder o Policarpo, umas poucas de vezes. E que havia de ser de mim? A casa é alugada em nome dele; os móveis estão em nome dele. E homem para me pôr na rua, com um xaile e uma camisa. E que havia eu de fazer? Atirar-me a uma vida desgraçada e

dar o nome à Polícia? E pela tua causa! Oh, se a minha pobre mãe vivesse...

E as lágrimas redobravam.

Vítor estava profundamente humilhado; aquela discussão rebaixava-o à função infamante de chulo e, todavia, reconhecia a verdade das acusações; e instintivamente recebia nela uma vaidade de animal, porque provava um amor desinteressado.

Passeava, calado. Então, a sua vida com Aninhas reapareceu-lhe: noites voluptuosas, em que amava, ria e brincava, ceando na cama, vieram tentá-lo. Comparava aquela rapariga, amorosa, a Madame de Molineux, tão escarnecedora e birrenta; lembrava a perfeição graciosa e nervosa do seu corpo, os seus suspiros voluptuosos, a firmeza da sua pele; sentia-se perturbado. Além disso, era um dever não ser ingrato, porque é tal a força que, na consciência, tem o dever que a acusação mais cerrada procura abrigar-se sob aquela justificação sublime. Enfim, parando, perguntou-lhe:

— Mas que queres tu, enfim?

Sentindo na voz um acento de condescendência, ela exclamou com um tom mais urgente:

— Que venhas, que venhas!

Vítor teve um gesto resignado e perguntou:

— E o Policarpo?

— Está para Almada. Que me importa. Vá. diz que vens! Oh, anda lá! Oh, que felizes que vamos ser. — Prendia-se a ele, agarrava-o com uma paixão furiosa.

— Está quieta. Pode passar gente.

— Que me importa. Tomara que passasse o mundo inteiro. Meu Vitorzinho. Vem.

— Não me enganas outra vez? — disse ele, já cedendo.

— Nunca! Se te enganasse, matava-me. Eu deixo escrito que me matei; não tens de ir à Boa Hora.

Dizia-o sinceramente: tinha lido aquela jura de amor no Rei da Montanha, e estava resolvida a praticá-la.

E Vítor foi. Aninhas apossara-se sofregamente do seu braço e coma quase. Chegaram a casa esfalfados e,

enquanto Vítor acendia o fósforo, ela, com as saias apanhadas, galgara as escadas; ria, com um risinho nervoso, impaciente. Tocou à campainha, com uma força que a criada, assustada, veio correndo.

— Vem aí! Vem aí, Rosa! Trouxe-o! Cá está!

E arrastou Vítor pelo corredor, depois para a sala. Atirou o mantel, a capa, e lançando-se sobre ele, cobriu-o de beijos. Bateu as mãos; a sua exaltação redobrava o encanto de um carinho bruto, furioso; os seus lindos olhos, cor de ferro, faiscavam de paixão: «Se via pela cara», dizia.

— Pergunta à Rosa. Não é verdade, Rosa? O que eu chorei!

— Estava de todo, estava de todo! — dizia a criada, melancolicamente.

— Vês? Vês?

E queria que a Rosa preparasse a ceia, logo. Cearam na cama. Abraçava-o; fizera-o cair no sofá e, sobre ele, devorava-o com beijos, examinava-o com olhos dilatados e vorazes, como se nunca o tivesse visto; a sua testa branca, o buço delgado, o cabelo encaracolado, toda aquela beleza

efeminada que a endoidecia; beijava-o com cegueira brusca, mordia-o; atirou-se-lhe aos pés e, num ímpeto de sensibilidade, rompeu a chorar.

Comovido por tanta paixão, Vítor jurou a si mesmo que a amaria sempre, que esqueceria a outra desavergonhada.

Ergueu-a, montou-a sobre os joelhos, beijou-lhe as lágrimas, disse-lhe:

— Juro-te que te adoro, Aninhas. Mas não me enganes, não.

Ela ergueu-se, com os olhos secos, reluzentes, a mão estendida.

— Ainda que eu morresse de fome! Não! Nunca! Só para ti. Só para ti.

Uma voluptuosidade imensa atirou-a, meia desmaiada, para os braços dele e os seus lábios beijavam-lhe o pescoço, por uma adesão húmida, chupante, ébria...

Ao outro dia, Vítor só saiu do quarto de Aninhas à uma hora, e chegava justamente à porta da rua, quando o cupé de Dâmaso passava.

Dâmaso, apenas o viu, fez parar, chamou Vítor, que veio com uma contrariedade atroz.

— Fizeste as pazes! Hem? — disse-lhe logo Dâmaso, ladino. — Eu encontrei a pobre rapariga; ai, do que se me queixou; fizeste bem, homem, fizeste bem.

Vítor quis negar. Tinha vindo apenas porque soubera que ela estava doente.

— Ora, histórias... — disse Dâmaso, sorrindo e com um ar estremunhado e o colarinho amarrotado: — Obrigado!... Pai Paulino tem olho! Diverte-te... Nós estivemos ontem em Queluz...

— Chegas agora? — perguntou Vítor, pálido.

— Não. Chegámos ontem à noite. Passeio delicioso!

Parecia cheio de um júbilo saudoso; esfregava as mãos, mexia-se no assento do cupé, com uma abundância de felicidade que o agitava; e gritava ao cocheiro que andasse.

— Diverte-te. E aparece!

Vítor veio para casa, furioso. Ia dizer, decerto, a Madame de Molineux que o tinha visto sair de casa da Aninhas! Que

contrariedade! Mas, de resto, que lhe importaria? Madame de Molineux tinha escarnecido dele; era uma vingança; mostrava-lhe que não morria de paixão. Acabou-se! Melhor. No fim, a Aninhas era mais nova, mais amorosa, mais fresca! E se a outra tivesse ciúmes, melhor! Que estoirasse.

E não voltou a casa de Genoveva. O Policarpo demorava-se em Almada e Vítor vivia quase sempre com a Aninhas: era uma lua-de-mel. Levantavam-se às duas da tarde, tinham ido várias vezes jantar ao Silva e, numa noite, foram ver ao Variedades uma «mágica». Aninhas, que era a primeira vez que ia ao teatro com Vítor, tinha passado, desde as quatro horas da tarde, a vestir-se.. Vítor dera-lhe ultimamente certos conselhos de toilette, procurando fazer-lhe uma certa elegância de Madame de Molineux. Aninhas penteava o cabelo sem grande pórtico; já não riscava em frisado de canudos; usava também opopónax, no lenço, e luvas gris-perle de oito botões; e nessa noite, com um vestido de seda, cor de vinho, muito colado, uma gravata simples de renda, a sua cainha bonita, tinha um ar gracioso, simples e sentido, que fazia a Vítor alguma vaidade.

Ao sentar-se no camarote com ela, ficou pálido como a cera; ao fundo, Dâmaso, de casaca e gravata branca, próspero, deleitado, balofo, triunfante, falava com Madame de Molineux. Vítor ia retirar-se rapidamente para o fundo do camarote, quando acenos muito amigos do Dâmaso o imobilizaram na sua cadeira; e imediatamente Madame de Molineux também abaixou a cabeça. Estava esplêndida, com um vestido de seda preta onde se desenrolava um bordado espesso de veludo; tinha o cabelo, à inglesa, num penteado simples que mostrava a sua cabeça pequena e adorável. Duas pérolas negras destacavam sobre as orelhinhas e, pendente por uma fita cor de pérola da cor das luvas, tinha no peito um medalhão feito de uma turquesa.

E todo o amor, como uma onda que quebra os diques e alastra, o amor antigo, encheu o peito de Vítor, sufocou-o. Ao princípio, ficou como idiota; e o palco, as luzes escassas, a cor azebre do papel dos camarotes, tudo lhe parecia confundir-se; mas as maneiras de Madame de Molineux, que ria com Dâmaso, davam-lhe uma grande cólera e

começou a inclinar-se para Aninhas, a dizer-lhe ninharias, rindo alto, arrastando a cadeira.

Aninhas não tirava os olhos de Madame de Molineux; queria saber quem ela era; examinava-a com o binóculo, tomava atitudes escolhidas, imitando instintivamente as de Madame de Molineux. Vítor continuava a afetar com ela uma intimidade expansiva, mas Madame de Molineux, muito séria, não tornou a voltar a olhar para ele. Vítor estava desesperado. Aquela indiferença amargurava-o. Começou a responder secamente a Aninhas. Não ouvia as tiradas pilhéricas dos atores e, no fundo do camarote, não tirava os olhos de Madame de Molineux. Aninhas mesmo notou-o; fez-se pálida: para que estava ele a olhar para aquela mulher?

— Eu? Que me importa a mim a mulher? Não sou livre de olhar para quem quero?...

Aninhas deitou-lhe um olhar faiscante; odiava já Madame de Molineux.

Mas Genoveva nem uma só vez tomara a voltar os olhos. Dâmaso, esse, não se fartava de mostrar a Vítor a sua

intimidade, a sua felicidade; tomava atitudes triunfantes, torcia altivamente o bigode; tinha movimentos de ombros piedosos a certas expressões fracas dos atores.

Ao fim do segundo acto, Vítor viu Genoveva erguer-se e Dâmaso pôr-lhe a capa; era a mesma capa de peles que ele vira no Trindade: uma abundância de recordações aniquilavam-no. Teria vontade de se lhe atirar aos pés, pedir-lhe uma palavra, um olhar; e quando a viu sair do camarote, hesitou um momento, agarrou o chapéu, precipitou-se pelo corredor; mas chegou apenas à porta, para ver Madame de Molineux entrar para o cupé, com um movimento que levantou brancuras de saias; e Dâmaso, batendo a portinhola, triunfalmente, fazia-lhe um aceno compassivo.

Vítor voltou para o camarote, com uma raiva no coração. Desejava que o teatro ardesse, que o mundo caísse em pedaços. E sentado ao pé de Aninhas, não tirava os olhos do camarote em frente, vazio, onde ela se sentara, que devia ter ainda o seu aroma; e as lágrimas que não soltava, acumuladas, afogavam-lhe o coração.

## CAPÍTULO VII

Vítor não voltou a casa de Madame Molineux e retomou os seus antigos hábitos; frequentou mais o escritório, ia muito a casa de Aninhas; recomeçara os seus passeios pelo Chiado, as suas estações melancólicas à porta da Casa Havanesa. Mas, todos os seus actos, as suas palavras, mesmo o seu andar, tinham uma indiferença abatida e triste de um movimento maquinal. A imagem de Madame de Molineux incrustara-se no seu cérebro e nenhum atrito da vida a podia apagar. Apenas acordava, ou levantava os olhos do livro que lia, ou, terminava uma conversa, imediatamente aquela ideia se lhe erguia no espírito. Eram então supostos monólogos; suposições do que lhe diria, se a encontrasse; diálogos magoados; frases... todo um trabalho cerebral, com um só fim: possuí-la.

Às vezes, vinha-lhe um desejo repentino de a ir ver, de correr a casa dela; mas retinha-o um orgulho, uma timidez, o receio de uma indiferença. E todavia, a vida parecia-lhe inaceitável sem aquelas demonstrações de simpatia que ela

lhe dera, que eram a maior doçura que tinha conhecido na existência e como a afirmação visível do seu valor.

Chegava a desesperar-se consigo de não poder tirar, das circunvoluções do seu cérebro, aquela ideia, que, como um parasita, se instalara na dobra mais profunda, mais inacessível, de onde dirigia toda a sua alma, todo o seu corpo.

A indiferença dela parecia-lhe uma infâmia; nem um recado, nem um convite! Nada!, era como se ela tivesse morrido. E não a tornara a ver, nem na rua, nem no teatro. Duas vezes passara pela casa dela; as janelas estavam abertas, havia um ar habitado. Que faria, em que se entretinha, em que pensava?

Uma manhã, vestia-se para ir ao escritório, quando a porta do seu quarto se abriu bruscamente e Camilo Cerrão entrou. Atirou o seu chapéu desabado para uma cadeira e, sentando-se na cama de Vítor, começou, sem transição, a falar no retrato de Madame de Molineux.

— Tornaste a pensar nisso... — disse-lhe Vítor.

— Como, se pensei nisso? Não tenho pensado noutra coisa!

E imediatamente, com grandes passadas pelo quarto, expôs uma teoria. Não havia arte mais nobre, mais útil, mais profunda, que o retrato. Ia abandonar a cenografia, que repugnava ao seu temperamento a paisagem, que achava um entretenimento pueril, e dedicar-se todo ao retrato.

— Não há, na arte moderna, que se lhe compare. Porque, enfim, quais são os dois grandes ramos da pintura, os dois ramos nobres, elevados, necessários? A pintura histórica e o retrato. Mas não há nada mais absurdo que a pintura histórica; o maior artista não pode fazer dela mais que uma exposição de vestuário e de armas; não pinta um homem, um herói, um filósofo, por não ter fisionomia toda a matéria; seria necessário conhecê-lo. Suponhamos que eu quero pintar Carlos Magno. Que sei eu de Carlos Magno, das suas ideias, das suas tristezas, dos seus nervos.., se os tinha.., das suas paixões, dos seus terrores, de tudo, enfim, que constitui o homem? Sei alguns dos factos históricos que se passaram no seu tempo: que tinha barbas brancas,

que jogava o xadrez com o arcebispo Turpin e que achava um encanto enfeitiçado em olhar, horas e horas, para o lago de Aix-la-Chapelle. É lindo. Com estes elementos posso pintar Carlos Magno? Não. Terei de pintar um enorme velho, com uma grande exatidão na técnica, no arnês, nas armas: e um manequim, uma figura de cavaleiro, mas não é Carlos Magno. Por consequência, a pintura histórica é absurda: não pode passar de uma exposição arqueológica de vestuário, armas e archotes, tições. A alma da personagem, com quem não convivemos, com quem não temos nada em comum, de que nos separam séculos, escapa-nos: problema, conjetura.

«Agora, por outro lado, vê o retrato. Que pintamos? Homens como nós, vivendo as nossas ideias, tendo as mesmas sensações, alimentando-se com as nossas comidas, pertencentes à nossa raça; basta interrogarmo-nos para os explicar; sabemos-lhe a vida, as obras, as tendências de família, os vícios; tudo isto diante de nós, a revelar-nos o que sentem; os olhos, o sorriso, os gestos das mãos, a cor da pele.

«Agora nota a importância deste trabalho na pintura: pelo retrato, o artista lega aos historiadores do futuro os seus contemporâneos, com fisionomia e, portanto, com o seu carácter. Retratar é escrever história, a mais útil, a mais segura.

«O que é que os grandes homens legam ao futuro? Os seus livros, os seus discursos, os seus trabalhos; nas suas obras, nas palavras, o homem não se revela todo inteiro: põe sempre alguma afetação, alguma convenção, alguma reserva, muita reticência; pelo seu trabalho, o homem nunca se revela inteiramente. Portanto, cá estamos nós, que chegamos com os nossos pincéis, tomamos a fisionomia do homem ilustre, pousamo-la em tela; e este quadro, que conta, a pinceladas, o seu temperamento, o seu carácter, os seus defeitos, comenta, explica, para os historiadores do futuro, o homem.

«Depois, conta as pessoas importantes que não deixaram livros nem discursos e que, todavia, fazem a história íntima ou social de um século: os reis, os banqueiros, as prostitutas ilustres, os criminosos e os revolucionários.

«Esta gente seria incompreensível ... sem os retratos e, portanto, incompreensível no seu tempo. Os retratos formam assim uma galeria contemporânea, onde os historiadores do futuro vêm compreender, na fisionomia dos homens, a explicação dos seus actos. Vê tu Michelet. Porque é grande, porque é que a sua história tem alguma coisa de vivo, de animado, de sentido, de ressuscitado, que fala aos outros? É que explica os homens, sobre os retratos: estuda-os, surpreende-lhes uma fisionomia, a alma, as intenções, as sensações. É quase impossível compreender o século XVI, a Renascença italiana, sem os retratos de papas pagãos, de Rafael, os robustos e altivos personagens de Ticiano, sem as virginais cabeças voluntariosas e sensuais de Tintoreto. Quem compreendeu a gorda Flandres, sensata, trabalhadora, se não fosse um retrato dos burgomestres pançudos, dos bons burgueses de Antuérpia? Velasquez é o melhor historiador de Espanha e da corte altiva, mística, triste na etiqueta. O que explica o século XVIII, gracioso, fútil, impertinente, filosófico, melhor que os retratos de Wateau? E ao mesmo tempo, o que há de explicar na pintura? São os retratos: os retratos dos nossos contemporâneos, de fisionomias atormentadas, torturados,

com o amor da criação e da dúvida, o rosto todo cheio de vaga inquietação nervosa, desta época de renovação? Enquanto a mim, estou decidido! Vou fazer a história de Portugal no século XIX. Quando tiver deixado cinquenta telas, de homens ou de mulheres, com as suas fisionomias vazias e balofas, o olhar pasmado e turvo, o ar abandalhado e frouxo, terei explicado, melhor que as memórias e as crónicas, o que foi o constitucionalismo em Portugal e a sua esterilidade.

Enquanto Camilo falava, Vítor tinha apenas uma ideia: que o retrato de Genoveva era um meio de se aproximar dela. E apenas ele parou, ofegante:

— Então, achas que o retrato de Madame de Molineux...

— Exijo... Preciso dela. Quero começar a minha galeria. É uma cocote, é uma aventureira, é uma sentimental, é uma voluptuosa? Pois bem, é uma personalidade. Vou personificar nela este grande período de prostituição universal, de luxúria de prazeres vendidos e comprados, de jogo de bola de sentimento. Vou pintar nela este grande facto moderno: a prostituição. A minha ideia do outro dia era absurda, perfeitamente ridícula...

E expressou logo, à sua maneira, como trataria Madame de Molineux: pô-la-ia deitada num sofá, num boudoir, com todos os requintes do luxo e da futilidade, um resumo de tudo o que cria, alimenta, provoca este grande espírito da sensibilidade moderna: sobre o piano, estaria aberta uma partitura de Offenbach; volumes de Dumas Filho, de Baudelaire, juncariam o chão; sob uma taça de jaspe, transbordavam notas do Banco de Inglaterra; ver-se-iam sobre uma cadeira números das Gazetas dos Tribunais, com as citações dos debates judiciários; e sentada numa causeuse, larga como um leito, ela aparecia numa luz crua e sincera, tendo no olhar a exaltação da bacante e nos lábios o egoísmo do agiota.

— Será a minha primeira obra. Tenho-a aqui! — batia na testa. — É a pintura, a glória, o meu destino. É necessário começar já! Quando é que ela quer começar?

Vítor disse que seria necessário falar-lhe, combinarem as horas, o local.

— No meu atelier, a luz não é famosa, como tu sabes. Mas não se trata de luz! Ao contrário, o que me serve é uma luz falsa, degradada, civilizada, cuidada, moderna, uma luz de

bairro pobre e de aglomeração de míseros. Hei de inventá-la. Esclarece este fenómeno moderno do tom que lhe convém. É a luz do século. No meu atelier...

E tomou o chapéu.

— Espera, onde vais?

— Andar, mover-me, agitar esta ideia, revolvê-la. E quando lhe vais falar?

— Realmente ...

— Não. Hoje! Que diabo! Trata-se de uma grande ideia, de uma renovação da arte em Portugal, de interesse do público. Não temos um tempo a perder.

Vítor hesitou; estava encantado; mas precisava de ouvir mais razões de ir a casa de Madame de Molineux.

— Eu precisava de ir ao escritório.

— Qual escritório. Deixa lá o escritório! Os advogados! Quando se começa com os advogados!... Que relação, o advogado, o palavreado desordenado, o verdadeiro terror deste século verboso e astuto! Que tipos amarelados, sagazes, ambiciosos, vazios, feitos de palavras de

convenções, o verdadeiro elemento do constitucionalismo. Não, hoje manda o escritório... Vai ter com a mulher.

Ia sair e vendo, ao pé da cama de Vítor, a gravura do Beijo de Judas, por Ary Sheffer, parou; e com um desprezo imenso:

— Se não é mesmo risível: o Beijo de Judas! O Cristo convencional sempre com uma barba bem penteada, o cabelo bem apartado; se não se diria que o Redentor vem do Godefroy. Hei de um dia pintar um Cristo; um absolutamente tal como era miserável, com a cabeça embrulhada num turbante sírio, amarelecido por uma pele de camelo; a barba hirsuta, o olhar doido de tanta visão e inflamado das areias do deserto, com a face cavada, curtida, enegrecida, requeimada; medonho, tal como era.

E depois de um silêncio, mostrando o punho à gravura:

— Não tem ideia, nem simbólico. Suponhamos que o Cristo católico é exato. Como deve ser representado, então? diz lá.

— Mas... cheio de ideal, de graça...

— Não — gritou Camilo. — Se ele tinha tomado sobre si todos os males dos homens e as deformações da vida, o seu aspeto devia ser medonho e repulsivo. Hei de pintar um Cristo. E necessário negar a legenda plástica do cristianismo! Vai ter com a mulher.

E saiu.

Vítor ficou numa grande excitação. O pretexto para voltar a casa de Genoveva estava ali plausível, justo, exigente. Mas o seu orgulho, a sua timidez, talvez, retinham-no ainda; mas então começou a considerar que aquele quadro podia ser a glória de Camilo, a sua fortuna; lembrou a sua miséria, obrigado, coitado, a fazer cenografia para viver. Podia recusar-se a concorrer para a sua riqueza, para a sua celebridade? E como homem inteligente, tinha direito a retardar um tão grande plano de arte? Não devia ir convencer Genoveva a que se deixasse retratar?

E dizendo, alto, que se sacrificava por Camilo, estava, baixo, consigo, radioso daquele pretexto que ele lhe dava.

Vestiu-se com cuidado, foi-se pela Casa Havanesa e, a uma hora, batia à porta de Madame de Molineux. Sentia

tocar piano e ficou todo contrariado, vendo Dâmaso instalado maritalmente num fauteuil, fumando. Genoveva cantava-lhe uma cantiga de café-concerto, Miss Sarah tocava e aquilo tinha um aspeto de família feliz e de ociosidade conjugal. Genoveva não se ergueu logo; continuou mesmo, sem se voltar, o seu estribilho.

*Et v'là, v'lá, monpetit agneau!*

Depois, o teclado calou-se e veio, então, apertar a mão a Víto, que Dâmaso, com a maneira larga de dono da casa, ficou sentado no sofá.

— Pensávamos que tinha morrido. Diziam mesmo que teria sido delicado mandar-nos um convite para o enterro. Tem-nos feito muita falta.

E aquele plural, em que associava Dâmaso conjugalmente, era lançado com uma voz alegre, fácil, maleável, que torturou Vítor.

Balbuciou alguma desculpa sobre os seus afazeres.

— Espero — disse Genoveva —, que não seja aquela senhora — e voltando-se para Dâmaso: — Como se chama, meu caro?

— A Aninhas Tendeira — disse o Dâmaso, com sorriso.

Madame de Molineux teve um risinho que sufocou com dois dedos.

— A Aninhas Tendeira que lhe tem amor, todas as horas. Espero que lhe deixe, ao menos, alguma hora do dia livre; uma amorosidade assim pode ser prejudicial; vejo-o menos falador; esses exercícios de amor prejudicam-no.

Dâmaso bamboleava a perna, com superioridade. Sentia um gozo pressuroso em mostrar o espírito da sua amante ao amante da Aninhas Tendeira.

Madame de Molineux disse então, recostando-se e bocejando vagamente:

— Ah! Muito bonita, a Aninhas. Mas, meu amigo, por quem é, diga-lhe que não use aquele penteado em forma de melão.

Dâmaso cascalhou de riso.

— E sobretudo, aquela capa com que entrou, escarlate. Um salmão de teatro, escarlate. E depois, mexe-se muito; parece que tem pulgas!

Dâmaso torcia-se.

Vítor sentiu um calor congestioná-lo; as suas mãos tremiam. Disse, com uma voz mordente:

— Coitada! É uma pobre rapariga que nunca saiu de Lisboa. Nem toda a gente poderia ter corrido, de aventura em aventura, pelas quatro partes do mundo.

Genoveva fez-se pálida.

— Tem estado sempre colada ao seu rochedo. Em lugar de lhe chamarem Aninhas Tendeira, era melhor, talvez, chamarem-lhe Aninhas ostra... ?

— Antes ostra que ave de arribação.

Dâmaso tomava um ar sério, ofendido e, voltando-se para Genoveva, disse-lhe, com um sorriso espesso e lorpa:

— Vem hoje com muita chalaça o nosso amigo.

E Vítor, sorrindo, disse então o fim da sua visita, falou no retrato. Mas Dâmaso, apenas soube que o artista era o Camilo Cerrão, declarou logo com autoridade que «não podia fazer nada que prestasse».

Vítor exaltou-se; falou no génio de Camilo, contou os seus grandes planos, os estudos. Todo o mundo, em Lisboa, tinha as maiores esperanças nele. Era necessário andar inteiramente alheio às coisas do espírito e da inteligência para ignorar o lugar que ele ocupava na arte nacional; era um grande crítico, um grande pintor, um grande coração.

— Um borrador de tabuletas, um borrador de tabuletas — balbuciou Dâmaso, humilhado.

— Que entendes tu disso? — disse, com grande desprezo, Vítor; e voltando-se para Madame de Molineux:

— É um génio. Tem um temperamento de grande artista, e um pouco, exaltado, à Delacroix. O quadro de Madame, um quadro que ele concebeu, é uma obra sublime; é um crítico profundo do catolicismo.

Filosofara, citara os admiradores de Camilo, palavras elogiosas do Sr. D. Fernando; inventara; dissera os nomes de Contable, Ary Sheffer, Decamps, Meissonier, Carolos Duran, esmagando Dâmaso com um palavreado literário que o fazia escarlate; e para o embaraçar, para o humilhar.

— Que tens tu a dizer do quadro dele, a Taverna? Que tens tu a dizer? Todo o mundo concordou que era uma revolução.

Era uma tela que Camilo expusera, que alguns amigos tinham celebrado em folhetim. Mas Dâmaso, que não conhecia a Taverna, disse apenas, com mau modo:

— Eu cá não gostei, não gostei, acabou-se.

— Mas porquê? E a ideia? A obra é cheia de observação, de finura, de fisionomia. E o desenho é de uma firmeza de mestre. E a luz? Na luz admirável, transparente, em que as personagens vivem? E o colorido? Um colorido nítido, brilhante, firme? — E lançou ao acaso: — Um colorido à flamenga, o colorido dos mestres.

Dâmaso calava-se humilhado. Madame de Molineux tinha seguido as palavras de Vítor com avidez. Fazia constantemente os mesmos movimentos de cabeça, tinha os mesmos olhares. Como aquelas palavras, caindo na sua alma, a agitavam das impressões que traziam. Disse enfim:

— Se é um artista dessa ordem, é um bem para mim que ele queira fazer o meu retrato.

Vítor ergueu-se logo a dizer o plano de Camilo, calando os detalhes críticos, falando apenas no boudoir de seda; na causeuse, na túnica, nos ombros decotados...

— Perfeitamente, perfeitamente — dizia Madame de Molineux.

Dâmaso interveio:

— Minha senhora, se quer o seu retrato, deixe-me trazer-lhe o espanhol, que tem tirado o retrato a todas as pessoas conhecidas; tira-os em duas semanas e muitíssimo parecidos...

Vítor, então, ergueu-se, e para Madame de Molineux, encolhendo os ombros e abrindo os braços:

— À vista de uma tal opinião, não tenho mais nada a dizer. Mande vir o espanhol.

Madame de Molineux ergueu-se e comentou:

— Mas não, mas não! A ideia do espanhol é tola.

Dâmaso ia falar.

— Por quem me toma? — disse-lhe Genoveva, com grande altivez. — Por alguém que vai desejar o seu retrato por

algum pintor ambulante, a dizer painel por painel...?

— Tem muita habilidade...! — protestou Dâmaso. — É muito barateiro.

Vítor disse com um ar triunfante:

— Ah, se é uma questão de dinheiro, escusa de se afligir.

O Camilo não fala em dinheiro. Pretende fazer uma obra de arte. Não encontrou um modelo em Lisboa, digno. Viu Madame de Molineux e desejava retratá-la, pela sua beleza, pela sua figura; espera fazer alguma coisa de notável. Mas não fala no dinheiro. De modo nenhum.

O peito de Genoveva arfava.

— Traga-mo amanhã, para conhecer-me.

— Mas, cá? — disse Dâmaso, escandalizado.

Madame de Molineux fitou nele dois olhos agudos, como de um florete.

— Mas quê? Que tem com isso?

Vítor triunfava; tinha-lhe vindo o sangue-frio, a segurança, a facilidade da palavra. Disse com ironia:

— Lamento muito vir perturbar-lhes a felicidade, com a minha ideia. Mas, pelo amor de Deus, não se fale mais nisso. Não se fale mais nisso.

E Genoveva, agitada, trémula, disse:

— Fala, fala-se nisso. Amanhã, às duas horas. Venha com o homem.

E abaixou a cabeça.

Vítor saiu, dizendo a Dâmaso:

— Até à vista.

O outro fez-lhe, com os dedos, um adeus seco. Fez o passeio pela sala, com as mãos nos bolsos, soprando. E apenas sentiu a porta fechar-se, voltando-se para Madame de Molineux:

— Então, que querem esses modos, Genoveva?

Ela disse-lhe muito francamente:

— Não me excite, que eu estou nervosa.

Aquela secura, o seu rosto pálido, assustaram Dâmaso.

— Mas que lhe fiz eu?

Ela ergueu-se violentamente.

— Ouve aquele homem chamar-me ave de arribação e não tem nada a segredar-lhe? Deixa-o, na minha presença, tratá-lo de imbecil? Não dizer, logo, senão asneiras tolas e de ridículo! Sabe, aliás, o que tenho suportado na minha vida; posso aturar um homem velho, um malvado, um brutal, um bêbado, um cínico, um monstro..., não posso aturar um tolo!

Dâmaso ficou petrificado. Imóvel, lívido, batia com as pálpebras, como um homem mal acordado; sentia um zumbido nos ouvidos e não lhe acudia uma ideia, uma palavra, uma interjeição.

— Bem, adeus — disse ela, impaciente daquela figura imóvel.

— Manda-me embora?

Genoveva teve um gesto de impaciência fúnebre.

— Mando, mando, mando! Estou farta da sua cara, da sua figura, da sua fala rouca... de si. Adeus.

Bateu com a mão, uma na outra.

— Que grande tola eu tenho sido!

Ele agarrou no chapéu, saiu soprando, apoplético, furioso.

Durante duas horas, Genoveva passeou pelo quarto, numa excitação extraordinária. Miss Sarah veio à porta da sala, mas vendo-a naquela excitação e conhecendo os seus repentes, retirou-se prudentemente, cerrando a porta.

Genoveva sentia uma cólera frenética, irracional, contra tudo, contra todos. Odiava Dâmaso, Vítor, a si, e juntas, Lisboa, a vida! E naquela confusão de ideias entrechocadas, uma, sobretudo, irritava: a indeferência de Vítor, a sua serenidade, a sua réplica, o seu ar de superioridade, de indiferença. Odiava-o, sobretudo a ele. Vinham-lhe ideias de partir de Lisboa, ir para Paris... Mas, como estava cheia de dívidas, lá, não tinha dinheiro. E além disso, num repente de cólera, ofendera Dâmaso! Mas, também não podia suportá-lo, com aquele ar balofo, aquele modo próspero, os ademanes nas pernas gorduchas. E era, no fim, contra ele, que sentia causar-lhe todas as suas vagas irritações.

Havia dias que vivia numa excitação permanente; a sua situação era cheia de dificuldades, de embaraços. Adorava Vítor: uma paixão frenética, servil, fanática, apoderava-se dela. Tinha trinta e oito anos e via-se a amar loucamente um rapaz de vinte e três anos! Aquela paixão não se assemelhava a nada do que sentira; até... reconhecia-o agora... não tivera senão caprichos, toquades, manias, ilusões, desejos dos sentidos, fogachos do temperamento. E de repente, quase velha, um amor completo, irresistível, fanático, apossava-se dela. Amava-o com todos os entusiasmos da alma e todas as febres do corpo; sentia-se capaz de o servir de joelhos, com a devoção de uma irmã de caridade e a abnegação de uma mãe... e desejava devorá-lo de carícias, com todas as alucinações de uma bacante e as torpezas de uma prostituta.

Tinha conhecido homens mais formosos, uns, mais inteligentes, outros, e todavia nenhuma beleza a fizera tremer tanto e nunca palavras humanas a tinham enlevado tanto. Ele vivia no seu cérebro, de um modo aberrante e tirânico; como um vírus, aquela paixão penetrara na sua carne, na profundidade do seu temperamento, nas

circunvoluções do seu cérebro, de modo que não havia ideia dentro de si que não fosse para ele; desejos no seu sangue que não fossem para ele. E o que havia de fazer?

O seu desejo era viver com ele, porque, nem por sonhos, suportava a ideia de pertencer a outro homem, logo que se tivesse dado a ele. Tinha, como todas as cortesãs, a distinção muito exata entre o homem e o amante: o homem que paga os luxos, a casa, a quem se dá um amor mercenário e uma afeição bem-educada; o amante, aquele que não paga, recebe mesmo presentes, e a quem se dão todas as sublimações do coração e todos os ardores da sensualidade. Mas, nem por minutos, podia suportar a ideia que Vítor poderia ser o seu amante.

Se ia dar-se a ele, nunca se daria a outro. Quereria viver com ele, só, absolutamente, e para ele ser o seu amigo, nem ela, nem ele, tinham dinheiro. Poderia vender as suas joias, alugar uma pequena casa, desfazer-se dos seus luxos e viver com ele numa estreiteza medíocre. Ele a aceitaria, talvez. Mas, quanto tempo?

Ela tinha trinta e oito anos; podia ser ainda bela dez anos, mas, depois? Depois? Ele aborrecer-se-ia dela, gostaria de

outra, poderia casar. E o que seria ela, então? Achar-se-ia abandonada, pobre, muito velha para recomeçar a vida, muito infeliz para a suportar, sequer.

Lembrara-lhe, às vezes, de aceitar esta intenção; e um dia, quando visse nele os primeiros arrefecimentos de saciedade, entrar num convento e matar-se. Teria tido, ao menos, anos de uma felicidade infinita e, depois, acabou-se! Daria o resto a Deus, o último amante, tão condescendente que aceita todos os inválidos do sentimento... ou ao Diabo! Mas tudo isto, como ela refletia, era romance. Conhecia-se bem. Não era mulher para se resignar às grades de um recolhimento e aos caldos de um refeitório. enquanto a matar-se, olha quem! Ela que, se tinha uma dor de cabeça, chorava da crise; ela, tão amiga da sua carne que se idolatrava, que tinha o culto imiscuo de si mesma. Destruir-se? Nunca!

Sabia bem qual o seu futuro. Se se ligasse com ele, apenas o visse frio ou menos amante, começaria uma vida de luta, de ciúmes, de cólera; acabaria por dar-se ao álcool, ao gim; acabaria nalgum hospício, velha, miserável, inválida.

Aquela paixão viera no momento mais delicado da sua vida. Tinha apenas o amor para fazer fortuna; enquanto fosse bela, com a sua ciência de amar, a sua habilidade de intrigante, poderia ainda achar um homem que lhe organizasse uma independência para a velhice, ou que se casasse com ela; ou, por um e outro, cem libras aqui, cem libras além, ir fazendo, de economias em economias, a reserva para o tempo dos reumatismos. Mas, por não poder esquecer Vítor, teria de voltar para Paris, ter o espírito sereno, a habilidade aguçada, «tento na bola» e as mãos seguras à manobra. E poderia fazê-lo?

— Não, mas não! — murmurava, torcendo os braços, de amor e de desejo.

Aceitaria tudo: as dificuldades, as misérias, as amarguras, mas não se separaria dele! Até ali, vivera numa espécie de imatéria, adorando-o já, mas não se sentindo ainda pronta ao sacrifício extremo; ia-se apressando em «cardar» Dâmaso e, nos últimos tempos, fazendo-lhe todos os dias a representação ruidosa de um amor exaltado, tinha-lhe subtraído somas consideráveis. Começara a compreender que era uma mina aquele imbecil e explorava-

o com entusiasmo e sagacidade. Mas, quando Vítor estivera uma semana sem voltar, depois do passeio a Queluz, a sua paixão exaltara-se. Julgava hábil não lhe escrever, irritando-o pela representação de uma indiferença completa; mas, cada dia, a presença de Dâmaso a aguçava mais. Tinha dias em que o toque de campainha, retinindo, lhe fazia mal aos nervos.

— Vejo-lhe logo a mão gordinha, a puxar o cordão da campainha — disse ela a Mélanie.

Depois, no dia em que viu Vítor com Aninhas, no Teatro Variedades, reconheceu que estava estupidamente apaixonada. Ao vê-lo com outra, tudo se lhe confundia diante dos olhos, como uma vertigem; mas, com o hábito das dissimulações, teve a força de lhe sorrir, de fitar o palco, de olhar os atores, de sorrir a Dâmaso, de lhe fazer observações. Só quando entrou em casa... depois de dizer a Dâmaso que não entrasse, que estava doente, é que explodiu de cólera, só, no seu quarto, com Mélanie. Rasgou literalmente o vestido, chorou, espedaçou dois frascos de cristal: que sairia, iria a casa deles, queria malar a criatura; toda a sorte de ideias loucas, absurdas, lhe ferviam na

cabeça. Bebeu meia garrafa de gim e, depois de uma cólera delirante que lhe deu o álcool, em que Mélanie teve todo o trabalho na conter, adormeceu bêbada. Ao outro dia, tinha o aspeto envelhecido, estava envergonhada de si mesma; mas o ciúme subsistia e parecia crescer-lhe.

Depois, esperara todos os dias que Vítor voltasse. Fazia planos que abandonava, escrevia cartas que rasgava, chorava; e todas estas exaltações eram ocultas, porque, comprometendo o interesse do seu coração, queria ao menos assegurar os interesses da sua algibeira; e aparecia a Dâmaso risonha, agradável, com um ar sereníssimo, mas pálida e ardendo em ódio.

## CAPÍTULO VIII

Vítor saiu de casa de Genoveva com a alegria de um general que deixa, depois de uma vitória, ao anoitecer, o campo de batalha. Muitos sentimentos vinham dar-lhe a doce sensação consoladora: tivera graça, facilidade de palavras; mostrara a Genoveva que os seus desdéns eram retribuídos com desprezo manso; humilhara Dâmaso, achatara-o, confundira-o... e tinha conseguido o retrato e um pretexto para visitas futuras. Vingara-se, mostrara a sua força, alcançara uma vantagem estratégica. «Sou um Bismarck!», pensava, vergastando o ar com a badine.

Nunca a vida lhe parecera tão boa e sentia-se com inteligência, força para combinar outras intrigas, triunfar nas salas, reinar pela habilidade. Sentia-se vagamente um político; vinham-lhe baforadas de ambição. No fim de tudo, para que se havia de fazer desgraçado, prender-se a uma semelhante pega? Devia trabalhar, seguir a sua carreira, seria deputado, ministro; e via-se passando o Chiado, com um correio, ou pisando os tapetes do Terreiro do Paço, com

uma pasta de estadista sob o braço coberto de uma manga bordada a oiro.

Caminhava tão depressa que, ao pé do correio, esbarrou com um sujeito atabafado num paletó.

— Oh, senhor João Marinho!

— Oh, amigo Silva.

E chegando-se para a porta do correio, conversaram logo de Madame de Molineux. Marinho não voltara lá, desde a soirée; estava realmente envergonhado, mas não tivera um momento do seu e, imediatamente, fez o seu elogio com a sua fórmula pires, cantada: «Era uma pessoa muito distinta; não era virtuosa, não, que diabo!... Também, se todo o mundo fosse virtuoso, o mundo era muito aborrecido.» E riu da sua própria malícia.

— Não é verdade, amigo Silva? Não é verdade? Ah — continuava —, mas agora, em Lisboa, estará deslocada. Era necessário vê-la em Paris. Tem espírito, tem finura. E recebe muito bem. E veste-se... E entende de carruagens!... Ele mesmo ouvira dizer a Cora Tear... aquela boa Cora... a «Madalena do Deboche». Eu chamava-lhe a Madalena do

Deboche. Pus-lhe o nome. Uma ocasião, até o disse ao príncipe de Orange. A sua alteza riu; dignou-se rir.

E ele mesmo cascalhava, erguendo o pé, todo nervoso. Mas calmou-se, arregalou um olhar quase aflito: tinha-se esquecido inteiramente do que estava a dizer; tinha às vezes daquelas falhas de memória.

— A respeito da Cora.

— Ah! — e quase deu um berro. — A Cora. A Cora disse dela: Elie est trés futée, cette petite portugaise! Eu conhecia-a muito. E Monsieur de Molineux, um velho divertido... Que ceias!... Ah, já lá vai tudo! Paris sem um império não vale nada... — e oscilava a cabeça com melancolia, como se visse, estendida no palco a ruína da França.

Mas Vítor, tomado de uma ideia súbita, disse-lhe familiarmente:

— O Marinho, quer você vir jantar comigo ao Central?

— Pois sim, meu caro, pois sim. Jantamos num gabinete; há um Mouton-Rotchild delicioso, delicioso; e barato; uma, duas, três garrafas... As seis, hem?

— As seis, na Casa Havanesa.

— Au revoir!

E sem razão, Marinho riu, pasmando toda a face. E afastou-se, com as abas do paletó ao vento.

Vítor achara a ideia excelente. Marinho, bem alimentado e bem bebido, devia dizer o que sabia sobre Madame de Molineux. Vítor esclareceria assim certos pontos obscuros; teria enfim ideia de quem era aquela «aventureira». Queria conhecer o seu passado, os seus amantes, a noite de Paris, os seus delírios e bater sobre as recordações do Marinho, como quem bate um mato, até fazer sair a lebre.

E dirigiu-se logo ao quarto andar de Camilo Cerrão, para o prevenir que Madame de Molineux os esperava no dia seguinte, às duas.

Foi a bela mulher... a fêmea do Camilo... que veio abrir a porta. Ficou um pouco corada ao vê-lo e disse que o Camilo não estava.

— Desejava, então, deixar-lhe escrito um pequeno bilhete.

Joana fê-lo entrar no atelier e, enquanto procurava pena e tinteiro, Vítor observava-a; apesar de ser Inverno, ou por hábito, ou por pobreza, ou por desdém dos agasalhos, trajava um roupão de chita, amarelado, enxovalhado, que passado, decerto, apenas sobre a camisa deixava em toda a liberdade de movimentos o seu corpo esplêndido; sentia-se que não tinha colete e a elevação dos seios revelava contornos de uma Frineia escultural. A vida encerrada naquele quarto andar fizera-lhe perder as cores vivas da aldeia e, muito branca, apenas as mãos conservavam a dureza avermelhada e calosa do trabalho plebeu; e os ombros e as ancas, os braços, tinham a beleza de uma grande estátua, sentindo-se a circulação de um sangue quente sob uma pele láctea e macia. Mas o que perturbava Vítor era aquele roupão amarelado, colado ao corpo, revelando, nos movimentos, formas quase nuas. Como o teto era baixo, parecia mais alta; e com o seu perfil anguloso, a testa curta de mulher romana, o queixo redondo e firme, os seus olhos negros, cerrados, aveludados, pasmados, parecia, no meio daquela desordem artística, esboços de pinturas e gessos estatuários, uma escultura viva, vestida de cozinheira.

— Não se incomode — disse então Vítor. — Eu escrevo como lápis.

Ela afastou-se para o pé da janela e Vítor, voltando a cabeça, viu que ela fixava sobre ele os seus soberbos olhos pretos. O coração bateu-lhe; sentiu como uma baforada de sensualidade pagã perturbá-lo. O silêncio do atelier, o largo divã amarfanhado, davam-lhe ideias de um desejo bruto e a mão, escrevendo, tremia convulsivamente.

— Bem — disse terminando —, aqui deixo o bilhete, para quando ele vier.

Ela abaixou a cabeça. E todavia, Vítor não saía; calçava devagar as luvas, um pouco pálido, embaraçado, perturbado, procurando uma palavra.

— Muito bonito dia — achou por fim.

— Está muito bonito.

Tinha uma voz cantada, cálida, Vítor pôs-se a olhar para as paredes, como para ver os esboços; passou em frente do cavalete onde o esboço grosso e empastado de uma paisagem de ocaso mostrava um tronco caído ao pé de uma cabana.

— Muito bonito isto — disse ele, voltando-se para ela, indicando a tela.

Ela ficara à janela, onde os seios hirtos, magníficos, destacavam na luz um pouco baça e degradada. Tinha os braços caídos, as mãos enlaçadas.

Vítor concentrava-se para não lhe tocar, não lhe pôr as mãos, tanta era a atração magnética que saía daquelas formas soberbas.

— Então não se esquece de lhe dar o bilhetinho, hem?

— Não, senhor.

Vítor, então, procurou o caderno; tinha-o atirado para cima do divã, mas não o achava, olhava em redor. Ela procurava também e ambos, ao mesmo tempo, viram-no caído entre o divã e a parede; e no movimento de apreensão, o peito de Vítor roçou pelo ombro dela. Pareceu-lhe que um calor animal, muito bom, lhe passara sob a pele, com a impressão de uma carícia forte. E quando Joana endireitou o busto, estava escarlate; tinha uma expressão tímida, carregada, e o olhar parecia mais sombrio.

Vítor estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Muito boa tarde, minha senhora.

— Adeus...

A sua mão apertou a de Vítor, ficou na dele, mole, morta, com a sua pele dura de uma lavradeira.

Vítor, na rua, respirou. Parecia-lhe que saia de um forno onde circulava um ar pouco são e uma sensualidade pesada. Aquela mulher perturbava-o com certa atmosfera quente, de eletricidade; jurou nunca mais se demorar com ela, só, porque enfim, que diabo, é recusar ser homem de bem!

Mas não pôde perder a lembrança daquelas belezas fortes, robustas, pagãs e, sobretudo, o que o excitava era que tocar naquele corpo dava-lhe a sensação de um calor morno dissolvente, delicioso ao contacto, estonteador.

— Terrível criatura, safa!

Mas, às seis horas, tinha-se esquecido, descendo alegremente a Rua do Alecrim, com Marinho, para o Hotel Central. Marinho, apenas chegou, chamou o maitre. O maitre teve um conciliábulo com ele, discreto, refletido, e

veio dizer a Vítor, que, na sala de leitura, folheava um velho volume da obra de Gavarni.

— Tem um jantarinho de apetite, mas é necessário esperar meia hora. — E vendo o volume: — O Gavarni! Ah, o Gavarni, muito pândego, muito pândego! — E para passarem meia hora, propôs que fossem acima ver o seu especial amigo, o barão de Markstein, um diplomata que estava adoentado. E para dissipar a hesitação de Vítor:

— Eu apresento. Excelente pessoa. Cliente fino. Um cavalheiro!

Vítor foi, por indolência, por inércia, deixou-se arrastar até à sala de repes azul do diplomata. E imediatamente o barão apareceu, com um passo miudinho e dançado, conchegando, com o braço esquerdo, ao corpo, um robe-de-chambre de ramagens e, com a mão direita, pondo e tirando, em cortesias, um fez turco. Tinha o queixo amarrado num lenço de seda preta e a sua fisionomia, fina e aloirada, tinha uma expressão difusa de uma melancólica estupidez. Apertou a mão de Marinho, com um afeto profundo; fez sentar Vítor, ofereceu, com uma voz desfalecida, charutos, e desculpou-se, logo contando que,

no último domingo, em casa do Marques, à saída, tinha apanhado um frio!... Vira-se obrigado a tirar um dente.

Marinho lamentou-o com palavras desoladas. O barão encolheu os ombros com uma resignação triste e, de parte um do outro, sorriam, diziam-se doçuras. E Marinho, então, começou a falar na retirada próxima, de que se falava, do embaixador de Espanha. O barão exaltou-se e, levantando-se, declarou que «não havia nada decidido, não havia nada decidido; que, todavia, era possível que houvesse alguma coisa, mas estava simplesmente em projeto; de positivo, nada; era arriscado afirmar; era possível, mas que deveria abster-se de toda a opinião particular firmemente expressa; era um assunto excessivamente delicado; e todavia... pedia que não tirassem das suas palavras nenhumas ilações; não ele, era como outro qualquer: dizia só que era possível; mas isso não queria dizer que soubera, ou lho tivessem dito; não, de modo nenhum. Naquelas coisas era muito cauteloso, muito cauteloso». E levou a mão ao queixo, com uma carantonha que desaguou num sorriso.

Quis então mostrar ao Marinho o último retrato que tirara e, com o seu passinho miúdo e dançado, desapareceu

na alcova.

Marinho voltou-se para Vítor, arregalou os olhos e teve um gesto que expressava: «Um grande homem! Muito profundo.»

O barão aproximou-se com as suas coleções de retratos. Tinha-os vestido de manhã; fardado; vestido de baile, encostado a uma coluna truncada, vestido para a caça, e o último, encostado à mão, numa atitude filosófica, examinando um mapa. E de pé, com os dedos no queixo, esperava a opinião de Marinho.

Admirável! — disse Marinho.

O barão, então, contou que oferecera um a sua majestade el-rei. Tinha hesitado; era um assunto muito delicado; tinha meditado muito. Mas, como sua majestade lhe tinha, um dia, rindo, pedido o seu retrato, julgara poder... Pois não se ignorava a benevolência da sua majestade. Ao contrário, dignara-se aceitá-lo e até lhe dera um da sua majestade mesmo. Era um grande homem. Não teria apreciado mais se lhe tivessem dado uma grã-cruz. Que não supusessem que ele a ambicionava, ou que aquilo era uma maneira de

indicar, de lembrar que a ambicionava; às vezes, uma palavra mal interpretada... Mas realmente a cordialidade da sua majestade fora adorável. Não se imaginava um monarca tão benévolo, tão simples, tão afável. Ele participara logo ao seu Governo aquela honra. Não recebera a resposta, mas estava certo que faria muito boa impressão, muito boa impressão.

E voltando-se para Vítor, disse que estava encantado com Portugal; o clima era divino; a sociedade perfeita, e uma benevolência, uma benevolência...

Ofereceu, então, como el-rei, um retrato a Marinho; meteu-lho num sobrescrito que colou, lambendo-o com esforço do queixo doente e uma correção burocrática; entregou-lho com uma cortesia. E quando eles se retiraram, veio acompanhá-los, dizendo ainda que não supusessem que ele não sabia nada sobre a retirada do embaixador de Espanha; exprimira uma opinião, como particular; «era um assunto muito delicado».

Quis saber onde Vítor morava. Jurou-lhe que raras vezes encontrara um mancebo de tanta ilustração; perguntou se não o encontraria, na quinta-feira, em casa do presidente

do Conselho; resvalou algumas palavras sobre a grande fama europeia do presidente do Conselho; e ficou à porta, curvado, numa atitude de F., murmurando cumprimentos que se perdiam na dobra do buço.

— Homem muito profundo — veio dizendo Marinho, que trazia o retrato na mão, com cautela, como um santo sacramento.

O jantar dos dois foi longo, delicado, copioso. O Mouton-Rotchild era excelente.

Falaram naturalmente de Genoveva, mas Marinho, que parecia ter adquirido o receio contagioso do diplomata, manteve-se em generalidades vagas. Falou sobretudo de Monsieur de Molineux, descreveu as suas opiniões políticas, o lindo palacete que tinha na Rua de Lord Byron, a sua voracidade à mesa, a sua repugnante velhice, os seus vícios...

— Enfim, ela, nesse tempo, tinha alguns amantes? — disse Vítor. — Não se podia contentar com o velho...

— O velho... o velho... — e Marinho cascalhou. — Eh! Eh! Tinha muita experiência, tinha muitas habilidades... —

querendo dar a entender que, no velho, a ciência da libertinagem substituía a redução da juventude.

Mas, quando o criado entrou com um perdreau aux choux, quase se enterneceu; verificou se tinha junto o bocadinho de Roquefort, em que ele insistia, e quando reconheceu que sim, que lá estava, o seu olhar húmido expressou em redor, para o criado, para Vítor, um reconhecimento enternecido.

Servia-se com abundância, encheu o copo, viu que não lhe faltava nem o talher, nem o pão, que a janela estava bem fechada, o gás funcionava, e satisfeito com a sua felicidade, atacou a perdiz, dizendo a Vítor:

— Eu não quero dizer mal. O meu amigo sabe que eu não sou homem de mexericos. Vejo, oiço e calo. É a minha filosofia.

Teve, na cadeira, gestozinhos contraídos, como se lhe fizessem cócegas. Repetiu:

— É a minha filosofia. Mas a verdade é que, no tempo do pobre Molineux, ia lá muito um rapaz, um La Rechantaye, bonito rapaz... Não que eu visse, não que eu visse...

Mas, sob a influência da perdiz e do Mouton-Rotchild, concordou que vira.

Ele não queria dizer mal, mas era ali entre eles, «não é verdade?» Pois vira. Vira-o num dia... Era uma soirée, em casa do pobre Molineux; ao pé da sala de jantar havia uma estufa, estavam todos no salão a jogar; ele, por acaso, entrara na estufa que estava mal iluminada... — ele «não queria dizer mal» — e chegando-se muito para Vítor — mas estava deitada nos braços dele, a despentear-lhe o cabelo! «Isto vi eu!»

Vítor repeliu o copo, com um gesto tão brusco que entornou vinho. Marinho precipitou-se e pondo dois dedos na toalha ensopada; e passava-os pela testa, dizendo:

— E para boa sorte, é para boa sorte.

— E que é feito desse rapaz?

— Morreu! Morreu! — E a voz de Marinho tomou tons lúgubres. — Morreu na guerra, na guerra!

Vítor sentiu uma satisfação, um vago reconhecimento, pelas vitórias alemãs.

Marinho encolheu descuidadamente os ombros, mas vendo então uma garrafa de champanhe, não se conteve e disse:

— Qual! Mulher sem coração! Aqui para nós, eu não gosto de fazer intriga, mas, a falar a verdade, aqui entre nos, e uma aventureira.

E acrescentou:

— Da pior espécie, da pior espécie...

Provou o champanhe. Achou-o excelente e, recostando-se na cadeira, exprimiu grande suspeita sobre Madame de Molineux.

— Como, como?

— Ali há mistério — e Marinho tomou um aspeto solene; disse mesmo, com um ar cavo: — Ali há tragédia.

A curiosidade de Vítor estava excitada. Com os cotovelos na mesa, devorava Marinho com os olhos. Mas o excelente homem falava a espaços, muito ocupado agora com o seu rosbife, comendo com método, fazendo estalar a língua, concentrando-se para saborear. E foi só quando o criado

trouxe uma Charlote Russe, que Marinho, depois de ter passado a mão pela testa, como para clarificar e dispor as suas recordações, largou tudo:

— Aqui está como eu vim a desconfiar. Eu sabia que ela era portuguesa. De resto, era fácil ver-se: tem um acento, no francês, do diabo. Agora, não tanto mas tinha. Abria cada E e cada O! Desagradável, desagradável. Ora, naturalmente, eu não sou melindroso, o amigo conhece-me, mas tive curiosidade de saber, não é verdade? Tive curiosidade de saber de onde era, se de Lisboa, se da província. Disse-me que era da Madeira. Que família? Gomes, Gomes?... disse eu comigo... não me cheirava a ilha da Madeira, não me cheirava. Eu tenho faro — e imitava-o, farejando por cima da mesa. — Disse comigo: «Nem tu és da Madeira, nem Gomes!» Mas enfim, que diabo, jantava-se muito bem em casa dela, era muito amável. Que me importava a mim quem ela fosse? Dos portugueses, em Paris, ninguém a conhecia. De resto, ela não é nova. Tem trinta e nove ou quarenta anos, mas muito bem conservada. Ainda não a viu decotada? Oh! — e Marinho ergueu os braços ao ar: — E um colo e um seio! É um caso de perder

a cabeça — e os seus olhos dilataram-se extraordinariamente. — Pois, senhores um dia, aparece em casa do Molineux um sujeito, um brasileiro, chamado coiceiro, apresentado por... por... Enfim, não me lembro. Esta memória, esta memória!... Homem ordinário, com um aspeto... — procurou a palavra, hesitou, mas com uma resolução brusca. — Que diabo, nós estamos aqui entre amigos... Com um aspeto facínora. E era-o! — e juntou, num tom soturno: — Não se sabia bem a sua história, mas falava-se de um assassinato. O caso é que ele tinha casado com a viúva de um homem, em casa de quem era caixeiro, já rico; e depois, fez uma falência brutal. Vivia em Paris, com um luxo, um luxo!... Enfim, falado. Mau gosto, muito mau gosto, mas à grande. Madame de Molineux sabia perfeitamente o que se dizia do brasileiro, mas recebia-o; que lhe importava a ela, não é verdade? Era milionário, jogava e perdia; que tivesse assassinado, ou que não tivesse assassinado, essas coisas, em Paris, não influem. Tinha dinheiro? Pois bem, «vem cá meu ai-jesus!» Um dia, num jantar, o coiceiro pôs-se a dizer, em português, a Madame de Molineux: «A senhora nunca esteve na

Guarda?» Pois, menino, eu estava a olhar para ela e via-a, positivamente...

A porta abriu-se e o criado entrou, dizendo que o senhor barão de Markstein perguntara se não seria indiscreto vir tomar com eles o seu café.

— Não certamente — disse Vítor, contrariado, olhando para Marinho. — Que sim, certamente.

— E muito amável, é muito amável — disse logo Marinho, radioso.

— Mas, continue, Marinho. Ia a dizer... Viu...?

— Que vi quê?

— A Madame de Molineux, quando o brasileiro lhe disse...

Mas a porta tornou a abrir-se e o barão entrou, tirando e pondo o seu fez. Pediu logo que lhe jurassem que não era importuno; mas sentia-se em casa, tão só... E conhecendo a cordialidade dos Portugueses, de que tinha tantas provas... julgara... Mas, realmente, não era importuno? Não vinha interromper nenhuma conversa?...

E só depois de manter afirmações «que não, que não», resolveu a sentar-se, com muitos gestos, muitos cumprimentos da sua face amarrada no lenço; pedindo que se não incomodassem, que fizessem de conta que ele não estava ali; e, remexendo o café, pediu como um favor, como uma esmola, notícias da sociedade. Estava havia dias em casa e não sabia nada do que ia, não sabia nada. Quem tinha estado em casa do ministro do Brasil? Se a receção do rei tinha estado concorrida? Se tinha estado este, aquele? Como estava sua majestade? O que ia na ópera? Ele não sabia nada, não sabia nada, estava inteiramente envergonhado.

Mas Marinho sabia tudo, ele. Informou-o miudamente. E Vítor, puxando com força casquinhas de tangerina, furioso daquela interrupção, escutava aquela conversa sobre pessoas que não conhecia, um pouco humilhado, receando que, interrogado pelo barão, tivesse de revelar a falta de relações aristocráticas.

E mesmo para o evitar, lançou algumas frases sobre a questão do Oriente: teríamos a guerra?

O barão afundou a fisionomia nas dobras do lenço, e encolhendo os ombros: «Era difícil dizer; não era possível avançar uma opinião; tudo parecia extremamente complicado; era grave, muito grave; no entanto... Que ele exprimia apenas uma opinião individual; de modo algum considerassem as suas palavras, como partindo de um homem público. Não. Era grave, era muito grave. Era tudo o que se podia... Haverá guerra, não haverá guerra? Eis a questão. Era excessivamente grave.»

E com os olhos postos na chávena, as sobrancelhas erguidas, absorto, remexia devagar o seu café.

Vítor falava no chanceler do Império, o príncipe Gucharof...

— Muito profundo — observou logo o barão.

Vítor lançou o nome de Bismarck.

— Excessivamente preocupado — disse o barão, e acrescentou que «era grave, muito grave!»

E convidou-os a passarem a noite com ele. Viria o secretário de França, o adido de Itália, e faria um whist. Marinho aceitou logo, com grande júbilo, contanto que

fosse um whistezinho barato; porque não valia a pena... «Não é verdade?», entre amigos, para passar a noite agradavelmente, porem-se com preços...

O barão aprovou: «Decerto, decerto!» E sentiu muito que Vítor não quisesse ficar.

— Não, não posso. Tenho uma visita.

O barão curvou-se e lembrou que o melhor seria irem para o seu quarto; tinha um excelente conhaque, charutos... Mas Vítor, que não podia falar particularmente a Marinho e tirar-lhe o resto da história de Madame de Molineux, despediu-se dele no corredor, dizendo:

— Eu por lá apareço, Marinho.

— Aparece, meu bom amigo, aparece. Excelente o seu jantar. Ótimo. Fizemos um jantarinho delicioso.

E foi seguindo, muito contente, o barão, que, ainda da escada, saudando Vítor, punha, tirava o seu fez.

Vítor saiu muito contrariado. Tinha agora um desejo profundo de saber o resto da história do brasileiro. Decidiu-se a ir, no outro dia, ao Hotel Universal procurar Marinho

e, indo ao acaso, achou-se involuntariamente descendo a Rua do Correio, para S. Bento. Não sentiu que passaria por casa de Madame de Molineux. A porta estava o cupé de Dâmaso; havia luz na sala, no quarto dela. Aquilo contrariou-o mais e, lamentando até o pobre tolo do Dâmaso por estar metido com semelhante aventureira, pisava a rua com um passo irritado, exibindo uma turbulência de temperamento, com irascibilidade e vontade de chicotear Madame de Molineux e de lhe morder aquele colo maravilhoso de que falara Marinho e que lhe punha no sangue uma faiscação vibrante.

Genoveva, com efeito, ao anoitecer, tinha mandado a Dâmaso este bilhete:

«Meu querido, perdoa; eu estava nervosa, não sabia o que dizia hoje; peço-te que venhas, não tenho feito senão chorar.»

E Dâmaso, exaltado, chegara a galope.

Genoveva, acalmando a sua exaltação da manhã, tinha refletido na inconveniência de uma cena com Dâmaso; no fim, aquele imbecil é que tinha o dinheiro; fossem quais

fossem os seus sentimentos ou as suas resoluções, era necessário não O escandalizar; se a sua paixão, o seu interesse, o reclamassem, poderia depois expulsá-lo, mas, até lá, convinha seduzi-lo, estonteá-lo, vergá-lo, e, nota a nota, espremer-lhe os últimos sucos de generosidade. Fez uma toilette um pouco provocante e, «armada» como ela disse, esperou o bicho.

Apenas ele entrou, esbaforido, estendeu-lhe as duas mãos, por um gesto cheio de humildade amorosa, dizendo:

— Perdoa. Estive nervosa, hoje.

Mas ficou surpreendida, vendo que Dâmaso não desenrugava a testa; conteve a sua cólera; murmurou, pondo-lhe as mãos nos ombros:

— Mas que posso fazer eu mais? Toda a mulher tem os seus nervos. Foi um momento de arrebatamento.

Dâmaso, com um aspeto carrancudo, resmungava:

— Foi de mais, foi de mais! Puseste-me fora. Eu cá sou pão, pão, queijo, queijo; dessas cenas não gosto. Não gosto, acabou-se.

Ela afastou-se, fez-lhe uma cortesia.

— Bem — disse muito friamente. — Damos um aperto de mão e acabou-se. As nossas relações findaram. Seremos apenas dois bons amigos — e afetando uma voz nervosa, comovida.

— Está frio, não?

Dâmaso devorava-a com o olho sensual e rompendo:

— Tu não tens paixão por mim, Genoveva!

Ela sorriu tristemente e, erguendo os olhos como para invocar o testemunho do céu, seu confidente:

— Não tenho paixão por ele! — e irritada: — Por quem me toma? Que mulher pensa que eu sou? Se não tenho paixão por si, mentiria. Bem, bem, meu amigo, não falemos mais nisso. Acabou-se. Que vai hoje em São Carlos?

Tinha-se sentado numa atitude que dava às suas formas um relevo delicioso.

Ele veio cair no sofá, junto dela, quase sobre os seus pés.

— Que me magoa! — disse ela muito doloridamente.

— Foi sem querer! — e pôs-se mais à beira do sofá. Tomou-lhe a mão, entre as suas, gorduchas. — Mas diz que tens paixão por mim.

Ela endireitou-se e, prendendo-lhe o pescoço, com uma voz cálida de que ele sentia o hálito amoroso:

— E por quem estou em Lisboa? Por quem? Imagina que não tenho, em Paris, relações amigas, que dão tudo, tudo, dinheiro, bens, vida, para estarem aqui comigo, sobre um sofá, nesta posição? Por quem outro estou eu em Lisboa? — e pondo na voz um acento intensamente amoroso: — Por ti! — disse-lhe baixo.

E beijou-lhe o lobo da orelha. Dâmaso encolheu-se, num arrepio de gozo, abraçou-a; balbuciava:

— Juras? Juras?

— Juro, meu bichano! — E atraía-o, movia-o, enlouquecia-o, beijando, com carícias que o abrasavam e palavras que o enfatuavam: — Gosto tanto de ti, desta bochechinha gorda; faz-me tão doida! Ah, maroto, tu bem o sabes; por isso abusas. Dize, diz que gostas da tua Genovevazinha. Dize. Mas diz-lho bem: diz-lhe ao ouvido; diz-mo na boca...

E Dâmaso arfava, soprava, sentia fogo no sangue.

— Mélanie! — gritou Genoveva, com a sua voz seca e vibrante.

Mélanie correu; teve um sorriso ao ver Dâmaso, cumprimentou-o, exprimindo, como alegria geral da casa, no ver de novo, a ele, o amado, o amo, o senhor.

— Traz-nos qualquer coisa para beber — e para Dâmaso:

— Que queres tu, amor? Faz-lhe alguma coisa do melhor, hem, Mélanie. Quer café, feito à turca, com todo o pó?

Dâmaso hesitava, com um rosto espesso, vermelho. E Genoveva, com um impulso, agarrando-lhe a cabeça.

— Oh, querida carantonha! Mas que fizeste tu? Porque te amo eu? Tu não és muito bonito, nem muito brilhante. Mas então? — e em manso: — faz o café à turca, sim, Mélanie?

E Genoveva correu ao piano; disse-se alegre, leve:

— Vês? Estou outra! Em tu aparecendo, estou outra.

— E cantou:

*Chaque femme a sa toquade,*

*Sa marotte est un dada!*

Interrompeu-se, veio para ele:

— Tu és a minha toquade, a minha marotte, o meu dada.

Mas Dâmaso, com um gesto de desconfiança burguesa, murmurou:

— Mas para que fizeste olho àquele idiota do Vítor?

— Olho? — fez Genoveva. E rolou em risadas. E repetia:

— Olho? Se se pode dizer! Àquele bonifrate? Porquê? É bonito — e com um gesto de humor: — Ai, meu rico, tenho visto muito homem bonito! Que importa o Vítor? Deixa lá o Vítor.

Mas Dâmaso disse-lhe então:

— Pois sim, mas então faz-me uma coisa: vamos passar quinze dias para Sintra.

Aquela proposta brusca desconcertou Genoveva. Deu uma volta sobre si mesma, abaixando a cabeça, com um

movimento habitual, quando queria disfarçar uma sensação; respondeu:

— Para Sintra? Porquê?

— Para estar quinze dias. É uma pândega. O tempo está lindo! Vamos para a minha casa, se quiseres; senão, íamos para o Lawrence...

— Mas, realmente, não sei... — disse Genoveva.

— Ah! Vês! — exclamou Dâmaso. — Não queres sair de Lisboa, é o que é! Tu pensas que eu não percebo? Pai Paulino tem olho!

Madame de Molineux deixou fugir das pálpebras um olhar que foi como um clarão de luz. Odiava Dâmaso naquele momento, ferozmente. Mas, abrindo os braços, com um gesto triste:

— Aí está! Estava tão contente e aí vens tu com cenas, com discrepâncias, com ridículos. Não! É muito! Acabou-se. E melhor acabar.

E pela sala, arrastando o sussurro da seda, mordia constantemente o lenço.

Dâmaso foi passar-lhe o braço pela cinta e falando-lhe sobre o pescoço:

— Mas que repugnância é essa de vir a Sintra? É uma coisa que te peço. Estávamos quinze dias lá, na grande paródia; levava-se uma caleche, comia-se e bebia-se e...

Enquanto ele falava, Madame de Molineux tinha visto toda a vantagem daquele isolamento, em que ela o poderia sacar e «cardá-lo» cruelmente.

Voltou o rosto e, com o olhar que o abrasava:

— Mas vamos, meu querido, se queres. Estou bem onde estiveres bem. Há fogões na tua casa?

— Não. Mas vais para o Lawrence. Espero-te amanhã. Preparei tudo, à grande: está lindo, em Sintra. E em lua-de-mel, hem, na velhice, sei ou não da coisa?

— És um santo... e eu achei-te.

Foi nessa noite que combinaram definitivamente mudar-se da Rua de S. Bento. Dâmaso alugou um andar mobiliado, na Rua das Flores; completar-se-ia com alguns móveis do

Gardé; comprar-lhe-ia uma vitória e instalá-la-ia definitivamente, oficialmente, como «a do Dâmaso».

No outro dia, Vítor, muito impaciente, esperava Camilo Cerrão, para irem a casa de Genoveva. O rendez-vous era para as duas horas, mas era uma hora e três quartos e Camilo não aparecera. Esperava-o na sala, nervoso, descalçando as luvas, passeando, indo-se a todo o momento debruçar da janela.

Às duas horas, mandou um galego a casa do Cerrão. O senhor não estava. As duas e meia, furioso, foi ele mesmo. Um rapazinho esguedelhado que abriu a porta disse que o senhor não aparecera desde pela manhã. Vítor desceu as escadas, amaldiçoando Camilo, voltou a casa, a saber se ele teria vindo, mandado algum bilhete. Nada. Foi ao teatro de bailado, ao Variedades, onde Camilo pintara. Depois de subir, procurar, indagar, não estava. Eram três horas, a entrevista estava perdida. Achava Cerrão um canalha indigno de interesse; far-lhe-ia perder o retrato; ele ficaria obscuro e morreria na miséria. «Aquele alarve!», dizia ele, subindo o Chiado, com desespero.

Foi escrever um bilhete a Genoveva e, depois de rasgar umas poucas de folhas de papel, decidiu-se por uma redação explicativa ligeira:

«O grande artista, com uma natural distração de homem de génio, esqueceu a honra que Va Exa faria de o receber. Os artistas são como as crianças, a quem é necessário perdoar muito, porque sentem muito. Mas, logo que o alcance, conduzi-lo-ei, amarrado de pés e mãos, obter o seu perdão e contemplar o seu modelo.»

A satisfação que lhe deu a invenção desta prosa dissipou-lhe, em pouco, a irritação da entrevista estragada. E para se distrair, foi ver a Aninhas. A Rosa disse-lhe logo:

— Ai a senhora está numa aflição!

Encontrou-a estendida na cama, lavada em lágrimas. E após o ver, com gestos aterrados, os olhos vermelhos, disse-lhe que, pelo amor de Deus, não se demorasse. Que estava perdida.

O Policarpo tinha recebido uma carta anónima, em que lhe contavam os amores dela com Vítor; o Policarpo estava

furioso, queria deixá-la, tirar-lhe as mesadas. «Uma desgraça, uma desgraça!»

— E que disseste tu? — perguntou Vítor, assustado.

— Eu? Ora, neguei. Neguei a pés juntos. Mas o bruto, o animal, não quis acreditar. Disse que ia consultar um amigo e saiu. Estou à espera dele. Ai! Ai!

E rolava no leito, com gritos dilacerantes.

Vítor estava sucumbido; a honra exigia que, abandonada pelo Policarpo, fosse protegida por ele. E viu logo o embaraço, a despesa, a prisão, a seca. Mas as lágrimas dela afligiam-no; ia quase dizer-lhe, consolá-la, dizer-lhe que se encarregava de «fazê-la feliz». Mas receava comprometer-se tão positivamente, e disse-lhe logo:

— Bem, então safo-me, que não venha ele.

Aninhas atirou-se lhe ao pescoço.

— Que infelicidade a minha! Já acendi uma vela a Nossa Senhora da Alegria. Mas, quem sabe? Disse que vinha às quatro horas. O bruto, o animal! O meu Vitorzinho, dize, se a tua Aninhas ficar na miséria, que fazes, dize, amor.

— Ó filha, que pergunta! Tudo se havia de arranjar...

— Vai, anda. Eu te mandarei dizer.

Bateram à campainha.

Aninhas fitou-o petrificada:

— E ele! Ai Nossa Senhora me valha! Ai, Vítor, estou perdida.

Tremia, pálida, agarrada com força ao braço de Vítor, que olhava ansiosamente, procurando um esconderijo, um buraco, uma saída.

Mas Aninhas respirou; reconhecera a voz da mulher da fruta. E levando as mãos ao coração:

— Oh, que susto! Estou morta! O que eu sofro por ti, meu amor! O que eu sofro!

Vítor enterneceu-se; beijou-a muito; ela foi acompanhá-lo até à porta, gritando à Rosa que não se esquecesse de renovar o azeite à lamparina da Nossa Senhora da Alegria.

# CAPÍTULO IX

Vítor, no outro dia, procurou por toda a parte Camilo Cerrão, sem o encontrar. Nas Variedades, um rapazinho de blusa azul que passeava sobre uma «floresta» do pano do fundo, estendido no soalho, fumando um cigarro, disse-lhe que o Cerrão, quando a obra não apertava, desaparecia dois ou três dias. Tinha telha, o Cerrão, mas que o melhor era ir procurá-lo ao Botelho, com taverna na Rua dos Retroseiros.

Foi. Um frigir de peixe, uma vaga fumarada de um cheiro esquisito enchia a taverna; o chão negro mais parecia de terra calcada; de um bico de gás, desvairava uma luz crua e dura; e de um cubículo, forrado de tapigos e coberto por cortinas de chita velha, saia a voz dura dos fregueses.

Num dos recantos, ao anoitecer, Cerrão, com os cotovelos sobre uma toalha cheia de nódoas, comia o prato célebre do estabelecimento, frango com ervilhas, com uma rapazola

amarelo, cheio de espinhas carnais, uma carita miúda e triste, que tinha um cachené azul.

O Cerrão apresentou-o como «o amigo Tadeu! O Tadeu!» E apenas ouviu as queixas de Vítor, que lhe exprobrava ter faltado à entrevista, ter-lhe causado um desapontamento, trovejou contra a exatidão.

— Se imaginas que um artista deve ser pontual, como um tabelião... Puh!... Não é verdade, amigo Tadeu?

Tadeu tossiu, cumprimentou, aconchegou o cachené, bebeu um trago de vinho e disse:

— Puh!

— Tu não conhecias o amigo Tadeu?

Vítor não tinha «essa honra».

— Mostra lá, ó Tadeu! — disse logo Cerrão.

Tadeu tomou ao pé de si, num banco, um rolo de papel e, abrindo-o sobre a mesa, expôs um desenho. Era uma composição confusa, tratada a esfuminho, em que mal se distinguiam, debaixo de umas ramagens, de uma atitude sacudida e violenta, algumas figuras vestidas de altas botas

e chapéus à mosqueteiro, bebendo à porta de uma taverna; pareciam ser soldados ou cavaleiros; e eram todos de constituição obesa, apopléticos, transbordando de uma força hercúlea e exibindo uma jovialidade bestial; os punhos poderiam ter morto touros, com uma simples pancada, e a arca do peito tinha uma dilatação de força que parecia que as respirações deviam ser feitas como vendavais e as palavras atroantes como morteiros. Um tinha sobre os joelhos uma moça de formas colossais, transbordantes, com as faces cheias, os peitos enormes, os braços grossos como colunas; outra, das mesmas proporções, ria, de uma gargalhada estridente, mostrando gordos, amplos lombos, ancas, músculos, disformemente bestiais. E aquilo intitulava-se a Raça Forte; e a produção opulenta contrastava comicamente com o pintor esguio.

Vítor, interrogado, achou «magnífico, magnífico!»

— Há força, hem? Há poder! — exclamava Cerrão. — É a poesia brutal e fulgurante da carne! Todas estas figuras comem monstruosamente, têm uma jovialidade retumbante, têm a colossal musculatura, o esplendor da carnação, a expansão do forte, material, animal. É copioso,

rico, opulento, forte, gordo, brutal e são. É a poesia da carne! O Tadeu é um Rubens! E gigantesco. É uma boa lição à raça moderna, magra, pálida, anémica, alcoólica, de raça mal alimentada, respirando o ar viciado dos cubículos, nutrindo-se nas confeitarias, bebendo orchata. Não há nada como a força!

Tadeu tomou o desenho, desoladamente, e disse, passando os dedinhos magros sobre o chupado amarelado do rosto:

— A força é tudo! E preciso pintar a força!

Cerrão então lamentou a civilização moderna, sobretudo o que ele chamava a «depressão nacional».

A pintura é impossível, em presença da raça portuguesa: não há homens nem mulheres; há figurinhas biscuit, criaturinhas dessoradas, cheias de humores linfáticos, de um mundo de figuras de romance, de uma amarelidão de hospital. Nem andam, nem riem, nem se movem, nem pensam; resvalam; têm um sorriso desfalecido, os rins quebrados, os braços moles, como de gelatina; é uma raça

caquética, mirrada, espremida, lassa, cor de pele de galinha.

E lamentava os tempos heroicos, em que os homens eram colossais, as mulheres eram estátuas vivas; em que a distração era a guerra e a gala eram as matanças; bebiam-se odres de vinho, comia-se um javali sobre um prato doré; o sangue que corria era escarlate, duro, espesso. Que sangue!

— Que sangue! — murmurou debilmente Tadeu.

— O amor era de pura forma animal. O homem levava a mulher para o tugúrio e, durante a noite, se ouvia o rugido de uma sensualidade franca e heroica. Numa noite — exclamou ele — que o cavaleiro Ernalton de Espanha entrou na casa do conde de Fox notou que o fogo da chaminé era escasso, pudera! Ardia só um tronco de árvore; e imediatamente, descendo ao pátio onde tinham chegado da floresta burros com grades de lenha, tomou um burro com a carga e tudo atirou para as costas, subiu com ele os vinte e quatro degraus do prédio que levavam à galeria, e atirou para as chamas a lenha, a carga, o burro e tudo! Que homem!

— Que homem! — disse arregalando os olhos, Tadeu.

— Pinta-me esta cena, pinta-me esta cena, tu que compreendes a força. Não a vês daí?

— Estou a vê-la — disse Tadeu, com a boca cheia de frango.

— A alta sala de muralhas de pedra, com a chaminé onde cabem os despojos de uma floresta; os tonéis de vinho que se levam à boca e se emborcam; espadas e montantes pesando trinta quilos lançados a um canto; os gigantescos homens, bárbaros e primitivos, com cabelos sobre o peito cor de ferro, os olhos sanguíneos, conversando de batalhas e de saques; menestréis tocando na harpa as façanhas do feiticeiro Virgílio, mulheres com seios poderosos, à mostra, braços viris que podem matar um turco; narinas sensuais, por onde sai uma lufada quente, e achas numa pira lúbrica; depois de beberem hidromel, onde se lançou especiarias que vêm da Taprobana. Que tela! Ó Tadeu, compreendes?

— Se compreendi! A força! A idade bárbara!

E arranjava o cachené.

Vítor tinha um vago embaraço; pareciam-lhe doidos e não podia tirar os olhos do Tadeu, lívido, com um aspeto de doente dos intestinos, mórbido, cheio de tosse, amarelado, oleoso na pele, e comendo, uma a uma, as ervilhas, com a ponta do garfo. Disse então timidamente:

— Ó Cerrão, então quando?

— Amanhã. Amanhã, às duas.

Mas, antes de Vítor sair, queria-lhe fazer beber Colares e comer amêndoa torrada; fez-lhe as honras da taverna; e, para lhe mostrar uma curiosidade, chamou o Fabião. O Fabião veio. Era um galego de cara longa, com as mangas da camisa arregaçadas. Cerrão pediu-lhe logo que recitasse a lista. O Fabião, endireitando-se, pôs as mãos na cinta, cerrou os olhos e, com uma voz sem se interromper, de um jacto:

— Canja, sopa de ervas, arroz de marisco, bacalhau de cebolada, pescada frita, frango com ervilhas, salsichas com couve, chispe, mãozinhas de carneiro, vitela estufada, vitela assada, lombo de porco, cabeça de vitela com feijão, pato com azeitonas, orelheira, rins, carne para bifes, tudo

pronto, preço único, vinho do lavrador, há rica amêndoa torrada! Salta que é uma ocasião, sem esquecer o Fabião.

Os dois pintores torciam-se.

— Mostra, mostra o bíceps!

O galego arregaçou a camisa até ao ombro e exibiu um braço de músculo saliente, resistente, disforme.

Fizeram-no beber. Ele, de um trago, esvaziou o copo e, passando devagar as costas da mão pela boca:

— Então não lhes dá querer mais nada?

— Traze umas belas ninfas nuas, de formas clássicas — disse Cerrão, rindo muito.

O Tadeu riu também.

— Traze uma mulher bárbara, coberta de pedras preciosas, que saiba esganar uma serpente entre os dedos.

Mas, num cubículo ao lado, ergueu-se uma altercação. Vozes roucas, com punhados na mesa, injuriavam-se. O Fabião foi tranquilamente ver a «festa». Tadeu, aterrado, procurava o chapéu. Mas a altercação acabou, houve risadas; vozes que pediam tinto, para a reconciliação.

Vítor, enfastiado, ergueu-se e, depois de obter de Cerrão a promessa de ser pontual, saiu, deixando os dois de novo mergulhados num louvor comum da força e da animalidade.

Mas só dali a dois dias pôde obter que Cerrão o acompanhasse a casa de Madame de Molineux. Ficou extremamente contrariado quando o viu aparecer com o seu paletó alvadio e o seu chapéu muito desabado. Que ideia faria Madame de Molineux daquele artista tão desleixado, de grande cabelo riço, feio, com as botas por engraxar? Mas, por timidez, não lhe fez nenhuma observação e partiram numa tipoia.

Justamente quando entravam na Rua de S. Bento, viu Miss Sarah, seguida pelo seu fiel nep, grave, vestida de preto, seca, caminhando com os cotovelos Unidos ao corpo, o passo certo, o olhar direito.

Vítor apeou-se, correu a perguntar-lhe se estava em casa Madame de Molineux.

Miss Sarah corou ao vê-lo, sorriu com os seus longos dentes carnívoros e pareceu muito surpreendida que ele não soubesse: que estavam, havia três dias, em Sintra.

Vítor ficou sucumbido.

Sim, tinham ido para Sintra os dois pombinhos, e ela ficara com Mélanie, para fazerem a mudança.

— Que mudança?

«Iam mudar de casa», explicou Miss Sarah. «Iam mudar para uma esplêndida casa!»

E firmemente plantada nos dois largos pés, direita, devorava Vítor com o olhar; quis-lhe ainda falar do tempo, prendê-lo um momento de conversa, mas Vítor despediu-se, atarantado, correu ao cupé e falando para dentro:

— Foi-se — disse, dando uma punhada no joelho, e imediatamente rompeu em acusações amargas ao Cerrão: «Tinha sido a culpa dele; tinha-se fartado de esperar, tinha partido. Agora, naturalmente, nem queria o retrato, nem pensava nisso. Tinha perdido uma ocasião! Havia de ser sempre assim, com os seus desleixos. Nunca havia de fazer carreira. Havia de morrer obscuro, pobre, cheio de filhos, uma ruína, um trapo!»

— Suspende! Suspende! — exclamava Cerrão, querendo suster aquela eloquência irritada. — Suspende, amigo!

E tua a culpa! É tua a culpa.

— Mea culpa, meu maxima culpa — disse Cerrão, rindo.

Mas Vítor estava desesperado. Exalava sobre Cerrão a cólera que o afogava.

— Se é decente fazer esperar uma senhora!... Se são maneiras...

Cerrão respondia, já exaltado:

— Os artistas... não sei; não estão às ordens dos burgueses. O papa Júlio humilhava-se diante de Rafael. Francisco 1 apanhava os pincéis de Ticiano.

— Vai para o diabo! — exclamou Vítor, saltando da carruagem, pagando ao cocheiro.

Cerrão desceu atrás, citando Rubens, implorado de joelhos por princesas, para que ele se dignasse fazer-lhes o retrato; Carlos I de Inglaterra, erguendo-se quando entrava Van Dick.

— A arte é uma realeza!

Vítor atirou-lhe uma obscenidade e afastou-se.

— E aqui me deixas — exclamou Cerrão —, nesta rua inóspita, entregue às feras, sem modelo, sem tipoia, como náufrago no bairro das Cortes!

— Para o Inferno! — atirou-lhe, já de longe, Vítor.

E deixou Cerrão atónito, na rua, com os braços abertos, olhando melancolicamente a tipoia que se afastava.

Vítor correu a casa de Madame de Molineux; queria falar a Mélanie, interrogá-la, saber o que era aquilo: Sintra, a mudança.

Achou, em cima, a porta aberta; bateu na porta, entrou em casa; levantou o reposteiro da sala e viu, diante de si, Mélanie e, pelo lado do quarto de Genoveva, desaparecerem as largas costas de um homem de jaquetão. Mas Mélanie, sem se perturbar, pediu-lhe que entrasse, festejou-o, perguntou porque não tinha aparecido, com modo familiar de dona de casa e intenções de confidente.

Na sala estavam duas grandes malas abertas que Mélanie arrumava; pelas cadeiras, havia vestidos, embrulhos diversos, caixas de chapéus; no chão estavam filas de roupa branca de onde escorregavam sachets; viam-se rendas,

fitas de camisinhas de noite, toda uma revelação de intimidade feminina que dava a Vítor toda a vaga perturbação de nudezas entrevistas.

— Então, para onde se mudam?

— Para Rua das Flores, para o terceiro andar, da esquina. Uma casa linda e arranjada de novo. E gabava a casa, mas aqueles elogios irritavam Vítor.

— E onde estão em Sintra?

— No Lawrence. Só vou amanhã, pois fiquei para arranjar as malas. Demoram em Sintra quinze dias.

— Sim senhor, sim senhor — disse Vítor, começando a enrolar um cigarro.

Mélanie correu a buscar um fósforo e Vítor deu alguns passos pela sala. «Estava definitivamente estabelecida com a besta do Dâmaso!» E Vítor não sentia nem ciúme, nem tristeza; tinha-lhe ódio, achava-a reles, estúpida: «O que a desprezava, Santo Deus!», dizia consigo. «Podia vir de joelhos, aos meus pés, aquela tola, que não lhe pegaria, nem com tenazes!» Mas o seu pé, tendo encontrado um chapelino, deu-lhe um pontapé que o fez estoirar contra a

parede. E todos aqueles lenços, saias; o aroma que saía daquele desarranjo irritava-o; eram aquelas rendas que Dâmaso amarrotava! Era naqueles lençóis bordados que o animal se refastelava! Não, realmente era cómico. O Dâmaso! Só o queria ter ali; só queria que ele lhe dissesse uma laracha! E riu-se consigo: «Ah, que coça! Como lhe quebrava, com prazer, costela por costela. Não por ciúme, puh! Mas porque sempre embirrara com ele; era um burguês, um estabelecido, um janota, Odiava-o!»

E como Mélanie entrava com a caixa de fósforos:

— Então, lua-de-mel em Sintra, hem?

Mélanie teve um gestinho de cabeça, um sorrisinho, encolheu os ombros, e dobrando, arrumando as malas, com os gestos ligeiros, ia dizendo:

— Quando se não tem aquilo de que se gosta, é necessário gostar-se daquilo que se tem.

— Como na Grã-Duquesa, bem sei — disse Vítor, estendendo-se numa voltaire, familiarmente. — Gosto de a ver tão forte nos clássicos. Mélanie.

Mélanie teve um risinho; repetiu, com um olhar para ele:

— Quando se não tem aquilo de que se gosta!

Vítor ergueu-se bruscamente e, chegando-se a Mélanie:

— Que quer isso dizer, Mélanie? Diga lá...

A sua voz era seca, os olhos brilhavam-lhe, e bastaram-lhe aquelas palavras de Mélanie para que o seu desprezo por Genoveva desaparecesse e se lhe viesse uma esperança imensa. Insistia com ela:

— Que é, diga.

Mélanie recuava, com modozinhos, passando as mãos diante do rosto, como para evitar um beijo.

— Eh! Eu não sei nada. Eu ando no meu serviço; a mim ninguém me diz nada.

— Diga, Mélanie, se é boa rapariga — disse. — Ela tem-te falado de mim?

Tinha-lhe tomado as mãos, que eram secas e finas, de grandes dedos, e Mélanie encolhia-se queria desprender-se, «não sabia nada, não sabia nada», e os seus olhos atiravam piscadelas de olho a Vítor, com uma vivacidade fina e uma atenção concupiscente.

Mas soltou-se das mãos dele e, correndo acima de uma jardineira, tomou uma caixa oblonga, de marfim, com o monograma de Madame de Molineux em prata; e afirmando sempre que Madame nunca falava em nada, era muito calada, limpava a caixa, acariciava-a, abria-a e fechava-a. Vítor, enfim, com uma desconfiança, disse.

— Deixa ver a caixa, Mélanie.

Ela apertou-a contra o peito, correu para a outra extremidade da sala, fingindo-se assustada, como querendo esconder uma revelação, com muitos trejeitos, rindo muito cantadamente.

Vítor perseguiu-a; queria apanhá-la. Ela tinha risinhos histéricos de cócegas na alma, pulava e o seu corpo magro tinha ligeiras formas de corça e movimentos quentes de pantera.

— Mélanie, dou-te duas libras, se me deixas ver a caixa. «Era tudo o que tinha; eram agulhas!» Mas uma curiosidade esperançosa dava-lhe uma prodigalidade atrevida.

— Duas libras, Mélanie.

Fê-las saltar na mão.

Mélanie, com a caixa atrás das costas, com o busto estendido, veio examinar as duas libras, com um olhar guloso.

— E não diz nada à Madame?

— Juro-te!

— E que me dá mais?

— Que diabo! Não tenho mais nada. Duas libras e um beijo.

— Palavra?

— De cavalheiro.

Mélanie, então, com solenidade, abriu-lhe a caixa, ao pé do rosto: havia um ramo de violetas murchas e duas luvas amarrotadas.

Vítor ficou furioso.

— Tu roubaste-me, Mélanie!

Mas Mélanie, muito séria, mostrou o ramo seco: «Não se lembrava? Era um que ele, um dia, tinha trazido, quando a

veio ver e ela estava doente. E não se lembrava de ter perdido as luvas? Ali estavam.»

Eram umas luvas dele e cada um dos dedos estava apertado, num nó, a um dos dedos de uma luva de Genoveva.

Uma cor rubra de prazer subiu ao rosto de Vítor.

Mélanie estendeu a mão e a face.

— Escuta, Mélanie — disse ele perturbado. — Achas que ela gosta de mim?

— Madame? — E ergueu os braços ao céu; e então, rapidamente, baixo, com um tom seco: — Eu não o devia dizer e, se ela o souber, mata-me; mas eu não posso ver sofrer a Madame, a arrepelar-se. E aquela amizade do Dâmaso enguiça-me. Madame está doida por si. É uma loucura. É a suprema paixão.

O coração de Vítor bateu com pancadas precipitadas.

— Quando achou estas luvas, sabe o que fez? Não digo... Digo: atirou-se aos beijos a elas e agarrou numa luva dela e prendeu assim os dedos, como vê; disse que eram suas, que

estava usando consigo. Tolices, hem?... Digo-lhe às vezes: «Ai, bem, a senhora é bem tola em se ralar com esse homem! Homens não faltam!» Mas ela não; para ela não há outro.

— É verdade, Mélanie? — disse Vítor, com o olhar profundamente perturbado.

— Então que há de ser, senão verdade? E não?...

Estendia a mão. Vítor deu-lhe as duas libras, com alegria. Desejava dar-lhe mais duas notas. Toda a casa lhe parecia transfigurada: as malas abriam-se com vagos lenços e roupas, num côncavo de leito cálido e amoroso; as rendas das camisinhas enterneciam-no; os perfumes pareciam-lhe o hálito de Genoveva. Um amor imenso, profundo, enchia, batia-lhe o peito, como as ondas crescentes de uma inundação. Uma ideia súbita, louca, tinha-lhe atravessado o espírito, enchendo-o de um vago rasto doce e luminoso, como um meteoro: «Ia vê-la, ter com ela.»

— Estão no Lawrence, hem?

— No Lawrence. E o beijo?

Vítor riu, agarrou-a pela cinta e, no movimento que fez, o rosto dela, beijou-a na boca. Mélanie fez-se um pouco pálida; os seus olhos embaciaram-se.

— Parece-me que a senhora tem razão — disse ela puramente.

Vítor tinha tomado o chapéu e, apontando o quarto por onde desaparecera o homem do jaquetão:

— Diverte-te.

— Puh! — fez ela, encolhendo os ombros.

Vítor, ao descer a rua, tinha o seu plano feito; ir a Sintra. Não considerara se ela gostaria daquela perseguição, se Dâmaso se enfureceria de ciúme. Queria vê-la; parecia-lhe a vida impossível, quinze dias sem ela; e julgava, agora que se sabia amado, que ela levara consigo o ar respirável, a luz necessária. De resto, iria por Cascais, de modo que parecia um encontro casual.

Demais, as palavras de Mélanie tinham-lhe desenvolvido a esperança, mas não lhe davam uma certeza e aquela certeza, queria-a. A cogitação, as dúvidas, a tortura em que passara toda aquela última semana, pareciam-lhe agora

insuportáveis e, como um homem que se resigna diante de uma porta fechada, mas que se arremessa, se a porta se entreabre, agora que Mélanie lhe deixara entrever um relance do amor de Genoveva, queria vê-lo, intenso, completo, diante de si. E, se não fosse verdade, então que lho dissesse, que o desprezasse, que lhe voltasse as costas. Ao menos seria uma decisão: o fim. Esquecê-la-ia e consolar-se-ia.

E agora atribuía a si mesmo todas as indiferenças de Genoveva; ele não se amostrara nem bastante amante, nem pertinaz. O amor é sobretudo a paciência. Pedira-lhe paixão, à pressa, de repente, logo ao segundo dia, como um credor; e como ele se encalmasse, tivera as hesitações naturais de mulher, o retraimento instintivo do corpo desejado; ele, como um brutal, irritara-se, afastara-se. O que queria ele, então? Que ela, como uma mulher do Bairro Alto, mal ele a fitasse, se dirigisse logo para a alcova? Que estúpido que fora!

E a sua ida a Sintra era como uma reparação delicada desta impaciência grosseira. Mostraria a persistência, a humildade, a simpatia terna de cão que segue; mostrar-se-

ia dependente dela, mas como lua, um satélite. Positivamente, devia ir a Sintra.

Mas não tinha dinheiro e aquela dificuldadezinha mesquinha, vindo atravancar-se diante da fulgurante marcha do seu desejo, irritou-o: «Que diabo, ia ter com o tio Timóteo.» Timóteo dava-lhe uma mesada. Vítor nunca fizera pedidos excecionais, fora daqueles quantos regulares. Estava por isso um pouco nervoso; desejaria saber se ele estava de bom humor. Chegou-se à porta do escritório, para ver se o sentia assobiar, o que era indício de uma disposição amável: havia um profundo silêncio, mas o seu desejo deu-lhe a decisão. Entrou e viu o tio adormecido na sua larga poltrona. A um movimento que fez Dick, o tio Timóteo abriu os olhos, com a cabeça de lado, como um pássaro, e rosnou vagamente.

«Que ferro: estava de um humor de cão de fila!» Vítor percebia-o também. Pôs-se a acariciar Dick, a brincar com ele, a dar-lhe beijos no focinho.

— Ah, meu famoso Dick!

— Que queres tu? — resmungou o tio Timóteo.

— Eu, nada, tio Timóteo.

Foi à janela, subiu um vidro e plantando-se diante dele:

— A dormir a sua soneca, hem?

O tio Timóteo bocejou, como um leão enfastiado.

E endireitando-se na sua cadeira:

— Encontrei o doutor Caminha. Diz que tu, ultimamente, não pões os pés no escritório.

Vítor jurou, mentalmente, espancar o Dr. Caminha.

— Eu! Que tolice! Tenho ido... Não tenho ido muito? Não...

O tio Timóteo, inteiramente despertado, acrescentou logo com violência:

— E porquê? Para andar a palmilhar o Chiado e o Pote das Almas, como um basbaque. O prazer de vadiar em Lisboa! Que se vadie na Índia, em Calcutá, enfim, compreende-se. Mas em Lisboa! A admirar o quê? A boneca do Godefroy? As figurinhas de loiça? A parelha do Anão? Bonito divertimento!

Vítor disse então:

— Não. Tenho estado adoentado. — E tossiu tristemente.

— Até estive com muita ideia de estar dois ou três dias em Sintra. Não me sinto bem... — e passou a mão pela cabeça; e cheio de coragem: — Até desejava que o tio Timóteo me desse algum dinheiro.

O tio Timóteo saltou na cadeira.

— A Sintra? Para quê?

Sintra era justamente um dos seus ódios; não suportava os elogios clássicos da sua paisagem; pareciam-lhe ser a admiração mesquinha e ignorante de quem nunca viu a maravilha dos bosques, a natureza da índia.

Vítor lembrou a vantagem de mudar de ar.

— Muda de vida. O ar é bom, a vida é que é má. Deita-te a horas, come com regularidade, não faças versos, vai higienicamente ao escritório, e verás que a saúde melhora. Sintra! É uma ida de tendeiro...

— Não. Realmente preciso... — rematou Vítor, com um ar dolente. Aí anda saia — disse Timóteo, com ar ameaçador.

E Vítor, conhecendo o fraco dele pelas aventuras libertinas, confessou, com um sorriso fátuo, que havia saia.

Quem é? — disse simplesmente o tio Timóteo, tirando uma grande pitada de um pote de rapé.

Vítor hesitou. Viera-lhe a ideia de contar tudo; tinha tanta necessidade de falar dela; demais, o tio Timóteo concorreria com o dinheiro, para proteger um caso galante; e não era ele o seu bom amigo, o velho e simpático?

Abriu os braços, numa lassitude de confissão.

— Pois bem, digo-lhe, tio Timóteo: é a do Dâmaso.

A do Dâmaso? Dá-te trela?

— Entendemo-nos.

— Quanto queres tu? — bradou com um júbilo imenso o tio Timóteo e, sentando-se no fauteuil, abriu rapidamente uma gaveta da escrivaninha. — A do Dâmaso? Homem, nunca as mãos te doam! Palavra de honra que me remoça isso. A besta é que paga e tu... Ótimo! Anda, meu rapaz. Queres ir a Sintra? Três dias? E necessário levar dinheiro.

E pôs-lhe sobre a mesa um castelinho de quinze libras. Ergueu-se, o olhar luzia- lhe.

— E é uma paixão? É ótimo! Gosto disso, homem. A besta do Dâmaso! E quando vais?

— Depois do jantar.

— Clorinda! — gritou Timóteo-, apresse o jantar.

Estava radioso e, esfregando as mãos:

— Hás-me me contar, depois. Contas tudo! Tudo.

E fitava Vítor com amor, com orgulho dele.

E às seis horas, Vítor, com a sua pequena maleta aos pés, rolava pela estrada de Benfica, no cupé do Toirão, um batedor. Ia muito nervoso. Como a encontraria, o que estaria a fazer? Que lhe diria?

Imaginava já os diálogos. Naturalmente estavam ao fim do jantar. Via-a bem à mesa do Lawrence, com os seus dois candeeiros de azeite, as duas janelas para o terreirozinho. Fingir-se-ia muito admirado, exclamaria: «Que surpresa!» E que história inventaria? Diria que vinha por causa de uma demanda, ver umas terras; palavras vagas e obscurecidas

pela nomenclatura forense. Passariam a noite no salão; jogariam talvez e, se a noite estivesse serena, iriam tranquilamente passear sob a escuridão das árvores. Teria ocasião de lhe falar? Poderia resvalar-lhe na mão um bilhete! Referir-se-ia as duas luvas de dedos entrelaçados?

Redigia mesmo, chupando o seu cigarro, um bilhete, lacónico, profundo e poético:

«*Faça à minha alma o que fez à minha luva; enlace-a com a sua.*»

Pareceu-lhe medíocre. Achou preferível pôr em francês:

*Que les deux gants soyent le symbole de nos existences.*

Mas decidiu-se, com receio de Dâmaso e com respeito pelo chique, a escrever em inglês:

*I saw the gloves. Might our souls be joint together so closely.*

Tinha a vaga desconfiança que era mau inglês, mas achava o laconismo impressionador.

Na Porcalhota, enquanto os cavalos descansavam e o Toirão bebia um cálice de aguardente, foi andando a pé.

Escurecia já e no ar frio, duas estrelinhas luziam; havia um silêncio e só à distância o ladrar lento de um cão. A estrada ia entre muros, baixa, de pedra solta e, para além, os campos negros estendiam-se e perdiam-se numa obscuridade difusa, com algumas árvores que faziam uma sombra mais carregada, com a sua ramagem despida.

E Vítor, andando devagar, pensava nela. Sentia agora um amor enchê-lo que, condizendo com o lugar, tomava alguma coisa do vago da noite e da solenidade do silêncio. Pensou como seria doce viver com ela no campo, nalguma aldeia afastada. Nas noites de Inverno, estariam ao canto do fogão, olhando, falando baixo; o vento, fora, fazia um rugido frio; os cães da quinta ladravam e quem passava na estrada, voltava-se, olhava curioso para o feliz da casa deles e cismando em família, em amor, em interesses superiores, continuaria o seu caminho na noite desolada; porque, para certos temperamentos, a inveja que provoca a felicidade é que lhes dá todo o seu sabor.

As duas lanternas do cupé corriam na estrada. Vítor parou e, saltando para dentro:

— Larga, Toirão.

Porque, o seu pequenino incidente lhe dava uma felicidade, contendo o picante do romance e da aventura; e só, no canto da tipoia, sentia um orgulho vago dilatá-lo ao saber-se levado a galope, por uma estrada solitária, para um capítulo da amor. Às vezes, descia o vidro, olhava; a charneca monótona e escura perdia-se aos dois lados, na escuridão; um vento frio rolava, a uma ondulação lenta, por cima do terreno liso; e as nuvens, estalando no ar, pareciam tremer de frio. Vinham-lhe ao cérebro formas de rimance, pedaços de árias, mas a melopeia do fado exprimia melhor o vago sentimentalismo dolente do seu espírito e pôs-se a cantá-lo, com os olhos cerrados, sentindo uma saudade infinita, uma ternura transbordante.

Mas a estrada entrava entre dois altos muros paralelos, donde soluçavam ramagens murmurosas. Era o Ramalhão. O ar parecia mais fino, como refrescado da abundância de águas; sentia-se uma vaga serenidade de parques e de árvoredo; alguma coisa de suave e de elegante circulava; havia o silêncio do repouso delicado e da existência ociosa. Era o Ramalhão.

Na praça, algumas lojas punham a claridade mortiça da noite de província; não havia ruído e bem depressa o cupé parava à porta do Lawrence. O criado, de jaqueta, que correu à portinhola, fê-lo subir pela escadinha do terraço para a sala de jantar. A toalha não fora levantada, havia pratos, garrafas de vinho e dois talheres apenas: os deles, decerto; e pareceu-lhe que havia na sala algum coisa do perfume dos seus vestidos.

— O senhor Dâmaso está cá, não?

— Estão lá em baixo, no salão — disse o criado.

Vítor foi ao seu quarto pentear-se, lavou as mãos. Através da vidraça, via a noite, com o vago rumor das árvores, por todo o vale; a beleza adormecida da serra.

E sem escutar o criado, que lhe perguntava se não queria tomar nada, desceu abaixo. A porta do salão estava entreaberta; aproximou-se. Ela estava só, sentada ao fogão. A luz das brasas penetrara a sua pele de uma cor rosada; estava vestida de preto, preguiçosamente recostada, com os olhos fitos no lume. Vestidos, roupa, arrastavam sobre as

cadeiras; na jardineira, entre duas velas, havia um magnífico ramo de camélias.

Quando Vítor abriu de todo a porta, ela ergueu lentamente os seus belos olhos e soltou um gritinho.

— Não pude estar mais tempo sem a vir ver e aqui venho.

Um suspiro soluçado, de paixão, ergueu-a; os seus braços afastaram-se e Vítor, enlaçando-a, apertaram-se num longo beijo.

— Oh, querido amor! — murmurou ela, deixando pender a cabeça, triste de felicidade, sobre o ombro de Vítor.

O soalho do corredor rangeu e Dâmaso ficou à porta, petrificado.

Mas, quando Vítor lhe explicou o seu caso, complicado de nomenclatura forense, respirou fortemente e, batendo-lhe no ombro:

— Fizeste bem, homem! Vamos amanhã à Peninha.

Pediu logo conhaque, propôs uma partida de cartas e não parecia afetado pela presença de Vítor, ou porque acreditara num acaso, ou porque não duvidava da paixão

de Genoveva. E mexendo-se, falando alto, importante, gordinho, parecia a Vítor odioso e sentia uma profunda felicidade em enganar aquele imbecil.

Genoveva conservava-se sentada ao lume, como fascinada pelas brasas; dissera algumas palavras vagas; um ar de lassidão dava ao seu corpo uma atitude triste.

— Tem estado assim, desde que está em Sintra — observou Dâmaso.

— Faz-me triste esta Sintra.

E indicava com um gesto vago, o vale, a serra, em redor, a melancolia que exala aquela natureza verde-negra, vagamente matagal, cheio da melancolia do artifício.

— Se estivesses aqui no Verão, tu verias. Piqueniques, o Vítor cheio, cavalgadas a Cascais, representações... É uma pândega.

— Ainda bem que é Inverno — murmurou Genoveva.

Ergueu-se e, saindo: «Que a noite estava agradável; queria ir dar uma volta.»

Foram. Genoveva tomara o braço de Vítor e iam calados, sob as árvores, até Seteais. A noite estava escura, mas serena; uma vaga humidade fria penetrava o ar e a grande maré de verdura, o vale profundo, em baixo, a solitária taciturnidade das quintas, das casas apagadas, davam uma tristeza; uma melancolia caía das árvores e, para além, tudo se afundava numa vaga treva parda, picada, aqui e ali, de uma luz de habitação pálida e doce.

Vítor e Genoveva, muito chegados, apertando os braços de uma pressão ardente e estática, não falavam, na mudez enleada que dá a suprema abundância de ternura. O vestido longo de Genoveva roçava o chão, puxando, às vezes, uma palha seca, um galhinho seco.

Dâmaso, ao lado, assobiava baixo a marcha do Fausto. Assim passaram um quarto de hora, até que Dâmaso disse:

— Vamos como tumbas! E está frio, diabo!

Começava a espirrar.

Vá para casa, não se constipe.

— Não te constipes — lembrou Vítor.

— Vá para casa! — disse-lhe Genoveva.

Dâmaso disse, meio a rir, meio despeitado:

— Homem, é a cena do Barbeiro de Sevilha: buona sera, buona sera! Não vou para casa, não quero.

Genoveva riu, Vítor também, para o lisonjear; e, contente com a sua pilhéria, Dâmaso confessou que detestava Sintra, no Inverno.

— Que diabo, isto é bom quando está quente, quando há cavaqueira! No Verão, é uma pândega.

Vítor era de outra opinião: gostava da isolação de Sintra, no Inverno. Havia em tudo, nas árvores, no ar, na luz, tons de muita melancolia; fez algumas frases literárias: o que havia de pior, em Sintra, era o burguês, o banqueiro, o janota do Vítor , as caleches cheias de espanholas, os ingleses de lunetas escuras e as toilettes por entre a folhagem; a serra tornava-se um suplemento do Chiado! Não havia como a solidão; lembrou os monges da Peninha, enlevou a tranquilidade dos conventos, citou Lord Byron.

E Dâmaso impacientado, rompeu:

— Eu cá não sou poeta.

Genoveva suspirou. E Dâmaso, tocando-lhe no braço:

— Também te dá para a poesia?

Genoveva parou e, com um tom resignado e doce:

— Não, meu amigo, realmente não posso acostumar-me a esse horrível tu!

Dâmaso, interdito, não respondeu. Vítor, receando alguma cena, apreensivo, disse:

— Não é verdade que estas árvores silenciosas, a escuridão, fazem pensar em legendas, em aparições?

— Fazem — disse Genoveva e, falando, os seus ombros colavam-se aos de Vítor, como no desfalecimento amoroso.

— Acredita em bruxas? — disse Vítor rindo.

Não, não acreditava, mas, em pequena, tinha ouvido casos bem singulares; tinha uma velha ama de Trás-os-Montes que lhos contava; e vieram-lhe as recordações; era uma velha que sabia toda a sorte de contos, de romances em verso.

— Ainda me lembro de algumas. Espere — e cantou:

*Passou o conde almirante,*

*Na sua galé do mar.*

*Tantos remos há, por baixo,*

*Que não se podem contar.*

— É bonita, não é verdade? Depois, havia uma princesa que o via, que se namorava.., mas não me lembro; mas a mais linda era outra que, as vezes, eu recito a mim mesma; acho que tem um chique especial:

*Quem me quer a mim servir,*

*Quem quer o meu pão ganhar,*

*Há de levar esta carta*

*A Dom Clarim d'Além-Mar.*

— ...uma princesa que está numa torre... uma coisa assim? Às vezes a gente fica com estas recordações de pequena, que vivemos antes, ou de viagens, de países, nunca esquecem...

— Não é verdade? Assim eu lembro-me perfeitamente do que me cantava a minha ama; é uma música muito arrastada, muito triste. — E cantando:

*Dorme, dorme, meu menino,*

*Que a tua mãe foi à fonte...*

«É triste, não é verdade?

Genoveva não respondeu. Vítor sentira o seu braço ter um vago movimento estremecido; e um vago suspiro passara-lhe nos lábios.

Continuavam calados. A terra, que a neblina amolecera, emudecia o ritmo dos passos, e Genoveva disse, então:

— Uma cantiga que usam muito as amas. A sua mãe morreu, há muito, não é verdade?

Vítor respondeu:

— Tinha eu um ano ou dois; nunca lhe vi mesmo o retrato; não deixou retrato, nem sequer um daquele tipo que se usava no tempo. Mas creio que era muito linda.

— E seu pai?

— O papá morreu na África.

Dâmaso, que aquela conversa irritava, ia assobiando o quarteto do Rigoleto. Estavam então junto da Penha Verde. Um ligeiro vento erguera-se e, brandamente, as árvores decrépitas ramalhavam melancolicamente.

— Quantas coisas se passam na vida! — murmurou Genoveva, como pensando alto.

Como a sombra até era quase tenebrosa, Vítor tomou-lhe a mão, apertou-lha com uma ternura extática: nunca a amara tanto. A melancolia taciturna e escura da noite, a vaga sombra difusa, o silêncio do árvoredo, algum vago murmurar gotejante de água, davam uma disposição sentimental, quase mística; e nunca Genoveva lhe parecera tão adorável; achava na sua voz um tom enternecido que ignorava, e nas suas palavras todo um espírito delicado,

sentimental, acessível à poesia da legenda e à influência da natureza; parecia descobrir-lhe uma alma poética e, se a desejava tanto, pelo esplendor da sua beleza luxuriosa, amava-a agora pelo refinamento do seu espírito sentimental.

— Isto sempre vale mais do que o Bulevar — disse ela.

Dâmaso, interrompendo o assobio, apressou-se a protestar:

«Não isso não! Gostava de Sintra, no Verão, quando havia gente, boa camaradagem no Vítor, mas lá o Bulevar, isso não trocava por nada; ali pelas nove ou dez horas, com todas aquelas mulheres a passearem, ligeiras e janotas, e os cafés cheios...

— Hem? — disse ele para Genoveva. — Quem me dera lá! O Bulevardinho, hem?

Genoveva respondeu com o mesmo ar doce e resignado assim se fala aos idiotas mansos:

— Sim, meu amor, sim. Mas eu não costumava passear no Bulevar.

Dâmaso ia falar...

— E outra coisa — disse ela —, sinto perfeitamente que, após dizer uma frase, vai continuar a assobiar o Rigoleto. Pois bem, por quem é, não!... Voltemos, sim?

Vieram calados.

Quando voltaram, as vivas chamas dos carvões alegres saltavam, pondo, no quarto às escuras, os reflexos errantes e róseos. Dâmaso acendeu o lume e, sentando-se, cansado, bocejou escancaradamente.

Genoveva ergueu um pouco o vestido, estendeu ao lume o seu pezinho calçado de verniz, com meia de seda às listas pretas e amarelas. Vítor folheava um livro que estava sobre a mesa e, ouvindo Dâmaso repetir com ruído um bocejo, disse:

— São horas.

Genoveva voltou-se e deu-lhe um olhar profundo, negro, que tinha a carícia de um beijo e a solenidade de um juramento.

— Good night.

— Good night!

Vítor entrou no seu quarto, tonto de alegria e, pondo a vela no castiçal, ergueu os braços ao céu e, cerrando os olhos, disse sorrindo:

— Oh! Meu amor!

Deixou-se cair numa cadeira, ficou ali esquecido, com os olhos fitos no chão. A felicidade entorpecia-o, como fosse o acabrunhamento de um sol de Agosto, no campo; não pensava, tinha a alma imóvel, como num banho de leite e, diante de si, luziam aqueles olhos negros e destacava, com a nitidez de uma moeda de oiro sobre um pano preto, a forma daquele corpo.

Mas a porta abriu-se e Dâmaso apareceu com um castiçal e, logo atrás, a figura estremunhada e friorenta do criado.

Como havia outro leito no quarto, vinha dormir ali ao pé de Vítor e, para que o criado não percebesse, disse-lhe, num francês silabado e de vogais escancaradas, que Madame tinha um incómodo. Mas estava contrariado e fumava um enorme charuto, com uma expressão lúgubre.

«Estava mais arrependido de ter vindo para Sintra!», disse, mal o criado sonolento murmurou a «boa noite».

E exalou logo as suas queixas: Madame de Molineux, desde que tinha vindo para Sintra, estava de um humor de cão! Não se lhe arrancava uma palavra à mesa; em Lisboa era pândega, cantava; mas ali! E depois, nervos, caprichos. Ainda não saíra naqueles três dias de ao pé do fogão; e ele, então, era uma coisa com que embirrava: era uma mulher metida ao pé do fogão.»

— Hoje foi a primeira vez que saímos.., por tu vires...

E receando, decerto, ter revelado os seus vagos ciúmes, acrescentou:

— Que lá gostar de mim, gosta ela. Está doida! E lá mulher para a cama, é! Ah, lá isso, sim — e deu detalhes: contou os juramentos que ela lhe fizera, os nomes doces que lhe dava. — Lá isso está pelo beiço, mas é caprichosa! É caprichosa, como o Diabo!

E despindo-se, falava da casa que lhe ia pôr, da vitória que lhe ia comprar, fumava sempre o seu enorme charuto e

citava a sua beleza as suas formas, que eram uma coisa de endoidecer.

Vítor escutava com uma indiferença afetada, o coração em palpitações, e Dâmaso, com a impudência de quem recita os seus «temas», numa estalagem, ia revelando todas as atrações de Genoveva.

Vítor não sentia ciúmes e, sem saber porquê, comparava-o vagamente ao Policarpo.

E antes de apagar a luz, voltou-lhe as costas, e Vítor viu que ele estava fazendo o sinal-da-cruz.

— Que manigâncias são essas? — disse Vítor, na sua cama.

Dâmaso acudiu logo, mentiroso, envergonhado da sua devoção.

— Hábito! Hábito de criança. Que eu não acredito em tolices. É hábito.

E esticou-se, exprimindo algumas opiniões obscenas.

Ao outro dia, amanheceu nublado; um nevoeiro opaco sobre a serra, todo o vale. Mesmo quando se encontraram

ao almoço, uma chuvazinha miúda caía, toldava o ar e as primeiras árvores que se avistavam tinha o ar encolhido e friorento.

Ao sentarem-se à mesa, Genoveva disse de repente a Dâmaso, com muito carinho:

— Caro mio, esqueceu-me um lenço. Vai, sim? — e estendeu-lhe com olhos ternos: — Faz-me uma falta a Mélanie!

Dâmaso desceu imediatamente Genoveva estendeu os braços para Vítor; ele aproximou-se e ela, tomando-lhe o pescoço, premiu-lhe os lábios, num beijo longo, ávido, que o fez estremecer, como uma faísca elétrica. E dando-lhe uma carta:

— Parta esta manhã. Vá para Lisboa. Leia isso...

Tornou a atraí-lo a si e com um soluçar beijou-o outra vez; murmurava:

— Oh, meu amor! Oh, meu amor!

As passadas de Dâmaso galgavam a escada e, quando ele entrou, Genoveva, que desdobrava o seu guardanapo,

tranquilamente disse:

— Obrigada, meu cavaleiro!

Dâmaso sentou-se ruidosamente e gritou:

— Salte o belo bifezinho de vitela.

— Esta noite sonhei com bruxas — disse Genoveva. — Foi de uma conversa de ontem, decerto.

— Também eu — disse Dâmaso. — Sonhei toda a noite; foi do lombo de porco, ontem; trabalhou-me no estômago... Uma cena de trapalhadas... O que eu trouxe! O Peixinho dos touros o Taborda, depois estava a arder o Castelo da Pena... O diabo!

— Ingrato! — disse Genoveva. — E não sonhou comigo?...

— Também me parece que sim...

— Eu — disse Vítor —, sonhei com o meu pai. Cena bem esquisita... Que estava à beira de um rio, e de repente, vejo um barco a descer, a descer... Vinham duas figuras, de pé: um homem e uma mulher de branco. Conheci-a logo a si — disse, voltando-se para Genoveva —, e só conheci meu pai num gesto que ele fez, que se debruçou. Eu atirei-me à

água, comecei a nadar, mas meu pai agarrava numa vara e quis repelir-me o barco! Eu agarrava-me à borda, queria saltar para dentro... Qual! A vara repelia-me, fazia-me dar reviravoltas na água... Por fim, o barco começou a afastar-se...

— E eu? — perguntou Genoveva interessada.

— Meu pai tinha-a agarrado pela cintura, parecia desesperado, desejando querer afastá-la da borda do barco; mas eu via-a estendendo os braços nus e, com uma voz muito fina, muito cantada, ouvi-a dizer:

*Quem me quer a mim servir,*

*Quem quer o meu pão ganhar*

*Há de levar esta carta*

*A Dom Clarim d'Além-Mar.*

Todos riram. «Era extravagante. Fora da conversa da noite.»

— É um bocado de indigestão — resumiu Dâmaso, recostando-se.

Vítor, logo depois do almoço, mandou arranjar uma carruagem. Dâmaso, que estava jovial, insistiu para que ele ficasse. Genoveva também disse algumas palavras vagas:

«Pedia-lhe para fazer companhia, para irem à Pena.» Mas Vítor pretextava os seus afazeres e a conferência com o advogado seu colega — disse a Dâmaso —, levaria a tipoia e, de lá, seguia para Lisboa.

Ao entrar no cupé, Genoveva e Dâmaso olhavam-no da Janela da sala de jantar; mesmo Dâmaso acenou, por troça, com um lenço branco. Apenas a carruagem partiu Vítor abriu a carta; umas poucas de violetas caíram das dobras; apanhou-as, beijou-as, guardou-as no bolso do colete e leu na letra fina de Genoveva:

*Meu querido amor.*

*Tive de impor àquele idiota, sob um pretexto decente... e mensal... e apenas ele voltou costas, sento-me a escrever-te: dizer-te que te amo, que te adoro, que te desejo... é*

*tolice. Tu sabe-lo bem, ou antes, não o sabes. Os homens nunca sabem estas coisas, porque o amor deles é todo de um só peça: amam e aí está: rien de plus. Mas o nosso amor, de nós outras, pobre género feminino, é composto de tantas coisas, de tantas pequeninas coisas, de tantas pequeninas coisinhas. Dizer-te que te amo é dizer-te apenas o sentimento, por grosso e atacado; mas se tu soubesses o que nele há. É admiração por ti, pelo teu adorado olhar, pelos teus olhos divinos que me iluminam, que eu adoro, a que eu queria rezar, se eu soubesse rezar; é desejo do teu amor, dos teus beijos, dos teus braços, de ter-te contra mim, como se fosses uma criança pequenina; e há muito deste sentimento; porém, isto, decerto, de termos idades tão diferentes: tu com os teus vinte três anos e eu... pobre de mim, velha, feia, murcha criatura, com os meus trinta e dois, sou por isso uma pessoa experiente, uma mamã. Se tu soubesses o que eu pensei, quando tu me disseste que a tua mamã tinha morrido... Sabes o quê? Ser eu a tua mamã. Mas acredita, meu adorado Vítor, há alguma coisa deste sentimento em mim. Sabes o que eu faria, se fosse rica? Queria levar-te comigo para Paris, fazer de ti o mais elegante, o mais formoso, o mais cativante jeune homme de*

*ton temps; queria que jogasses as armas, conduzisses cavalos; eu mesmo te aconselharia, te dirigiria, faria a tua educação, meu adorado, e que orgulho que eu teria em ti. Seria a tua mamã, mas uma mamã que amaria com delírio o seu bebé, que o devoraria de beijos, que passaria com ele as noites mais delirantes de amor, de delírio, de êxtase... Ao escrever-te, tenho a cabeça em fogo. Porque te vi eu? Porque vim eu a Portugal? E depois, há momentos em que me parece que te não amo, que o que tenho por ti é uma admiração de amiga... Mas não estou a dizer tolices, não creias. Tudo o que o amor tem de mais louco, de mais veemente, de mais absurdo, tudo sinto por ti. Que poderia eu fazer por ti? Inventa alguma coisa: uma exigência, um sacrifício, mas inventa-o; juro-te que o executo, já, sem discutir. Que felizes são os homens! Quando amam uma mulher, podem arruinar-se por ela, cobri-la de flores, orná-la como um ídolo. Deve ser um delicioso prazer, não é verdade? Atirar, para uma mulher, tudo o que o luxo, a arte, a fantasia criou; dar-lhe todo o seu dinheiro, a sua saúde, a sua honra. Pois bem, eu amo-te assim. Não te posso dar pulseiras, nem rivières de diamantes, mas a minha saúde, a minha vida, o meu sangue, a minha alma, são teus. E tu, há*

*no teu coração um bocadinho-dinho-dinho de amor por esta pobre velha que está aqui sentada, à uma da noite, com o seu fogo quase apagado, a pensar no seu adorado bebé? Dize, amas-me? Se tu soubesses o que eu senti, quando te vi naquele teatro, com aquela sirigaita. Como podes tu aparecer com semelhante criatura em público? Mas é uma mulher indecente! Oh! Semelhantes mulheres deviam ser açoitadas publicamente! É feia, é estúpida. Mas, está tudo acabado, não é verdade? E a propósito, lembras-te que me chamaste ave de arribação? Mas, meu pobre querido, bem percebi que estavas ferido comigo e que o teu despeito era ainda o teu amor. E então, também estava implicativa. 1 was SO aggravating, darling! Meu amor, estou aqui a palrar, sem falar do essencial. O essencial é isto: eu demoro-me, aqui em Sintra, apenas o necessário para concluir certo negócio. Que negócio tenho em Sintra? Grande, grrrande! E Sr. D. Vítor, meu amante e o meu escravo, escusa de saber. Mas, estando tu aqui, não posso tratar dos meus negócios, mas, dentro de três ou quatro dias, estarei em Lisboa. Mas quero que me escrevas, hoje mesmo, em chegando, e que vás dar a carta à Mélanie, dizendo-lhe que ma remeta. A Mélanie dos onze homens*

*sabe tudo. E quando eu chegar a Lisboa, então hablaremos d'espacio. Adeus adorado. E tarde. O fogão está apagado e estou cansada. Sabes o que eu queria? Entrar, pé ante pé, no teu quarto, não te despertar, pôr um beijo de leve, muito de leve, na tua boca adorada, e descer, sem te acordar... Só um beijo. Mas teria eu valor para tanto? Poderia eu resistir a dizer-te ao ouvido: sou eu, a tua Genoveva, a tua escrava; toma-me, sê o meu senhor. Meu adorado, quanto te adoro! As vezes, até me parece que me fazes melhor. És purificante; sinto com mais nobreza, penso com mais serenidade. Como o amor nos muda! Adeus meu adorado. Queria ficar a escrever-te, toda a vida, mas a minha pobre mãozinha, pauvre pettite menotte, está tão fatigada! Se eu tivesse aqui o teu ombro para me encostar! Oh, que bonito passeio debaixo das árvores, não foi? Sentiste o calor do meu braço? Foi-te ele ao coração?*

*Meu anjo adorado, vou rezar; nunca rezo, nem quase sei como é, mas quero pedir a Deus que te faça feliz, que te faça muito apaixonado por mim, que te dê tudo o que glorifica os homens e encanta as mulheres. Não que eu precise; bem enfeitiçada estou eu... Mas, diz positivamente,*

*aquela sirigaita está posta de lado? Diz-mo. Porque te quero dizer uma coisa: é que esta carta é falsa; não representa o que eu sinto, o que eu penso; não é com este tom ligeiro que te amo; é profundamente. Mas não to quero deixar ver muito; quero guardar sempre um recanto do meu coração, misterioso para ti. De sorte que o que queiras adivinhar, que te interesses; e que todos os dias, pouco a pouco, vás tomando posse de uma alma que, desde o primeiro dia, te pertencia. Amo-te Vítor, juro-te. Nunca amei, nunca senti... podia dizer... nunca sofri, senão por ti. A minha vida começa agora. Para trás, não há nada: sensações, uma vida de animal ou de árvore. Agora vivo.. , porque te amo. Adeus: um beijo, mas profundo até à alma. Dou-to, de joelhos, adorando-te e dizendo-te amado, meu bebé, meu bebé. Adeus. Ponho aqui, nestes pontos... os meus lábios. Adeus. Tu esqueceste aqui o teu paletó. Vou pô-lo debaixo do travesseiro, ou dormir com a face sobre ele.*

*Adeus.*

*Tua G.*

Quando Vítor chegou a Lisboa, o tio Timóteo perguntou-lhe logo:

— Já? Então falhou?

Vítor sorriu e tinha um aspeto tão radioso, tão próspero, tão enternecido, que o tio Timóteo disse:

— Bem, bem! Estás com esse papinho cheio!

E como Vítor negava:

— Bem, bem — resumiu o tio Timóteo —, a discrição é uma virtude. Não está no catecismo, mas é uma virtude.

Vítor respondeu, nessa mesma tarde a Madame de Molineux uma longa carta, preparada, onde, através da prosa literária, aqui e além, apareciam, como vegetações naturais num jardim cultivado, algumas explosões sinceras de paixão instintiva. Pôs no fim da carta uma infinidade de beijos, metendo-lhe nas dobras violetas secas; juntou um pequeno poema, um soneto, e era tal a sua vontade de exprimir a sua paixão que, se soubesse música, teria decerto juntado uma melodia ou uma meditação.

Depois, começou a esperar a sua resposta. Não tardou em vir, ardente, louca, cheia de gracejos piegas e de interjeições apaixonadas. Escreveu de novo, remeteu mais versos e passava a sua vida no desejo de carta dela, e na esperança da sua volta.

Tinha inteiramente abandonado o escritório, como incompatível com as suas disposições sentimentais. Ia ver, às vezes, Aninhas, todavia.., porque as exaltações ideais de uma correspondência criavam a necessidade física do amor. Achava-se um infame, mas tinha muita vaidade naquela infâmia. Desculpava-se dizendo a si mesmo que não podia romper com a pobre rapariga depois do sacrifício que ela fizera. Mas sentia-se cada vez mais desprendido dela. Aninhas tinha maneiras vulgares; embirrava com o velho que encontrava lá; detestava aquele constante movimento de coisas empenhadas, compradas, revendidas; não suportava o seu prosaísmo e não se sentia compreendido por ela... porque desejava uma alma que se elevasse a compreensões mais refinadas de idealismo, que compreendesse os poetas, amasse os silêncios da noite, se

interessasse pelas personagens do romance, chorasse com a comoção da música e conhecesse a elegância da vida.

Achava todas estas excelências em Genoveva e, desde aquela conversa triste e poética, nas sombras escuras da Penha Verde, atribuíra-lhe delicadezas excecionais do coração e comparava-a a certas mulheres da Renascença: a Madame de Campvallon de «Monsieur de Camors», à doce heroína de O Lírio do Vale, a outras mulheres de Balzac, achando-lhe certas curiosidades vibrantes e incoerentes da Dama das Camélias.

Passava então uma vida que ele achava distinta e, em harmonia com a sua sensibilidade, ia a S. Carlos escutar, em sentida melancolia, as óperas mais amorosas. Não frequentava Cerrão, porque as suas teorias estéticas pareciam-lhe muito científicas; ia todas as tardes a casa de um amigo, o Serafim Galvão, que era músico; e estendido numa poltrona, com o cigarro na boca, pedia-lhe melodias febris de Chopin; canções de Schubert, onde achava lances místicos; de um Mendelssohn, que lhe punha um vago devaneio de um sonho delicado; Mozart, que o afogava em

ternuras vagas; Gounod, que lhe dava os requintes elegantes da paixão moderna.

De resto, passeava pela rua, com um certo desprezo pelos seus amigos, pelos seus conhecidos, que supunha embaraçados nos cuidados da vida trivial, enquanto ele vivia no esplêndido mundo da paixão partilhada.

Genoveva, todavia, não voltava. Nas suas cartas dizia apenas, referindo-se a Sintra: «Aqui continuo a tratar os meus negócios; Sintra é o meu escritório; ce que j'y fais d'affaires!»

E aquilo prolongava-se já havia três semanas. Mélanie tinha feito a mudança para a Rua das Flores e partira para Sintra; a Miss Sarah, também. Às vezes Vítor tinha horas de impaciência, de ciúme, vendo que Madame de Molineux estava longe, com Dâmaso que, no fim, era o seu amante. Mas acostumara-se, com Aninhas, a esta forma subalterna de «amantes de coração». Tinha mesmo, nela, uma certa vaidade sentida: o outro era o caixa, o pagador, a bolsa; ele era o bem-amado. Desprezava tão profundamente Dâmaso que não tinha ciúmes dele. Genoveva não o podia amar:

suportava-o. Como ele, se não tivesse dinheiro, teria de suportar uma próspera antipática e burguesa.

Dava-lhe o seu corpo, mas que era isso? A sua alma, os seus desejos, a sua devoção eram para ele. Vítor. Além disso, fazia a distinção singular, mas exata, tão vulgar nos que viveu com as mulheres libertinas: a distinção entre a voluptuosidade: fingida e a voluptuosidade sentida. Genoveva, com Dâmaso, decerto fingia; com ele, sentiria. Assim era a Aninhas com o Policarpo. Achava pontos de contacto entre si e o trivial e baixo personagem de Armand, de A Dama das Camélias. Mas não se julgava ignóbil... e considerava-se poético!

Por uma ocasião, uma noite, Vítor, subindo a Rua do Alecrim, encontrou e reconheceu, à luz de um candeeiro, o Palma Gordo.

O Palma, que brandia uma bengala enorme, com o chapéu deitado para trás, descobrindo toda a face mais larga e mais balofa, perguntou, com bamboleamento sarcástico da cinta:

Então o Dâmaso ainda está para Sintra, com a...? — e disse uma palavra obscena.

Vítor fez-se pálido, replicou com os lábios trementes:

— Eu sou relação dessa senhora e não admito essa palavra.

O Palma teve um risinho fadista.

— Olá, vá dar lições a quem lhas pediu.

Vítor assentou-lhe, na face bochechuda, uma bofetada sonora.

O Palma, furioso, ergueu a bengala. Vítor, a quem a cólera dava uma força nervosa e convulsiva, arrancou-lha e ameaçou-o, com os dentes cerrados, balbuciando:

— Seu canalha! Seu canalha!

— Largue a bengala! Largue a bengala! — roncava, o Palma. — Largue a bengala, ou chamo um polícia.

Um sujeito que passava, no outro lado, correu, separou, com tranquilidade.

— Então, que tolice essa, num lugar público? Uma pendência de honra!

— Que largue a bengala, que largue a bengala! — rugiu o Palma.

Vítor atirou-lha, com tédio, dizendo:

— Aí tem, seu covarde!

E, muito nervoso, afastou-se com o outro sujeito, que era o deputado Carvalhosa; e foi-lhe contando a questão.

O Carvalhosa exprimiu a sua opinião: tinha feito bem em se desafrontar com a mão; o duelo era uma tradição de tempos bárbaros. Um bom soco, numa bochecha gorda, era uma consolação e uma desforra decente.

— A brutalidade da injúria, a brutalidade dos punhos — resumiu com eloquência. — Para onde vai o amigo?

— Sem destino.

— Pois eu vou ver o Marinho, que está doente, coitado.

— Doente? Com quê?

E lembrando-lhe logo a história interrompida no jantar, no Hotel Central, exprimiu o desejo urgente de ir ver o pobre Marinho, «coitado!».

Encontraram-no no seu quarto no Hotel Universal, no Camões, com um barrete de dormir, a mesa-de-cabeceira coberta de garrafas de remédios, as janelas calafetadas, abafado na roupa. O quarto cheirava a cânfora, e havia nele uma ordem meticulosa, desde as botas, muito engraxadas, alinhadas como um batalhão, até à roupa dobrada sobre a cadeira, sem uma prega. Nenhum papel arrastava, nenhuma ponta de charuto caíra. Sentia-se o cuidado extremo de uma prudência sagaz.

Apertou silenciosamente a mão aos dois; com um sorriso triste, indicou, numa apresentação tática e curta, um sujeito com um magnífico paletó, debruado de pele, e calças cor de flor de alecrim. Mas tinham-no reconhecido logo: era o Sarrotini.

O ilustre cantor ergueu-se, deu shake-hands solenes e melancólicos e, estendendo os braços, como para soltar uma nota alta, murmurou mostrando Marinho:

— Il poveretto!

E tornou a sentar-se, fitando-o com piedade.

— Mas então o que é isso? — exclamou o Carvalhosa, sentando-se pesadamente no leito.

Marinho indicou a garganta; fazia com os olhos, com os lábios, a designação, grave!

— Doençazita de garganta? Beladona, beladona...

— La dona e mobile... — murmurou o Sarrotini, com uma recordação do Rigoleto. E teve uma risada calada, de ãs, com a boca muito aberta, para explicar aquela pilhéria; disse, baixo a Vítor, num português medonho:

— Per o distraire! Il povero!

E cruzando os braços sobre o peito aterrador, retomou uma atitude solene.

Então Carvalhosa, erguendo-se, enterrando as mãos nos bolsos, declarou que, como orador, interessavam-lhe muito as doenças de garganta; e voltando-se para Sarrotini, com curiosidade condescendente:

— O que bebem ordinariamente os senhores para clarear a voz?

Sarrotini explicou na sua linguagem, eriçada de francês e diluída de espanhol, que ele tomava um caldo de galinha, com um ovo batido. A Patti, por exemplo, essa era um cálice de Xerez, num copo de soda...

— Eu, é simplesmente água com açúcar, como José Estêvão. Nós outros, os oradores usamos sobretudo os emolientes; assim Thiers tomava orchata; Garreti bebia sangria muito doce. Precisamos ter o cérebro límpido para a dedução. E para Sarrotini, alteando o corpo: — Porque os senhores soltam notas e não ideias. A água com açúcar é excessivamente favorável.

De resto, acrescentou, achava excessivamente ridículas as antigas exigências clássicas de compêndios de retórica; que o orador devia ter a figura impressionante e natural, o peito saliente, a voz retumbrante... Tolices!... Garreti era uma figurinha de janota; Thiers é anão e tem uma voz delgada e áspera. A questão são as imagens a poesia, a inspiração.

— A questão é a arte: é o génio! — e, com um gesto rápido do dedo, feria a testa.

— Il genio! — aprovou o Sarrotini. E ergueu-se, foi debruçar-se sobre Marinho, e chamando-lhe nomes ternos: — Carino figlio mio, amato Marino!

Aconselhou-lhe sossego, paciência e silencio.

— No parlare, no parlare!

E debruçando-se mais, beijou-o na testa.

Foi tomar o seu chapéu, de largas abas retorcidas, e depois apertou a mão de Vítor, com uma expressão quase amorosa e expansiva: curvou-se diante de Carvalhosa.

— Salute, a voi, egregio oratore!

— Salute cantore! — disse Carvalhosa satisfeito.

E apenas o Sarrotini saiu:

— Parece-me um pobre diabo! — disse com complacência.

Marinho arregalou os olhos, exprimindo uma admiração muda.

Mas Carvalhosa tinha de ir a uma reunião da Maioria e, batendo no ombro de Marinho, despediu-se com estas palavras:

— Triunfa da fraqueza da natureza, pela energia da vontade!… E beladona, beladona!

E saiu, dizendo a Vítor:

— Adeus heroico Silva.

Mas, quase imediatamente, um sujeito de robe-de-chambre entrou com o castiçal na mão. Era um vizinho de quarto, o brasileiro Prudêncio. Deslizava subtilmente sobre o tapete, com as chinelas bordadas, e ao andar mexia os quadris; tinha um colar de barba grisalha e, numa face larga, trigueira, dois olhos vivos, penetrantes.

Quis logo saber se tinha vindo o doutor, se tinha tomado o «rimédio». E aos gestos lentos com que Marinho respondia, o Prudêncio acrescentava:

— Tal qual, tal qual!

E a estas palavras levantava sempre as mãos ao rosto e franzia os olhinhos.

Com um movimento desfalecido da mão, que tirou cautelosamente debaixo da roupa. Marinho apresentou Vítor. E o Prudêncio, imediatamente, disse com uma vozinha singular:

— A doença é uma grande tristeza.

— Decerto — disse Vítor.

— Tal qual — concordou Prudêncio.

E explicou que padecia do fígado. Vítor aconselhou-lhe Vidago.

— Tal qual — disse Prudêncio; ele já lá tinha ido e inutilmente, «bem inutilmente!»

E ficou calado, com os olhos fitos no tapete, coçando devagar a barba dura.

— O senhor faz o comércio? — perguntou bruscamente a Vítor.

— Não senhor.

— Empregado do Estado?

— Não senhor. Advogado.

— Tal e qual! — E retomou a contemplação do tapete, mas o rosto fez-se-lhe risonho; e pousando em Vítor os seus olhinhos penetrantes: — Defesa dos órfãos e das viúvas.

Vítor concordou, baixando cortesmente a cabeça.

— Tal qual! — E lamentou que o Marinho não tivesse jantado à mesa: — Um jantar delicioso! Delicioso! E uma conversa muito filosófica, muito filosófica!

Tornou a dirigir-se a Vítor:

— Eu gosto de uma conversa filosófica.

— E interessante.

— Tal qual!

Pareceu procurar uma palavra, as ideias pelo tapete, mas não achando decerto, foi retirando o castiçal e disse a Marinho:

— Faço votos pelo seu restabelecimento, vizinho.

Apertou a mão de Vítor.

— Senhor doutor! Quando queira, o Prudêncio... Terei muito gosto em que venha jantar. É o quarto número vinte.

Tal qual, senhor doutor.

E saiu deslizando subtilmente nas solas ligeiras das chinelas.

Apenas ficara com Marinho, Vítor, sentando-se na cama, perguntou-lhe:

— Ó Marinho, mas você não me acabou de contar a história, o outro dia. Estava quando o brasileiro perguntara a Madame de Molineux se era da Guarda.

Mas o Marinho mostrou a garganta, levou o dedo aos lábios, com um gesto vivamente negativo, e exprimiu, numa pantomima cómica, que não o obrigaria a soltar um som! E ficou imóvel, com os olhos muito abertos, corado, mudo, atabafado, aterrado, lúgubre!

— Bem, adeus, Marinho. Estimo as melhoras.

No corredor, encontrou Sarrotini, que entrava e que lhe pareceu logo mais contente, mais jovial, faceto, tendo perdido o aspeto lúgubre do quarto do Marinho.

— E la signora, la signora Ginoveva?

— Bem, obrigado.

— L'altra notte, il baile... Precioso! Caramba! Havemi fatto una buona seratta noche divertida... Beaucoup!

E ria, fazia cócegas a Vítor.

— Passou-se bem, passou-se bem. Addio!

— Al rivedersi, cari no!

E correndo, atrás dele, com um ar confidente:

— E creia a mi amistade. No è olvidado lo que lei me a ditto; que era republicano. Anch io, uno republicano. Tuto per la libertá!

— Tudo!

E Sarrotini, no alto da escada, erguendo a mão, disse ainda sonoramente:

— Tuto per la libertà!

Vítor, nessa noite escrevendo a Madame de Molineux, contou-lhe que se vira obrigado a dar bengalaas num amigo de Dâmaso que falara dela pouco respeitosamente. E dali a dias, Genoveva respondendo:

Que importa o que os outros dizem de mim, se tu me amas? Decerto é bem próprio de amigos de D. serem, como ele, perfeitos imbecis. Meu amor, agora, a grande novidade; possa ela fazer-te feliz: chego aí, amanhã à noite. Vem ver-me, quarta-feira, pela manhã. A toi, ma vie, mes rêves, mes pensées, mes désirs, mes ardeurs et le petitcoeurda tua, for ever, G.

## CAPÍTULO X

Vítor, na quarta-feira, acordou na maior exaltação. Era um dia definitivo na sua vida, porque não duvidava, decerto, que, naquela mesma manhã, a sua felicidade seria perfeita. Ela amava-o, estava enfim em Lisboa, livre a besta do Dâmaso não contava, e decerto, desde o primeiro beijo, ela abandonar-se-ia; e o seu coração batia com pancadas fortes, sob o delírio daquela esperança. Vestiu-se quase com devoção; foi-se florir e, fumando um charuto caro, dirigiu-se à Rua das Flores. Por um refinamento de voluptuosidade, não se apressava e ia gozando tudo devagar, o ar, o sol, as fachadas alegres, porque a tudo o seu amor transbordante lançava, sobre todas as coisas, como um reflexo amável.

Genoveva morava no terceiro andar; a casa fora restaurada, pintada, e Madame de Molineux tinha disfarçado, tinha dado àquele andar burguês alguns toques de elegância. Havia dois arbustos no patamar e uma campainha elétrica.

Quando ele entrou, Genoveva estava no quarto e Vítor esperou na sala, muito nervoso. Não estaria mais agitado, se ele tivesse chegado da Índia.

Um estofo original de um gosto oriental, vivamente colorido; havia dois quadros de flores que ele vira em casa de Dâmaso; e um polido de madeira, na frescura do tapete, tinha um ar novo, pouco habitado. Dois vasos imitando a velha majólica italiana, guarneciam uma consola de mármore, sob um espelho oval, com um caixilho trabalhado à maneira do século XVIII. Era uma instalação apressada, superficial e barata, onde se sentia a economia burguesa e um provisório de aventureiro.

— Faça o favor de entrar — veio dizer-lhe Mélanie.

E entrava num pequeno boudoir, quando Genoveva, atirando o reposteiro do seu quarto, correu para ele, com um robe-de-chambre solto e, deitando-lhe os braços ao pescoço, ficaram unidos num beijo ávido. E, abraçada nele, foi-o levando para o seu quarto, fê-lo sentar-se numa poltrona, ajoelhou-se aos pés, e, mergulhando os seus olhos nos dele, como se quisesse penetrá-lo até à profundidade da alma, fez-lhe toda a sorte de perguntas: «Se a amava, se

tinha pensado nela, o que tinha feito, se tinha visto outras mulheres, onde tinha estado as noites, cobrindo as suas palavras de outras frases, de outros beijos, prendendo-lhe as mãos, num frémito convulsivo e frenético e perscrutando-lhe o rosto com o olhar, de uma insistência apaixonada e luminosa, como para tomar posse do seu cabelo, da sua cor da pele, dos seus lábios.

«Porque tinha ela estado tanto tempo em Sintra? Porque se demorara tanto?», e a voz de Vítor era cheia de repreensão amorosa.

Genoveva ergueu-se logo e, indo ao toucador, mexeu num pente, num frasco.

— Meu querido: negócios. Eu disse-te nas minhas cartas. Não as leste? Não foi possível vir mais cedo e vim para te ver, porque já não podia estar mais tempo... Quem sabe se a minha pressa não me prejudicou?

Vítor veio enlaçar-lhe a cintura e, com a voz desfalecida:

— Mas agora estás aqui e amas-me, não é verdade? diz que sim... que linda que estás! Eu adoro-te tanto!

Os olhos de Genoveva cerravam-se, empalidecia.

Ele deixou dar-lhe um beijo, devagarinho, na orelha.

Um soluço de ternura e voluptuosidade levantou o peito de Genoveva.

Disse quase com uma lamentação na voz:

— Faz-me adormecer.

E julgando-a inteiramente abandonada, arrastou-a para o pé do leito, com um movimento muito claro; mas ficou atónito, sentindo Genoveva desprender-se bruscamente dos seus braços, recuar, dizer, quase com cólera:

— Vítor! — E falando-lhe baixo, com fúria: — Não! Não!

Não!

— Porquê? — disse ele ansiosamente.

— Enquanto estiver aqui outro homem, não! — E tomando-lhe as mãos nas suas, murmurou-lhe, com uma ternura suplicante:

— Quero ser só tua!

— Desembaraça-te desse idiota — exclamou Vítor, na impaciência do desejo revoltado.

Genoveva franziu a testa e, voltando a cabeça:

— Não pode ser, por ora...

— Mas, porquê, porquê?

— Porque sim.

Houve um silêncio. Vítor sentia uma desconsolação dolorosa arrefecer-lhe o sangue e ela, apertando outra vez as mãos dele:

— Escuta... Não pode ser. Tu não sabes... Não te quero dizer. Não me faças perguntas. Não pode ser. É para o teu bem. Tenho um plano... Sofreremos, querido, vinte dias, mas depois... — E os seus olhos brilhavam. — Prometes obedecer-me?

— Mas...

— Não. Dize, prometes?

E amava-a tanto que condescendeu, humilhado, infeliz.

— Pois bem — disse ela —, tu vens ver-me todos os dias, às horas que eu te disser; quando eu não puder, encontrar-nos-emos algures... Mas deixa-me a minha liberdade, não faças perguntas, obedece em tudo. Dize, juras?

— Mas...

— Ela ergueu-se impaciente.

— Ah, bom, não queres; aí está o teu amor, as tuas promessas...

— Juro, juro — acudiu ele logo, abandonando-lhe todo a sua vontade, a direção da sua vida, o emprego do seu tempo, fazendo-se carrasco de si mesmo, escravizando-se.

— Bem, e quando eu disser que sou tua.. é para sempre.

Unindo a face dele à dela, murmurou, com a gravidade de um juramento sagrado:

— Nunca mais com ninguém!

Vítor tornou-se então o passante da Rua das Flores. Ia ordinariamente ver Genoveva ao meio-dia. Ao princípio, as vezes, encontrava-a ainda deitada, mas tão fresca, com o cabelo tão bem arranjado, que parecia ter feito já toilette e passado a noite num sono casto e solitário. No entanto, o desarranjo do quarto, o amassado da roupa, os braços nus de Genoveva, perturbavam-no tanto que não sentia força para falar; olhava-a, beijava-lhe as mãos e estava assim

entorpecido por um desejo quase doloroso, sentia vertigens. Enfim, um dia Genoveva disse-lhe:

— Meu querido, não. Não te tornarei a receber aqui no quarto...

E apareceu-lhe sempre vestida, espartilhada, como se fosse sair; parecia recear todas as facilidades, mesmo a largura muito solta das suas roupas de manhã.

Ordinariamente Vítor falava do seu amor, mas Genoveva parecia que dava à conversa, sempre, um tom mais genérico, mais indiferente. Fazia música, cantava-lhe alguma melodia que ele gostasse; às vezes mesmo, fazia chamar Miss Sarah.

A inglesa entrava logo. A conversa, naturalmente embaraçada pela presença dela, arrastava-se dificilmente. Vítor falava mal o inglês; a preocupação que lhe dava a presença de Genoveva entravava-o mais, faltavam-lhe os termos e, às vezes, só podia responder a Miss Sarah com oh!, ah!, e um sorriso meio idiota. A inglesa, no entanto, procurava sempre dirigir-se a ele, vestia-se com muito cuidado, carregava-se de pó-de-arroz, tomava na presença

dele atitudes sentimentais, tinha olhares que o embaraçavam e chegara mesmo a zangar-se, um dia que Genoveva lhe dissera:

— A pobre Miss Sarah está terrivelmente apaixonada por ti.

E Genoveva parecia gozar aquela paixão desesperada, ou pelo acréscimo de humilhação que ela dava à inglesa, ou pelo ser mais um efeito da perfeição de Vítor.

Outras vezes, encontrava Genoveva bordando; e não abandonava o seu trabalho. Com a cabeça baixa, levantando apenas, a espaços, o olhar para ele e, encontrando sempre os seus olhos fitos nela, com uma adoração devoradora:

— Não te ponhas assim a olhar para mim. Sabes que não pode ser...

Era um suplício! Aquela recriminação de Vítor voltava todos os dias. Genoveva mesmo, um dia, disse com uma cólera na voz:

— Sei que pensas que estou num leito de rosas. Mas dei a mim mesma a minha palavra de honra. Não! Quando

estiver livre, sou tua escrava, a tua serva; podes matar-me se quiseres: Por ora, não!

No entanto, tinham manhãs tranquilas, muito doces, não havia alusões a uma paixão. Genoveva encantava-o, falando-lhe de Paris e de Londres. Era inteligente, cantava bem, sabia pintar, com pitoresco, uma fisionomia, um tipo. Da sua frequência com os homens de espírito, com os artistas, tomara alguma da sua linguagem colorida e forte; sabia anedotas sobre os homens ilustres, repetia os ditos que lhes ouvira, as apreciações originais.

Vítor não se fartava de a ouvir; era como uma crónica íntima, uma memória contemporânea onde ele encontrava os pormenores mais humanos, mais detalhados sobre as personagens da arte ou da ilustração que, até ali, só conhecera na atitude solene e convencional da glória. Com que prazer escutava as anedotas da vida sentimental do príncipe de Gales; havia naquelas historietas do príncipe voluptuoso como uma porta entreaberta sobre alcovas de duquesas e adultérios de corte.

Mas era sobretudo Paris, os seus políticos, os seus artistas, as suas cortesãs, que o interessavam. Como

saboreava os seus pequenos pormenores sobre Dumas Filho, sobre Gustave Doré, sobre os bailes de máscaras d'Arsène Houssaye. Era como mundos novos em que penetrava. As anedotas sobre Napoleão III encantavam-no: o imperador encerrando-se horas e horas, com um empregado da Policia secreta, por gosto da intriga e amor mórbido da mexeriquice! O imperador fechando-se até noite, no seu gabinete, e, enquanto se pensava que ele meditava sobre os destinos da França, o augusto personagem recortava, com habilidade, figurinhas coloridas, que colava com um pincel, sobre um papel, formando grupos de fantasia; ou as noites em que se encerrava com quatro mulheres e se deixava ir a excessos que o deixavam embrutecido, idiota e taciturno, cismando e cismando, ora desejando a excitação de uma guerra, ora a paz de um convento. O mundo das cortesãs do Jockey Club, dos estroinas históricos, não o encantava menos. Genoveva pintara as excêntricas personalidades da casa real, as suas ceias que custaram milhares de francos, a petulância dos seus ditos, o delírio das suas respostas; depois a extravagância de damas ilustres; uma, com um nome histórico, cuja criada de quarto tinha a lista e os retratos

dos homens mais lindos de Paris que sucessivamente introduzira na alcova da sua ama; outra que, num momento de alucinação, deixava o palácio e corria a um pequeno rez-de-chaussée da Rua dos Campos Elísios, propor ao seu amante fugirem e abandonar por ele um trono! Ia assim iniciando Vítor num mundo de elegância refinada de amores dramáticos, de mistérios deliciosos. E todas aquelas recordações que lhe adornavam o espírito seduziam mais Vítor do que as joias e as toilettes que lhe via.

Ao mesmo tempo, educava-o: dava-lhe conselhos de toilette, aconselhava-lhe a cor das gravatas e das meias de seda, iniciava-o no estilo sóbrio do dandismo inglês.

Queria que ele aprendesse a jogar as armas; ensinara-lhe o whist e a bouillotte; indicava-lhe livros que ele devia ler, ornando-o de qualidades que ela julgava eminentes, com a sagacidade de uma amante e a solicitude de uma mãe.

Quando ele tinha passado assim a manhã tranquila, escutando-a, recompensava aquela submissão amorosa com um beijo, uma palavra ardente, um olhar sentimental e doce.

Vítor vinha, às vezes, jantar, mas como encontrava sempre Dâmaso era para ele uma hora desagradável. Dâmaso era insuportável, com a sua importância ruidosa, as suas expansões amorosas com Genoveva, o seu ar protetor e insolentemente feliz; tinha um modo de se repoltrear na cadeira, com o charuto na boca, que dava a Vítor tentações homicidas; e afetava um tom fidalgo, estroina, de alta elegância; o Dâmaso! Achava a cozinheira de Genoveva atroz; lia o menu do jantar, silabando medonhamente o francês e encolhia os ombros.

— Não estamos no Café Inglês — resmungava.

E todavia, Vítor lembrava-se de o ter visto saborear com gula e gabar com exaltação os bifes de vitela do Hotel Pelicano! Mas Dâmaso transformava-se, ganhava chique! Trazia plastrons azuis, tendo por alfinete uma bota de montar, de prata, com uma enorme espora de oiro; tornava-se sportman. Dizia às vezes, com um ar profundo e concentrado:

— Quem ganhará o Derby, em Londres, este ano?

E afetava preocupações sobre a «grande corrida« de Paris.

Depois do jantar, invariavelmente, exigia a Genoveva cantigas de café-concerto de Paris; extasiava-se; era sua opinião que «a França era o primeiro país do mundo para a brejeirice»; já sabia cantar:

*Chaque femme a sa toquade,*

*Sa marotte est un dada!*

Atroava a sala, berrando aquele refrain, e aparecia sempre, à noite, de casaca e gravata branca; achava o país reles e falava de se ir estabelecer definitivamente em Paris, «naquela grande pândega».

Vítor saia sempre com os nervos tão irritados que pedia a Genoveva para não vir jantar. Começava agora a ter ciúme de Dâmaso; as semanas passavam e continuava a vê-lo instalado, possuindo Genoveva, fazendo arranjos na casa,

como uma ligação permanente e retardando a sua felicidade.

Genoveva, quando ele se queixava, sorria, calmava-o:

— Meu amor, está por pouco.

Mas Vítor tornava-se sombrio. Diante dela resignava-se, como se os seus desejos encontrassem, na contemplação de Genoveva, uma satisfação calmante; a certeza do seu amor deleitava-o com uma pureza de alma; sentia-se tão feliz, vendo-a falar, bordar, sorrir-lhe, que quase esquecia as esperanças impacientes de uma felicidade mais absoluta.

Mas, longe dela, tinha desejos furiosos que o queimavam; tornava-se sombrio, nervoso, irritável; toda a ação lhe causava uma fadiga esmagadora. Abandonara o escritório, os seus amigos; não ia ao teatro; ficava, noite fora, tio quarto, relendo as cartas dela, reconstruindo, pelas recordações, as menores palavras que ela lhe dissera, de manhã. A mesa, fazia esforços para falar, disfarçar, diante do tio Timóteo, a sua melancolia. Mas falava com a lassitude de quem levanta pesos. E o que o afligia era que o tio Timóteo não aludia ao seu amor e mesmo tinha também

silêncios largos, em que as suas sobrancelhas se franziam terrivelmente.

O tio Timóteo, com efeito, sabia que Vítor ia ver todos os dias Madame de Molineux, que abandonara o escritório, todas as ocupações, todos os hábitos antigos. Era, decerto, o seu desejo, como velho libertino e antigo espadachim, que Vítor tivesse uma «pequena» mas absorver-se, assim, numa paixão, viver agarrado às saias de uma mulher, perder a alegria e o apetite, fazer-se um vadio, não, era de mais!

Depois informara-se de Madame de Molineux; chegara-lhe aos ouvidos que era uma aventureira, feita de frieza e de rapacidade, que estava arruinando o Dâmaso. E o tio Timóteo julgava indecente que Vítor perdesse a sua carreira, o seu futuro, os seus bons sentimentos, talvez a sua dignidade, na intimidade ignóbil de uma barregã descarada. Além disso, tinha a desconfiança, natural nos parentes velhos, de amores ilegítimos. Genoveva era para ele a sereia, a mulher fatal, que arruína e impele a letras de câmbio e ao casamento vil... o ente pavoroso de mães assustadas e de avós devotas. «Que diabo», pensava. «Lá

que se divirta, vá! E da lei, é da decência! Mas que deixe a sua carreira, a sua saúde, a sua liberdade, a sua honra, no saiote de uma desaforada... caramba, racho-lhes os ossos, a um e a outro!»

Mas, com a amizade apaixonada que tinha pelo seu Vítor, não se atrevia a falar-lhe com severidade. Vítor era para ele toda a sua família, a única que tinha no mundo; nunca o contrariara, nunca o repreendera, e agora, que chegara a ocasião de lhe impor uma grande contrariedade, de pôr obstáculo a uma paixão, aquele homem de palavra brusca e de paulada pronta sentia a timidez coibitiva de uma mãe fraca.

Mas, como ele dizia, «perdia o sono», afligia-se, se Vítor estava mais concentrado, ou com menos apetite; sentia-o passear horas e horas no quarto; fazia toda a sorte de conjeturas para imaginar a razão daquela melancolia; pensava que Genoveva, sabendo que ele tinha um rendimento que Vítor herdaria, o «trazia à corda» para o arrastar ao casamento; mas raciocinava:

«Se ela quisesse um marido rico, tinha a besta do Dâmaso. Teria ela tido um capricho por ele e, farta dele, o

havia despedido, deixando-o apaixonado, desgraçado? Talvez uma viagem o distraísse. Um dia mesmo tinha-lhe dito, bruscamente:

— Queres tu ir a Paris? Um homem deve ver mundo.

Mas Vítor recusou-se tão decididamente, declarou-se tão bem em Lisboa, que o tio Timóteo atribuiu a sua tonteria ao embrutecimento da paixão feliz e consolou-se com esta reflexão:

— Tem o coração do asno do pai e o temperamento da bêbeda da mãe. É um desgraçado!

E furioso, não tornou a fazer perguntas intencionais a Vítor. Somente, às vezes, olhava-o de lado, com um olhar faiscante e desesperado, quando o não olhava, às escondidas, com a vista humedecida.

E a melancolia de Vítor crescia. Às vezes, tinha vontade de não ir vê-la, mas, chegando essa hora, uma força irresistível levava-o para a Rua das Flores: encontrava agora Genoveva nervosa e irritável; tinha silêncios longos, depois olhares que se devoravam.

— Mas, que vivemos nós, neste martírio? — disse-lhe um dia Vítor.

Ela não respondeu e ele, julgando ver naquele silêncio o assentimento de uma resistência expirante, apertou-a loucamente nos braços. Ela cobriu-o de beijos que quase o magoavam e em que havia como uma cólera de paixão. Mas, erguendo-se bruscamente:

— Não! O que disse está dito! Mas ouve: em duas semanas, sou tua.

Vítor achava-a extraordinária, fantástica. Às vezes passavam-lhe, como calafrios, suspeitas de que ela estava mangando com ele. «Matá-la-ia». Porque agora ao seu amor começava a misturar-se um vago ódio. Quase desejava saber que ela o iludia, o escarnecia: «Porque faria um escândalo, um crime»!, pensava. E achava na satisfação de vingança um apaziguamento da sua paixão.

Às vezes, quando Genoveva o tinha excitado mais, por um vestido mais colado ao corpo, ou por uma pressão de mão mais intensa, a sua exaltação era tão vibrante que, para a acalmar, para a dissipar, para a gastar, ia ver Aninhas; mas

detestava-a; os seus modos triviais, a sua linguagem de gíria, o cheiro de refogado que havia no corredor, tinham-lhe dado um tédio enfadado.

Que diferença com Genoveva! E todavia, gostava de lá ir, porque ali era o senhor; mandava, falava alto, dispunha e desforrava-se, torturando Aninhas, das abstinências que lhe impunha Genoveva. Tinha sempre alguma coisa com que a censurar; ou estava mal vestida, ou mal penteada, ou mal calçada, ou o quarto estava desarrumado, ou as toalhas não estavam limpas.

— Nunca te vi tão impertinente — disse Aninhas. — Que tens tu? Não estás aqui bem?

Aquela doçura exasperava-o, as suas carícias humilhavam-no; aquela que era uma reles rapariga, que ele desprezava, prodigalizava-lhe um amor exuberante, e a outra, que ele adorava com um fanatismo frenético, escassamente lhe abandonava as suas mãos.

Às vezes repelia Aninhas:

— Não me maces, deixa-me!

A pobre rapariga torturava o seu pequenino cérebro mole, para achar o meio de o prender, de o cativar, mas, por uma fatalidade, os seus esforços para o seduzir eram tão desajeitados que faziam desesperar Vítor. Se ela, para o seduzir, tomasse uma atitude sentimental, Vítor não podia eximir-se a achá-la ridícula: se, para o atrair com conversas literárias, lhe falava dos livros que lia, era sempre citando o Rei Bandido, a Vingança da Calábria, As Casacas Negras e outros horrores: se se queria encontrar alegre, libertina, Vítor achava, nos seus abandonos, o desconchavo da libertinagem do Bairro Alto. E a pobre Aninhas só conseguia, com os seus esforços, torná-lo mais sombrio. Mas adorava-o e, às vezes, a necessidade da sua paixão arrastava Vítor. Era então que ele, por um processo vulgar de imaginação, lhe dava a ela as palavras, lhe dava os beijos, que queria dar a Genoveva.

Aninhas não compreendia aquele capricho de Vítor de querer estar no quarto, com a luz apagada, mas era inteiramente feliz, vendo-o então exaltado e louco. Vítor evocava a imagem de Genoveva e eram as palavras mais exaltadas de amor, as carícias mais devoradoras e, a cada

momento, o renascimento delirante do desejo insaciável. E daqueles excessos, Vítor saía mais desprendido dela e a pobre tonta mais louca por ele.

A sensibilidade de Vítor, irritada por aquela paixão, tinha agora suscetibilidades femininas: uma mudança de tempo, um céu enevoado, um vento agreste, davam-lhe perturbações, como se fosse histérico; certas árias ou motivos da música traziam-lhe as lágrimas aos olhos; vinham-lhe desejos de devoções; entrara um dia na Igreja dos Mártires; rezava-se um ofício cantado e as vozes agudas, o som do órgão, deram-lhe uma perturbação mística, que ajoelhou e formou o plano de se refugiar na paz de um convento.

Foi num desses estados que ele disse a Genoveva:

— Escuta: tenho esperado quase dois meses; ou isto é sério, ou não volto aqui.

— Pois não voltes — disse-lhe ela, que estava também excessivamente nervosa.

Vítor teve um choque e, sob um excesso de tristeza, rompeu a chorar.

Genoveva caiu-lhe aos pés, deu-lhe as carícias mais loucas, beijou-lhe as mãos, torcia os braços e, entre soluços, disse-lhe:

— Mas tu disseste ter compreendido. Eu amo-te como nunca, nunca, amei ninguém. Mas quero viver só para ti. Por isso te retenho. Quando for tua, não quero ser de mais ninguém! — E com voz dilacerante: — Mas não sou rica, meu amor! Tenho dividas. Preciso pagá-las. Deixa-me tirar daquele estúpido o que eu puder.. E depois!...

E deixando-se cair sobre os calcanhares, abrindo os braços com um sorriso triste:

— Deixa-me ganhar o meu dote.

Aquele sacrifício, tão sinceramente exprimido, pareceu sublime a Vítor. Pediu-lhe perdão, jurou resignar-se, e, saindo com a obsessão do desejo, que não lhe deixava compreender a ignomínia da intriga, ia pensando:

«O seu dote, coitadinha! Que anjo!»

Genoveva falava verdade: «Anda a ver se apanha o dote. «Porque idolatrava Vítor. E sob a sua resistência aparente, tinha, mais que ele, todas as ânsias do desejo e todas as

torturas da impaciência. Havia dias em que, apenas ele saía, rolava, beijando o encosto do sofá onde ele apoiara a cabeça, o rebordo da mesa onde ele encostara o braço. Ela a esta paixão física juntava um sentimento ideal: não suportava a ideia de ter de partilhar o seu leito com outro; quando lhe pertencesse a ele, queria que o seu amor fosse absoluto, completo, perfeito, sem interrupções, sem embaraços, sem reticências, sem intervalos, sem suspeitas, sem astúcias; não se queria esconder de ninguém, nem sofrer as interrupções de ninguém; não queria diminuir o seu prestígio; queria ter as mesmas toilettes, as mesmas joias, uma carruagem, uma casa bonita; como isso podia custar muito tempo, com a redução da sua beleza, queria aumentá-la, pela decoração da sua pessoa. E para isso era necessário dinheiro. Ele não o tinha, «pobre querido!» Ela também não. Tinha dívidas em Paris, é o que tinha! Precisava pagar as suas dívidas, ter um pequeno capital para os primeiros tempos e, depois, seria somente amante de Vítor, viveria sem cuidados, sem estreitezas, sem credores! Ao princípio, Dâmaso, ainda com os hábitos «pingas de português», se tinha retraído às exigências de dinheiro; ela não contara com ele, como um cofre; não

hesitara em lhe mostrar a sua simpatia por Vítor, pronta a negar-lhe a porta, a despedi-lo. Mas depois, Dâmaso, ferozmente apaixonado, dominado, baboso, começara a ser mais generoso, a revelar todos os seus meios de fortuna, e ela ganhou por ele o respeito da prostituta pelo ricaço. Era um homem por quem se devia ter consideração. Representava, então, com ele, a comédia resignada do amor físico. Declarou-lhe que o amava, não com o coração, talvez, mas com os sentidos, sabendo que nada prende os imbecis como esta certeza dos prazeres que inspiraram. E em Sintra, fingindo-se louca por ele, caindo-lhe aos pés, com os olhos em alvo, representara habilmente delírios radiosos; prendera-o tão subtilmente, escravizara-o e, como numa caixa aberta, começou a tirar-lhe de dentro rolos de dinheiro. E um dia mesmo, Dâmaso pagara-lhe as suas dívidas que eram apenas de dez contos de réis; dera-lhe três contos de inscrições. Isto animou-a. De combinação com um agiota de Paris, por intervenção de uma amiga, fizera uma letra fictícia, aceite por ela, de cinco contos de réis. Declarou a Dâmaso que, se ele não pudesse pagar, devia ir a Paris, vender as suas mobílias, os seus dois cavalos que não tinha; chorou por ter de o abandonar, a ele,

seu amor, seu Dâmaso; mostrou a carta em que um certo Sauvières que ela dizia um rapaz muito rico de Paris, agente dos Oppenheimer e que a amava, lhe fazia propostas robustas, se ela quisesse ir com ele para Francfort. E Dâmaso, comovido pelas lágrimas, receoso de a perder, contente de humilhar um agente dos Oppenheimer, pagou a letra. Tanta imbecilidade animou-a. Tinha agora já um pequeno capital de oito contos. Com eles iria para Paris, com Vítor e depois veria! Mas, como Dâmaso continuasse a «largar», queria-o despedir o mais tarde possível. Quanto mais ganhasse, mais tranquilidade assegurava à sua vida com Vítor. Venderia tudo em Paris, iria viver com ele em Auteuil, em Neully, e como ele tinha do tio Timóteo uma pequena mesada e uma fortuna a herdar, a combinação parecia-lhe excelente, cheia de felicidades futuras e toda radiosa de amor. No entanto, ultimamente, a paixão era mais forte que a prudência e teria despedido Dâmaso, se não se aproximassem os seus anos. Esperava dele um bonito presente; ele falara, ao princípio, em adereço: mas ela, mostrando um bom senso burguês, que agradava a Dâmaso, disse-lhe que joias não; tinha tantas! Que a ajudasse a constituir um pequeno

capital. Quando ela o tivesse, não permitiria que ele lhe pagasse as despesas da casa.

— Porque te amo tanto que realmente vexa-me receber dinheiro de ti. Quero que me dês presentes, isso sim. Mas dinheiro, não! Estou ansiosa por ter um pequenino rendimento. Em Lisboa, com trinta libras por dia, vivemos perfeitamente. Dá-me dinheiro para isso.., e nada de joias.:. As joias chegam. Quero que o nosso amor seja desinteressado.

Dâmaso, extático, jurou fazer-lhe uma linda surpresa, nesse género. E Genoveva contava que ele lhe daria três ou quatro contos de réis. E no dia seguinte, fechar-lhe-ia, para sempre, a porta da sua casa. Estava-se então a dez de Março e os anos dela eram no primeiro de Abril.

Vítor continuava, às vezes, a ir jantar a casa de Genoveva; raras vezes, porque a presença de Dâmaso «embestava-o», como ele dizia. Mas, por esse tempo, uma ocasião, chegando às oito horas, ficou surpreendido, vendo Miss Sarah abrir-lhe a porta. Fê-lo logo entrar na sala, disse que Madame saíra com o Dâmaso, de tarde, tinham jantado fora e ido a um teatro, e que Mélanie desaparecera;

tinha decerto ido divertir-se fora. Falava de uma maneira demasiadamente excitada, os olhos brilhavam-lhe, ria-se sem razão, e Vítor compreendeu, vendo na sala uma garrafa de gim, que a inglesa estava «picada». Achou graça e aceitou um pouco de gim, acendeu um cigarro e preparou-se para a desfrutar.

Miss Sarah estava com efeito loquaz e imediatamente começou a queixar-se de Madame de Molineux. Era, segundo ela, «uma pessoa de muito mau génio; não admirava que não tivesse educação; era bem triste que ela, Sarah, bem-educada e pertencendo a uma respeitável família, vivesse na dependência de semelhante criatura». Suspirou, consolou-se com mais gim. De resto «Madame não tinha princípios; nunca a vira frequentar as igrejas. Ela, decerto não aprovava as práticas, as horríveis práticas destes detestáveis católicos, mas, enfim, quando se tinha uma religião e se era uma senhora, devia-se, por dignidade, ir à igreja e aproveitar com o sermão. « E serviu-se de mais gim.

«Apanha uma "piteira" famosa», pensava Vítor, muito divertido.

Miss Sarah, então, veio sentar-se ao pé dele no sofá e começou a dissuadi-lo de dar tanta atenção a Madame de Molineux: «A mulher estava doida pelo Dâmaso; fazia indecências, sempre a beijá-lo, a apaparicá-lo; até de se fecharem no quarto, de dia, com todo o descaro.

— It is something schoking! It is something disgusting!

Vítor, subitamente interessado e desesperado, pediu mais detalhes. Miss Sarah deu-os: «Inclusivamente, o último domingo, não se levantaram senão às três da tarde! Ela ficara tão enojada que saíra para não respirar, na casa, aquele ar de corrupção e de iniquidade.»

E falando, bebia, chegava-se para Vítor: estava a um canto do sofá, e Vítor via o seu rosto vermelho, manchado, inflamado de palavras e de gim, aproximar-se do seu.

Queixou-se, então, da sua própria existência: «Via-se numa terra estrangeira, sem amigos, sem relações, sem ninguém que se interessasse por ela, neste vasto mundo. Ninguém!»

Deixava cair as mãos no regaço, fitando Vítor. Mas este então, lembrou-lhe Madame de Molineux...

«Oh, que não lhe falasse dela! Detestava-a!»

— I hate her!

«Era realmente justo que Madame de Molineux... uma mulher sem princípios, sem religião, sem moralidade... tivesse todos os regalos da vida, toilettes, uma casa confortável, pessoas que a estimavam, e ela, uma mulher bem-educada, uma mulher normal, se visse obrigada a estar na dependência e na necessidade? Madame de Molineux não era uma senhora!

E alteando o peito, soltando as palavras com um acento, disse:

— Not! She is not a lady!

E pousando a mão sobre o braço de Vítor, perguntou-lhe ternamente porque é que gostava daquela criatura que o não podia fazer feliz, que não o amava, que só gostava de dinheiro?

Vítor, um pouco embaraçado, mas vagamente divertido pela loquacidade de alcoólica da inglesa, disse que não a amava, mas que Madame de Molineux o divertia simplesmente.

«Era verdade? Era verdade?», perguntou animadamente a inglesa.

«Certamente que era verdade», disse ele repoltreando-se no sofá. «Mas porque tinha ela tanto empenho em saber?»

Miss Sarah, que não cessara de se servir de gim, lançou bruscamente os braços ao pescoço de Vítor e declarou-lhe que o amava.

Vítor ergueu-se, com um pulo, como com o contacto de um esqueleto e, na sua perturbação, falando português, exclamou:

— Ah, não! Isso não! Então, faz favor! A senhora faz favor!

Mas a inglesa prendia-o e chamava-lhe nomes doces: darling, pet — dizia. «Não podia viver sem ele, que era superior à sua força, que estava doida...»

Vítor sentia as suas mãos magras, secas e macias, correrem-lhe pelos ombros, pelo pescoço. Havia tudo: o seu rosto avermelhado estava tremendo de desejo; os dentes entrecortavam-lhe as palavras. Vítor estava furioso; sentia-se ridículo e, ao mesmo tempo, a excitação sensual daquela

mulher magra e longa, exaltada pelo álcool, dava-lhe um certo desejo brutal, extravagante. Havia alguma coisa de irritante naquela devota puritana, ardendo nos furores da carne; mas, se cedesse, como desembaraçar-se dela, depressa?

Aquela ideia atravessou-lhe o cérebro, num relâmpago; repeliu-a secamente, arremessando-lhe as palavras:

— Schoking! — e disse-lhe, no seu inglês quebrado, «que se calmasse, que ficasse decente, que se fosse deitar... »

A inglesa ainda tentou, à força de carícias novas, mas ele tinha tomado o chapéu e, recuando, disse-lhe:

— Não, escusa de se cansar. Não! É indecente, é indecente!

A inglesa, humilhada, fitou-o com rancor e atirou-lhe:

— Oh you, blackguard! Oh, canalha!

E Vítor, ao sair, ouvia-a dizer que se havia de vingar...

Entrou em casa vivamente contrariado. Aquela súbita explosão de paixão, numa inglesa devota, não deixava de lisonjeá-lo. Sentia-se, todavia, ligeiramente ridículo e

lembrava José e a sua capa; e receava mesmo que a inglesa não armasse uma intriga.

Não disse nada, no outro dia, a Madame de Molineux. Genoveva despediria a inglesa e seria trazer a ruína à pobre criatura, só, num país estrangeiro. Mas, daí a dois dias, ficou perturbado, recebendo um bilhete de Madame de Molineux, que lhe dizia:

Meu querido. É preciso que, pelo menos, nestes cinco ou seis dias, nem venhas, nem escrevas, nem me procures. Até que recebas uma carta minha, não darás sinal de ti. Grande parte da nossa felicidade depende da tua discrição. E horroroso isto, mas é necessário.

«É a intriga da inglesa», pensou logo Vítor.

Que teria dito? Que teria feito? Naturalmente, era fácil conjeturar, fizera revelações a Dâmaso. E teria dito invenções caluniosas? A incerteza desesperava Vítor... e não podia ir, nem escrever. Procurou encontrá-la na rua, no Aterro, num teatro. Não a viu. A noite, passava por casa dela, via as janelas com luz. Daria tudo para saber o que se passava. Que fazia? Com quem estaria? Que toilette teria?

Às vezes, via o cupé de Dâmaso, à porta, e aquilo exasperava-o, dava-lhe toda a cólera do ciúme. Procurou então relembrar, cismar, todas as provas de amor que ela lhe dera, as cartas que lhe escrevera, os seus beijos, as suas perturbações, para ganhar a coragem de esperar, de viver. Às vezes, voltavam-lhe as palavras dela: «Estou arranjando o meu dote. E vendo as janelas do quarto dela iluminadas, representava-a sentada nos joelhos de Dâmaso, abraçando-o, vendendo-se, para o «cardar».

Vinha-lhe então um tédio daquela paixão, como se visse, de repente, todas as nódoas que a cobriam, sujavam. E para quem era aquele dote? Para ele, também. Não era aquilo vil, indigno? Não era ele verdadeiramente um canalha? Pôr-se de acordo com uma mulher para «cardarem« um simplório e partilharem os resultados da especulação. E para isso, enquanto o simplório estava na sua alcova, ele rondava, esperava ali, com o coração angustiado, ralado de um amor ignóbil, os olhos postos naquele terceiro andar iluminado. Não era isso que faziam os chulos?.

Vinham-lhe então resoluções de a deixar, de a esquecer. Mas, podia lá? Pertencia àquela mulher todo: corpo, sangue, consciência, juízo. Jurava então nunca viver com ela maritalmente, conservar uma inteira separação de interesses, de modo que só ela aproveitava com o «dote» sacado.

Uma noite chovia e Vítor, desgraçado, cheio de ciúmes, passou pela porta de Genoveva e viu uma tipoia de praça parada. Os dois cavalos, com a cabeça baixa, recebiam tranquilamente a chuva, e dentro do cupé luzia o cigarro do cocheiro, abrigado. Havia luz no quarto de Genoveva. Veio-lhe uma desconfiança de que não era o Dâmaso quem lá estava e imediatamente toda a sorte de suspeitas lhe inundaram o coração. Seria outro? Ela, tão bela, tão elegante, devia ser desejada. Para completar o seu «dote», teria aceitado outro amante? Seria por isso que lhe proibia o visitá-la, para que ele não se encontrasse com outro além do Dâmaso? Dirigiu-se ao cocheiro, como para tomar a carruagem.

— Tenho freguês — disse o cocheiro.

— É o senhor Dâmaso, não é?

— É um freguês, não conheço. Pode ser que seja o senhor Dâmaso. Não conheço.

— Um sujeito baixote, gordo.

— Não conheço — disse com mau modo o cocheiro. — Não pertenço à polícia.

Vítor parou, resolveu esperar. A chuva caía e, envergonhado do cocheiro, tinha-se refugiado à esquina, na Calçada do Pimenta; não tirava o olhar da janela mas nenhuma mulher passava sob a vidraça da janela; e a luz, um pouco fraca, parecia ser das velas sobre o toucador.

Jurava a si mesmo que, se descobrisse que havia outro homem, romperia com ela; meditava já a carta violenta, fria, desesperada, que lhe escreveria. E se não fosse um homem para concorrer para o «dote»? Seria um amante, um capricho, uma fantasia? Se ela se tivesse querido desembaraçar dele?

A chuva caia, tinha os pés frios, os joelhos molhados; a rua estava deserta; o lajeado reluzia molhado, debaixo do candeeiro de gás; algumas biqueiras cantavam e a luz do quarto não desaparecia e, na névoa chuvosa, as duas

lanternas da tipoia pareciam dois olhos baços de uma cor avermelhada.

De repente, uma voz, ao pé dele, disse com som ressequido, áspero:

— O senhor dá-me uma palavra?

Diante dele estava uma figura magra e alta, com um chapéu desabado um fraquezinho roto, pregueado sob a gola, umas calças maltrapilhas. E à luz do gás, via-se, sob a sombra do chapéu, um rosto macerado, com a barba um pouco crescida e os olhos reluzentes.

— Oh, Silva,! Ainda bem! — disse a figura.

Mas Vítor não o reconhecia. Olhava espantado aquele homem moço que tinha todos os andrajos da miséria e todo o abandono do vício.

O homem levantou a aba do chapéu, murmurou:

— Já não se conhecem os amigos...

Vítor ficou petrificado: era um seu antigo condiscípulo que, desde o segundo ano, abandonara a universidade; pertencia a uma família conhecida, e a batota, o vinho, o

deboche, tinham gradualmente, de janota a vadio, de vadio a pulha, de pulha a canalha, de canalha, a mendigo, transformado aquele bonito rapaz que batia pela Sofia , a cavalo, naquele macilento desgraçado que, de noite, se abrigava pelas portas e pedia patacos a conhecidos.

O homem tinha-lhe estendido a mãos, mas Vítor sentira um certo nojo em lha dar.

— Podes tocar. Sarna ainda não tenho — disse o outro, com um tom solene.

Vítor envergonhou-se, deu-lhe a mão, disse vagamente:

— Que fazes tu por aqui?

— Estou ali abrigado e quero dois tostões.

Vítor apressou-se a dar-lhe um pataco. O outro meteu-o no bolso, dizendo com um ar jovial:

— Os tempos vão maus, as propriedades rendem pouco... Está tudo caro. E que fazes tu por aqui?

— Estou aqui à espera...

— Fêmea! E bem cheiinho esse ventre. Aposto que tiveste o teu cozido, assado e sobremesa! — Riu, rosnou: — Ora a

porca da vida... Dá cá outros dois tostões.

Tinha uma mão meio ameaçadora, meio patética, e bamboleara o corpo, com um gingado de bêbado e um quebrado de fadista.

— E como vão os amigos? Como vai o titi?... Ora a porca da vida! Tens um cigarro?

Vítor deu-lhe um charuto.

— Caramba! Fumas charuto! Viva! E bom paletó.

Mostrou os seus andrajos e disse:

— O alfaiate faltou-me esta semana! E então não se cai com mais outra «placa»?

— Ouve lá — disse Vítor —, tu viste quem saiu daquela tipoia?

— Estava à espera do gajo. Não vi. Estava a espera dele, para pedir dez tostões emprestados... Uma letra, a três meses e juro pacato... Raios o partam!... Queres saber quem é?

— Queria... — E com uma ideia súbita: — Homem, se tu me fizesses uma coisa... Tu ficas aqui a ver quem sai e ias-

me dizer algures; repara bem no tipo. Tu conheces o Dâmaso, vê se é o Dâmaso.

O outro coçava-se, como se tivesse bichos.

— E que pagas tu pelo servicinho? Vem «loira»?

— Dou-te uma «loira».

O outro tirou o chapéu até ao chão.

— Criado da vossa excelência! Ora a porca da vida! Vai-me esperar para o café da Rua do Norte. Espera até que eu chegue. Queres que quebre a cara ao gajo? Vê lá... E em picado, se queres... Eu cá sou assim para os amigos.

Vítor olhou ainda para a janela e dirigiu-se para o café da Rua do Norte. Estava quase vazio. A parede amarela, muito suja, defumada, comia a luz do gás; uma fumaça de cigarro enchia ainda a saleta e, numa vidraça ao fundo reluziam as cores amarelas e vermelhas de dormentes garrafas de licor intactas desde anos. A uma mesa, uma mulher escura, picada das bexigas, com o cabelo negro, uma saia branca tufada, bebia com três homens. Um dormia com a cabeça enterrada entre os braços cruzados, sobre a mesa; o outro, com um cachimbo ao canto da boca, o olhar mórbido

errante e baço, estava tão bêbado que já não sustentava a cabeça, e na sua boca aparecia uma vaga espuma de baba; e o outro, um rapazola macilento de gravata vermelha, o chapéu para a nuca, os cotovelos sobre a mesa, falava baixo com a mulher, bebendo, a espaços, café por um copo.

Vítor sentou-se a um canto, pediu café, esperou. O rapazola tinha-lhe deitado um olhar de revés e a mulher compôs logo o lenço de cabeça e bateu nas saias, tomando uma posição requebrada.

Fora, agora, a chuva caia torrencialmente; um curto rodar de carruagem passava ao longe; e, por trás do compartimento envidraçado, uma chaleira de água fervia.

Vítor sentia um tédio, uma tristeza, invadi-lo, e o seu pensamento perdia-se em imaginações da existência calma que poderia ter. Porque havia de amar aquela mulher ignóbil que o traia, que o aviltava, que o levava decerto à ociosidade e a ações desonestas? E ali estava, às duas horas da manhã, num café de fadistas, esperando a informação de um canalha sobre o comportamento de uma prostituta; porque não duvidava que o homem que lá estava não era Dâmaso; Dâmaso não sairia por aquela noite de

chuva; ou teria o seu cupé com o cavalo branco das noitadas de Inverno. Era outro, decerto. Enganava-o! Que diferença, se ele fosse casado com uma outra rapariga honesta! Estaria àquela hora na sua casa, junto de um bom fogo, fechando um livro interessante, sentindo a voz doce de uma mulher dizer-lhe: «É tarde, Vítor, vem!» E aquela amá-lo-ia! Porque é que a sua vida era assim tão irregular, sempre cheia de torturas, de dúvidas?

Era talvez de família. O tio Timóteo nunca casara e tivera toda a sorte de aventuras errantes; seu pai morrera novo em África; sua mãe, longe, no estrangeiro. Que faria ela, a sua alma, se houvesse um céu, se houvesse alma, e o visse ali, naquele momento tão ignóbil da sua existência sentimental? Como seria sua mãe? Porque não deixara um retrato?

A porta abriu-se bruscamente e, a escorrer água, cansado de ter corrido, o triste entrou; sentou-se logo ao pé de Vítor. Exalava um cheiro de humidade, de cavalariça e de deboche. Vítor via agora as suas mãos enegrecidas, de longas unhas; o seu fraque remendado, sem cor nem

bolsos, pregado no pescoço com um alfinete; um trapo de camisa que aparecia na abertura, junto às calças ignóbeis.

— Vi o gajo. É um tipo de barba, homem novo. Salta a «loira».

— Não era o Dâmaso?

— Qual Dâmaso. Tinha barba. Salta a «loira».

— Vinha só?

— Meteu-se na tipoia, o cocheiro bateu e eu larguei. Barba forte, preta, chapéu alto, paletó comprido. Ó João, um café — gritou, ruidoso.

Vítor deu-lhe a libra e, ao erguer-se, o outro, agarrando-o pelo braço:

— Que diabo! Toma um café. Tens vergonha? Ora não sejas asno. Senta-te. Não queres? Vai para o inferno e recados ao titi... Dá cá outro charuto... O diabo te leve, dá cá outro charuto, homem! E quando quiseres algum servicinho, cá estou à mesma hora... E toda a espécie de serviço, toda, que eu cá não sou fidalgo e quem não trabalha não come; e eu quero comer, raios me partam se

não quero comer. Até mesmo é a única coisa que quero. É bom comer, não é? Se é, homem!

— Adeus.

— Vai para o diabo! E obrigado!

Vítor desceu o Chiado, quase correndo. Não duvidava agora. Era outro, um de barba! Repassava todas as pessoas de barba preta que conhecia. Seria Fulano? Seria Sicrano? Mas, uns pareciam-lhe muito pobres para que ela os explorasse; outros, muito feios para que ela os amasse. Tinha-lhe ódio; desejava vingar-se e estava resolvido a romper com ela; e o que sentia, sobretudo, mais forte que o seu próprio ciúme, era o desejo de a tornar ciumenta a ela, ou de a fazer arrepender de o ter enganado.

Desejava agora a fortuna, para se mostrar em Lisboa, num luxo, num esplendor de trem, de casa, que a fizesse «torcer a orelha» por tê-lo desprezado; ou ter uma amante, condessa ou marquesa, que fosse a demonstração ruidosa da sua superioridade sentimental. E como estes triunfos eram mais difíceis, preparou outro; escreveria um grande livro, seria célebre, o seu nome chegar-lhe-ia com toda a

sedução da celebridade e todo o esplendor da popularidade; seria um livro de versos e ela, através das páginas ardentes e sublimes, veria que grande, que alto coração teria desprezado.

Passou parte da noite escrevendo-lhe, mas rasgava os rascunhos; ora desejava uma carta ardente, com todas as exclamações de cólera e as apóstrofes do desprezo; ora um bilhete seco, frio e correto, alguma coisa como a lâmina lustrosa de um bisturi que lhe cortasse o coração. Depois decidiu-se por um silêncio desprezador, como se ela não existisse ou fosse tão vil que não valesse sequer desdém.

Às vezes, passeando no quarto, em chinelas, vinha-lhe como a alegria de ter findado aquela paixão; uma serenidade satisfeita enchia-lhe a alma, como se todos os elementos da sua vida reencontrassem um equilíbrio súbito. Onde o levaria semelhante paixão? Ela era uma prostituta, uma velha, calculista; perdera numa existência atribulada toda a santa frescura do coração, a ingenuidade da paixão. Que lhe reservava aquela ligação? Uma vida de ciúmes humilhantes, de tédios desconfiados? Abandonava a sua carreira, perdia o fervor de trabalhar, viveria obscuro,

seria apenas o amante da do Dâmaso. Fora uma felicidade abrir os olhos a tempo; ainda bem que se lembrara de, naquela noite, rondar a casa. Que pena não saber quem era o homem da barba preta. Procurá-lo-ia e dir-lhe-ia, apertando-lhe a mão: «Meu amigo, disponha de mim, porque me fez um serviço colossal.« Mas, de repente, via-a a ela, Genoveva, sentada nos joelhos do homem de barba, ou abraçando-o, com aquelas doces ondulações do corpo que o encantavam, ou abandonando-se, no desfalecimento do desejo, e vinha-lhe uma cólera, um desejo de vingança, de morte e de sangue; e impotente, sentindo-se fraco para tanta dificuldade da vida, atirava-se de bruços, sobre a cama, arrepelava-se, chorava.

Um resto de orgulho fê-lo serenar. Disse alto: «Que a leve o diabo, que é uma bêbeda!»

Deitou-se e adormeceu profundamente.

E, ao outro dia, para recomeçar uma vida digna, foi ao escritório. Havia um mês que lá não tinha ido, e encontrou como sempre o Dr. Caminha repoltreado, agarrando com uma das mãos um pé, a outra catando, um a um, os longos pêlos do bigode loiro.

— Viva o vadio! — disse ele a Vítor.

Vítor desculpou-se logo com a sua saúde, afazeres particulares...

— Isto aqui não é obrigatório... É gratuito, mas não é obrigatório.

Riu com a sua pilhéria e, enterrando-se na poltrona, concentrou-se sobre os pêlos do bigode.

Mas, dali a pouco, um sujeito, com um passinho miúdo, entrou e, tendo pousado sobre uma cadeira, com cuidado, um chapéu de onde transbordava um lenço de seda da Índia, começou a explicar um caso, com uma voz pasmada e gestos lentos de mão, armando um o com o polegar e com o indicador. Tratava-se de uma ação de restituição de pensões.

O sujeito falava docemente; dizia: o advogado, «o amigo Caminha» folheava maços de papéis; de vez em quando, ia buscar o lenço amarelo, assoava-se e tornava a colocá-lo finamente no forro do chapéu. Parecia gozar com a consulta, dizendo com voluptuosidade, os termos jurídicos.

Vítor, folheando melancolicamente uns autos, ouvia aquela voz doce, como um zumbido, continuar:

— Mas pode o esbulhado intentar a ação contra o esbulhador?

— Contra o esbulhador...

— Mas, se o esbulhador morreu...

— O esbulhador tem ação contra os herdeiros representantes.

— Somente?

— Ou contra terceiros a quem o esbulhador haja transferido o caso, por qualquer título. É o artigo cinco ponto quatro do Código Civil.

— O facto do esbulho é recente — disse com um sorriso —, amigo Caminha.

— Prescreveria passado um ano.

— Mas, se o esbulho foi clandestino...

— Quando teve o esbulhado notícia?

— Há seis meses, amigo Caminha.

— Tem seis meses, amigo conselheiro: o parágrafo único do artigo cinco ponto quatro é explícito.., e bem... desde o facto do esbulho, ou de ter notícia dele o interessado, no caso de ter sido praticado clandestinamente.

— De modo que temos o esbulhador na mão.

— Se o esbulhado quiser...

Mas o procurador Gorjão entrou. Apesar de ser Inverno, por um hábito, apenas tirou o chapéu, fez menção de secar as repas grisalhas da testa, com o lenço; sentou-se discretamente, esperando. De repente, acavalou umas lunetas no nariz, cruzou os pés debaixo da cadeira e, fazendo o ventre proeminente, pôs-se a ler, passando os seus dedinhos gordos pelo queixo bem barbeado. E vindo sentar-se subitamente ao pé de Vítor, disse-lhe, observando-o por cima das lunetas, com brandura:

— Se uma inscrição de hipoteca, procedente do mesmo título, tiver sido tomada em diversas conservatórias, a ação devia de intentar-se no julgado onde estiver situada a maior parte dos bens onerados, onde esses bens pagaram mais

contribuições diretas, ou no julgado do domicílio do registante? Hem?

Vítor olhou-o com terror. Não tinha percebido absolutamente nada da ideia do Gorjão. Fez-lhe repetir o caso. Torceu o bigode, com os olhos esgazeados.

— Vossa senhoria não se recorda? — E consultando uma nota: — Código, capitulo décimo, secção quarta, subscrição sétima, divisão quarta... Deve ser por aí. Vossa senhoria não se recorda...

— Não tenho agora presente...

— Eu estou que podem ser em ambas as partes, se, no domicílio do registante, existirem bens mencionados... Hem?

— E chegando-se-lhe ao ouvido: — E a quebra do Taveira...

Mas o amigo conselheiro tinha-se erguido, saindo com o seu passinho dançado, e o Gorjão foi cochichar com o Dr. Caminha.

Na saleta, fora, uma voz monótona, pasmada, que indicava um narrador satisfeito; dizia ao escrevente:

— Era uma eguazinha pequena rabã, e que fazia o seu dever. Pois, ali pelas alturas da Golegã...

— Pode, tanto num, como noutro lugar — disse o Dr. Caminha, voltando-se para Vítor.

— Perdão!? — disse Vítor.

— Pode intentar a ação, tanto no domicílio do registante, como no julgado onde houve maior número de bens onerados...

— Ah! — fez Vítor.

E a voz, na saleta:

— Eu não faço uma nem duas, seu aborígene. Apeio da égua, prendo-a a um galho de sobreiro...

Mas a voz interrompeu-se. Um homem de paletó comprido tinha entrado e logo a voz do escrevente, grossa e roncada:

— Faz favor de falar ao senhor doutor, faz favor de falar ao senhor doutor.

O homem do paletó entrou. A sua cara amarelada, com a barba mal feita, tinha um ar oleoso e macilento; trazia calças de lustrina que o uso fazia luzir sebaceamente; e, com um saco preto na mão, explicou que o Sr. Albuquerque, da Segunda Vara, queria os autos imediatamente e lhe tinha dito que não se fosse sem eles.

O Dr. Caminha ergueu-se e, com uma punhada na mesa:

— Diga ao senhor Albuquerque que quem quer negros manda-os vir do Brasil. Diga-lhe que vá...

Sentou-se, molhou violentamente uma pena, repeliu-a.

— Acho graça à exigência!... Não estava pronto, não estava pronto, não estava pronto! Caramba! — Outro punhado sobre a mesa. — Pensa que vou agora matar-me para fazer a vontade ao senhor Albuquerque. Com a faca ao peito, não trabalho. Não trabalho. Bem, acabou-se. Diga ao senhor Albuquerque... que história!

E o poderoso orador forense sentara-se, furioso.

O homem do paletó saiu, curvado e, por trás, viam-se as suas orelhas tão despegadas do crânio que pareciam ser duas asas de um vaso.

Houve um silêncio. Vítor sentia uma melancolia tão intensa que lhe vinham suspiros. Fora, o sol caia, abundantemente; carroças rolavam; às vezes um pregão cantava. Um tédio morno e triste parecia encher, com um fumo, o escritório; o aspeto do papel selado dava-lhe náusea; e os dorsos dos in-fólios, nas estantes, exalavam uma tristeza calma e lúgubre. E a voz do narrador continuava:

— Quando cheguei à Golegã, não foi uma nem duas, fui ao regedor...

E o Dr. Caminha, ainda na consulta com o procurador, dizia com uma voz monótona:

— Os ónus reais com registo anterior ao da hipoteca, que resultam a expropriação...

Vítor não se conteve, ergueu-se, tomou o chapéu, disse que voltava já...

— ... ou as da transmissão mencionada no artigo antecedente... — continuava o Dr. Caminha.

Ao passar pela saleta, Vítor ouvia o narrador — que era um homem corpulento, cor de tijolo, com esporas em

grossas botas de prateleira — dizer satisfeito:

— Ou o homem há de fazer a alcorca, por fora do vale, ou hão de saber quem é o Pedro da Golegã!

Vítor saiu, bateu com a porta da saleta, desceu a escada. Na rua, respirou amplamente. Estava resolvido a não voltar ao escritório. Aquele tédio era superior às suas forças. Só ao entrá-lo, todas as suas faculdades se entorpeciam. Não compreendia as palavras, a linguagem jurídica; era como uma língua estranha e bárbara que lhe causava melancolia. Aquela figura de procurador, depois do feitor, as preocupações das demandas, as explicações maçadoras das partes, faziam como uma atmosfera espessa, onde mal respirava e se sentia entontecer. E aquela era a sua profissão!

Que lhe restava agora? Perdera Genoveva, a sua vida estava estragada: odiava a sua profissão, fora enganado no seu amor; e socialmente e sentimentalmente parecia-lhe que tudo findara para ele. Odiava Lisboa... E, de repente, lembrou-lhe a proposta do tio Timóteo de ir a Paris.

Veio-lhe um entusiasmo súbito; os planos, as esperanças precipitaram-se no seu espírito, iria por terra, veria Madrid. Via-se já no Bulevar, jantando nos cafés históricos, aplaudindo as peças ilustres, vendo passar na rua os génios. Talvez alguma mulher o amasse... Porque não? Não lhe dissera Genoveva que o seu tipo agradaria em Londres? Londres! Veria as corridas, iria visitar, descoberto, o túmulo de Shakespeare, ou passearia nos parques, onde brilha a plumagem dos pavões e gravemente passam os pescoços dos veados.

E logo nesse dia, ao jantar, explicou, acentuou a sua tristeza; falou pouco, suspirou, mostrou-se tão desolado que o tio Timóteo disse-lhe:

— Homem, eu, se fosse a ti, dava-me um tiro no ouvido.

— Porquê?

— Pois, aos vinte e três anos, essa melancolia, suspiros, ais, cara de frade místico... Que diabo. Mata-te, homem... Queres a minha pistola? Mas não te falhes. É ridículo e desfigura.

E Vítor perguntou-lhe então se ele ainda estava na ideia de o deixar ir viajar.

— Ah! Queres-te ir? — disse o tio Timóteo, tirando o cachimbo da boca e fitando-o. E sacudiu a cabeça. — Bem, o que está dito, está dito. Eu já estou um bocado velho para ficar aqui só, como um cão... mas vai, vai.

— Três ou quatro meses — lembrou Vítor.

— O que está dito, está dito. Quando quiseres, fala.

Vítor falou em partir essa semana, logo.

— O que está dito, está dito — rosnou o tio Timóteo. — Quod scripsi, scripsi, como dizia o amigo Pilatos.

Tossiu, fez estalar a língua e ficou calado, com um aspeto furioso.

Vítor, à noite, no seu quarto, saboreava já toda a alegria de partir. Parecia-lhe ter esquecido Genoveva; achava-se agora bem tolo em ter dissipado, naquela paixão, uns poucos de meses da sua vida. Mas, enfim, se ela lhe trazia uma viagem a Paris!... E o que o encantava e lhe dava um regalo alegre de vingança era o ir despedir-se de Genoveva;

entrar, sentar-se friamente, dizer com o chapéu na mão: «Venho receber as suas ordens para Paris — «Parte?...» — «Por um ano ou dois, Aborrecia-me tanto em Lisboa!...»

E esperava que ela sofresse, tivesse ciúmes. Talvez quisesse vir...

Àquilo, todo o seu sangue se alvoroçava: ir com ela na mesma viagem, visitarem ambos os museus, jantarem num restaurante, passarem noites deliciosas no quarto de hotel, no imprevisto da aventura e no êxtase da paixão!

Mas, qual! Se ela quisesse, recusava. Desprezava-a agora. O homem da barba preta que a aguentasse, estafermo, prostituta vil!

A Clorinda abriu a porta do quarto e disse:

— Está ali um cocheiro que diz que há uma pessoa, em baixo, que lhe quer falar.

— Que pessoa?

— Não disse. Diz que está à espera, em baixo.

Vítor desceu, agitado. Um cupé de praça estava parado à porta. Abriu a porta e a voz de Genoveva disse:

— Vítor, entra — e atraiu-o pelo braço!

Achou-se sentado ao pé dela. O cocheiro imediatamente partiu.

— Querido — disse Genoveva abafadamente e, lançando-lhe os braços ao pescoço, cobriu-o de beijos ansiosos, com um murmúrio sufocado de palavras ardentes.

— Não pude estar mais tempo sem te ver. Estou como louca... Foi necessário. Se tu soubesses. Escreveram ao Dâmaso. diz que pensaste em mim, dize. Amas-me? Fala.

Vítor sentia-se tão subitamente nos braços dela, estava tão surpreendido, que apenas instintivamente respondeu aos seus beijos. O cupé descia a trote largo a Rua do Alecrim. Ele via, à luz, a grande roda da sua saia branca enrodilhar-lhe aos pés; tinha um casaco de seda onde havia peles; na cabeça, uma renda negra e da sua pessoa saia um frufru de sedas e um perfume penetrante.

— Vim mesmo como estava em casa. Tinha de escapar-me um minuto. Mas estamos livres, bem livres, dize, estamos livres... Que tens tu?

Vítor afastou-se para o canto da carruagem e disse:

— Mas perdão, perdão... Realmente não pode haver nada entre nós. Quem era o homem de barba que esteve na tua casa, até às duas da noite?

Genoveva não respondeu logo; e por fim:

— Que homem, quando?

— Ontem saiu da tua casa, às duas horas da madrugada.

— Havia de ser algum amigo de Dâmaso... — Hesitou e pareceu lembrar-se: — Cearam, estiveram a jogar até tarde; houve dois sujeitos: o visconde de Tovar e outro que não me lembro o nome — e acrescentou: — de barba loira.

— Não, não. Era um homem de barba preta; saiu só.

— Mas que sei eu disso? Eu sei lá? Talvez não fosse da minha casa. Há mais andares na casa; podia ser do primeiro ou do segundo, do quarto andar. Que pergunta ridícula!

Podia ser de outro andar! Como não lhe tinha lembrado logo! Ficara convencido que devia ser outro amante. Mas o que o persuadia era a voz dela, o calor das suas carícias, o perfume que saia das suas saias; tinha vontade de a

devorar de beijos, mas, por um resto de resistência orgulhosa:

— Não havia luz nos outros andares.

— Que queres tu dizer? — E irritadamente, batendo nos vidros: — Pare! Pare!

— Que é?

— Quero que saias, quero que te vás! — E a voz de Genoveva tinha toda a vibração da cólera e do despeito. — Eu venho-te ver, com sacrifício, louca de amor, e tu recebes-me com insolência!... Pare!

O cocheiro parara. Genoveva, com fúria, abriu a portinhola, acamou as saias e disse-lhe secamente:

— Adeus, pode ir.

— Genoveva...

— Pois tu pensas que eu recebo homens de barba ou sem barba, às duas horas da manhã? Tu tomas-me pela tua Aninhas? Sai, vai.

— Continue cocheiro — gritou Vítor, fechando violentamente a porta.

— Não quero — fez ela.

Mas ele prendeu-a nos braços, devorou-a de beijos e disse-lhe:

— Perdoa! Mas tive tantos ciúmes! Ia a passar perto da casa, vi uma tipoia parada; havia luz no teu quarto. Genoveva, jura-me, não era ninguém, não?

— Não juro nada — disse ela com força. — Que direito te dei eu para me insultares?

— Perdoa...

— Conheces-me há dois meses; faço tudo por ti; sacrifico-me por ti; sabes bem a que repugnante serviço me dou... e, porque há um sujeito que sai do meu prédio, dizes-me que recebo homens.

— Eu não disse!...

— Disseste.

— Juro-te...

— Se havemos de começar com desconfiança, questões ridículas, amuos... bem, acabou por uma vez.

— Não, nunca, nunca. Mas diz que me perdoas. Estava doido. Queria ir para Paris! Queria ir amanhã despedir-me de ti; dizer-te, muito secamente, se querias alguma coisa.

— Tu — disse-lhe ela, pondo-lhe a mão no ombro —, ires para Paris, deixar-me! Nà, nà! — E chegando o rosto ao pé do dele: — Matava-te!

Apertou-o contra o seio; beijava-lhe os olhos, os lábios, a testa; as suas mãos errantes, como que tomavam posse dele.

— Meu adorado Vítor, meu amor! diz que és meu, só meu amor, a minha vida, o meu amante, o meu homem! Oh, querido!

Esteve um momento abraçada a ele, como desfalecida, e, de repente, erguendo o rosto:

— Não me posso demorar! Devo estar em casa às dez horas. Diz-lhe que vá para casa. Tu apeia-te no começo da rua.

Mas Vítor interrompeu-a logo:

— Mas explica-me agora o que se passa. Porque tem sido esta separação?

— Ah, não imaginas... Escreveram uma carta anónima ao Dâmaso, que eu te recebia, que eu era tua amante, que tu me ias ver, quando ele não estava... Sem perceber, eu que preciso dele agora, quis afastar toda a suspeita. Estes dias de separação valeram-me um par de contos...

— Foi a inglesa — disse Vítor. E contou-lhe a cena com Miss Sarah. Era a inglesa que se vingava.

Genoveva ficou petrificada.

— Ponho-a na rua, além de amanhã. Mas não digas nada. Ah, a infame! Se não devia chicotear semelhante mulher! E tu resististe?

— Como José do Egipto.

Riram. Ela beijou-o mais.

— Quem te não há de adorar, meu amor, com esses olhos? Escuta: o animal do Dâmaso há de ir procurar-te e convidar-te para vires jantar amanhã. Vai lá, meu amor. —

E disse-lhe ao ouvido: — É o nosso jantar de noivado. Amanhã estou livre.

A carruagem parou ao começo da Rua do Alecrim. Vítor saltou. Ela tinha-lhe ainda a mão, pela portinhola, beijou-lha. Aquela carícia deu um enternecimento tão profundo a Vítor que lhe vieram as lágrimas aos olhos. Viu a carruagem afastar-se, com o olhar devoto com que seguiria, no céu, o rasto luminoso da aparição de um anjo. Olhou em roda de si. Queria falar a alguém, abraçar alguém, proteger alguém. Uma pobre aproximou-se, coberta com um véu. Vítor deu-lhe tudo o que tinha: quinze tostões!

«Amanhã, amanhã!», repetia, subindo a Rua do Alecrim.

Parecia levado no ar, suspenso pela dilatação da sua alma, ligeira, sublimada, e, num ímpeto de alegria, rompeu pela rua a cima, cantando a Marselhesa.

# CAPÍTULO XI

Quando Vítor, às sete horas da tarde do primeiro de Abril, entrou em casa de Genoveva, ficou surpreendido: não conhecia ninguém.

Com efeito, Genoveva tinha dito a Dâmaso:

— Para jantar aqui, tudo menos aquela gente da soirée; nada de académicos caturras, nem de poetas polémicos; nem de velhas de turbante. Quero gente lavada, com toilette e com graça.

E Dâmaso, depois de combinações complicadas, tinha submetido a Genoveva uma lista; ela conhecia algumas das pessoas; outras pareceram-lhe aceitáveis, pela sonoridade dos nomes e por excentricidades biográficas. E Dâmaso, radioso, reuniu enfim... como disse depois... «uma sociedade do primeiro chique».

A sala estava fortemente iluminada pelo lustre de gás; sobre a mesa, serpentinas doiradas punham o clarão elegante de muitas velas de estearina; ramos de camélias e

de violetas, nos vasos; o piano estava aberto; as cores dos vestidos, as gravatas brancas dos homens, destacando na decoração um pouco escura dos estofos da sala, davam um aspeto rico que completava o murmúrio discreto das conversas e o palpitar brando dos leques.

Genoveva adiantou-se logo para Vítor. Estava maravilhosamente bela; tinha um vestido de faille, cor de milho, com magníficas rendas; o decote quadrado, mas baixo, mostrava o esplendor dos ombros, a delicada carnação do peito; a manga descia apenas até ao cotovelo, envolvendo o braço num fofo de rendas; os seus cabelos loiros, penteados simplesmente, a inglesa, ligeiramente ondeados, tinham apenas por enfeite barbeia de milho; tinha um vago ar branco-pálido e aquela combinação do tom pálido e da cor do milho tomava uma beleza imponentemente elegante e aristocrática; não tinha joias e, no corpete, uma soberba rosa magenta punha, na decoração delicada de uma curva, um ponto de cor vigoroso e atrevido.

E a pressão apaixonada da sua mão deu a Vítor uma sensação deliciosa de orgulho, de amores misteriosos. Por

uma impressão, Vítor curvou-se e beijou-lhe a mão. Madame de Molineux foi logo apresentá-lo à senhora que ele devia conduzir à mesa: Madame Sivalli; era uma segunda dama de S. Carlos, alta, forte, com um nariz borbónico, o cabelo de azeviche, uns dentes esplêndidos; tinha feito a sua carreira italiana no teatro excêntrico da América do Sul; conhecia o México, o Peru, o Chile, um pouco o Brasil; fora muito tempo dama em Covent Garden, falava com finura todas as línguas, mesmo um pouco o português; e das suas viagens, das suas aventuras, ganhara uma vivacidade original de conversa, uma acumulação pitoresca de anedotas e atrevimentos masculinos; tinha uma toilette um pouco violenta, onde se ressentia o gosto aparatoso e detonante de Havana ou de Valparaíso, e as suas maneiras tinham o desenvolto de bastidor, combinado com um cerimonial veneziano.

Depois, Dâmaso apresentou-o a dois homens. Vítor conhecia-os da rua: um era o conde de Val-Moral; conservava-se de pé, imóvel, numa correção palaciana; já viera uma vez a casa de Genoveva e ela dizia que «sendo insuportável pela estupidez, era indispensável pela figura»;

era com efeito um destes personagens mudos e impassíveis, muito apreciados em Londres e Paris, e cuja figura, bela e decorativa, era na sala como um vaso raro ou um quadro moderno. Sendo loiro, era todavia útil, porque as guarnições e os estofos tinham um tom escuro. «Em Paris» dissera Madame de Molineux, «este imbecil poderia viver, alugando-se, por vinte libras, para jantares de cerimónia.» Era alto, bem proporcionado, tinha uma fisionomia de raça, com certas linhas patriciais, uma bela barba loira, uma correção pura de toilette; educado no estrangeiro, as suas maneiras, a sua gravata de pintas quadradas, as suas meias de seda preta, tinham o estilo exato; passava pela «pessoa mais fina de Lisboa»; era casado e, sempre de pé, em atitudes convencionais e formalistas, com o peitilho resplandecente e rijo; exprimia-se com a imbecilidade de um figurino e a majestade de instituição, era grande jogador de whisz e casado com uma senhora ilustre que tinha um amante no comércio. Seria inteiramente feliz, se não sofresse dos calos.

— Tu conheces o Dom João Maia? — perguntou Dâmaso a Vítor.

— De vista.

E Dâmaso apresentou-o. D. João Maia era filho de uma das mais velhas casas de Portugal. Uma velha tia dele, senhora temível pela maneira de perguntar acerca das pessoas — peão?», «é vilão?» —, dizia ordinariamente «o nosso avô Egas Moniz». Mas D. João da Maia era republicano; era-o pelo menos secretamente, porque, tendo a convicção enraizada de que os republicanos não se lavavam, hesitava em publicar a sua simpatia revolucionária. Ligava-se porém facilmente com gente do povo, gostava de comidas ordinárias: caldo verde, bacalhau, etc. Era fácil encontrá-lo nas tavernas e apreciava a conversa dos fadistas; tinha porém as maneiras muito delicadas, os hábitos mais finos e predileção literária. Pertencendo a uma família devota, era ateu. Não acreditava em Deus e detestava os padres; a música de igreja comovia-o e tinha uma certa religião refinada, elegante e romanesca pelo Cristo poético, com túnica, o lenho branco perfumado por Madalena, loiro e dizendo parábolas, com jovens, à beira dos lagos doces da Galileia. Exaltava-se pela arte, adorava Alfred de Musset. E o seu normal era procurar o

divertimento, fugir da seca. Falava com graça, tinha, de repente, ditos que faziam abrir os olhos e davam o encanto de uma linda luz doce.

Era alto, bonito, com o cabelo muito anelado, com ar lânguido; arrastava-se, meio deitado, pelo sofá; tinha com as mulheres um ar carinhoso e íntimo a que o seu sorriso dava muito encanto; era de uma generosidade de nababo, sendo pobre como Job. Os credores, todavia, não o torturavam; tinha com eles denguices sedutoras. Fora educado em Inglaterra; era recebido nalgumas balas aristocráticas de S. James Square; tinha entrado num dos clubes de Pall Mall, mas preferia dançar no Argile, ou jogar o boxe nas docas de Londres.

Dizia-se dele: «É um estroina!» Não lho diziam, todavia, alto, porque tinha uma facilidade extrema em dar bofetadas, ou quebrar uma cabeça; é verdade que, depois, era o próprio a levar o ferido, a pôr-lhe pontos na primeira botica, a metê-lo num trem e tornar com ele à família. Estava sempre em dificuldades de dinheiro ou de mulheres; mas aos seus amigos contava, rindo, os seus casos e achava sempre uma bolsa dedicada, ou uma atividade experiente.

Vivia pelos hotéis, gastando muito, com os relógios muitas vezes no prego; fazia esmolas e, quando não tinha dinheiro, metia-se na cama, com um romance, um livro de ciências e uma garrafa de champanhe.

Em toda a parte estava à vontade; tinha um ar de príncipe bom rapaz. Genoveva admirava-o muito. Dizia: «É impossível ter uma paixão por ele, mas é difícil não ter um capricho!» Foi uma das personalidades mais simpáticas e destacou vivamente no fundo banal da Lisboa burguesa. Por isso, chamavam-lhe doido.

Mas uma das pessoas que mais impressionavam Vítor era uma senhora que, no sofá, conversava com Genoveva. Ouvira-lhe chamar D. Joana Coutinho. Era extremamente alta, magríssima, vaporosa, débil; tinha um vestido azul, com foles, tules, gazes, que flutuavam incertos, de cores fofas e leves; os seus olhos pretos tinham um olhar meigo e temo; os gestos dos seus braços tinham a impaciente volubilidade de asas; estava meio deitada e meio pousada no sofá e, com as suas formas transparentes, os seus tules, as suas gazes, parecia prestes a voar e desaparecer.

— Quem é — perguntou ele a D. João da Maia.

— Uma alma! — respondeu o descendente de Egas Moniz.

— E a outra? — E indicava uma mulher bem feita, com um vestido escarlate e justo, de um loiro cor de manteiga, e com os beiços tão finos que a sua boca era uma fenda, e o nariz um pouco arrebitado.

— Madalena Gordon. Nada que ver com o duque de Richmond e Gordon. Não. É uma dançarina; está com o barão de Means, o velho de chinó. Não está aqui. A donzela veio só. É um bom conhecimento; dá ceias, não se seca à gente. Mas muito virtuosa; estupidamente virtuosa, com um grande horror aos homens e um grande fraco pelas mulheres.

Mas davam sete horas no relógio da sala e imediatamente Genoveva foi tomar o braço do conde de Val-Moral; Dâmaso, gordinho e jubiloso, precipitou-se a agarrar o seu par, D. Joana Coutinho, e desfilaram com solenidade de préstito, com o frufru das caudas de seda, pelo corredor tapetado.

— Esta casa tem um estilo chique — observou Madame Sivalli a Vítor.

A mesa brilhava de luz viva de um lustre de gás; as facas novas reluziam ao pé dos pratos de ostras; em torno de dois vasos de flores estava disposta a sobremesa; os vidros, delgados e picados de luz, dos copos tinham uma doçura atraente e errava um vago aroma brando do cheiro de limão; e sobre um alto aparador, um alto globo carcel punha pontas vivas de luz na curva dos pratos e no bordo das travessas. Dois criados do Dâmaso serviam, com outro do Hotel Central.

Como a mesa era quadrada, cada um dos pares ocupava um dos lados. Genoveva, que tinha à sua esquerda o conde de Val-Moral, pôs logo o seu pezinho sobre o pé de Vítor, com uma pressão apaixonada. E cada um dos convidados, ao desdobrar o guardanapo, achou, na prega, um raminho de violetas.

— Vêem-se bem as opiniões bonapartistas da casa — observou D. João da Maia, à sua vizinha, a alemã Gordon, e à vaporosa Coutinho.

— É a minha flor predileta — respondeu a Coutinho. — Nenhuma flor tão poética...

E punha a cabeça de lado, com uma expressão desfalecida. João bem depressa se voltou para a Madalena, pedindo-lhe notícias daquele excelente barão. Ainda tinha a mesma sorte ao bacará? Tinha-o delapidado de oito libras, na última vez que ceara em casa dele; fazia verdadeiramente justiça ao provérbio que a felicidade ao jogo traz desventuras aos amores. A alemã respondia por monossílabos; os seus olhos frios e azuis, de pestanas brancas, não cessavam de admirar Genoveva.

— É adorável, não é verdade? perguntou-lhe João, seguindo a direção do seu olharzinho de uma lubricidade seca.

— E perfeita — disse a alemã.

João então quis saber o que ela considerava a mulher perfeita e, como ela hesitava, retraindo-se, franzindo os seus beiços secos. João erguendo a voz, pediu as várias opiniões, «como se estivessem no concílio».

D. Joana Coutinho achava perfeita a mulher com alma, «com uma alma nobre, entenda-se».

Dâmaso estendeu o pescoço no colarinho e, com um olhar sátiro para Genoveva, disse com autoridade:

A mulher perfeita é cá uma pessoa que eu conheço…

— Não vale! Não vale! Fala-se em geral — disseram.

E Vítor, interrogado, respondeu:

— A que se ama! — E o seu pé indicou a Genoveva em quem ele pensava.

Mas quiseram então conhecer a opinião do conde. Direito, ornando a mesa pela bela solenidade do seu aspeto, conservara-se calado, os cotovelos cerrados ao corpo, pegando no garfo e na faca com delicadeza escrupulosa e arrebitação de dedos que fazia reluzir os seus anéis; sorriu, refletiu, respondeu com voz espessa:

— Por exemplo, sua majestade.

— Não vale! Não vale! — exclamou logo João da Maia.

— Fala-se em geral e, além disso, é ferir sem razão os meus sentimentos republicanos…

— E os meus! acudiu Vítor.

E amargurar-nos a sopa! resumiu João.

O conde, assustado, disse, pondo a mão sobre o peito:

— Eu peço perdão, se...

Tranquilizaram-no, afirmaram-lhe que era uma brincadeira.

— O meu respeito pela opinião... — balbuciava o conde.

— Mas não! Não! — disseram. — São ares que se dão! São lá republicanos...

E João da Maia, então, para divertir as senhoras, contou uma conspiração de que tinha feito parte para proclamar a república. O local era um quarto andar, na Rua dos Capelistas; o santo e senha era: Sic itur ad astra , o que, segundo João, era excessivamente apropriado, quando se tinha de subir ao quarto andar.

«Era divertidíssimo», dizia, «nunca lá vira sequeira. O plano era simples: era reunir seis mil operários; compravam armas, atacavam o Castelo de São Jorge e

depois, de lá, desciam para a Baixa da cidade: agora, ou a república, ou a metralha.»

— Todos os lojistas, todos os proprietários que têm os seus armazéns, os seus prédios na Baixa, votavam naturalmente pela república; depois, instituía-se o tribunal revolucionário; tínhamos já a lista das vítimas: na frente, a família real, depois... lá estavas tu, Dâmaso. Eram duas ou três mil cabeças. Cada um levaria, todas as noites, uma lista de pessoas que deviam ser sacrificadas, O padre Melo, um tipo, tinha dado os nomes de todos os bispos; eu dei o nome de todos os meus credores, já se vê. E a coisa gorou, porque faltou o dinheiro para as armas; nunca reunimos mais de sete mil e duzentos réis, dos quais eu dei uma libra. Por fim, o padre Melo desapareceu com o cofre... e a ordem prevaleceu... Sim, Chablis — disse ao criado que, por trás, se inclinava com a garrafa na mão.

E Dâmaso logo chamou a atenção do conde para o Chablis. «Que lhe parecia? Que lhe parecia!»

O conde provou, refletiu, concentrou-se cerrando os olhos, e disse com um tom profundo:

— Chablis.

— Sim, mas que tal? — insistiu Dâmaso, com a prospeção de dono da casa.

Depois, olhou para os criados; sorria, repoltreava-se, contemplava Genoveva.

— Que tal, que tal?

O conde, que não cessara de refletir:

— Bom Chablis.

D. Joana Coutinho dizia a João da Maia.

— Eu, o meu vinho é o Lacrima-Christi. Uma gota de Lacrima-Christi!

De resto, achava muito ridículo beber vinho e comer; não se devia comer em público; ficava sempre mal a uma senhora.

— A minha ideia tem sempre sido que as pessoas verdadeiramente delicadas deviam reunir-se para comer morangos e beber leite…

— E depois, na alcova, a portas fechadas — disse João —, devorar as boas postas de carne!

— Que horror! — fez ela enojada.

Mas comia: apenas com as pontas dos dedos, debicava migalhinhas de pão; os seus movimentos sobre a cadeira pareciam de uma ave assustada e constantemente em volta dela havia uma gaze, uma renda ou um tule, que punha sobre a sua pessoa transparências vaporosas e a ideia de asas.

Mas João da Maia tinha perguntado, através da mesa, a Vítor:

— Pois não é sua opinião?

E como quiseram saber a «questão», João disse:

— Dizia eu a esta senhora que achava horrível afetar horror pela comida sólida e necessária. Oh, não falo pela senhora dona Joana. Mas, por exemplo, é o mesmo que com o amor platónico. Há mulheres que não falam senão da alma, que dizem ao seu admirador: «Ah, meu amigo, os desejos carnais, que horror, que nojo», etc., e parece que vivem num estado de pureza ideal; pois bem,

ordinariamente, ordinariamente são pessoas que têm maridos robustos, que lhes fornecem um...

D. Joana protestou horrorizada: «Que conversa!» Genoveva mesmo tomou uma expressão séria; a alemã franzia os beiços, numa desaprovação desdenhosa, e Dâmaso, debruçando-se para João, repreensivamente, quase aflito:

— Ó menino!...

João calou-se, sorriu e disse baixo a Dâmaso, num mau alemão de colégio:

— É um convento isto?

— É uma sala — respondeu pretensiosamente a concubina do barão.

«Bando de desavergonhados!», pensou João.

Mas a excelente Sivalli tinha retomado a «questão» com Vítor e dizia:

— Eu nunca acreditei no amor platónico; nos homens, já se entende o que é... — E ria, com muita malícia, com o

guardanapo sobre o rosto. — Nas mulheres é desejo que se empregue a força...

— Claro — disse Genoveva, franzindo a testa.

— Ah, bem, não se pode rir um bocado; deixe-nos conversar; não há nada melhor do que falar de pecados, a não ser autênticos.

João quis ouvir, saudou-a, de longe, com o cálice do Bordeaux, confraternizando, no amor de conversas libertinas.

Mas algumas palavras altas de D. Joana Coutinho fizeram recair a conversa sobre as peregrinações a Nossa Senhora de Lurdes e sobre a água milagrosa.

As senhoras extasiavam-se sobre a virtude sublime daquela fonte.

— Tem? — perguntou D. Joana a Genoveva.

Infelizmente não tinha; em Paris, sim, que lhe dera o abade Beauvet da Madeleine.

— Eu tenho — disse a alemã.

E corou, com uma simpatia entusiasta, devota e satisfeita.

D. Joana disse, chegando o cálice aos lábios, bebendo um golo:

— É um bálsamo celeste.

Dâmaso, que julgava que ela exaltava o Bordeux, acudiu:

— Oh, excelente! É Chateau-Léonville; prefiro muito ao Margaux.

— Impiedade não! Impiedade não! — disse desolada D. Joana.

— É do mais detestável gosto — disse imperiosamente Genoveva.

— Minha rica... — exclamou Dâmaso, aterrado. — Eu supunha...

— Genoveva cortou secamente:

— Basta!

Dâmaso fez-se escarlate. Houve um leve silêncio. E João da Maia perguntou, com serenidade:

— Bebe-se com vinho, a água da nossa Senhora de Lurdes? — E vendo as expressões escandalizadas: — Oh,

perdão, eu sei perfeitamente o que digo. É uma opinião que ouvi exprimir a altas autoridades eclesiásticas. O ano passado, em Roma, em casa da princesa de Barbaccini... — e tomando um tom pomposo de cerimonial —, estava o cardeal Cazabianca, monsenhor Bassorchi, dois prelados da Câmara, sua graça de Norfolk, estava... — e procurou recordar-se de outras ilustrações devotas.

As mulheres escutavam-no agora, atentas, atraídas; havia nas cabeças curvadas, no silêncio simpático; uma reverência elegante por aquela enumeração católica.

Estava, enfim, tudo, o melhor de Roma, e eu ouvi dizer ao abade de la Chermaye, um santo, que, em caso de doença, se podia tomar a água da nossa Senhora de Lurdes com um dedo de vinho de Espanha.

— Nunca ouvi! — disse D. Joana, admirada.

— Cito opiniões romanas, minha senhora!

Houve um silêncio discreto; pareciam saborear aquela revelação de uma verdade santa e João da Maia pensava, baixo: «Que grandes pândegas! Que patusca espécie de mulheres!»

Mas Dâmaso, então, a quem o jantar dava sempre uma alegria loquaz, um desenvolvimento, deixou cair, sobre Nossa Senhora de Lurdes, a sua opinião:

— Carolices!

D. Joana Coutinho pareceu muito chocada e Genoveva declarou excessivamente burguesas e de mau tom as facécias de ateísmo...

— Quanto mais — acrescentou Vítor, que queria enterrar a besta do Dâmaso — ... quanto mais que as crenças são as consolações de muitos infelizes, de entrevados, de doentes, que não têm outra esperança, para quem Nossa Senhora de Lurdes é a esperança suprema.

Aquilo pareceu muito bem dito, muito elegante, aristocrático. O conde mesmo aprovou com a cabeça. Genoveva disse:

— Fala como um coração.

E o seu olhar beijou-o, cheia de reconhecimento.

No entanto, o conde torturava o intelecto para dizer alguma coisa a Genoveva. Enfim, depois de grandes

preparativos internos, perguntou-lhe se ela tencionava ir às corridas, a Belém.

Genoveva «não lhe parecia». Tinha ouvido dizer que era uma sensaboria mortal.

Dâmaso protestou, falou na tribuna do hipódromo, nos cavalos de raça, em jóqueis ingleses que deviam vir...

E Vítor, interrompendo-o:

— Madame de Molineux tem razão. As corridas fazem dormir. Falta tudo o que constitui a animação da corrida: as mulheres elegantes, drags a quatro cavalos, o champanhe bebido no alto dos breques, a excitação das apostas...

E irritou tanto Dâmaso, amesquinhando as pilecas, que o obrigou a exclamar, vermelho:

— Ora, que sabes tu disso?

— E tu? — disse Vítor.

Madame de Molineux declarou logo que Vítor tinha razão. O verdadeiro divertimento nacional eram os touros; para as corridas, nem havia público, nem cavalos, nem jóqueis, nem dinheiro...

João da Maia acrescentou:

— É uma caricatura! São como os saltos do Campo Grande: uns sujeitos, em cavalos de aluguel, a tropeçar numa sebe artificial e raminhos de árvores sustentados por dois galegos. É grotesco...

— Mas... — disse Dâmaso.

— Basta, meu amigo — disse Genoveva. — Como sportman, não tenho fé em si.

Dâmaso, rubro, humilhado, não achou uma palavra e bebeu, de um trago, um grande copo de vinho.

Mas D. Joana Coutinho achava todos esses divertimentos brutais e próprios de gente grosseira: «Touros, corridas, sports, luta atlética, croquete... que significa tudo isso? Um emprego estúpido da força. Pouca delicadeza de alma. Um homem devia ocupar-se de outras coisas.»

— De quê? — perguntou João.

— De coisas nobres, de sentimentos elevados, grandes ações.

— Mas uma pessoa não pode estar todo o dia a fazer grandes ações...

— Mas deve ler os poetas, cultivar-se pelos grandes homens — e voltando-se para Dâmaso: — Qual é o seu poeta favorito?

Dâmaso torceu a cara, balbuciou:

— Assim de repente, não me lembro...

— Ah! — acudiu Genoveva —, não lhe perguntem isso. Tem ódio à letra redonda.

— Perdão... — interrompeu ele.

— Um ódio irreconciliável à letra redonda e à água fria — acrescentou com um risinho, recostando-se na cadeira.

Todos riram. Dâmaso estava furioso. Porque eram aqueles ataques? Dera-lhe, nessa manhã, três contos de réis de inscrições e aquela hostilidade revoltava-o como uma ingratidão, assustava-o como um rompimento. E desesperado de não achar uma réplica vingadora, refugiou-se no Bordeux e no salmis de perdiz.

Mas D. Joana Coutinho, que se ocupava de literatura, «único emprego de uma alma nobre», e que admirava Vítor, pela sua beleza e pela sua devoção a Nossa Senhora de Lurdes, disse-lhe, com um sorriso muito afetuoso:

— Sei que faz versos...

Felicitaram-no, pediram-lhe logo para recitar, depois do jantar.

Vítor, com modéstia, disse que era apenas um curioso; não era poeta lírico de profissão; achava mesmo a profissão ridícula; mas havia certas sensações, certos entusiasmos, certas confissões, que se deveriam fazer em verso ou em música... e como não sabia música... «assim» pensava, «como se há de contar a uma mulher que se sonhou com ela, sem ser em verso? Como se lhe há de exprimir tantos sentimentos delicados, que o seu amor faz nascer...? A prosa não dá. As mulheres», disse, «havia-se de falar de joelhos, ou em verso».

Todos aplaudiram. Vindo de um rapaz tão bonito aquela sentimentalidade parecia deliciosa. D. Joana Coutinho tomava posições e atitudes de uma melancolia extática.

Mesmo a Sivalli, apesar da sua vivacidade irónica, achava aquilo muito artístico. E Vítor, animado, dilatado na simpatia quente que o envolvia, um pouco surpreendido de achar em si um desembaraço tão fácil de palavras literárias, disse a Dâmaso:

— É o que tu fazes, penso! É impossível, como um elegante, que não mandes todas as manhãs à pessoa que amas um ramo de flores e um soneto. É o estilo. Qual foi o teu soneto de hoje?

Dâmaso estava tão desesperado que respondeu brutalmente:

— Ora mete-te com a tua vida...

— Oh, perdoa! Perdoa!

Genoveva fizera-se pálida, mordeu nervosamente os beiços; e todos pareciam surpreendidos daquela grosseria brusca. E João da Maia, que se divertia, disse:

— Não. Realmente o amigo Dâmaso tem razão: não se deve pedir a um amante a confissão das suas expansões.

— São sempre daquele género as suas expansões — disse Genoveva, secamente.

Começava a nascer um certo embaraço. Todos compreendiam que Genoveva queria humilhar Dâmaso. Porquê?

— Não me parece que estes dois estejam na lua-de-mel — disse João, baixo, à alemã.

— Eu acho-o desagradável — disse a alemã, olhando Dâmaso.

— É um imbecil, mas tem bom vinho. — E erguendo a voz: — Mas o senhor Silva, para poeta, não me parece muito pacífico. Viu-o, no outro dia, dar umas bengaladas, na Rua do Alecrim, com um desembaraço respeitável...

Todos o olharam com uma certa admiração.

— Ah! — disse Genoveva —, foi num amigo do Dâmaso.

— Os meus amigos não levam assim bengaladas...

— Não — acudiu Vítor. — Apenas ergui a bengala, gritou logo pela Polícia.

Desde esse momento, como disse João da Maia à alemã, o Jantar estava estragado. Realmente era absurdo convidar-se pessoas desprevenidas para assistirem a cenas de família, «não é verdade?»

No ânimo de todos estava estabelecida a certeza de que Vítor era amante de Genoveva e que havia ali uma pequena comédia de ciúmes assustadores. Um embaraço crescente tornava a conversa espessa, pesada. Dâmaso comia calado e soturno. O conde, que achava tudo aquilo pulha, mantinha um silêncio digno. A alemã admirava Genoveva; D. João da Maia, Vítor; e os outros continuavam diálogos, preguiçosos.

João da Maia e Vítor falavam de duelos; Genoveva e a Savalli, de Paris, de amigos comuns.

— Não acha que o senhor Silva se parece com Genoveva? — perguntou a alemã a João, baixo.

— Não me parece muito... Com efeito, há o que quer que seja. Se ela não pintasse o cabelo, realmente haveria uma semelhança...

Tinha-se servido o champanhe e quando, no fim da sobremesa, Madame de Molineux calçou devagar as suas luvas e se ergueu, houve em todos um alívio, porque, como se expressou João da Maia, «o jantar tinha estado secante».

Dâmaso, que ficara um pouco atrás, disse a Vítor, com um risinho amargo:

— Estiveste muito engraçado.

— E tu, muito mono, meu amigo.

Dâmaso não achou réplica e entrou na sala, mordendo o charuto com rancor.

O conde tinha-se sentado ao piano; preludiava; e Madame Savalli estava de pé, ao lado; trauteava baixo, batendo, de leve, o compasso com o leque sobre o piano, e atirando com o calcanhar a sua longa cauda, colocou-se por trás do conde; os seus lábios entreabriram-se e a sua voz de contralto elevou-se, num ritmo grave e solene. Era uma canção da Campânia; por vezes a melodia balançava languidamente, numa ondulação larga e voluptuosa; e elevando-se num crescendo amoroso, multiplicava as notas altas e apaixonadas, que tinham uma insistência ardente de

uma suplicação amorosa; e a Sivalli inclinava a cabeça para trás, mostrando uma bela garganta branca de italiana nutrida.

Depois, algumas pessoas chegaram: o Sr. Elisiano Macedo, que trouxe o seu violoncelo; Sarrotini, jovial, palavroso, enchendo a sala com o espetáculo ruidoso da sua pessoa; Marinho, todo cheio de sorrisos discretos e shake-hands íntimos.

Genoveva recebeu-os a todos com uma graça cerimoniosa, com palavras simpáticas, mostrando, num sorriso igual, os dentinhos esmaltados. Parecia ter perdido a irritação nervosa do jantar, e a sua pessoa, a sua toilette, a nudez do seu colo, o seu pescoço branco de movimento doce, a beleza de figura, davam a Vítor uma exaltação tão profunda que era quase dolorosa. O vinho de Borgonha, além disso, punha-lhe no sangue um vigor amoroso e errava pela sala, procurando um momento de lhe dizer, baixo, toda a admiração da sua alma. E vendo, enfim, no sofá, um lugar ao pé dela, apoderou-se dele sofregamente e, baixo:

— Genoveva estás admirável. Queria-te ver só. Pelo amor de Deus, não me mandes hoje embora...

Ela abriu devagar o leque e, recostando-se no sofá, disse devagar:

— Escuta: às onze horas, sai, põe o teu paletó e fica, em baixo, na portaria; e espera. A Mélanie há de te ir buscar e mete-te no quarto dela. E não me fales muito durante a noite, nem te mostres muito alegre.

E inclinou-se para Sarrotini, que se curvava diante dela, perguntando se não teria a honra de escutar a sua voz divina.

Vítor afastou-se, tão perturbado que nem pôde responder ao Elisiano, que lhe perguntava por Cerrão. Sentia o coração bater-lhe no peito, com palpitações aflitas; um orgulho imenso dilatava-o. A luz, as toilettes das mulheres, as gravatas brancas dos homens, a música, eram outras tantas excitações para o seu amor e combustões numa fornalha. E a certeza de que ia possuir aquela mulher e o encanto do mistério davam-lhe um delírio indominável. Foi para o fumoir ao lado, deixou-se cair num sofá, afastou os

braços, um suspiro profundo exalou-se do seu peito e ficou com os olhos cerrados, imóvel, como num espasmo de felicidade.

Um ranger de bota no tapete: Marinho estava ao pé dele, no sofá, e imediatamente encetou o elogio de Madame de Molineux: «Nunca a vira tão linda! Positivamente, andava na vida como os caranguejos: para trás. Ninguém lhe daria mais de vinte e cinco anos. Que mulher! O maroto do Dâmaso, hem? Estava-se a arruinar, mas que diabo! Il en avait pour son argent!

Deu uma risadinha e ia continuar, quando sons de violoncelo se elevaram plangentemente. Era o Elisiano que tocava uma composição sobre a Ave Maria de Gounod. Aproximaram-se devagarinho da porta.

Com o seu cabelo loiro um pouco desmanchado, Elisiano, amparando o violoncelo nos braços, com o corpo curvado, passava-lhe o arco sobre as cordas, com a lenta languidez de carícias suaves. Aquilo parecia divino a Vítor; os sons levavam a alma para regiões sentimentais e vagas onde se sentia desfalecer, num amor místico e elegante. Todos estavam imóveis, calados; as casacas e as gravatas brancas

punham, na sala, um tom de vida aristocrática a que dava relevo faustoso o ramo de camélias, à luz das serpentinas; aqui e além, palpitava um leque e a toilette, cor de milho, de Genoveva, o seu cabelo loiro destacando-se na tonalidade escura da sala, parecia de uma natureza luminosa e de uma substância mais fina.

Às vezes Vítor encontrava os seus olhos e, como levantada na delicadeza do violoncelo, a sua alma lançava-se para ela, por impulsos tão fortes e movimentos tão ávidos que o esforço que fazia para não se afastar do umbral da porta fazia-lhe tremer as mãos, como folhas ao vento.

Mas o último acorde soou; houve bravos, e Elisiano, que limpava o suor, devagar, ergueu-se; um murmúrio de conversas enchia a sala de uma sussurração festiva. De repente, Vítor lembrou-se da história do Marinho, que ele nunca acabara, e ia perguntar-lhe o final, mas viu-o muito absorvido numa conversa com Madame de Savalli. E foi o Sarrotini que lhe veio tomar o braço; o excelente homem aborrecia-se um pouco: «A primeira soirée que ali tinha passado é que fora boa, não é verdade? Tinha sido uma

pândega, mas hoje estava-se muito sério, havia ares; não gostava daqueles; para ele, queria franqueza, boa rapaziada e risadas livres. Ela, Madame de Molineux, estava realmente deslumbrante: uma beltá fulgurante!»

Todos lhe diziam o mesmo e era a sua amante; dentro de duas horas, estaria na sua alcova.

Olhou o relógio e empalideceu, vendo que eram onze horas!

Veio logo apertar a mão de Madame de Molineux e vestia, no corredor, o seu paletó, quando Dâmaso veio dizer-lhe:

— Então, já?

— Estou incomodado...

— E tu desculpa aquelas coisas à mesa...

— Oh, menino!

— Está uma bonita festa, hem? — disse Dâmaso. Parecia agora inteiramente satisfeito. Ajudou a vestir-lhe o paletó; chamou Mélanie para lhe iluminar; ainda do alto da escada lhe disse:

— E aparece, homem, aparece!

E entrou na sala, radioso.

Genoveva chamou, com um gesto.

— Quem saiu?

— O Vítor.

— Ah! Escute, sente-se aqui.

E começou falando devagar, a queixar-se de que ele tivesse estado de tão mau humor à mesa.

— Para que estiveste tu a implicar comigo? Parecia estares a mostrar a esta gente toda que me não podes ver!

— E porque disse impiedades? Sabe que detesto gracejos sobre religião.

— Mas tu, menina, às vezes...

— Bem, quando estamos sós, no quarto. E ainda assim... Mas, no mundo, numa sala, a religião é uma questão de boa educação...

Ele ia erguer-se.

— Sente-se. Parece que lhe custa estar ao pé de mim. E além disso, eu desejo que o meu amante converse, tenha

espírito, brilhe... Fez um papel peludo...

— Não sou literato — disse ele com desdém.

— Mesmo sem se ser literato, se conversa e se entretém... Estou com dores de cabeça — acrescentou. — Sabe? Hoje não sei se lhe poderei dar hospitalidade...

Mas Dâmaso indignou-se. Hoje, nos anos dela; hoje, que estava tão linda; que ele a amava tanto...

— Mas, pelo menos, quero que saia quando os outros saírem...

— Mas volto depois...

Genoveva não respondeu.

— Volto depois, à meia-noite, ou à uma hora.

Genoveva abria e fechava o leque, como distraída.

— Volto, hem?

Ela teve um pequeno sorrisinho de hesitação e, erguendo-se:

— Sim, pode ser...

Deu uma volta pela sala, com uma palavra aqui, um sorriso além e, atravessando o fumoir, foi rapidamente ao seu quarto; tocou a campainha; deu velocidade no toucador, um pote cheio de opópanax, os lençóis estavam entreabertos. Olhou-se ao espelho, suspirou fortemente. «Está jogada a carta», disse falando alto. Mélanie tinha entrado.

— Pronto?

— Sim, minha senhora. Está no meu quarto, fechado à chave — disse Mélanie rindo.

— Pobre querido! Leva-lhe uma garrafa de champanhe, um bolo, qualquer coisa. E estás bem certa no resto, não?... Logo que esta gente saia, vai à campainha da porta, embrulha-lhe o badalo em algodão, ou cortas o cordão. E depois, quer volte, quer grite, nem sequer se ouve mais aqui em casa.

Mélanie disse então:

— Era melhor que não houvesse barulho.

— Aquele animal diz que quer vir à uma hora. Que venha! Às vezes o melhor é uma desfeita brusca; evitavam-se

complicações.

Ajeitou o cabelo, revirou-se diante do espelho, deu um olhar ao quarto... e entrou na sala.

— Estes senhores — veio logo dizer João da Maia — lembram uma valsa.

— Perfeitamente — disse ela, com um sorriso feliz.

Sarrotini e Elisiano arrumaram a jardineira. Falava-se alto, ria-se. E o conde, sentando-se gravemente ao piano, bateu os compassos do Danúbio Azul.

Pela uma hora, Dâmaso, muito abafado no seu paletó, descia pelo Largo do Barão de Quintela. A noite fizera-se muito cerrada. Gotas de chuva tinham caído. Abriu a porta da rua com a sua gazua, e, acendendo fósforos, subiu a escada. No segundo andar, um clarão súbito iluminou a escada de uma luz lívida e logo um trovão próximo rolou estridentemente.

Ao chegar ao patamar de Genoveva, puxou rapidamente o cordão da campainha. Não sentiu nenhum som. Esperou, sacudiu a corda violentamente. Nada tilintou.

«Caiu-lhe o badalo», pensou furioso.

Agachou, colou o ouvido à porta; havia um silêncio escuro e adormecido.

— E esta!

Deu em puxar, desesperado, o cordão: nada. Bateu com os nós dos dedos, impaciente. Sentia no silêncio bater-lhe o coração. Relâmpagos iluminavam, de repente, a escada; trovões estalavam, com um estampido despedaçante, por cima do telhado. Desesperou-se e, com o punho fechado, esmurrou a cancela; sacudiu-a; a lingueta tremia na fechadura, aos sacões frenéticos. Dentro, um silêncio impassível. Pensou que a trovoada impedia que ouvissem. E num intervalo, em que sentia gotas de chuva baterem a claraboia, atirou a ponta do sapato contra a porta. A violência do ruído assustou-o e a sua covardia acanhou-se diante do escândalo. Chamou pela criada:

— Mélanie! Mélanie!

Um trovão medonho ribombou, fazendo todo o céu sonoro.

Dâmaso estava frio. Tinha um vago susto, um desespero, uma desconfiança.

«Aqui há maroteira...», e numa raiva, abalou a porta, com pancadas formidáveis dos tacões. Nada.

«Ah, grande bêbada!», pensou e, agarrado à cancela, dava-lhe puxões frenéticos; escoucinhava-a; sentia um suor à raiz dos cabelos e os relâmpagos sucessivos faziam fechar os olhos, enquanto, logo, o estalo do trovão lhe dava um choque ao corpo.

Então, perdeu o domínio de si e atirou-se à casa, com pancadas dos tacões. De repente, no segundo andar, uma porta abriu-se e uma pessoa berrou:

— Que pouca-vergonha é essa aí em cima?

Dâmaso, aterrado, respondeu de um momento:

— Sou eu, estou a bater à porta.

— Mas que quer o senhor? — bradou a voz rouca . — Aí mora uma senhora só. Que escândalo é este de estar a deitar a porta a baixo, a esta hora da noite, num prédio respeitável?

A raiva deu a Dâmaso um ímpeto de coragem.

— E que tem você com isso?

— O que tenho? — rugiu a voz. — Eu já lhe digo o que tenho. Eu já lhe, digo com uma bengala.

E a pessoa entrou em casa, berrando.

Dâmaso teve um terror agudo de escândalo, de desordem, e, agarrado ao corrimão, desceu correndo as escadas, perseguido apenas pelos clarões vivos dos relâmpagos.

Na rua, foi logo olhar as janelas dos dois lados. A casa estava cerrada, apagada, muda.

Uma chuva torrencial caiu. Dâmaso não tinha guarda-chuva. Os seus sapatos de verniz chapinhavam as poças. Teve um desejo feroz de quebrar as janelas com pedras. Mas receou a patrulha, o alvoroço, a bengala do outro.

«Ah, grande bêbada!», rosnou, andando desenfreado, aflito, às escuras, à volta da casa.

Às vezes, um relâmpago vinha e na sua claridade límpida, ardente, ele via com uma nitidez toda a casa, as nódoas da

fachada, os caixilhos das janelas, a grade de ferro da varanda, até a cor branca das portadas por trás das vidraças, com os seus transparentes meio descidos. Depois, na luz amarela, uma vaga difusão de cor vermelha; depois, houve um resplendor tão intenso que tudo parecia de luz, de um fogo branco... e logo a obscuridade espessa cerrava-se, através da qual rolava surdamente o trovão.

«Ah, bêbada, bêbada!»

Pôs-se a correr, sob as cordas de água que caíam, até ao Largo de Camões; não encontrou nenhuma carruagem. Furioso, meio alucinado de raiva, veio à Rua de S. Francisco; o Grémio estava fechado; «tudo se conjura contra mim!», rosnou, numa raiva colérica.

Desceu ao Rossio. Nem uma tipoia. E a chuva caía em torrentes grossas; os enxurros sussurravam e as luzes dos candeeiros viam-se através de uma névoa espessa e com feitios riscados de fios luminosos de água. Tinha quase as lágrimas nos olhos. Foi subir para casa; tinha as meias de seda molhadas; as abas do claque de cetim, deformadas pela chuva, entornavam-lhe água no pescoço; arfava, cansado, suando sob a frialdade, enturvando-se em fúrias

ao atravessar o mercado; sentia as canelas trespassadas do molhado; com lágrimas na garganta, amaldiçoando Genoveva, chamando-lhe os nomes mais obscenos, imaginando vingança, num frenesim aflito... esteve ainda a dar argoladas na porta, meia hora, e quando o criado, estremunhado, veio abrir a porta, rompeu pela escada, grunhindo injúrias e obscenidades.

## CAPÍTULO XII

Ao outro dia, às onze horas, Dâmaso foi a casa de Genoveva. A campainha tinha recuperado o som, mas Mélanie, através da cancela, disse-lhe que a senhora estava ainda recolhida.

— Porque diabo não abriram ontem à noite? Estive a bater mais de uma hora.

Mélanie encolheu os ombros, abriu grandes olhos: «Não tinha ouvido senão a trovoada. Que trovoada!»

— Abre a cancela.

— A senhora não recebe antes das três — e fechou a porta.

Dâmaso conteve-se, desceu a escada furioso, pensando:

«Aqui há maroteira!»

Voltou às três horas; vinha profundamente perturbado; parecia-lhe entrever em tudo aquilo, vagamente, uma traição. Estava profundamente apaixonado por Genoveva;

além disso, o dinheiro que lhe dera, as despesas que fizera com a sua instalação, tornavam-lha preciosa. A sua vaidade tremia de a perder, ser suplantado, e aquele sentimento dava-lhe uma emoção... a mais forte que sentira na sua vida burguesa e que lhe causava quase terror.

Foi ainda Mélanie que lhe veio abrir e disse-lhe logo:

— Madame saiu e deixou este bilhete para si.

Mesmo no corredor, abriu e ficou petrificado, lendo:

Ontem não pude recebê-lo pela simples razão de que não estava só. Compreendo que as nossas relações, desde esta confissão, estão cortadas. Agradeço-lhe todos os cuidados que teve comigo e acredite na minha amizade. Remeterei sem demora um paletó que aqui está seu e alguns lenços. Espero da sua delicadeza que não insistirá em me ver. Seria provocar um conflito desagradável.

Dâmaso, maquinalmente, entrou na sala com o papel na mão; não achava uma palavra, uma ideia, uma resolução.

Mélanie, de pé, com os olhos no chão, as mãos nos bolsos do avental branco, esperava. Dâmaso, muito pálido, deu alguns passos pela sala, tomou a ler o bilhete, passou a

mão convulsivamente pelos cabelos e, deixando-se cair no sofá:

— Isto só a mim! — murmurou. E voltando-se bruscamente para Mélanie: — Quem é que estava, quem é o desavergonhado?

Mélanie encolheu os ombros; não sabia nada; ela estava no seu serviço, não tinha visto ninguém.

Dâmaso olhou-a com rancor; parecia-lhe odiosa, com o seu rostinho vicioso e murcho, a cinta fina, o pé lançado para diante, calçado num sapatinho de laço.

— Tão boa és tu, como ela. Súcia de bêbadas!

Mas Mélanie declarou que não podia ouvir chamar nomes à senhora; ele não estava na sua casa; não podia consentir...

— E quando eu te dava as libras, então não havia rabugice!

— rugiu Dâmaso, lívido. — E quando eu lhe dava a ela uns centos de mil réis... aquela ladra! Grande asno que eu fui!

A minha vontade era pôr tudo isto em pedaços — rugiu, olhando em redor os espelhos, os cortinados.

Mélanie teve um risinho.

— Tinha de o pagar outra vez.

Dâmaso fitou-a com ódio, mas o olhar imperturbável e atrevido de Mélanie, o seu sorrisinho desdenhoso, assustaram-no. Se não tivesse medo da Polícia, do escândalo, tinha-lhe dado bengaladas. Agarrou no chapéu.

— Isto não há de ficar assim. Isto não há de ficar assim!... Eu voltarei.

— A senhora não recebe...

— Vai para o inferno e essa ladra da tua ama! — Mas à porta, detendo-se, desvairado de curiosidade: — Ouve lá, Mélanie, dou-te duas libras, diz-me quem aqui esteve. — E tirou da algibeira as duas libras. — Toma.

Ela estendeu a mão logo, fê-las resvalar no bolso do avental, bateu-lhes em cima, para tilintarem e, baixando a voz:

— Ai, não era segredo. Era o senhor Vítor.

— Grande pulha!

E desceu as escadas, trémulo de raiva.

Às cinco horas, voltou. Mélanie disse que a senhora estava, mas não recebia. E fechou a porta.

Dâmaso, frenético, repicou a campainha, com desespero. Mélanie veio dizer, com ar irritado, que a senhora dizia que, se ele continuasse a fazer barulho, mandava chamar um polícia...

— Ladra! — berrou Dâmaso, quando Mélanie fechou violentamente a porta.

«Expulso! Ameaçado com a Polícia! E tinha gasto com ela mais de doze contos de réis! E na véspera, tinha-lhe ainda dado umas inscrições de três contos! E mobilara-lhe a casa! Oh, que ladra!»

Arfava, em suores, pelo Largo do Quintela fora; o seu cerebrozinho estava numa ebulição frenética; planeava difamá-la pelos jornais. Arranjaria quem desse uma sova de pau em Vítor. Sentia por ambos um ódio feroz, vil, complexo, em que entravam as desesperações da paixão traída, a cólera do amor preferido, humilhado, a raiva do

capitalista espoliado. «A ladra! E não haveria leis? Era impossível que não houvesse leis!»

Passou o dia, parte da noite, passeando no seu quarto, rogando pragas, expelindo obscenidades, dando punhados nas mesas.

Quis escrever-lhe uma carta, mas não achou uma palavra. Não ousava contar a sua derrota. Receava os sorrisos irónicos, as consolações humilhantes. «Que vergonha! Fora enganado, ludibriado, escarnecido; tinham feito dele um saco de dinheiro; tirada a soma, tinha caído o saco para a roupa suja. Ele, Dâmaso!» Um sono profundo sucedeu àquele desespero grotesco e, no dia seguinte, correu a casa do seu advogado, o Torres.

O velho rábula escutou o caso e, sorvendo a pitada:

— Não há nada a fazer. Porque se mete o amigo com francesas? É chuchar o dedo. Lamento, lamento... A mim aconteceu uma pior! Muito pior!

E contou longamente o caso dos seus amores com uma amazona do antigo circo do Salitre, «uma fera!»

— Lamento! Lamento!

Dâmaso subiu o Chiado, a tremer de raiva. «O que seria, quando se soubesse? E doze contos perdidos, estragados! Só a mim, só a mim, isto!»

A sua vaidade, então, sugeriu-lhe uma explicação: talvez fossem ciúmes. Talvez alguém o tivesse intrigado, contando a Genoveva que ele tinha outra amante. Foi logo escrever-lhe uma carta, em que disse que não podia explicar aquele rompimento, senão por alguma intriga; que lhe jurava que lhe fora fiel; «que nunca, nunca...», e acrescentava uma acumulação de provas de fidelidade, citando as horas a que se viam, falando na sua honra, desdobrando, numa letra convulsiva, uma prolongação de inépcias.

O galego tinha ordem de esperar pela resposta. E ficou num banco da Casa Havanesa, fumando nervosamente um charuto.

O Carvalhosa, que entrou, aproximou-se dele.

— Então, como vai a tua mulher?

— Bem — disse Dâmaso, fazendo-se vermelho.

— Continua a lua-de-mel?

— Pudera! — E tomou um ar satisfeito. o galego entrou, curvado, com o seu saco aos ombros, uma carta na mão. Dâmaso desvairou: era a sua, a que ele escrevera; e tinha nas costas, a lápis:

A sua epístola fez-me rir, a ponto de ficar doente. Não, meu caro senhor, ninguém se deu ao trabalho de o intrigar; mas eu tenho já o firme propósito de não me secar com a sua pessoa; e peço que não me perturbe com as suas cartas, nem com as suas missivas.

— É a tua bem-amada que te reclama? — disse Carvalhosa, que comprava charutos ao balcão.

— É para ir lá logo — balbuciou Dâmaso.

— Refastela-te, Romeu! — soltou o outro, saindo com ar pomposo.

Dâmaso veio para a porta respirar. Via tudo como numa névoa e o ruído da rua chegava-lhe como um zumbido distante. Procurava avidamente com a ideia numa vingança; não lhe importava que fosse vil; lembrava-lhe de lhe mandar pegar fogo à casa; de a ir matricular na Polícia; vinham-lhe recordações de vingança feitas outrora, em

tempos mais violentos, por amantes desfeiteados; armar em embuçado, metê-la numa carruagem, com uma mordaça, e fazê-la violentar por lacaios ou por fadistas. Mas, no fim de toda esta combinação vinha-lhe o receio da Policia, de algum perigo pessoal de bengaladas perversas e, como covarde, recuava diante da vingança.

De repente, estremeceu. Vítor acabava de entrar na Casa Havanesa. Ao ver Dâmaso hesitou, fez-se pálido, mas, com uma resolução repentina, fez um movimento, disse-lhe familiarmente:

— Olá.

— Não falo a canalhas — bradou Dâmaso, com uma voz aflita, agitando a cabeça, pondo-se em bicos de pés —, não falo a canalhas.

Vítor ergueu a bengala. Dâmaso, instintivamente, agachou-se; um sujeito corpulento, que acendia um cigarro, precipitou-se, segurou Vítor e disse:

— Então, meus senhores. Prudência! Por quem são! Escutem, eu tenho experiência...

Vítor, pálido, sacudiu a boca, fechou os punhos e, branco, disse colericamente, com desprezo:

— Eu lhe mandarei dois amigos, seu covarde — e saiu muito direito.

Dâmaso ficou lívido; os caixeiros olhavam-no, pasmados; um sujeito de lunetas de oiro, que passava a língua sobre uma estampilha, aproximou-se com o olhar esgazeado; e o homem corpulento disse com um tom profissional, meneando a cabeça:

— É uma pendência de honra...

— É um canalha! Imaginar que eu me bato! Está enganado. Venha por cá. Racho-lhe os ossos.

— Então, então!

Dâmaso soprava e tinha os olhos vermelhos; mas não se conteve e duas lágrimas rolaram-se pelo nariz; fez-se muito pálido, oscilou.

— Um copo de água — disse o sujeito corpulento.

Um dos caixeiros correu com um copo de água. Fizeram-no beber.

— Que diabo, homem! Anime!

— Obrigado, obrigado — disse Dâmaso. E vindo-lhe a reação: — Eu não tenho medo. Pilhou-me de surpresa. O canalha! Um amigo, aí está o que são os amigos, quem quantas vezes lhe emprestei dinheiro. Mas hei de lhe rachar os ossos.

Ouvindo aquela voz excitada, pessoas que passavam paravam a olhar: havia um criadito, com uns embrulhos, um sargento aspirante; e vendo aqueles rostos desconhecidos, pasmados, Dâmaso, envergonhado, chamou um trem; o cocheiro bateu. A gente dispersou-se, rindo.

— Questão de mulheres — disse o sujeito robusto.

O que colara a estampilha disse com uma vozinha fina e com os olhos acesos de desejo:

— Temos duelo, hem?

O sujeito robusto encolheu desdenhosamente os ombros:

— Duelo! Em Lisboa! Uma pulhice! Comédia, tudo comédia!

— Graças à conciliação? Graças à conciliação? — disse o outro, abrindo a boca e passando a língua noutra estampilha, pondo-se em bicos de pés, com olhos arregalados.

O sujeito robusto fez, sobre a conciliação, uma observação obscena e afastou-se, fazendo girar a bengala.

A primeira preocupação de Vítor foi procurar padrinhos. Agradava-lhe a ideia do duelo com Dâmaso; era como uma desforra das humilhações miúdas e mesquinhas que tinha sofrido; ganhava uma auréola de bravura que seduziria Genoveva; se houvesse alguma coisa de menos delicado em ter suplantado Dâmaso e aproveitado as vantagens que ele tinha feito a Genoveva, tudo isso se limpava em saindo do duelo, como uma nódoa sob o forte resplendor de um foco de luz. E depois, era uma lição àquela besta!

«Mas quem podia ser o seu padrinho? Cerrão não era sério; Carvalhosa era muito teatral»... Tentou o Marinho; encontrou-o no quarto de cama, em robe-de-chambre, arranjando as escovas. As primeiras palavras de Vítor, recuou, fez-se pálido e exclamou:

— Mas eu sou um velho amigo do Dâmaso. Sou íntimo amigo do Dâmaso!

Fitou Vítor com olhos espantados e, indo fechar rapidamente a porta do quarto:

— Não seria possível arranjar-se esse negócio? — E como Vítor abanasse a cabeça: — Vejamos, vejamos... Que diabo! É necessário prudência. Sem escândalo; é um desgosto para seu tio! Pobre Dâmaso. Quero meu amigo que eu me encarregue de arranjar tudo? Acredite, tenho experiência.

Mas Vítor parecia inabalável.

— Mas, Vítor, o amigo não quer o sangue do pobre Dâmaso!

— Quero uma satisfação: dois amigos que lá vão e uma carta dele a pedir perdão: ou batemo-nos.

Tanta ferocidade espantava Marinho. Olhava Vítor quase com terror.

— Safa! Safa! — disse, esfregando as mãos e conchegando-se no robe-de-chambre.

E quando o Vítor ia a sair:

— O amigo desculpe, eu não posso, não posso! Sou amigo íntimo de Dâmaso, há anos. Conhecia-lhe a mãe. Santa senhora. Pessoa de muita devoção! Que desgraça, um duelo!

Vítor, à porta do hotel, lembrou-se de João da Maia. Caramba, esse é que era o homem! Foi logo ao Hotel Central; eram quatro horas e encontrou-o na cama, fumando, com uma limonada à cabeceira, um romance caído no chão, conversando com um rapaz de forma hercúlea, com o cabelo rapado à escovinha, uma fisionomia bondosa e meio ingénua.

Apresentou-o a Vítor como o primo Gonçalo Cabral.

Vivia ordinariamente na província, era morgado, formado em Direito. Vinha passar sempre alguns meses de Inverno à capital, que achava corrupta como uma Babilónia e atraente como um paraíso. Tinha, porém, uma timidez imperdível, porque achava as lisboetas muito finas; supunha-as desfrutadoras e, na rua, nos teatros ou nas salas, tinha um modo desconfiado e reservado, preparando-se sempre para esmagar, com os seus grossos punhos de aldeão, quem se atrevesse a fazer-lhe uma partida. Muito

esmoler, muito honrado, tinha dentro de um peito de gigante um coração de rapariga. E tinha um fraco: o desejo ambicioso de ser conhecido em Lisboa e o apetite secreto de levar para a província uma espanhola, que ele julgava a mais alta expressão do luxo libertino e da beleza humana.

Vítor hesitava, ao princípio, em contar o seu caso, mas João da Maia disse-lhe:

— O Gonçalo é como se fosse eu mesmo!

Rapidamente Vítor fez o seu pedido. João atirou com o cigarro, tocou violentamente a campainha, sentou-se na cama, exclamando:

— Pronto, amigo, pronto!

E preparando-se para se vestir, declarou-se encantado. Aquilo caíra do céu; não tinha nada que fazer e estava mortalmente secado! E quem é o outro padrinho?

Era justamente o que Vítor não tinha.

— O Gonçalo! — exclamou João da Maia. — Vai vestir uma sobrecasaca preta, Gonçalo. Marcha.

E o excelente gigante partiu como uma bala, encantado da ideia que o seu nome apareceria nos jornais… sobre uma ata de desafio.

Vítor e João da Maia combinaram o que se devia arrancar ao Dâmaso: uma satisfação escrita que o achatasse; deviam pedir-lhe a escolha de dois padrinhos e bater-se à espada, na Cruz Quebrada, às oito horas da manhã, ao primeiro sangue. E Vítor viria, às seis horas, ao hotel, para saber a resposta da «besta do Dâmaso».

— O amigo joga à espada? — perguntou João da Maia, quando Vítor ia a sair.

— Alguma coisa, porém…

— É o que basta. Pode-se dizer a Dâmaso que a joga como o Petit. Addio!

Vítor saiu e pôs-se a caminhar, devagar, ao comprido do Aterro. Ia-se bater! Aquilo dava-lhe como um impulso de virilidade e dilatação do orgulho.

Depois, batia-se por ela! E, àquela ideia, julgou-se muito nobre, quase heroico. Mesmo já saboreava a emoção que lhe daria aparecendo-lhe com o braço ao peito, pálido,

muito interessante. Mas lembraram-lhe então coisas que lera que assim, num duelo, pessoas que nunca jogaram à espada, ou dispararam uma pistola, eram mortas, por um acaso fatal. E via-se estendido sobre a erva e fios de sangue correndo. Aquilo fez-lhe bater o coração; veio-lhe como uma certeza súbita de que a vida era um bem delicioso. Olhou o céu, que lhe pareceu encantador, e a cidade, a que a luz dava a alegria suave dos tons de Inverno. Viu nuvens que se avermelhavam para os lados do mar; fez-lhe, de novo, pensar no sangue, em lábios roxos de ferida. Teria por acaso medo? E àquela ideia, sentiu o sangue fugir-lhe do coração. Mesmo para se reconfortar, entrou na Taverna Inglesa e bebeu dois cálices de Xerez. O calor do vinho reanimou-o e saiu desejando encontrar-se já no campo, em mangas de camisa, brandindo a espada com uma fúria de leão. E depois os jornais falariam, vir-lhe-ia uma celebridade de valente; as mulheres olhá-lo-iam, os homens temê-lo-iam. E agora quase tinha receio que o Dâmaso não aceitasse. E todavia, invejava vagamente as pessoas tranquilas que passavam, que não iam, decerto, bater-se em duelo, às oito horas da madrugada.

Àquela hora, João da Maia e Gonçalo Cabral chegavam numa carruagem da companhia à porta do Dâmaso. João julgou a carruagem da companhia necessária para o «efeito normal». E, introduzidos numa sala de repes verde, sentaram-se com solenidade. Dâmaso não tardou a aparecer, pálido, com os olhos vermelhos, o ar espantado.

Mas apenas João da Maia, com uma voz um pouco pomposa, tinha explicado «o fim daquela desagradável visita», Dâmaso, erguendo-se com os beiços muito brancos:

— Então Vítor manda-me desafiar? Ora essa! Então os senhores pensam que eu quero... que me vou bater? Que grande pouca-vergonha!

João da Maia, conservando-se sentado, observou friamente:

— Meu caro senhor, essas palavras constituem uma ofensa para o meu amigo e uma ofensa para nos.

— Ó João! Ó João! — E a voz de Dâmaso tinha uma profunda lamentação. — Eu não o quero ofender, homem, nem a este senhor. Livre de mim! Desculpe. Vossa excelência desculpe também... Mas é que é um abuso! Pois

os senhores não sabem? Eu fui que o apresentei em casa daquela desavergonhada; fui sempre para ele um amigo; convidava-o a jantar, trazia-o no meu cupé, e era Vítor isto, Vítor aquilo; tudo o que ele quisesse. E prega-me uma destas! A mim! Uma pessoa conhecida na sociedade, que todo o mundo estima! Tira-me a mulher e manda-me desafiar...

Tomava, com gestos desordenados, o olhar lacrimoso, um fluxo labial inesgotável.

— Mas, perdão — disse João da Maia —, não nos afastemos da questão. O senhor Dâmaso chamou, ou não, «canalha» ao meu amigo?

— E chamo! — bradou o outro furioso. — É um canalha. Uma mulher que me custou os olhos da cara! E a ele, quantas vezes lhe emprestei dinheiro! Quantas vezes!

E cruzou os braços, no meio da sala, pondo-se em bicos dos pés.

— Perdão — acudiu João da Maia, desabridamente mas isso é uma nova fase da questão: existem, entre os senhores, questões de dinheiro? Deve-lhe ele dinheiro?

Dâmaso hesitou, corou, murmurou:

— Não. Pagou sempre.

— Bem, então é uma insinuação injuriosa. E advirto-o que é para mim uma ofensa...

Dâmaso gritou, aflito:

— O rapazes, dou a minha palavra de honra! Ó rapazes, juro-vos. — Tinha conscienciosamente a mão no peito. — Você não tem melhor amigo que eu, João! E este senhor, respeito-o. Mas, que diabo! Ponham-se no meu lugar...

João da Maia passou devagar o seu lenço sobre a testa e deixando cair sentenciosamente a palavra:

— Está o senhor Dâmaso resolvido a dar uma explicação categórica?

— Mas de quê? Que fiz eu? Que diabo fiz eu? Ele não levantou a bengala para mim? Até um sujeito de bigode, que estava na Casa Havanesa, o segurou...

— Mas então, bata-se — disse violentamente Gonçalo, que aquela verbosidade grotesca enfastiava.

Dâmaso abriu os olhos aterrado. E com uma resolução violenta:

— Não me bato, não me bato. Não me faltava mais nada! Para quê, para me dar à desfruta? E duelo, então, em Lisboa! Que é logo uma chatice! Mas eu não quero perder as minhas relações. E tenho família; que havia de dizer a minha tia? Não me faltava mais nada! Eu não tenho medo. Estou pronto, que venha para cá...

Os dois amigos ergueram-se.

— Bem. Recusando-se a dar explicações e a bater-se, teremos de fazer uma necessária declaração. O meu amigo fará o que julgar conveniente. — E João da Maia, tomando outra voz: — Mas, amigo Dâmaso, previno-o de que Vítor está resolvido a desfeiteá-lo publicamente.

— A desfeitear-me!... — E muito pálido, Dâmaso olhava-os com um aspeto imbecil. — Isto só a mim! Isto só a mim! — E levava a mão à cabeça. — E Jesus! Mas que hei de eu de fazer? Os senhores são meus amigos, você é meu amigo, João... Que hei de fazer?

— Mas estamos a dizer-lho: escrever uma explicação categórica?

— Escrevo tudo! Se se trata de escrever...

— Bem, redija-a e nós veremos... Mas, se quer consultar alguns amigos...

— Não — acudiu Dâmaso. — Eu, o que eu quero é que isto fique entre nós. Eu o que quero é evitar o escândalo. Isto só a mim, isto só a mim!

Foi ele mesmo buscar papel, tinta; enganou-se na porta, voltou atrás; olhou com os olhos esgazeados e, sentando-se a suar, com a pena que lhe tremia na mão, fitava o papel, com ar petrificado.

— Eu não tenho cabeça. Ó amigo João da Maia, escreva você.

João cofiou o bigode, deu alguns passos pela casa, refletiu e aproximou-se à mesa, com uma voz doce:

— Amigo Dâmaso, o caso é difícil, porque, enfim, se chamou canalha a Vítor... tem de lhe pedir claramente perdão. E esperou, fitando-o.

Dâmaso coçou desoladamente a cabeça.

— Pedir-lhe perdão! — E com uma voz melancólica: — Não lhe parece que é mostrar medo?

João teve um sorriso ambíguo.

— Pode também dar uma explicação, mas qual?

— Sim, qual?

Dâmaso olhava um e outro, alternadamente, com ânsia.

— A mim lembra-me — disse João — dizer que estava embriagado. Que te parece, Gonçalo?

— Sim, que estava embriagado...

Dâmaso disse:

— Pois sim, posso dizer que estava embriagado. Mas isto não se publica.

— Ah, perdoe; em todos os jornais.

Dâmaso deu um pulo.

— Mas então os senhores querem que o mundo se ria de mim? Então esse malvado quer-me desacreditar?

— Resta-lhe bater-se — disse João, encolhendo os ombros. — Como os ofendidos escolhem as armas: a espada. Os seus padrinhos marcarão...

Mas Dâmaso ergueu-se de braços no ar e exclamou:

— O que isto tudo é uma grande canalhice!

João da Maia zangou-se. Tomou o chapéu e, com severidade:

— Bem, esperamos os seus padrinhos. Devo dizer-lhe que essa palavra continha uma ofensa para nós e que, depois do duelo com Vítor, teremos a honra de lhe pedir explicações.

E iam a sair, mas Dâmaso agarrou-lhe os braços; tinha as lágrimas nos olhos.

— O rapazes, ó rapazes! Porque quem são! Eu não queria ofender. Peço perdão! E Jesus! Ó meu Deus! Pelas cinco chagas da cruz! Você conhece-me, João, sabe que eu sou incapaz... Estou por tudo. Escreva e eu assino.

Deixou-se cair no sofá e chorou.

João escreveu tranquilamente, consultou, baixo, com Gonçalo, apresentou algumas palavras e leu o papel a

Dâmaso.

— Convém-lhe?

— Que lhes hei de eu fazer? Para evitar os falatórios...

Sentou-se e assinou.

E, ao acompanhá-los à porta, disse-lhes com a voz em que havia lágrimas ainda:

— E chamei eu àquele homem «meu amigo íntimo!» Obrigado, rapazes, obrigado!

No dia seguinte, Vítor e Genoveva almoçavam ao meio-dia. Vestida com um largo roupão de seda azul-escuro, o cabelo ainda um pouco seco do calor do travesseiro e desmanchado da voluptuosidade da noite, estava mais sensual do que nunca; o seu pescoço branco e firme movia-se serenamente. Havia alguma coisa de sublime e doce espalhada em toda a sua pessoa; uma vaga lassidão abandonada dava aos seus movimentos uma graça lânguida; e a paixão feliz punha no seu olhar um enternecimento húmido e mesmo dava ao esplendor da sua carnação alguma coisa de suave e de fresco. Do seu corpo saia um aroma doce e Vítor olhava-a com um êxtase

humilde. Falavam pouco; às vezes, por cima da mesa, apertavam-se as mãos. As mangas do seu roupão largo deixavam ver os braços nus que Vítor, conversando, cobria de beijos, com os olhos banhados num fluxo voluptuoso.

— Sentes-te bem? Estás feliz? — disse ele.

Ela suspirou e, inclinando um pouco a cabeça:

— Tanto, que tenho medo!

Mélanie entrou; trazia o jornal que Vítor mandara comprar. E ele, desdobrando-o logo, percorreu-o rapidamente com os olhos e, com uma sensação de orgulho, a Genoveva:

— Ouve isto. É a declaração de Dâmaso:

*Ilustríssimo e excelentíssimo senhor Vítor da Silva. Encarregado por vossa excelência de pedir ao senhor Dâmaso a explicação de uma palavra que a vossa excelência julgou ofensiva, dirigi-me a casa do senhor Dâmaso que, imediatamente e espontaneamente, num sentimento de conciliação, me deu a seguinte declaração:*

*«Ilustríssimo e excelentíssimo senhor Vítor da Silva: Tendo-se vossa excelência julgado ofendido com uma palavra descortês que dirigi a vossa excelência na Casa Havanesa, tenho o maior prazer em declarar que ela não continha nenhuma intenção insultante e que não tinha consciência do termo que empreguei, porque, nessa ocasião, me achava inteiramente embriagado. Renovo a vossa excelência os protestos da minha mais alta consideração e espero me continue a amizade com que até agora me tenho sempre honrado.*

*Dâmaso de V.»*

*Em vista de tão categórica explicação, julgamos terminada a nossa missão e somos*

*De vossa excelência, etc...*

*D. João da Maia Gonçalo Cabral*

Genoveva atirou para o lado o jornal, com nojo.

— E há de haver ainda quem aperte a mão a este homem? — disse ela com orgulho.

— O Dâmaso? — disse Vítor. — Estimadíssimo na sociedade. Um dos seus ornamentos: o senhor Dâmaso!

Genoveva veio sentar-se nos joelhos de Vítor.

— E querias-te bater? E se fosses ferido? Se me ferissem esta linda cabeça?...

— Que é mulher?... — Ele teve um movimento de orgulho valoroso. — Puh! Se me batesse, cortava-lhe uma orelha e estava tudo acabado.

Ela deixara-se escorregar até ao chão, ficou de joelhos diante dele, tomou-lhe as mãos, beijou-lhas.

— Meu Vítor! Meu amor! Sou tão feliz que desejo morrer...

E com os olhos afogados numa ternura extática, estendendo devagarinho os braços para ele, com a mansidão lasciva do uma escrava namorada:

— Vamos ver as obras — disse ela, dali a momentos.

— Ah, vamos ver as obras!

As obras eram agora uma das distrações de Genoveva; queria transformar uma das janelas da sala em dois balcões

envidraçados: para ter flores num canto; pássaros no outro.

Há dias que trabalhavam carpinteiros; tinham tirado as grades das varandas.

Entraram na sala, muito de braço dado.

— Então, senhor Tomás, como caminha? — perguntou Vítor.

O velho corpulento tirou o chapéu, disse:

— Saiba vossa senhoria que em menos de duas semanas está pronto.

Vítor aproximou-se, debruçou-se, mesmo sobre a pedra da varanda, para a rua em baixo. Mas Genoveva reteve o braço.

— Querido! Agora, sem a varanda, dá vertigens, tem cuidado.

— É um saltozinho bonito — disse o velho carpinteiro, rindo.

# CAPÍTULO XIII

Daí a dias, Vítor da Silva encontrou, no Rossio, Camilo Cerrão. Parecia ter perdido a sua animação habitual; tinha o ar estremunhado e melancólico e, sem transição, começou a queixar-se, com uma fisionomia contraída, deitando olhares irados, para os lados, como se estivesse descontente da cidade, dos habitantes, da cor, da luz e do universo.

Os negócios iam mal. Tinha tido turras com a gente do Variedades e não se fazia um vintém. A culpa era do constitucionalismo e da lei dos morgadios; extintas as grandes famílias, tinham acabado as coleções ilustres. Os agiotas que tinham sucedido aos fidalgos só compravam litografias. O único freguês era o Estado... Mas o Estado era estúpido. A sua esperança era uma revolução. Mas devia vir «amanhã» que, se tardasse uma semana, via-o sem pão na casa.

Vítor escandalizou-se: «Que tolice! A tua bolsa...

— Não, não. O que me fazia conta era pensar outra vez no retrato dessa senhora estrangeira.

Vítor prometeu-lhe falar logo a Madame de Molineux. «Tinha a certeza», afirmava, «que ela o desejava imenso».

Deram algumas voltas no Rossio. Camilo, que as dificuldades da vida azedavam, mostrava a cidade «de um aspeto tão ignobilmente burguês e chato, as fisionomias inexpressivas do português moderno, a fachada idiota do Dona Maria, a vergonhosa vela de estearina que tinha por pavio a imortalidade da Carta Constitucional»... E consolado com estas pilhérias, declarou que «ia estudar o retrato, tinha uma ideia: pintá-la vestida de preto, sobre o fundo brilhante de uma cortina de damasco amarelo».

— Que efeito! Porque, enfim, que diabo, trata-se de chamar a atenção dos burgueses! Como? Por meio da estardalhada das corres berrantes! Ao amarelo, pois!

Genoveva, com efeito, comentou com alegria: «O retrato seria para Vítor, que o poria no seu quarto, tendo, por baixo, constantemente flores, como decoração votiva de um altar. Mas não poderia o artista fazer o retrato ali mesmo,

na sala dela? Era tão secante ir a um atelier, todas as semanas! E era mesmo num quarto andar?»

Mas Camilo a esta proposta fez um trejeito ambíguo. «E a luz? A questão era a luz. Sem contar que os artistas recebiam, não procuravam; a arte era como a religião: esperava os fiéis, não vinha ter com eles. O atelier é o templo. Citou mais uma vez Francisco I apanhando os pincéis de Ticiano e declarou «que não! Que só trabalhava no seu atelier».

E para estudar a luz, conhecer Genoveva e combinarem a toilette, Vítor levou-o uma manhã à Rua das Flores.

— Como vai tua mulher? — perguntou-lhe ele a subir a escada.

Camilo encolheu os ombros.

— Deu-lhe para estar melancólica e suspirar. Permite-se suspirar! Creio que tem saudades da broa da aldeia e da cavaqueira da fonte. Com efeito, a criatura esmorece no quarto andar. Falta-lhe a verdura, o campo, o gado; está como uma vaca metida numa sala. Como todos os animais que vêm desterrados, definha longe do seu meio.

Vítor não respondeu. Pensava nas admiráveis formas do «animal» e no seu vestido de chita amarela.

Camilo pareceu admirar muito Genoveva. Teve mesmo um momento acanhado e, com o seu chapéu desabado nas mãos, os pés cruzados debaixo da cadeira, tinha uma atitude constrangida de plebeu deslumbrado. Mas Genoveva, com muita bondade, falou-lhe do seu génio, da sua obra; citou alguns pintores ilustres que conhecera; Carolus, Duran, Bonnat, Regnault; falou das exposições; teve mesmo uma palavra sobre o claro-escuro, e Camilo, como um peixe que se sente de novo na água, recuperava o dispersão dos movimentos e a facilidade do discurso.

E daí a pouco, de pé, com as abas do paletó deitadas para trás, os cabelos em confusão, falava com a sua abundância pitoresca. Começou por censurar a cor dos estofos e das guarnições da sala: «Aquele fundo cor de chocolate e amarelo não convinha à sua beleza: uma loira, alta e de perfil aquilino, com majestade nas formas, devia estar cercada de uma decoração severa; uma combinação sóbria e rica de carvalho escuro e de velas de cor de cereja; um ou dois quadros de mestres espanhóis, enegrecidos do tempo,

onde destaca, no fundo tenebroso, um lampejo da face lívida e mística de um santo; e grande divã.»

Genoveva aprovava muito; achava talvez melhor aquela ideia para um quarto de cama: «Devia dar a um amor um carácter religioso e mais profundo e um laivo de misticismo e voluptuosidade.»

Cerrão olhou-a com espanto.

«Tinha perfeitamente razão; era uma ideia digna de uma bela italiana do século XVI. Positivamente, como a vou pintar é vestida de veludo preto, estendida num divã, ao modo veneziano, com o estilo de Ticiano!»

Combinaram então a toilette. Cerrão quis ver alguns dos seus vestidos. Mélanie ia transportando, pouco a pouco, o guarda-roupa para a sala; estendia os vestidos sobre as cadeiras. Cerrão dava um feitio artístico às pregas, e aquela exposição de sedas e de veludos, de falhe, punha na sala um ar de rico armazém de modista; estendida nas cadeiras, com as mangas caindo, como braços mortos; os corpetes chatos e flácidos; mostrando os enchumaçados e os espartilhados; alagava sobre o tapete a riqueza de

caudas e pregas fartas; as failles claras mostravam a rica frescura das sedas alegres; os veludos desdobravam-se com o peso cerimonioso das pregas doces e ricas; as rendas percutiam a sua suave filigrana, sobre cores sombrias; e Cerrão, concentrado, com a mão no queixo, os beiços estendidos, passeava entre os vestidos, amarrotando, aqui uma seda, além a cauda de um veludo, estudando os tons, as espirais de luz, no rebordo das pregas, as sombras aniladas, nas dobras das pregas, a faiscação dos planos lisos.

Um vestido de veludo azul-escuro, sobretudo, atraiu-o, ora plantando-se diante dele, com um ar profundo, ora demorando em Genoveva um olhar estudioso.

Combinava as meditações de um filósofo e o cerimonial de um sacerdote: «Como diabo havia de atirar para a tela?»

— Positivamente de azul, sobre um veludo de pelúcia magenta-escuro! E a sua carnação, os seus cabelos loiros, destacando-se neste tom severo, comendo a luz, monopolizando um olhar e recebendo, das tonalidades graves do fundo e os gestos tinham a largura de quem brocha uma tela, como um velamento, um adoçamento

geral que vem entremear certas securas fortes dos planos lisos…

— Percebeste? — disse Vítor, sorrindo a Genoveva.

— Há de ser um soberbo trabalho resumiu Camilo.

E, no seu entusiasmo, queria que começassem no dia seguinte. Mas Genoveva devia fazer uma visita prometida à alemã do barão. «Quando, então?» Combinaram que Vítor iria dizer a Camilo o dia exato.

— E eu, no entanto, disponho os pincéis no atelier. All right.

Daí a três dias, com efeito, Vítor subia a escada de Camilo Cerrão, para o avisar que, daí a dois dias, quarta-feira, Genoveva iria dar a primeira pose.

Ao entrar no atelier, viu logo que Camilo tinha feito preparativos: o chão estava lavado, os painéis e os gessos espanejados; sobre um pequeno estrado, coberto de um velho tapete verde, estava uma cadeira de coiro, com pregos amarelos e, por trás, suspensa, como num gabinete de fotógrafo, um reposteiro de velho veludo, cor de magenta-escura; no cavalete, havia uma tela nova e, sobre

a mesa, um ramo de flores, um prato de maçãs e uma espécie de jarro de vidro, cheio de Colares.

Vítor riu alegremente; na disposição daqueles acessórios, reconhecera o desejo de Camilo em imitar, no seu atelier, a decoração conhecida do atelier de Rubens, popularizada pela gravura onde se veem, tudo acastelado em taças de prata, fruta da Boémia, vasos transbordantes de flores e a riqueza das altas existências aristocráticas.

Mas a porta abriu-se e a formosa Joana entrou. Apenas avistou Vítor, uma onda de sangue cobriu a sua face pálida. Cumprimentou e disse que Camilo tinha saído e que só voltava à noite...

Àquela certeza de que Camilo não voltava, Vítor, sem saber porquê, sentiu uma perturbação, uma vaga satisfação. Joana tinha o seu terrível vestido de chita amarela, mas Vítor observou que tinha os cabelos mais bem arranjados, uns punhos de renda.

— Eu vinha dizer-lhe que virei além de amanhã, à uma hora. Não esquece, não?

— Além de amanhã, à uma hora — repetiu ela.

Conservava-se de pé, com as pontas dos dedos apoiadas à mesa. Vítor via-a um pouco de perfil e o seu olhar não se podia desprender da beleza dos ombros, da maravilhosa linha do seio e do pescoço, forte como mármore e branco como o leite Mas o que o perturbava era aquele vestido de chita que parecia colado ao corpo, que revelava todas as curvas, todas as reentrâncias, que era mais irritante que a nudez e tinha, com a sua cor amarela, um ar estranho e picante.

Procurava uma palavra e disse, por fim, olhando em redor:

— Aquele mandrião não tem feito nada de novo?

Ela encolheu os ombros.

Era simplesmente ignorância, mas Vítor julgou ver um desprezo inteligente pelas fantasias contraditórias de Camilo.

— E como vai o seu pequerrucho?

— Bem, muito obrigada — respondeu.

Não se arredava de ao pé da mesa, mas os seus olhos fixavam-se em Vítor, com uma franqueza de um animal espontâneo. Aquilo perturbava-o; sentia alguma coisa de remanso, de langoroso, que o amoleceu. Levantou-se, pôs os olhos numa cabeça de mendigo, pintura suja e medíocre, que tinha um rótulo por baixo, com este dístico: «Estremadura — fatalidade social.»

— É bonita esta cabeça!

Ela aproximou-se, olhou e disse:

— Ah!

— O Camilo nunca fez o seu retrato?

— Não senhor.

E sentou-se no divã: o vestido colava-lhe ao corpo, de modo que parecia que não tinha camisa; havia, nas suas pregas coladas, toda a revelação de um mundo maravilhoso. Vítor disse:

— É pena!

Mas ela ergueu-se, aproximou-se da janela, voltou; e estavam agora no sofá, um junto ao outro. Vítor pareceu

sentir, como vindo dela, um calor tépido, como de uma fogueira distante; via-lhe o seio arfar e a redondeza magnífica dos braços, nas mangas apertadas, dava-lhe um desejo atrevido de lhes tocar, como para lhes sentir a elasticidade. Repetiu:

— É pena!

— Acha? — disse ela.

A sua voz era tão cálida que Vítor voltou-se com um ligeiro estremeção. O olhos de Joana estavam como afogados num fluido e todo o seu corpo se adiantava, numa atitude de oferta e de passividade...

Fez um movimento instintivo, pôs-lhe a mão no ombro; ela cerrou os olhos e, inclinando a cabeça para trás, soltou um gemidozinho suave.

Vítor descia, daí a meia hora, as escadas, perfeitamente contrariado. «Que tolice! Fora evidentemente uma canalhice, porque, enfim, Camilo era seu amigo. Depois, não tinha por aquela bela lavradeira nem amor, nem capricho; fora o vestido de chita amarelo! Fora a explosão bestial de um momento sanguíneo. Além disso, as últimas

palavras dela, «quero viver consigo», eram inteiramente insuportáveis! Viver com ela: um animal belo, mas estúpido, passivo.., uma fêmea!»

Estava agora vendo como faria para se não encontrar com ela, quando acompanhasse Genoveva. Felizmente, ela nunca vinha ao atelier quando Camilo trabalhava e, além disso, mesmo que visse Genoveva, mesmo que tivesse ciúmes, era tão passiva, tão nula, que não havia a recear nem recriminações, nem cenas.

Não era também possível que Genoveva soubesse. O mal não era grande. Ele fora estúpido e sentiu-se descontente, apesar de não poder pensar, sem um estremecimento, na magnífica beleza de Joana e na sua maneira calada, mas profunda, de sentir o amor.

E Camilo? Camilo desesperava-o. Aconselharia Genoveva de lhe dar, em lugar de quarenta, sessenta libras. E parecendo-lhe que estas vinte libras sanavam a traição, contente de si e da vida, correu a ver Genoveva.

Positivamente, dava no goto às mulheres!

Camilo foi pontual, daí a dois dias. O prato de maçãs estava ainda sobre a mesa, com o jarro de Colares e, com um casaco de veludo cheio de nódoas, uma espécie de gorro escarlate, Camilo, muito animado, disse a Genoveva:

— Vamos fazer uma grande obra de arte e digo vamos, porque o modelo é o colaborador do artista.

E imediatamente fê-la sentar na cadeira do estrado. Apesar de ser Maio, estava um dia frio.

O dia estava escuro, com uma sensação de chuva próxima. Genoveva tinha um largo paletó de fazenda escura, debruado de peles, um regalo muito grande; em torno do seu pescoço, a gola de peles fazia aparecer o seu rosto mais branco e mais delicado, dando alguma coisa de suave e de friorento; e um chapéu de veludo castanho-escuro, com a aba levantada adiante, sobre a qual desabrochava uma rosa de chá. E comprimindo uma vontade de rir, um pouco encolhida, porque o atelier era frio, parecia adorável.

Camilo teve a ideia de a pintar assim, de chapéu, sobre o fundo amarelo. Meditou, esboçou alguns sinais, na tela,

mas, de repente:

— Com mil diabos, não! Melhor seria de vestido azul com algumas pérolas no cabelo. Estas toilettes de passeio são indignas de uma obra de arte.

Neste momento, Joana entrou no atelier, mas viu Vítor ao pé de Genoveva, abriu os seus grandes olhos negros, pôs-se vermelha e imediatamente pálida; e ficava de pé, imóvel, com um vago tremor nas mãos, quando Camilo reparando nela:

— Que é? Que tens? Estou a trabalhar. Adeus. Ela baixou um pouco a cabeça, desapareceu.

Quando soube que era a sua bem-amada, Genoveva deu-lhe os parabéns: «Era uma magnífica beleza»; e olhou de lado para Vítor, que fora encostar-se à janela, a esconder a vermelhidão das faces.

Nesse primeiro dia, Camilo desenhou as mãos e, trabalhando, dissertou muito sobre a arte. Estava ultimamente com vontade de se dedicar à pintura religiosa. «Porque, enfim, de onde provinha a decadência da sociedade moderna? Da falta de espiritualismo; e o que

havia de mais próspero para levantar as almas do seu abaixamento e distrai-las do seu prosaísmo que a pintura dos grandes tipos e dos grandes caracteres dos santos e dos mártires? Mas sentia que lhe faltava a fé. Para pintar São Sebastião, é acreditar nele. Ora, acredito em São Sebastião? Para fazer pintura santa era necessário ser um santo. E invejava então», disse, «a excelência recolhida dos velhos pintores ascetas da raça de Fra Bartolomeu e da Fra Angelico, que, na paz seráfica dos claustros, possuídos do amor divino, tinham a visão nítida do céu e sabiam pintar uma alma, como hoje se sabe pintar uma árvore...»

Mas, recuando, examinou a sua tela e enfureceu-se. ..Não havia nada mais ridículo, nem mais prejudicial, do que estar a pintar o moderno, preocupado do antigo. Assim, instintivamente começara a pôr, no traço, a secura da pintura ascética.

— Que diabo! Falemos da Renascença, dos Bórgias, dos prelados lascivos, das galas católicas, dos feitos artísticos...

E falou muito tempo dos artistas da Renascença, até que Genoveva se declarou cansada.

E Camilo, todo preocupado dos artistas da Renascença e das suas maneiras régias, ofereceu a Genoveva maçãs e Colares, como Ticiano poderia ter oferecido as granadas do Tívoli, com vinho Lacrima-Christi.

Genoveva, ao voltar para casa, na carruagem, fez muitas perguntas a Vítor, sobre aquela bela criatura entrevista. «Se ele a conhecia? De onde era? Se a tinha visto muito?»

Vítor respondeu com uma vergonha, fazendo-se distraído.

«Se ele ia muito a casa de Camilo? Se ela tinha filhos?»

— Para que são tantas perguntas? — disse ele rindo.

— Hum! Não gosto dessas relações.

— Tens agora ciúmes daquela fêmea?

— Há homens que gostam de fêmeas...

— Mas eu, com os meus gostos de artista, a minha delicadeza de sentimentos...

Genoveva teve um sorrisinho.

— Que estranho vestido de chita amarela — disse ela. — Ela é bem feita.

— Hum! — fez Vítor.

— Hum, quê?

— Não acho muito.

Genoveva calou-se, olhando-o de lado, com um olhar faiscante.

— E bem secante ter de subir àquele quarto andar — disse ela.

Dâmaso, ao princípio, tinha tido uma ideia vaga de que aquela explicação impressa não era talvez muito honrosa para ele; fora, sobretudo, ao vê-la impressa, «em letra redonda», que se sentira vexado. Nesse mesmo dia, veio vê-lo um parente dele, o Sr. Casimiro Valadares; era um sujeito sério, de sobrancelhas cerradas, de quem se dizia: «O Valadares não é para graças. «Tinha tido, havia quinze anos, um desafio com um emigrado espanhol, em que fora ferido num dedo, ligeiramente, e, desde então, considerava-se e era considerado em questões de pacto de honra e um mestraço numa história toda de pendências entre cavalheiros. E agora, ao entrar no quarto de Dâmaso, atirou o Diário Popular para cima da mesa e disse:

— Isto é a vergonha das vergonhas!

Dâmaso fez-se escarlate e, abandonando-se a um fluxo labial desordenado, declarou que «queria evitar um escândalo, que realmente a verdade é que estava tocado», que o Vítor era o seu amigo íntimo, que era indecente bater-se por causa de uma prostituta, que não era medo, que estava pronto a bater-se a tudo, à faca, peito a peito, se fosse necessário».

— Palavreado, palavreado... — dizia o outro. — O que é isto: é que os padrinhos do Silva obrigaram-te simplesmente a uma vergonha; e a minha opinião é que tu deves-te bater com o João da Maia e com o tal senhor Gonçalo... Gonçalo quê? Gonçalo qualquer... Gonçalo Cabral. Devias já mandar-lhes os teus padrinhos. Se tu te tivesses dirigido a mim, as coisas corriam de outro modo: era o Vítor que havia de dar a satisfação. Assim, é indecente; é a minha opinião.

Dâmaso protestou que eles «se tinham mostrado seus amigos, que o tinham tirado de uma alhada que, além disso, «contava quebrar a cara ao Vítor; que, de homem para homem, era homem para ele».

E abria-se numa verbosidade transbordante, quando o Valadares o deteve com estas palavras secas:

— Eu, se fosse a ti, por decência, ia passar uns meses ao estrangeiro.

Dâmaso ficou aterrado. «Porquê? Aquilo desacreditava-o?»

— Declaraste-te simplesmente covarde e bêbedo; é a minha opinião.

Dâmaso, então, prodigalizou as queixas contra o João da Maia. «Ele não tinha experiência; fizera o que o João da Maia lhe dissera; fiara-se nele; além disso, jurara-lhe que não se publicava... »

— Desafia o João; é a minha opinião. Queres que eu lá vá? Mas Dâmaso recusou com violência: «Para camisa-de-onze-varas, já bastava! Estava farto de complicações. Havia duas noites que não dormia.»

E o Valadares saiu, dizendo-lhe com tédio:

— Homem, devias trazer uma roca à cinta! É a minha opinião.

Dâmaso começou a pensar se realmente lhe fariam má cara, na sociedade.

Durante alguns dias saiu, um pouco retirado, no fundo do cupé; não foi ao teatro; depois, arriscou-se, uma noite, a ir ao Grémio, passando rapidamente pela sala. Recebeu dois «olá, seu Dâmaso», muito amigáveis.

Animado, mostrou-se, pela tarde, na Casa Havanesa; recolheu, como sempre, os apertos de mão que mereciam os seus contos de réis de renda. Foi a S. Carlos; na visita que fez aos camarotes, todas as senhoras tiveram, sem diferença, os mesmos sorrisinhos, a mesma amabilidade. «Ou ninguém tinha lido, ou achavam natural», foi a sua reflexão. Achou o Valadares caturra e espadachim!... E uma noite, no Grémio, lembrou-se de falar violentamente de Madame de Molineux e de Vítor: «Em quanto ele, o desavergonhado do Silva estava vivendo simplesmente à custa da bêbada; de resto, estava farto dela», declarou. «Ele mesmo lhe tinha dito, dias antes, que procurasse outro; ele tinha melhor; de resto, a criatura não lhe custara nem um vintém, e depois, tudo era postiço, tudo era chumaço; despida não valia nada; e a besta do Vítor ainda

acabava por casar com ela; o que ela quer apanhar é os oitenta contos do Timóteo.»

Foi também a opinião geral cada homem acreditando na sua vaidade que todos os outros eram amados por interesse.

Por esse tempo, publicava-se em Lisboa um pequeno jornal intitulado a Cometa do Diabo. O seu redator e o jornal pareciam-se fisicamente; havia na fisionomia do homem e no papel da gazeta o mesmo tom ordinário e baixo; o estilo dos parágrafos tinha a irregularidade miserável dos hábitos do escritor; e os tipos de impressão, como o carácter do homem, eram ambos «safados».

O fim do jornal era simplesmente a aquisição, para o seu redator, de alguns mil réis que lhe pagassem os litros de Colares, alguma parada nos valetes e nas damas e a tarifa das prostitutas; para tudo o mais, o dinheiro era-lhe desnecessário: tinha o calote. O meio de obter este rendimento era simples: era extorquir com usura ou simples ameaça de uma publicação infamante, ou receber dinheiro do covarde, pela impressão de alguma calúnia; o difamado trazia a calúnia e a espórtula; o redator virgulava

a calúnia e guardava a espórtula. Quando lhe davam bengaladas, sacudia-as como um cão molhado, e em lugar de um litro, para se restaurar, bebia dois; quando lhe perdoavam ou desprezavam, alteava o peito, metia os dedos pela grenha e exclamava na batota, ou no bordel: «Teve medo! Que viesse para cá!»

Esta profissão era exercida num terceiro andar de uma travessa do Bairro Alto, mobilado de uma cama e de uma banca; na cama, imunda, o redator cozia o vinho, ou suava os suores de uma tísica, no segundo grau; em cima da banca, compunha... e havia artigos; depois expetorava... e havia escarros; vivia triste, entre todas aquelas nódoas, tremendo de medo da Polícia.

Uma manhã, Vítor recebeu pelo correio um número da Cometa do Diabo onde, na redação denominada «Comentador», um parágrafo estava marcado com um traço de tinta. Vítor furioso, leu:

«Ora viva, Sô Vítor! Então deixa-se o escritório do ilustre Dr. C? Já se não necessita de explorar a viúva e o órfão?» Esta pergunta era feita, no Chiado, a um certo Vítor, ao Vítor bonito. E um Pai Paulino que passava nessa ocasião e

que tem olho, ouviu a seguinte cornetada: É que o Sô Vítor achou emprego mais bem remunerado e, em lugar de explorar a viúva, explora a estrangeira. E o que fará a certa Dulcineia de um certo mercador de panos?» Pois Só Vítor, se assim é, dizemos nós cautelinha que o Diabo cá tem uma cometa preparada para cornetar, por esse mundo, a fama das suas conquistas... rendosas! Ora viva, Sô Vítor!

Vítor acabou de ler este parágrafo com lágrimas de raiva. A sua primeira ideia foi sair e chicotear o Dâmaso, porque não havia dúvida que fora ele o difamador; reconhecia o estilo do Alípio, mas a vingança do Dâmaso. Mas bater-lhe faria um escândalo; não era criar em torno do facto uma publicidade terrível? O parágrafo do ilustre Diabo, que poucas pessoas teriam lido, seria então miseravelmente conhecido. Muitas diriam: «Que infâmia!» Mas outras diriam: «Tocou-lhe na ferida!», porque as calúnias são como as nódoas de certos óleos: quando se limpa a mancha fica a marca.

«Felizmente, Genoveva não teria lido.., ou rira. Mas o tio Timóteo? Tremia que lhe tivessem mandado o jornal. « Foi

com o coração acanhado que desceu para a sala de jantar. Dobrado, em cima do aparador, estava a Cometa do Diabo.

O tio Timóteo, sentado na sua poltrona, esperava o jantar, como Times caído sobre o joelho.

Vítor, num relance, compreendeu que devia ser o primeiro a falar e, por uma indiferença, pareceu atenuar a importância.

— Ah, também lhe mandaram esta infamiazinha?

O tio Timóteo fez um gesto afirmativo. Aquele silêncio desarranjava um pouco a atitude de Vítor, e disse, afetando rir-se:

— É o Dâmaso furioso...

O tio Timóteo dobrou cuidadosamente o Times. E Vítor, já embaraçado, passando em roda da mesa, começou a dizer:

— Eu, bem me importa!... Quem se importa com o que diz a Cometa do Diabo?... Felizmente todos me conhecem...

O tio Timóteo ergueu-se, fitou Vítor. Tinha o ar preocupado; bateu as pálpebras, como embaraçado; e catarrou com a garganta e disse:

— Dize à Clorinda que traga o jantar.

Sentou-se, desdobrou o seu guardanapo e falou das probabilidades da guerra no Oriente. «O Times trazia um artigo tenso... Mas a Inglaterra ultimamente tinha uma política egoísta, de capuchinho, covarde. Covarde! Dizia-o a todo o mundo. Dizia-o na cara de Lord Beaconsfield e à rainha. Covarde!»

Vítor, encantado em ver que as preocupações do tio Timóteo estavam tão longe, no Danúbio e nos Dardanelos, animou-o e levou ainda mais para longe, para a América, para a Índia... deitando, de vez em quando, na conversa algumas palavras vagas, como achas numa fogueira, para não a deixar apagar. Mostrava-se irritado contra os Turcos.

— Uma asneira! Tenho pensado muito nisto — como para se mostrar interessado pelas ideias gerais —, e positivamente a Turquia é um cadáver!

— Mas o que é a Rússia?

E o tio Timóteo atacava a Rússia, o czar, a divisão da Polónia, o exílio da Sibéria e a escravidão dos trabalhadores. Traduziu mesmo um artigo do Times a Vítor,

deu algumas punhadas na mesa e falou largamente sobre a ideia.

«Ou não leu a Cometa, ou fiz-lha esquecer», pensava Vítor.

E depois do café, ia levantar-se, quando o tio Timóteo, enchendo o cachimbo, disse, com uma voz vagarosa, grave:

— Pois eu li a infamiazinha...

Vítor tornara-se a sentar, corado.

— Li — continuou o tio Timóteo, consternado. — É uma infâmia, porque não creio que uma pessoa da minha família viva à custa de uma mulher...

— Oh, tio Timóteo! — acudiu Vítor, com um largo gesto de uma consciência escandalizada.

— Não creio, está claro. Mas não me faz muito feliz ver que te estás a arruinar por ela.

— A arruinar? — disse impetuosamente Vítor.

— Senta-te. Falo tranquilamente, escuta-me tranquilamente. A arruinar! Não de dinheiro, está claro, que o não tens...

E, acendendo o cachimbo, puxava a baforada, tranquilamente, aconchegando o tabaco com o dedo.

Vítor, nervoso, devorava-o com os olhos.

— Não o tens, mas um homem não é só feito de dinheiro, só. Há certas coisas que se podem arruinar: arruína-se a saúde, a reputação, a inteligência, o carácter, a profissão...

— Mas então... — começou Vítor.

— Chiu! — E o tio Timóteo, cerrando as pálpebras, estendendo a mão: — Meu amigo, eu chamo «arruinar» a um homem abandonar as suas relações, a sua carreira, os seus deveres, o seu escritório, as suas ambições, os seus planos, para viver nas saias de uma mulher, como um sigisbéu...

— Ó tio Timóteo, mas deixe-me…

— Tem paciência. Eu sou da opinião.., e disse muitas vezes.., que «um homem deve ter uma amante; quem aos vinte anos não é casado, nem tem uma amante, tem falta de limpeza»... — Tinha falado tranquilamente, mas, de repente, animando-se, deu uma punhada na mesa: — ...Mas com um milhão de diabos, uma coisa é ter uma amante e ir

vê-la de vez em quando; ou todos os dias, ou horas, ou todos os momentos com prazer de ambos; e outra coisa é mandar tudo ao diabo, parentes, casa, profissão, carreira, e de dia, de noite, a todas as horas, estar colado à criatura, como um carrapato! É indecente.

— Mas eu...

— Mas tu almoças lá, passas lá a manhã, fazes às vezes a honra de vir jantar aqui e para voltar para lá, passar lá a noite; passeias com ela, vais ao teatro com ela, não tens outra ideia, nem outra ocupação, nem outro fim de vida! Ora eu digo que isto é babugice! E que um homem que tem os seus membros todos e o seu cerebrozinho dentro do casco deve realmente fazer alguma coisa de melhor que viver entre as saias de uma mulher! Dizer isto não é ralhar. Eu não sou tio de ralhar, pobre de mim. É dizer-te a verdade. Consulta a tua consciência. Ora agora, se te achas inteiramente inapto para outra qualquer coisa que não seja refrescar os ardores de uma senhora, então fazes bem; mas se sentes vontade, inteligência e força nesses braços, então emprega-as noutra coisa! Com franqueza, tenho ou não razão?

— Tem toda a razão, tio Timóteo — balbuciou Vítor, escarlate.

— Bem. Então, ponto na cena intima.

Ergueu-se e foi sentar-se na poltrona, com o Times.

Vítor ficou imóvel na sua cadeira, com o rosto abrasado, torcendo nervosamente o bigode e quebrando a cinza do cigarro na borda do pires.

Vítor contou a Genoveva a cena com o tio Timóteo.

— Ora, manda o velho ao diabo! — exclamou ela. E deitando-lhe os braços ao pescoço, com um modo arrependido:

— Perdão! Falar assim do nosso titi! Eu até gosto dele. Mas que quer ele que tu faças? Um homem como tu não nasceu para vegetar num escritório de advogado... E de resto, que me importa? A tua obrigação, a tua ocupação, o teu princípio, é amar-me. Dize, não é verdade? Diz-me...

Os seus olhos tinham uma paixão tão profunda, tinha uma palidez tão doce na sua face, o seu corpo pesava-lhe nos

braços, num abandono tão amoroso, que Vítor, pálido, murmurou:

— Sim, é.

— Manda o outro ao diabo!

Com os punhos fez um gesto impertinente de quem arruma um cartapácio tedioso. Mas, no dia seguinte, ao almoço, falou com mais seriedade: .Que não queria, de modo nenhum, que o tio Timóteo começasse a embirrar com ela, a supor que ela estava pervertendo o menino; que era mulher para lhe fazer a vontade; podia ir todas as manhãs ao escritório, da uma às três; mais doce depois pareceria a sua volta; um homem realmente devia ter uma ocupação, e a de advogado parecia-lhe bonita: falar numa audiência, defender causas políticas ou crimes de amor; a toga havia de lhe ficar bem e, quando ele falasse, queria ouvi-lo.»

— Arranja a defender um assassino, para eu ver.

Mostrou-se, um outro dia, muito entusiasmada da profissão de advogado: «Que orgulho, salvar um homem que treme, palpita de terror; salvá-lo do fim, do degredo!

Depois, a advocacia era a sala de entrada da política; podia ser deputado, seria um orador; e que orgulho para ela vê-lo em sessões tumultuosas, falando do alto da tribuna, polémico, a um ministério atónito e encolhido!»

E Vítor começou a achar-lhe razão. Desde que ela a estimava, a vida de advogado já não lhe parecia tão burguesa, tão monótona; começava mesmo a compreender-lhe certa poesia oculta. Começou a ir ao escritório, mas, como os elementos romanescos da advocacia não lhe apareceram logo e apenas viu os tédios habituais, como não encontrou imediatamente um assassino a salvar ou um crime de amor a defender, bem depressa lhe veio uma fadiga maior do papel selado e das frequentações dos clientes; começara a bocejar, a dar-lhe uma sonolência triste; agarrava o chapéu, corria à Rua das Flores; encontrava-a vestindo-se, ou lendo, e fumando cigarros Laferme.

Ela começava por censurar: era mal feito deixar o escritório, devia trabalhar; mas ele jurava-lhe que a lembrança dela não o deixava, que não podia estar um momento sem a ver... E ela, toda feliz, dava-lhe um beijo.

— Tens razão!

Um dia mesmo, disse-lhe:

— Deixa lá o escritório. Tenho outro plano.

E interrogada, respondeu em risinhos, beijos, toda a sorte de reticências carinhosas: «Achava-se desordenadamente apaixonada por um rapaz pobre e ela, pobre também; ter outro amante, nunca; parecia mais fácil viver numa trapeira, ou coser para fora, ou pedir pelas esquinas.»

O plano de Genoveva era este: as suas dívidas estavam pagas, tinha um capital de vinte contos, a seis por cento; as suas joias e a sua carruagem em Paris e as suas mobílias, vendidas, dariam quatro a cinco contos de réis: era um rendimento de um e quinhentos; era possível viverem dois. Iriam a França, poderiam ter, nos arredores de Paris, na margem do Sena, uma casinha, um chalet bonito, com doze metros de relva, quatro velhas árvores; tendo fundo de cores claras, cores lânguidas nos muros; sim, o Paris no ónibus, fariam a vida deliciosa e jovial dos estudantes namorados. Tinha escrito mesmo para Paris, ordenando a venda de tudo; para não «roer» o capital em Lisboa, faria

economias. Tinha mesmo despedido a carruagem da companhia.

Uma noite, depois do jantar, estavam na sala. Vítor, estendido no sofá, fumava; Genoveva, sentada ao piano, tocava a partitura da Petite Mariée e, aqui e além, cantava alguns dos finos, delicados couplets. Vítor sentia-a numa hora deliciosa; aquela música punha-lhe nos nervos alguma coisa de amoroso e de petulante; via o seu perfil fino tocado de luz e a firmeza do seu colo, onde a claridade das velas punha brancuras de camélia viva; e bebendo o seu conhaque, aos golos, sentia-se feliz, e a vida, como uma combinação de cores, por toda a parte lhe oferecia um confeito doce.

— Sabes que despedi a carruagem da companhia? — disse ela, de repente.

E quando Vítor quis saber para quê:

— Porque não sou rica, meu filho. Preciso fazer economias.

Vítor fez-se vermelho. Sentia que era por ele que ela abdicava do seu luxo e desesperava-se de não lho poder

continuar; e Genoveva, vindo estender-se no sofá, um pouco na sombra, começou a fumar repensadamente um Laferme, Pherseli très fort, e acrescentou:

— É necessário a economia, para realizar o meu plano.

Vítor veio sentar-se ao pé dela e, acariciando-lhe a mão, devagarinho, quis saber o plano; não falava senão do plano. Que era? Queria-se proclamar rainha da Ibéria?

Ela esteve um momento calada, soprando o fumo branco do cigarro; ergueu-se, foi bater no teclado alguns compassos alegres e, voltando-se bruscamente, veio ajoelhar-se diante dele e disse-lhe:

— Voilá! Nós vamo-nos embora.

E vendo-o muito surpreendido, disse-lhe a sua ideia de deixarem Lisboa, irem instalar-se ao pé de Paris, num delicioso chalet; viveriam com pobreza, como dois estudantes, e o egoísmo dos novos.

— E o pobre tio Timóteo? — perguntou Vítor.

Genoveva ergueu-se, devagar, falando, batendo ligeiramente as pálpebras:

— Como, o tio Timóteo?

— O tio Timóteo...

E Vítor, passeando pela casa, começou a dizer-lhe que realmente não podia deixar o tio Timóteo devia-lhe tudo, tinha-o educado; a sua fortuna era para ele; o pobre homem não tinha outra família, tinha-o a ele, só; estava velho, coitado, e achava uma ingratidão abandoná-lo.

— Pois não o abandones, diverte-te com ele, dorme com ele! — exclamou Genoveva.

Vítor achou, naquele arrebatamento, uma crueldade egoísta, mas, receoso de a desgostar, vendo naquela cólera uma paixão de amor, disse com uma voz quase lamentosa:

— Mas, meu amor...

Ela cruzou violentamente os braços.

— Pois eu estou pronta a fazer todos os sacrifícios, a abandonar a minha casa, os meus hábitos, as minhas relações, enterrar-me como uma merceeira retirada num horrível chalet, no campo... todo o ano; e tu não me podes sacrificar nem o tio Timóteo.

Teve uma pausa e os seus olhos devoravam-no. Vítor, sentado, com os cotovelos nos joelhos, fitava o chão, com a cabeça baixa, sob a presença daquela verbosidade dominante.

— Se fosse uma senhora — continuava ela —, se fosse tua mãe, tua irmã, que dependesse de ti, compreendo se fosse um velho inválido e pobre, vá! Mas um homem na força da idade, com fortuna, que tu vês todos os dias meia hora, quando muito... Em que lhe é necessária a tua companhia? Que perde com a tua partida?

Aquelas razões, sobretudo o calor da sua voz, a influência da sua beleza, convenciam-no. E foi com um vago acento de renunciamento, de adoração, que disse:

— Mas não podíamos passar isso mesmo em Lisboa?

«Era lá possível! Lisboa era tão monótona, tão enfastiadora, tão lúgubre, que a única maneira de viver é a compensação do luxo: um grande chefe de cozinha, uma criadagem numerosa, uma decoração de interior sumptuosa, jantares ricos, uma cocheira completa, etc., etc. A vida pobre só em Paris é possível», dizia ela.

Vítor reconhecia vagamente a verdade daquela opinião. Vinham-lhe mesmo perspetivas tentadoras de uma existência feliz: «Paris, um chalet com ela, visitas aos museus, vendo celebridades, um fundo de camarote num teatro alegre, os jantarinhos nos restaurantes, uma existência boémia e amorosa», mas calava-se, torcendo o bigode, soprando o fumo do charuto.

— Mas responde, diz alguma coisa — exclamou ela.

Ele suspirou e, franzindo a testa, como no esforço de uma resolução difícil:

— Minha querida, é que eu não tenho dinheiro para ir para Paris.

Ela ia falar, mas ele, detendo-a:

— Bem sei, tens tu, é o que vais dizer, mas realmente, Genoveva, eu não posso viver à tua custa!

Houve um ligeiro silêncio. Genoveva passeava pela sala, arrastando, sobre o tapete, um rumor de seda.

— Não sabia que eras tão orgulhoso — disse ela, sem o olhar, mexendo nuns livros, sobre a jardineira.

Ele aproximou-se dela, passou-lhe o braço pelo ombro.

— Não é orgulho. É uma questão de decência. Não. Realmente achas bonito eu viver à tua conta?

Ela ergueu para ele os seus belos olhos luminosos.

— Mas não se vê todos os dias que, quando um homem pobre casa com uma mulher rica, de facto, vive à custa dela?

— Ah, bem, sim, e quando se é casado?

Calaram-se. A mesma ideia, decerto os agitava. Genoveva veio sentar-se ao piano e, voltando com impaciência a folha da partitura, bateu alguns compassos, cantou:

*Le roussignol chantait*

*Si tendrement...*

E voltando-se novamente para ele:

— Mas, como não é sério, não é verdade?...

Vítor aproximou-se do piano.

— E sério, Genoveva... Mas realmente não posso. Que se diria? Todo o mundo sabe que eu vivo de uma mesada que me dá o tio Timóteo. Como podia eu ir para Paris? Era uma vergonha... A minha dignidade...

— Ora deixa-me com a tua dignidade! — exclamou impacientemente; erguendo-se: — Boa noite!

— Genoveva!

— O quê? Boa noite! Desde o momento em que a tua dignidade te não permite amar-me, fazeres um sacrifício por mim, dedicares-te a acompanhar-me, viveres para mim, adeus. Um bom aperto de mão e está tudo acabado. Boa noite!

E estendeu-lhe a mão. Vítor olhava-a, muito pálido.

— Pensas que não falo sério? — disse ela. — Conheces-me bem mal.

E saiu da sala rapidamente. Vítor ouviu chamar por Mélanie e o fecho do quarto dela fechar-se violentamente.

Vítor ficou muito embaraçado. A ideia de romper com ela nem sequer lhe acudiu, mas podia realmente aceitar aquela

posição subalterna, ir para Paris, levado por uma senhora que lhe pagava os bilhetes de caminho de ferro, o jantar na gare, os livros que ele necessitaria, o vicioso cigarro que queria fumar? Não seria natural que o tio Timóteo lhe cortasse a mesada, se ele partisse com Genoveva? E mesmo quando, por uma generosidade sentimental, lha mantivesse, que eram dez libras em Paris? Lá só poderia fazer dívidas!

Ele confiava nela? E se ela, um dia, lhe passasse aquela paixão, ou lhe viesse um capricho por outro? Poderia continuar a viver à custa da mulher que o traia? E que faria em Paris, se se separasse dela e da sua bolsa? Teria de voltar a Portugal! E o que encontraria? O descrédito; ninguém de bem lhe estenderia a mão; seria, para sempre e para todos, o Vítor, o que era mantido pela do Dâmaso. E cada razão caía sobre a sua resolução, fixando-a como uma martelada sobre um prego.

Uma coisa o consolava: é que Genoveva o amava e que, passado o primeiro despeito do pedido recusado, se resignaria a viver em Lisboa, ou adiaria indefinidamente a sua partida, e depois veria!...

Bebeu outro cálice de conhaque e dirigiu-se ao quarto dela. A porta estava fechada por dentro; bateu, chamou: Genoveva!

Mas Mélanie correu logo, do corredor, com o paletó dele e o chapéu e disse, com ar embaraçado:

— A senhora diz que está incomodada, que amanhã lhe escreve.

E estendeu-lhe o paletó:

— Que brincadeira é esta? — exclamou ele.

— A senhora está muito zangada. Fechou-se por dentro, deitou-se.

E ofereceu-lhe o chapéu. Vítor correu para a porta, bateu com força, dizendo:

— Genoveva, estás doida?

O silêncio impassível irritou-o; deu um empurrão à porta, que abalou a fechadura. Mélanie, pálida, queria afastá-lo. «Ela não conhecia o senhor! Era muito feio fazer escândalo. Pelo amor de Deus! Estava tão desesperada!»

— Genoveva — gritou Vítor, sacudindo furiosamente a porta.

Não esperou muito. A porta abriu-se de repente e ele quase recuou. Diante dele estava Genoveva. Tinha agora uma longa saia vestida e a camisinha de seda, decotada, entreaberta, descobria o colo, os ombros, o seio; e os seus cabelos loiros, deitados para trás, davam à sua beleza um ar distanciado e voluptuoso; as velas ardiam sobre o toucador, o leito desfeito, tentava-o prodigiosamente. Vítor precipitou-se para ela, mas Genoveva, que conservava a mão sobre a chave, disse, com a voz vibrante:

— Juro-te que não entras aqui sem me dizeres que vens comigo.

E fitava-o, penetrada de um olhar ardente e trespassante, com a voz baixa, onde rugia todo o desejo da paixão.

— Vens?

— Juro-te que vou — disse ele.

Ela teve um suspiro de orgulho e Vítor caiu bruscamente nos seus braços.

## CAPÍTULO XIV

Ao outro dia, a partida para Paris era uma resolução fixa, deviam partir em Setembro; iriam por terra; demorar-se-iam em Madrid quinze dias; passariam talvez nos Pirenéus, e Genoveva ria de uma alegria vibrante e nervosa, com a ideia dos prazeres daquela viagem sentimental. Vítor não estava menos encantado; os beijos de Genoveva e os seus braços tinham-lhe dissipado o resto do carácter e da vontade. Sentia-se sem resistência ao pé dela, como uma cera mole. Ela tinha palavras que o entonteciam e que o faziam ser vil, e certos beijos levavam-lhe a alma, numa delícia tão ardente que ele, se ela quisesse, seria um ladrão; o amor egoísta e cioso de Genoveva extinguira nele tudo o que não servia a satisfazê-lo ou a servi-lo; extinguira-lhe a vontade, a dignidade, o amor do trabalho, a consideração do futuro; conservara-lhe apenas a fúria do desejo e uma habilidade: a versificação. Amava-a e fazia poesias líricas. E daquele homem apenas restava o temperamento e uma rítmica. A ideia da viagem

correspondia aos seus desejos mais íntimos, sempre a tivera: o sonho clássico dos sentimentais; viajar com uma mulher amada, e via-o enfim realizado! Como pensar mesmo em resistir? De resto, a preocupação de dinheiro era pueril: se se amavam, o que era dela era dele; o amor sacrificava tudo e, sendo de natureza divina, porque não teria os mesmos efeitos que o casamento, que é apenas de natureza administrativa. E além disso, se a sua consciência não se escandalizava, que lhe importava a opinião? O que é a opinião? É o julgamento dos Dâmasos e dos Marinhos e dos Carvalhosas? E depois, ele era um homem de pureza de ideal, não é verdade? Portanto, as leis burguesas da moral trivial não eram feitas para ele.

E quanto ao tio Timóteo... Esta ideia embaraçava-o; não se atrevia a dizer-lhe que ia partir com Genoveva; respeitava-o, temia-o; e como era de temperamento amável, a sua longa convivência com aquele velho simpático tornava-lho querido. Que faria? O seu temperamento efeminado sugeriu-lhe logo uma ideia feminina: fazer as suas malas em segredo, safar-se e deixar-lhe uma carta.

E aplanadas as dificuldades, abandonava-se ao encanto, à esperança daquela grande aventura romanesca; mas, dinheiro para camisas, um fato de veludo para estar em casa, sapatos de verniz, uma casaca nova,.., porque entrava nas existências em que a casaca é necessária, como o uniforme ao soldado.

No entanto, às vezes notava em Genoveva a abstração de uma preocupação; encontrava-a, os olhos fitos nele, como estudando-o, ou como se estivesse para dizer-lhe alguma coisa grave. Outras vezes via-a triste; certas palavras dela surpreendiam-no; e parecia revelar o receio de ver findos aqueles amores. Inquietou-se, interrogou-a:

— Não estás contente? Não achas bastante que eu vá contigo?

— Ainda não é bastante — respondeu ela, um dia.

«Que desejava ela então?» Mas, quando lho perguntava, Genoveva punha no seu sorriso reticências amáveis, dizia:

— Em Paris te direi.

Um dia Vítor teve uma ideia súbita. «Estaria ela grávida?» Ajoelhou-se aos pés dela, perguntou-lhe ao

ouvido. Ela riu muito.

— Não, não! Que tolice! — E depois de um momento, suspirou: — Ah, se assim fosse!

Pensava no casamento. Pensava nisso desde que começara a amar, mas, agora que conhecia a sua natureza fraca, amante, dominável, a possibilidade aumentava-lhe o desejo. Tinha encontrado, enfim, a paixão, a grande paixão porque suspirara toda a vida e que se materializava sempre longe dela, como um pássaro maravilhoso, passando num céu distante. E agora que a tinha, enfim, queria empregar todos os meios para a não deixar ser diminuída, nem fugir.

Vítor correspondia a todos os seus desejos: era formoso como um anjo, segundo ela, e adorava-o; era bastante dominável e maleável, para se conservar sempre numa atitude obediente; era bastante inteligente e bastante elegante, para lhe satisfazer o orgulho; e, depois, deveria herdar oitenta contos do tio Timóteo. Onde encontraria outro assim, sobretudo agora, que a juventude era passada e já havia, na sua pele, uma leve ameaça de rugas progressivas?

Se o não prendesse por alguma coisa de mais forte que a voluptuosidade e o amor quem sabe se ele lhe escaparia, passado um ano, dois anos? E se não lhe arrancasse um consentimento, agora que o dominava pela vaidade, pela concupiscência, pelo luxo, pela beleza, seria tarde depois. Com a fortuna dele e dela viveriam felizes em Paris, mas não queria falar-lhe no casamento sem que essa ideia tivesse aparecido, por si mesma, no espírito dele; era necessário que ele mesmo o tivesse secretamente desejado, que à primeira palavra dela, ele se lhe atirasse aos braços, num consentimento entusiasmado.

Começou, por isso, a fazer tudo o que poderia fazer-lhe nascer essa ideia, desenvolver-lha, tornar-lha cara. Foi muito hábil, disfarçando sob as solicitudes do amor as combinações da ambição.

Um sábado à noite, disse-lhe, de repente:

Queres-me acompanhar amanhã à missa? De manhã cedo. Não te quero comprometer; às sete horas?... Vem, para dar felicidade ao nosso amor...

Vítor foi e achou-a admirável, toda vestida de preto, dobrada sobre o seu livro de missa, na atitude escolhida de uma devoção elegante.

Várias vezes, depois, nessa semana, lhe falhou de igreja, de religião, de arrependimento, mas apressava-se a dizer que «era o amor que lhe dava aquela moralidade; ele não imaginava o que ela se achava arrependida dos erros passados; o seu martírio era ter pertencido a outro homem; mas, no seu próprio corpo, a sua alma, o seu coração eram virgens... só dele». Tinha-lhe dito:

— És o esposo do meu coração; nesse, és tu o primeiro homem.

Este refinamento eloquente exaltava Vítor. Depois, tinha outros cuidados com ele: «Quem lhe engomava a roupa? Andava sempre tão mal engomada! Pudera, pobre querido, não tinha mulher para tratar das suas coisas. Ele veria, em Paris, como ela tomaria cuidado de tudo.» Começou a bordar-lhe lenços. Mudara as suas maneiras, a sua toilette, as suas expressões. Afetava certos princípios de caridade e de alta moralidade. Um dia que ele trauteava a sua canção favorita:

*Chaque femme a son dada*

*Sa marotte a ses toquades...*

Ela pediu-lhe que não cantasse essa infâmia.

— Lembra-me, tanta vez, gente passada! — disse, com um ar triste.

Vestia-se com mais sobriedade, fazendo dominar as cores severas. Ele lamentava que ela já não usasse certos vestidos que a faziam tão excitante, tão cativante.

— São toilettes de cocote; eu sou agora uma senhora casada. O chique para mim acabou...

Antes de se deitar mesmo, persignava-se.

Por fim de duas semanas, Vítor, um dia que a via costurar, à janela, vestida de escuro, com o seu perfil doce destacando na luz, pôs-se a pensar:

— Que adorável mulher! Que esposa! Que pena que eu a tivesse conhecido antes.

No meio daquelas preocupações, tinha desleixado um pouco o retrato e, uma manhã, Vítor recebeu uma carta de Camilo Cerrão que dizia.

*Reclamo o meu modelo que tem faltado há duas semanas consecutivas. O que significa isto? Mudou de ideia? Seria simplesmente atroz! Eu contava com este retrato, para me lançar; e não quererão que eu tenha enfim, debaixo das mãos, a glória, a fortuna e uma obra notável? Tudo isso me desaparece, como uma bola de sabão. Madame de Molineux será responsável perante a arte e perante Deus se essa hipótese fosse aceitável, de um artista inutilizado. Trá-la, menino, e que ela se deixe imortalizar pelos pincéis.*

*Do teu etc.*

*Camilo*

Genoveva achou a pilhéria sobre Deus, de mau gosto, mas Vítor convenceu-a que seria um desapontamento para o pobre Camilo: «Quem sabia se aquele retrato não seria o começo da sua fortuna?»

— Embirro com a mulher...

— Ora! — disse Vítor, encolhendo os ombros e sentindo-se corar um pouco. — Vai lá hoje, às duas horas, sim? diz que vais.

— Porque tu queres, meu querido maridinho — disse-lhe ela, com o olhar terno e humilde.

E Vítor saiu para ir prevenir Camilo. Encontrou a porta aberta; era hora e meia; entrou no atelier; em lugar de Camilo, viu Joana que cosia, sentada à janela. Ergueu-se, muito vermelha, disse que Camilo voltava às duas horas. Ficaram um pouco embaraçados e, enfim Vítor, por delicadeza, tomou-lhe as mãos e, olhando em redor, pousou-lhe friamente um beijo. Mas ela passou-lhe os braços pelo pescoço, deixou-lhe cair a cabeça nos ombros e Vítor sentiu-a soluçar baixo.

— Olhe que pôde vir gente — disse, querendo desembaraçar-se.

— Que me importa? — disse ela entre lágrimas.

— Mas importa-me a mim — exclamou ele. Mas arrependeu-se daquela brutalidade; tantas lágrimas

lisonjeavam-lhe o orgulho e a beleza de Joana dava-lhe, contra sua vontade, um enfraquecimento e como um renascimento de desejo. Desprendeu-se devagar, disse-lhe com ternura:

— Então, não seja doida, sossegue.

— É a sua amante, aquela mulher? — perguntou ela, com os braços caídos, longas lágrimas rolando-lhe pela face.

— Bem sabe que e...

Ela deixou-se cair no divã e os seus soluços espaçados agitavam o seu magnífico seio. Vítor estava desesperado. Se Camilo chegasse e a visse lavada em lágrimas... que vergonha! Que horror! Num momento de covardia, agarrou o chapéu.

Mas ela prendeu-lhe os braços com força, tirou-lhe o chapéu e, com uma suplicação na voz:

— Um instantinho mais... Eu já não choro.

E limpava as lágrimas à pressa, dominava os soluços e ficou no divã, com os olhos postos nos dele, num desespero mudo. Vítor sentou-se ao pé dela, dizendo-lhe:

— E necessário ter juízo…

Mas uma onda de desejo invadiu-a e, com um soluço, abraçou-se a Vítor, colando os seus lábios sobre o rosto dele, os lábios, os olhos. Ele sentia-se enfraquecer, mas um som de frufru de seda correu no corredor, teve apenas tempo de repeli-la e viu, à porta, muito pálida, Genoveva.

Ergueu-se logo, quando, com as suas mãos trémulas, Genoveva entrou, devagar, no atelier, olhando… ela, ele, com um olhar seco, febril, os lábios brancos.

— A senhora — perguntou ela — sabe que este homem é o meu amante?

Joana, muito pálida, não respondeu. Genoveva dardejou sobre ela um olhar cruel, como estocadas.

— Pois se tornar a esquecer, eu lho lembrarei de outro modo.

E voltando-se para Vítor, imperiosamente:

Vamos, vem!

Vítor seguiu-a calado. Um cupé de praça esperava-os a porta e, até à Rua das Flores, não disseram uma palavra,

não se olharam. Vítor pagou ao cocheiro e subiu a escada, atrás de Genoveva. Apenas entraram na sala, ela desapertou nervosamente o chapéu, arremessou-o sobre uma cadeira pôs-se a olhar a um espelho e, voltando-se bruscamente para Vítor, pálida, como cera:

— Bem, que quer mais?

— Escuta, Genoveva...

— O quê? Sacrifiquei tudo por si, tudo! Riqueza, divertimentos, prazeres, luxo, tudo. Engana-me com uma criada de servir ou cozinheira, um estafermo, que quer mais?

Vítor, aflito, quase com as lágrimas nos olhos, tremia-lhe a voz, procurava abraçá-la, exclamava:

— Mas escuta-me, pelo amor de Deus! Ouve-me!

E contou-lhe precipitadamente que conhecera aquela mulher antes dela, que nunca a namorara, nem a tentara; que fora ela... Que, uma ocasião, estava no atelier, só com ela, e fora como um louco, num movimento de zanga... E fora só uma vez.

— Mente!

— Juro-te, pela alma da minha mãe! — disse ele repentinamente.

Houve um silêncio. Ela oscilava tristemente a cabeça.

— Não, Vítor. Escuta: amo-te como... como se pode amar neste mundo. Adoro-te, eu sei. Estava decidida a dar-te a minha vida inteira, a ser a tua escrava, depois, a tua concubina, o que tu quisesses, meu amor.

Aquelas palavras davam a Vítor uma exaltação delirante.

Murmurou:

— Ó Genoveva, Genoveva!

— Mas a confiança está perdida — disse ela tristemente.

— Nunca mais posso confiar em ti! — E balançando com as mãos: — Ó meu Deus, meu Deus!

Duas lágrimas caíram-lhe pela face, caiu no sofá, soluçando.

Ele atirou-se-lhe aos pés e, louco, disse-lhe:

— Mas pede-me o que quiseres, em prova do meu amor. Também eu te quero dar a minha vida, tudo...

— Oh! — disse ela, soluçando. — Vou-me embora, vou partir, vou para o inferno! Ó meu Deus, meu Deus!

— Se tu partes, mato-me!

Tinha-se erguido. Naquele momento, a paixão tornava-o sincero; via a sua vida perdida, sentindo aquele amor diminuindo.

Ela caminhou para ele; os seus olhos magnetizavam-no; nunca lhe parecera tão bela; as lágrimas davam-lhe como uma pureza ao rosto; achou-a nobre, digna, perfeita. Repetiu:

— Diz o que queres que eu faça por ti, visto que te adoro e que peço perdão.

Ela pousou-lhe, devagar, as suas mãos nos ombros e, com a voz baixa, ansiosa:

— Casa comigo.

Vítor fez-se pálido, recuou um pouco. Genoveva fitava-o. Teve um sorriso de uma tristeza infinita, murmurou:

— Não queres?

E levou as mãos ao coração, cerrando os olhos, como para desmaiar.

Ele precipitou-se, abraçou-a.

— Quero — exclamou. — Quero. Caso contigo, Genoveva. Ouve-me.

Ela prendeu-lhe o pescoço nos braços.

— Casas comigo?

— Juro-te, pelo que há mais sagrado. Numa semana, aqui, em Paris, onde quiseres...

Toda essa tarde foi deliciosa. Fizeram planos. Casariam em Lisboa, casariam sem ruído, de manhã cedo, ela vestida de preto, ele de sobrecasaca, à inglesa. Nessa mesma noite, partiriam para a viagem de noivado. Deixavam todos os móveis e ela escreveria a Dâmaso, para que viesse tomar conta deles... Este traço de generosidade encantou Vítor.

— És uma mulher de bem.

— Tu verás — disse ela, com um sorriso que prometia felicidades sem fim.

Vítor não cessava de a admirar, de a beijar. Parecia que alguma coisa de doce, de digno, de nobre, se espalhava subtilmente na sua fisionomia; os seus olhos velavam-se num enternecimento suave e havia nos seus gestos, nas suas atitudes, como uma moleza de uma felicidade serena.

Que vida passariam em França, Paris, escondidos num ninho delicioso. Nos primeiros tempos, era melhor não venderem a mobília; evitavam a despesa de um hotel; a casa estava arrendada até Dezembro; mas não teriam carruagem: «Um bom fiacre de praça, não é verdade?»

E Genoveva estava radiosa; tinha agora como um afloramento de meninice; como se lhe tivesse vindo uma virgindade súbita, corava quando ele a fitava; ajoelhava-se aos seus pés, com o renunciamento tímido de uma pomba cansada; não se fartava de dizer «o meu maridinho» e, mesmo quando entraram no quarto e Vítor a prendeu nos braços, teve a cena, a resistência assustada de uma virgem medrosa.

Daí a dias, representava-se, em S. Carlos, o Roberto, o Diabo, e as monjas, de saias curtas, tufadas e cabelos soltos, bailavam no «claustro de Santa Rosália», quando

Dâmaso, com o seu aspeto de satisfação, entrou nas cadeiras. Arremessou o chapéu para um assento vazio, limpou o binóculo e examinou os camarotes. Numa frisa, Joana Coutinho, que estava só, fez-lhe logo um sorriso muito rendido e um ligeiro sinal. Dâmaso apressou-se a ir ter com ela.

Estava com o Lacerda, um sujeito de cabelo grisalho e ar doente, que se conservava atrás, embrulhado num paletó, comendo rebuçados de avenca.

D. Joana Coutinho, imediatamente lhe perguntou:

— Então já sabe a grande novidade! A Genoveva casa-se...

— Com o Vítor?

— Com o Vítor.

Dâmaso fez-se vermelho e afetou uma risada grossa. Mas, fixando-a com a sua face balofa de olhinhos pequenos:

— Está a brincar...

E D. Joana Coutinho contou-lhe que estivera em casa dela, toda a tarde, que já tratava dos papéis, que iam partir para França...

— Uma desgraça — murmurou, entre dois acessos de tosse, o Lacerda.

— Que grande animal! — exclamou o Dâmaso. E esfregou as mãos, demonstrando uma satisfação ruidosa. «Ele logo vira. A criatura queria apanhar os oitenta contos do tio Timóteo. Mas o velho é fino, muito brioso, e era capaz de o deserdar.»

— E ele sabe, o velho? — perguntou.

D. Joana Coutinho ignorava. Mas, em definitivo, «estimava o casamento; era um acto de moralidade e que todos os bons cristãos devem aprovar. De resto, se ela tinha erros.., e quem os não tinha?.., o casamento lavava tudo... É uma felicidade para ela. Também, a pobre criatura estava contente como um cuco».

— Que ela, aqui para nós, não o merece. Nenhuns modos, nenhuns...

— Uma desavergonhada — disse o Dâmaso.

— E nenhuma delicadeza de alma — acrescentou D. Joana.

O Lacerda tossiu, escarrou e perguntou:

— E tem algum dinheiro ela?

Dâmaso ia dizer: «O que eu lhe dei», mas reteve-se. Queria continuar a passar por «amante de coração«; somente, como D. Joana podia ter recebido confidências de Genoveva, achou prudente não responder e afetou preocupar-se com a dança.

— Que tal esteve a saída da sepultura?

— Hoje, bem — disse D. Joana Coutinho. — Mas a grande, a espanhola, é que esteve para cair.

Dâmaso esteve um momento a torcer o buço e, levantando-se, despediu-se; acendeu um charuto no corredor e saiu do teatro.

Vítor não se atrevera a falar no retrato; foi Genoveva que, logo no dia seguinte, lhe leu uma carta que escrevera a Camilo Cerrão, dizendo-lhe que ia partir para França e lamentava ter de interromper o trabalho; que esperava que ele conservasse o esboço feito, para quando ela voltasse, e remeteu, dentro do sobrescrito, vinte libras em notas.

— É uma consolação, vinte libras — acrescentou, colando o envelope.

Vítor, que conhecia a natureza desinteressada de Camilo, pensou que a oferta do dinheiro só lhe aumentaria a irritação que ia causar a interrupção do trabalho; mas não fez objeções, para não parecer mostrar interesse.

Com efeito, ao outro dia, vestia-se em casa, antes do jantar ia nessa noite ao teatro com Genoveva, quando Camilo Cerrão lhe apareceu no quarto; trazia um aspeto enfastiado e parecia mais desmazelado e mais desgrenhado. Começou por tirar do fundo da algibeira do paletó a nota de Genoveva, pô-la em cima da cómoda, dizendo:

— Entrega à tua senhora. O que eu fiz não vale vinte libras; agradeço-lhe, mas... Enfim, quando ela voltar, falaremos.

Vítor, que corara, ainda quis falar da despesa da tela, tintas, mas Camilo interrompeu-o, com um gesto de muita decisão e, atirando-se para uma poltrona, começou a falar da vida artística: chegara à conclusão de que devia mudar

de carreira; em Portugal, só havia mercado para a pequenina arte dos pobrezinhos do género e, ainda assim, um mercado estreito, ou por iconografias, ou por ilustrações de novelas, às cadernetas; todos esses meios os achava uma prostituição do talento; queria conservar o seu, casto, e estava resolvido a ir para o Brasil.

— Para quê?

— Tinha lá uma irmã, casada com um sujeito rico que, por um caso quase grotesco, era amador de pintura; era talvez o único caso semelhante, em toda a América do Sul. Este amador oferecia-lhe casa e mesa, apresentá-lo a alguns diretores de teatro e a alguns colecionadores idiotas. Podia fazer uma fortuna ou pela cenografia, ou obtendo do Governo brasileiro ir, em comissão, copiar quadros ilustres à Itália. Apenas tivesse feito uma pequena fortuna, vinte ou trinta contos, «e diz que é fácil», voltaria a Portugal, abriria um atelier, formaria discípulos e passaria uma existência digna, cercado de obras de arte e vivendo na pura preocupação do seu ideal. Se não, com o diabo, estoirava por lá. Ao menos tinha visto a natureza do Brasil... que era um estudo das grandes forças vegetais.

Vítor, que se penteava cuidadosamente, tossiu e, com uma voz indiferente:

— E tencionas ir só?

— Só. A Joana está-se tornando insuportável; passa os dias muda como uma estátua e lúgubre como um mausoléu. O pequeno berra: anda na dentição. É impossível trabalhar. Deixo-os com algum dinheiro e mando-lhes de lá uma mesada. A criatura parece até receber estas combinações com alegria. Mando-a para Ílhavo. E recomeço a vida.

Tinha falado com uma certa melancolia, enterrado na vasta poltrona, a cabeça descaída sobre o peito. E Vítor dava, muito cuidadosamente, o nó na sua gravata branca. A maneira indiferente e desprendida porque Camilo falava da «criatura», diminuía um certo remorso que o oprimia. Disse mesmo, com uma certa desenvoltura:

— Aquilo não era a mulher que te convinha.

— Não. Estou agora noutra ideia. A companheira do artista, a mulher do artista, deve ser uma artista; ter todas as inteligências, todas as compreensões, um gosto fino...

Mas o melhor, talvez, é viver só. Poderoso e solitário, como o Moisés de Alfred de Vigny.

Enrolou devagar um cigarro e, vendo Vítor vestir a casaca:

— Vais a algum lado?

— Vou ao teatro.

E Camilo imediatamente começou a elogiar Madame de Molineux. Tinha reconhecido nela um tipo supremo de beleza moderna, uma grande acumulação de civilização e o verdadeiro génio da grande prostituta histórica.

Vítor, àquela qualificação da que ia ser sua mulher, corou, como com uma bofetada.

— No entanto — continuava Camilo —, estes tempos mesquinhos e constitucionais não permitem o desenvolvimento desses grandes tipos de voluptuosidade dramática. Antigamente, no século XVI sobretudo, era um grande centro da vida intelectual, artística e política; em torno do seu leito, onde estava como sobre um altar, rainha da graça e deusa de beleza, agitavam-se todas as altas ideias, ou as grandes poesias do tempo; os poetas faziam-

lhe poemas, os Ticianos imortalizavam-na em quadros; as suas palavras decidiam a discussão dos filósofos; na sua alcova tramavam-se conspirações e declaravam-se as guerras; era dos príncipes que lhe chegavam as suas chinelas; os cardeais… enquanto se vestia, dava audiência a cardeais que a interrogavam sobre dogmas dos concílios; os grandes cinzeladores, os grandes joalheiros, inventavam para ela os refinamentos mais sublimes da arte; os papas beijavam o seu pezinho branco, inspiravam a ordenança às galés, inspiravam vitórias e eram as musas do culto pagão. — E acrescentou:

— Hoje… Hoje tratam de explorar qualquer merceeiro com temperamento, apaixonam-se por um caixeiro e terminam por casar com algum pulha que vai atrás do dinheiro que outros lhes deram, ou que fica deslumbrado a primeira vez que vê camisinhas com rendas de Malines. Tempos estúpidos…

Vítor estava agora pálido. Aproximara-se da janela, olhava para fora, para ocultar a sua perturbação; cada uma daquelas palavras lhe caíra nos ouvidos, com o desdém de um insulto. Quase receoso que Camilo estivesse informado

e se vingasse da sua aventura com a Joana, pelas palavras de desprezo sobre o seu casamento com Genoveva. Mas o Camilo falava com tranquilidade, como dissertando criticamente. O que pensaria ela, se soubesse? Aquilo era como um fragmento da opinião dos homens honrados.

Deu alguns passos pelo quarto, olhou-se ao espelho e, metendo as mãos nos bolsos, com a cabeça como se olhasse os sapatos de verniz:

— A paixão justifica tudo...

— Pelo menos — disse Camilo —, põe, nos actos desta vida, uma cor de fatalidade que os torna interessantes.

Espreguiçou-se, bocejou e, passando a mão pelo rosto, ia erguer-se, quando a porta do quarto se abriu e o tio Timóteo apareceu.

— Pensei que estivesses só — disse logo a Vítor. — Lá te espero em baixo. — E fechou a porta; e sentiram, no corredor, o ruído da sua perna de pau.

Camilo tomou logo o chapéu.

— Mas tu não partes por agora — disse-lhe Vítor. — E, de resto, ainda mudas de ideia.

— Não. Estou farto desta choldra. E estou com vontade de ver o mar, as florestas, os grandes rios. No fim de tudo, menino, a paisagem é a parte mais nobre da arte; o homem moderno vive longe da Natureza, que necessidade da profissão; uma arte que lhe rodeie a Natureza, que lha torne portátil, que lha introduza na sala de jantar, na alcova, interpretada, escolhida, faz ao homem o maior serviço: pô-lo em comunicação permanente com a Natureza. E a Natureza é tudo: calma, consola, eleva, refina e vivifica. Adeus.

Vítor ainda ficou um momento no quarto, preocupado. Que lhe quereria o tio Timóteo? Nunca viera ao seu quarto senão quando ele estivera doente. E o coração batia-lhe um pouco ao descer a escada.

Encontrou-o no escritório, com a fisionomia carregada, os olhos vermelhos e um ar preocupado e carregado. Estava sentado, junto à janela e, apenas Vítor entrou, ergueu-se e dirigiu-se à mesa; o som seco da perna de pau tinha uma solenidade soturna; e Vítor, um pouco envergonhado da sua

casaca e da sua gravata branca, na presença daquele velho desolado, perguntou, com uma voz pouco firme, se queria alguma coisa.

Timóteo remexeu alguns papéis sobre a mesa e disse:

— Eu não dou importância a cartas anónimas, mas, em todo o caso, desejava saber se isto é verdade. Lê.

E deu-lhe um sobrescrito. Vítor percebeu, num relance, que se tratava de Genoveva, do seu casamento ou da sua partida para Paris; e no seu primeiro movimento assustado, de um carácter tímido, se resolveu: negar. Abriu a carta, com as mãos um pouco trémulas e leu:

Excelentíssimo senhor. Uma pessoa que respeita muito o carácter da vossa excelência previne-o que se trama uma pouca-vergonha que não pode deixar de destruir para sempre o seu nome e da sua família. O seu sobrinho Vítor está para casar com uma certa aventureira que se intitula Madame de Molineux, que é, nem mais nem menos uma meretriz e com quem seu sobrinho tem vivido estes últimos tempos. Procure obstar a este escândalo, e enquanto é tempo: quem me avisa, meu amigo é.

— É do monstro do Dâmaso! — disse Vítor. — E para se vingar.

Timóteo olhou fixamente para ele; as rugas da sua face pareciam mais profundas. Tinha uma certa palidez, fatigada, na sua pele dura, e os beiços estavam brancos.

Vítor compreendeu toda a aflição que causava aquela notícia no tio Timóteo. Repetiu, mais baixo, muito embaraçado:

— E do Dâmaso.

— Seja do Dâmaso, ou seja de quem for, o que quero saber é se é verdade. — E erguendo a mão, com uma intensividade na voz que Vítor nunca lhe conhecera. — Mas diz-me a verdade. Se eu visse que me tinhas mentido... — Suspendeu-se; teve um gesto enérgico, de punho fechado. — Como homem de bem, diz a verdade!

Vítor estava pálido como cera; com os olhos no chão, compreendendo que a mentira o revoltaria e culpado na acusação do tio Timóteo, disse com uma voz um pouco sumida:

— É verdade.

— Queres casar com essa criatura?

Vítor não respondeu. De pé, junto da mesa, abria e fechava maquinalmente um livro.

— Responde, homem.

E os olhos de Timóteo chamejavam.

— Pois bem, tio Timóteo, quer que lhe diga a verdade, dei a minha palavra!

— Idiota! — exclamou o velho.

Os seus beiços tremiam de cólera. Deu dois passos pelo quarto, assentando fortemente a bengala no chão, e parando bruscamente:

— Então, queres casar com uma desavergonhada que está mais batida que um baralho de cartas, que dorme com um homem por um par de libras, que o que quer é os contos de réis que eu tenho...

— Tio Timóteo — disse Vítor, lívido, com uma indignação ambígua e assustada.

— O quê? Queres-me dizer que ela não veio do estrangeiro, com um Gomes; não viveu com o Dâmaso, todo

o Inverno; não foi lá por fora uma aventureira, a tanto por noite? Queres-me dizer que é uma pessoa de bem, uma mulher honesta, uma virgem?

Vítor fez um esforço, balbuciou:

— Teve erros...

— Como erros? — gritou o tio Timóteo. — Ser uma meretriz de profissão é ter erros?

Vítor arremessou violentamente o livro sobre a mesa e, com uma voz trémula, mais de sofrimento que de cólera:

— Se foi para a insultar que...

Prendeu-se-lhe a voz, voltou as costas devagar.

— Escute-me — bradou o tio Timóteo, com uma voz tão terrível e uma pancada de bengala no soalho. — Tenho-o educado, tenho-o vestido, tenho-o calçado, tenho cuidado de si, tenho sido seu pai; cabe-me o direito de lhe falar quando o vejo cometer uma infâmia...

Vítor parou e, com a cabeça baixa, tornou a aproximar-se do canto da mesa; sentia como uma perturbação de todo o seu interior, que não lhe deixava achar uma palavra, uma

resposta. O cérebro pesava-lhe e sentia um arrefecimento do sangue.

— Feche essa porta — bradou o tio Timóteo; e cruzando os braços: — E agora, diga-me o que espera que seja a sua posição, logo que case com essa criatura? — E sem esperar a resposta: — Eu lhe direi: a posição de um pulha! De um pulha, repito! Que outro nome tem um homem que passeia de braço dado, pela rua, com uma mulher a quem todo o mundo conhece as pernas e o resto? As mesmas saias que ela traz foi o outro que lhas deu! O jantar que você come em casa é pago com dinheiro que o outro lhe deixou pela manhã, em cima da mesa...

Uma onda de sangue cobriu Vítor, até à raiz dos cabelos. Por um momento, o olhar faiscou-lhe, fixo em Timóteo; e com a voz estrangulada:

— Eu não admito isso. Se não fosse meu tio e um velho... Não tem direito de me insultar... Pode-me expulsar da sua casa... Que escusa de me expulsar, eu mesmo saio.

— Saia! — bradou Timóteo. E com os braços trementes, gritou: — Vilão!

Vítor saiu, atirando a porta. Subiu ao seu quarto e, no ímpeto da cólera, decidiu-se a sair da casa, naquele momento; arrastou, de baixo da cama, uma velha mala e começou a atirar para dentro roupa; estava numa exaltação violenta de cólera e de despeito; odiava o tio Timóteo, achava-o ingrato, duro, tirânico; certas palavras dele, todavia, cortavam-lhe a consciência; tremia da verdade que descobria nelas e todo o seu cérebro estava turvado de uma tempestade contraditória.

A porta abriu-se, o tio Timóteo apareceu. Estava extremamente pálido e sem adiantar, amparado à bengala, olhou um momento para Vítor que ficou surpreendido, vagamente envergonhado, com um fraque de pano na mão e um par de calças no braço.

— Então — disse Timóteo —, realmente tu estás doido por essa mulher, meu pobre rapaz?

Aquelas palavras ditas com um tom tranquilo, quase amigo, comoveram Vítor; sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos; o mesmo sacrifício que estava fazendo por Genoveva exaltava o seu amor por ela, e foi com uma voz sentida, cheia de uma paixão quase desesperada, que disse:

— Estou, juro-lhe que estou. Vamos para Paris, ninguém me conhece lá, ninguém irá falar de nós. É a única maneira de eu ser feliz.

Timóteo entrou e, sentando-se aos pés do leito, esteve um momento calado.

— Mas tens a certeza que te sacrificaria tudo, como tu?

— Tenho — disse Vítor, com exaltação.

Timóteo encolheu os ombros, com desdém.

— Meu amigo, se eu amanhã lhe oferecer quatro a cinco contos de réis, para te deixar e partir para o estrangeiro, podes estar certo que a criatura aceitava...

— Pelo amor de Deus! — exclamou Vítor.

Timóteo olhou-o com o ar compassivo de quem escuta as alucinações de um doido.

— Escuta, eu não duvido que essa mulher goste de ti: és novo, és agradável, etc. Tudo isso é muito bem, mas, além da tua cara e dos teus vinte e dois anos, o que faz sempre uma certa impressão nas mulheres, acredita que o que ela gosta é dos oitenta contos que dizem que eu tenho e que te

deixo. Acredita-me que é isto: naturalmente dás-lhe muito prazer e ela acha-te uma perfeição, mas agrada-lhe que acompanhes os teus lindos olhos com oitenta contos de inscrições... Quero bem acreditar que por ti deixou o Dâmaso, que lhe dava, naturalmente, uns dinheiros, porque é um asno; mas tu casas! Tu casas. E é o que essas mulheres querem. Encontra um rapaz novo que lhe agrada, de uma boa família, rico, ou pouco mais ou menos, que está pronto a dar-lhe o seu nome... e, como isso não se encontra todos o dias, faz tudo para te armar o laço; e o que tu tomas por paixão é simplesmente um cálculo. Mas, ainda mesmo, quando ela esteja apaixonada por ti e pronta a aceitar-te pobre, é porventura destino de um homem de bem abandonar tudo, destruir os seus parentes e a sua família, aviltar-se para sempre e casar com uma prostituta? E para quê? Para passar toda a vida a amar! Vítor — e a voz do tio Timóteo ficou com solenidade carinhosa —, se queres viajar, a Espanha, a Itália, sabes que te dou os meios... Diverte-te: esquece-la. Antes de partires, dá-lhe um bonito presente. Estou pronto a dá-lo; portas-te como um gentleman e verás como ela se consola! Lembra-te de uma coisa: é que casando desonras-te, a ti e a mim. Ora, como

eu não posso viver desonrado, não te direi que faço saltar os miolos, não, mas fecho-me no meu buraco e, até estoirar, não torno a ver alma viva. E de resto espero que Deus ou o destino, o Diabo, o que quer que seja que haja lá em cima, não me hão de deixar muito tempo nesta choldrice deste mundo. Basta de sermão. Pensa nisto. O dinheiro que quiseres, está à tua ordem. Não nos zanguemos. Damos um bom abraço e a criatura que a leve o Diabo. Vai? Que dizes?

Vítor mordia os beiços para conter as lágrimas.

— Então? — insistiu o velho.

Vítor balbuciou:

— Eu neste momento não sei, tio Timóteo. Verei... mas assim de repente...

Timóteo ergueu-se e disse com tristeza:

— As boas resoluções devem-se tomar imediatamente, meu amigo. Se a tornas a ver, se há cena de lágrimas, tudo se transtorna... Queres tu uma coisa? Deixa-me falar com ela.

Vítor olhou o tio Timóteo, passou a mão pelo cabelo.

— Mas não para lhe ser desagradável.

— Para lhe dizer a verdade: que se tens tenções de casar com ela, vendo o que tenho, vou viver para fora, para Inglaterra, para o Diabo, e os restos deixo aos pobres... E tu verás como a criatura arrefece.

— E se ela não se importa, se ela prova o seu desinteresse? — exclamou Vítor. — Se ela se desinteressa do casamento, se ela quisesse só viver comigo?

Timóteo refletiu:

Se quer viver, sendo só tua amante, não me oponho; eu te darei o dinheiro para pagar. E arruinamo-nos ambos com ela... arruinamos, sim senhor.

E ia a sair, mas, voltando-se:

— E desfaz a mala, não sejas idiota.

— Meu tio vem amanhã falar-te — foram as primeiras palavras de Vítor, quando nessa noite entrou em casa de Genoveva. E contou-lhe a sua questão com o tio Timóteo, com alterações para não a ofender.

— Meu amante? — disse ela. — É a cena da Dama das Camélias! Ele verá! Vou-lhe aparecer com uma toilette de inocente.

— Ah, tu ris, tu ris, mas...

Ela veio pôr-lhe as mãos sobre os ombros e, vendo o seu rosto ainda carregado e preocupado:

— Mas quê?... Se pela minha causa tu não queres zangar-te com o teu tio...

Afastou-se, fez-lhe uma profunda cortesia.

Ele tremiam-lhe as mãos.

— Para que és tu cruel? Bem sabes...

Genoveva oscilava tristemente com a cabeça.

— Sei que sentes. Não digas que não. Leio-te nos olhos. Pois bem, estás perfeitamente livre; não quero que, depois, se o teu tio romper contigo, te voltes contra mim. Pensa bem. Eu não quero que me pertenças por um momento de exaltação, de fantasia; quero que tenhas para mim espontaneamente, refletidamente, de modo que, suceda o

que suceder, tu não me possas acusar de te ter arrastado e dizer que fui a tua desgraça.

Ele tapou-lhe a boca com a mão.

— Genoveva! Doida! Mas tu podes fazer o que quiseres; sou teu para sempre, para sempre.

A porta abriu-se. Mélanie anunciou que o jantar estava na mesa.

— E não te importa teu tio, nem as suas ameaças, nem as suas maldições?

— Não! — disse ele, muito exaltado.

— E és o meu maridinho querido, o meu maridinho da minha alma?

Os seus belos olhos pretos reluziram de uma paixão sincera.

— Sou — murmurou Vítor, beijando-lhe o pescoço.

— Então, deixa o titi comigo e vamos jantar.

Era sempre àquela hora que tinha seduções extraordinárias para Vítor. Jantaram a uma mesa pequena

onde, de um globo carcel, derramava uma luz doce e elegante. O jantar era sempre excelente; Genoveva fazia sempre uma toilette; a luz punha no seu rosto, no pescoço, na abertura do decote tons doces; cobria de um tom suave a beleza da carnação; nada era mais lindo do que vê-la nestes tons; as rendas das suas mangas, meia-curta, estendendo o braço sobre a mesa, onde reluziam várias braceletes ingleses; tinha sempre no corpete uma bela flor. Mélanie servira rindo, sobre o tapete, com o seu béret, o seu avental branco, resplandecente de frescura.

Genoveva conversou muito; ria, fazia planos; às vezes, por causa do menu, numa abundância de restaurante, apertavam-se ardentemente as mãos, e aquele meio elegante, confortável, quente, amoroso, enchia Vítor de uma deleitação suave a que o vinho de Borgonha dava um bem-estar pesado, lânguido.

E era sempre com uma satisfação de licores que, na sala, quando Mélanie trazia o café, acendia o seu cigarro, estendido no sofá, ouvindo Genoveva tocar um momento, ou, a espaços, soltar, numa melodia de Gounod ou de Schubert, a sua voz cálida e penetrante.

Nessa noite, deviam ir ao Circo Price. A carruagem esperava em baixo. Genoveva veio sentar-se num joelho de Vítor e, lançando-lhe os braços em torno do pescoço, disse-lhe, baixo:

— E bom viver contigo. É tão doce!

Um suspiro de ternura dilatou-lhe o peito; murmurou junto do rosto dele:

— Se te perdesse, morria!

— E eu — respondeu ele, muito baixo.

E o coração batia-lhe fortemente.

— Vamos — disse ela, erguendo-se e puxando-lhe pelos braços —, vamos, meu cavaleiro, de pé e ponha o seu paletó. Estou bonita, hoje?

E diante dele, com um magnífico vestido vermelho e preto, mostrava-se, abrindo um pouco os braços, a cabeça estendida para ele, numa atitude de provocação e de humildade lasciva.

— Estás deliciosa — disse ele, querendo-a prender nos braços.

Ela fugiu-lhe, sorrindo.

— Não, não! — E correu ao quarto, pôr a sua capa, o chapéu, dar uma olhadela ao espelho, pôr um pouco de pó-de-arroz.

Vítor bebeu um cálice de conhaque, pensando que não havia tio Timóteo que lhe fizesse deixar aquela mulher.

Havia pouca gente no circo. Quando eles entraram no camarote, as cadeiras estavam quase vazias; apenas, aqui e além, alguns sujeitos; um dos tais, com o chapéu sobre os olhos, fumava soturnamente; duas espanholas, vestidas de verde, abanavam-se com frenesim; marujos ingleses, meio bêbados, boxavam-se no alto do anfiteatro da geral; e ao som da charanga, um cavalo branco, num movimento monótono e dormente, sustentando uma mulher esguia, de uma musculatura melancólica e pobre, que fazia jogos malabares.

Depois de um momento, Genoveva bocejou, declarou que se aborrecia; ficou logo satisfeita, vendo noutro camarote a Madame Gordon, a amante do velho barão, com uma

pessoa de idade, vestida de preto, como uma viúva e lúgubre.

Cumprimentaram-se muito e Madame de Molineux fez sinal à alemã que viesse vê-la ao seu camarote. A alemã não tardou; declarou-se também muito aborrecida; não estava ninguém conhecido, era uma seca; de resto, a companhia era péssima. Agora, sobre um cavalo escuro, uma volteadora tomava atitudes graciosas; era magra e o seu cabelo estava frisado num chignon de aspeto repugnante, de onde saíam, sobre as costas, caracóis penteados com folhas de hera e espigas prateadas; um decote baixo mostrava as clavículas; as posições clássicas, que tomava sobre o largo selim, faziam-lhe sair os músculos de ginasta; por vezes, a música parava, ela sentava-se com um movimento afetado, batia as saias e derramava em redor um sorriso que mostrava maus dentes. Imediatamente um rapaz de chapéu rompia pateada, com desespero; outros aplaudiam; ela agradecia e os marinheiros ingleses gritavam hurras. O palhaço entrou dirigindo-se a ela, atirou-lhe um beijo, contorcia-se nas atléticas contorções de uma paixão grotesca; o homem do

pingalim repelia-o e ele caia estatelado no chão; o anfiteatro ria-se. A música recomeçou e ela, erguendo-se sobre a sela, recomeçou piruetas sobre um pé só. O gás derramava uma luz crua de taverna; os peões da charanga faziam um tchang-tchang sonolento; pessoas percorriam, bocejando, o programa, e as patas do cavalo atiravam para as cadeiras pedaços de terra seca.

Genoveva declarou que «estava impossível»; o melhor era irem para casa. Podiam fazer-se partidas de dominó ou de loto.

A alemã não podia; o barão prometera vir buscá-la ao circo.

— Oh, estas longas noites de Lisboa! — suspirou Genoveva.

Um deslocado, vestido de peles, alto e tomando atitudes satânicas, enfastiou-a tanto que se ergueu, disse a Vítor:

— Vamos embora, filho. Este meio faz mal aos nervos; esta seca!

E deixaram a alemã, que, durante toda a noite, perseguiu com o binóculo uma das espanholas de verde, rapariguinha

bonita, com dois olhos dormentes e afogados num fluido lânguido.

Ao saírem, encontraram-se com Dâmaso, que entrava. Genoveva fez uma ligeira inclinação de cabeça e Dâmaso, fazendo-se escarlate, voltou o rosto, com uma afetação de desdém. Ouviam-no mesmo chacotear com uma inglesa gorda, com quem vinha.

A noite estava adorável; havia um ar tépido de Verão, uma serenidade mansa, a lua cheia reluzia como prata e as ruas tinham o tom melancólico que dá o contraste das sombras e do luar.

Genoveva quis ir a pé e foram andando devagar, ao comprido do passeio; as lojas ainda estavam derramando a sua luz escassa; gente passeava, aqui e além; uma mulher, com um véu aproximava-se, pedindo lugubremente esmola; as altas fachadas, cobertas de luar, tinham um aspeto abandonado.

No Largo do Loreto, ao descerem para casa, Genoveva parou; ao fundo da Rua do Alecrim, o rio reluzia sob uma grande mancha trémula de lua.

— Se fôssemos dar um passeio no rio?

Desceram ao Cais do Sodré. Dois barqueiros, que fumavam, sentados num monte de pedregulhos, afirmaram que tinham um barco que era um regalo.

— E baratinho, meu amo — disse sorrindo.

— Eu sou o Manoto — disse o velho, com satisfação. — Speak english.

— Está frio — disse Vítor.

O Manoto protestou:

— Frio? Esta noite está um beijinho!

E daí a pouco, sentados, o barco afastava-se na água imóvel.

— Que linda noite! — disse Vítor.

A cidade elevava-se, com as fachadas batidas de luar e os vidros, por vezes, resplandeciam como lâminas de prata; os bicos de gás esmoreciam sob a abundância de luz prateada. E havia um silêncio daquelas habitações mudas e brancas, como a tranquilidade de uma contemplação extática. A lua cheia brilhava de um modo silencioso e sereno; um rasto

faiscante corria tremulamente sobre a água, como um esmalte ou uma filigrana flutuante; todo o resto da água tinha um tom ora azul-claro, que, fugindo para o largo tomava um vago tom mais espelhado, ora era de um brilho tranquilo. Uma névoa luminosa esbatia os limites na Outra Banda e os costados dos navios, as sinalizações, tinham como um ar esbatido, ligeiro. No silêncio do céu, frio e calado, os remos batendo nos toletes de ferro e som de água cálida, chapinhando, seguia docemente o barco. Iam muito chegados e Genoveva ergueu a voz, cantando o Lago, de Lamartine:

*Um soir, t'en souviens tu?*

*Nous voguions en silence...*

Vítor tinha, muita vez, passeado no rio azul, visto a Lua e a tranquilidade da água clara, mas como se o seu amor tivesse dado à natureza uma expressão mais alta, nunca a noite de luar, o Tejo, lhe tinham parecido tão belos. Tinha passado o braço em redor da cinta de Genoveva; o contacto

do seu paletó de seda dava-lhe uma sensação de elegância amorosa. Acudiram-lhe frases de romance, versos de Alfred de Musset. A Lua, brilhando no rosto dela, dava uma expressão doce de uma beleza poética; as suas mãos, mexendo nas pregas do vestido faziam reluzir as pedras dos anéis e a sua voz fresca, baixa, cantando, dava a Vítor como um adormecimento e um êxtase. Ela encostou a cabeça ligeiramente sobre o ombro dele e Vítor sentia o desejo de ir assim, eternamente, na suavidade maravilhosa daquela languidez poética. Ela calou-se por fim e, muito unidos, esqueciam-se na contemplação vaga.

— A que horas vem teu tio? — perguntou ela de repente.

— Hem? — fez Vítor, como acordando de um sonho delicioso e, encolhendo os ombros: — Que venha quando quiser, que diga o que quiser, não é verdade? Perde o tempo, não é verdade?

Ela esteve um momento calada e, com uma voz leve que soou alto:

— Não há nada neste mundo que me faça separar de ti. Nada! Enquanto tu me quiseres, sou a tua amante, a tua

esposa, a tua escrava, o que tu querias.., em toda a parte e sempre.

— E eu? Que pode ele fazer? Não me deixa nada? Rompe comigo? Que me importa? Trabalharei, se for necessário, contanto que te tenha a ti, para me consolar, para me abraçar, para me dar coragem...

E apertavam-se num sentimento profundo de paixão...

— Hás de me ter sempre a mim, meu amor — respondeu ela, muito baixo.

A certeza daquela paixão deu-lhe uma alegria profunda. Mas Genoveva disse, sorrindo:

— O mais que pode fazer é amaldiçoar-nos, como no teatro.

— Deus nos abençoe — disse Vítor, quase sério.

— Ámen — respondeu ela, rindo.

Mas, como a noite arrefecia, foram remando para o cais. Davam onze horas, quando subiam a Rua das Flores. Genoveva apoiava-se muito ao braço de Vítor; estava um

pouco cansada e, parando, respirando alto, olhava as altas janelas do terceiro andar onde havia luz.

— Como nós moramos alto! É uma verdadeira aventura para a perna de pau do tio Timóteo.

Aquela visita preocupava-a muito. «Que lhe quereria o tio Timóteo? Certamente embaraçar o seu casamento. Como? Com ameaças, com súplicas, com promessas?»

— Que te parece? — tinha ela perguntado a Mélanie, para quem não tinha segredos, e acrescentou: — Em todo o caso põe mais ordem na sala, flores nos vasos e põe o teu vestido de seda preto, um avental fresco.

Pela manhã, enquanto Vítor se banhava e se vestia, deitara as cartas, mas não obtivera outro relance sobre o futuro do que propriedades, dinheiro e uma carta através do mar. Depois, foi ela mesma ver se a sala tinha um ar bastante respeitável e bastante burguês e completou a decoração, como ela disse, «com alguns acessórios de humildade»: abriu sobre o piano o Stabat Mater, de Rossini. Pôs numa cadeira um regalo e, ao pé, um livro de missa, como se tivesse ido de manhã à igreja; atirou

negligentemente para cima da mesa o recibo de uma contribuição semanal de «quartinho« para as escolas de crianças pobres.

— Não tens por lá um esfregão novo, por abainhar — perguntou a Mélanie. — Trá-lo.

E pôs o esfregão sobre uma cesta de costura, em lugar do bordado, para revelar preocupações úteis e não vagares elegantes. Deu, com habilidade de artista, pregas rígidas às bambinelas e, olhando satisfeita em redor:

— É o templo da virtude! — murmurou.

E daí a pouco apareceu a Vítor, que a esperava na sala de jantar lendo o jornal, com um vestido de caxemira preto, com enfeites de seda muito sóbrios, uma gravata de renda cor de prata e um botão de rosa na cave do corpete; tinha um penteado muito simples, com um toucado de renda inglesa; e havia na sua maneira, no seu perfil, na reserva da sua atitude, um ar de regularidade doméstica e de serenidade maternal.

— Não estou uma mulherzinha de bem?

— É-lo sempre — disse Vítor, encantado.

No entanto, estavam ambos nervosos. Um toque de campainha deu-lhes um sobressalto; olharam-se com palpitações. Era apenas a mulher da fruta.

— Talvez nem venha hoje — disse Vítor.

A chávena de chá tremia um pouco nas mãos de Genoveva. Quis rir, escarnecer a sua própria excitação.

— Não é o papão, não me há de comer.

Quando vieram para a sala, Vítor notou a disposição inteligente, o ar de tranquilidade e de ordem.

— É um dia de batalha — disse Vítor.

Genoveva pareceu ter uma ideia, foi ao piano procurar um livro de melodias de Schubert e preludiou a canção conhecida:

Salvé, Salvé, Última Manhã da Minha Vida. E como Vítor a olhasse, surpreendido do tom quase supersticioso com que ela soltara as palavras melancólicas:

— É de bom agoiro.

E contou-lhe que um amigo dela, um rapaz francês, lhe dissera que, no ano de guerra, quando os Prussianos

cercavam Paris, no Inverno terrível, os rapazes, militares do forte do Monte Valesiano costumavam reunir-se numa das casamatas onde tinham instalado um piano e, antes do romper do Sol e do primeiro tiro do dia, cantavam em coro, como uma canção protetora, a melodia de Schubert: «Para algum podia bem ser a última manhã», não é verdade? Pois bem, nenhum foi morto, nenhum foi ferido. E daí lhes ficou a superstição de cantar na véspera de algum facto decisivo, de algum duro combate da vida, aquela melodia protetora. Et Voilà!

E continuou cantando:

*Salvé, ó última manhã*

*Da minha vida, salvé!*

Vítor foi encostar-se à janela. O dia estava cheio de sol, já um pouco quente; um azul vivo de Primavera meridional resplandecia e, como havia alguma poeira, a carroça da água ia regando devagar, a Rua do Alecrim; as altas casas da Rua das Flores punham a rua numa sombra discreta e

ficava ali um recanto da cidade recolhido e silencioso. Debruçado para a rua, sentia as notas melancólicas da canção pairarem aí, no ar quente, e davam-lhe uma sensação de vaga opressão sentimental.

Ao meio-dia, tomou o chapéu e disse a Genoveva:

— Vou para o Chiado, a ver se passa a carruagem do tio Timóteo; ponho-me à espera que ele saia e venho logo saber a novidade.

E ia sair mas, por um impulso estranho, quase melancólico, voltou, apertou-a contra o peito; beijaram-se profundamente e ele saiu comovido, jurando que, houvesse o que houvesse, seria dela para sempre.

Era uma hora, quando a velha parelha do tio Timóteo parou à porta do prédio. Genoveva, no corredor, ouvia, com o coração a bater-lhe, o ruído seco da perna de pau, que subia devagar.

— Abre logo, Mélanie — murmurou Genoveva, e correu para o quarto.

Quando o tio Timóteo entrou na sala, pousou os olhos na mobília, nos quadros, no cesto da costura, e ficou um pouco

embaraçado, vendo então Genoveva com uma atitude de muito respeito e de muita dignidade.

— É o tio de Vítor, creio, que tenho a honra... — começou, curvando-se e repetindo, por instinto, a frase da Dama das Camélias, quando recebeu o pai de Armand.

Sentou-se com muita nobreza no sofá, murmurando:

— A que devo...?

— Antes de tudo — disse o tio Timóteo, muito respeitosamente —, eu devo-lhe expressar as minhas desculpas por um momento de mau humor que tive aqui há um mês, quando tive, pela primeira vez, a ocasião, a honra...

Embaraçava-se um pouco; o olhar de Genoveva muito atento e o seu sorriso benévolo, o ar humilde, filial, perturbavam-no; e fitava-a, sentindo vagamente que conhecia aquela fisionomia e que já vira aquele olhar... Ela, então, com um gesto de uma bondade doce:

— Pelo amor de Deus, a culpa foi toda minha. Eu adoro as crianças e acredite que coro de vergonha, de remorso, de ter feito cair o pobre anjinho... Mas todos temos os nossos

maus dias, os nossos blue devils. Eu, nesse tempo, não era feliz...

E mordendo um pouco o beicinho, desceu as suas grandes pestanas pretas, por um movimento de uma vergonha melancólica. Mas ergueu-as logo e o seu olhar prendeu-se ao tio Timóteo, com uma insistência, ansiosa; ela também lhe parecia que aquela figura, que aquela voz, não lhe eram estranhas; quando o vira, onde?

Os seus olhos encontraram-se com os dele, e, por um momento, penetraram-se, com uma interrogação desesperada; mas o tio Timóteo ou para cortar o silêncio, ou por não achar a recordação exata disse:

— Eu, todos os que me conhecem sabem, sou um homem que atiro fora tudo o que penso — numa expressão de magistrado ou militar —, sou franco.

Ela curvou ligeiramente a cabeça.

— E a primeira qualidade num homem para mim, a franqueza, depois da coragem, já se sabe.

Aquela opinião agradou muito a Timóteo; a beleza de Genoveva, o tom velado da sua voz, a sua atitude casta e

atenta, começaram a exercer na sua irritabilidade uma ação dissolvente. E ainda desconfiado, resolvido a não se deixar «embarrilar», disse um pouco bruscamente:

— É por ser franco que vou direto ao que me traz aqui. Decerto sabe o que é.

Ela teve um gesto muito doce, risonho de dúvida, de hesitação.

— Naturalmente, vem-me falar de Vítor.

— Venho falar-lhe de Vítor.

Houve uma pausa e Genoveva detalhava as palavras com uma gravidade digna:

— Vítor tem falado tanta vez do tio Timóteo, como ele lhe chama, e sempre com tanto afeto, com tanto entusiasmo, que eu sinto-me pronta a escutá-lo com dedicação — e sublinhando a palavra —, sei que ele lhe deve tudo, que o estremece.

— Sim — interrompeu Timóteo —, a não ser um incorreto, o rapaz deve ter-me amizade.

— Adora-o! — disse ela com força, com um movimento no sofá que aproximou de Timóteo.

«Ah, sereia!», pensou ele; e depois de esfregar o joelho refletidamente:

— Portanto não deve estranhar que eu venha aqui defender os interesses dele.

Pareceu muito surpreendida ao ouvir falar de interesses.

— Sim, porque, enfim — e teve um movimento de todo o corpo que indicava uma decisão —, que ganha ele com estas relações?

Genoveva, torcendo entre os dedos as rendas do lenço e baixando os olhos:

— O que se ganha em ter relações com a pessoa que se ama? — e com um sorriso adorável: — A felicidade, creio eu...

Timóteo encarou-a e disse, com a voz mais alta:

— Minha rica senhora, eu não sou um desses velhos tios de comédia, burgueses, que se aterram, quando um rapaz tem uma amante. Dos vinte anos aos trinta, todos os

homens têm amantes; é tão necessário como tomar banho. Vou mais longe, digo que é uma felicidade, quando é uma amante bonita inteligente, prendada, senhoril, com uma bonita casa e olhou em redor, conversa e saudou-a e toilettes... Perfeitamente. Eu seria primeiro a aplaudir o Vítor... se esta ligação não lhe trouxesse transtornos graves.

Genoveva acudiu:

— Mas engana-se, decerto; eu não exijo nada dele, não o perturbo nos seus afazeres, não sou egoísta; quero que ele me venha ver...

— E que case consigo — disse secamente o tio Timóteo.

Genoveva fez-se escarlate; decerto uma cólera invadia-a, mas, dominando-se, disse:

— Entendemos que seria mais cristão e mais puro legitimar as nossas relações...

Timóteo olhou-a atónito; não sabia se devia rir da afetação, se escandalizar-se da hipocrisia; conteve uma praga que lhe viera aos lábios e, pensando que a feriria, a

perturbaria, disse tranquilamente, placidamente, com sobrolho pasmado:

— Mas sabe que, se der em casamento, eu não deixo real a esse rapaz...

Ela curvou-se.

— Seria um desgosto para Vítor, porque será prova que lhe retira a sua estima, mas não influi em nada a sua decisão; é novo, inteligente, pode trabalhar, eu tenho alguma coisa...

— Que outros lhe deram! — exclamou com voz seca e um movimento de ombros terrível.

Genoveva fez-se pálida, os beiços tremiam-lhe; por um movimento rápido, levou o lenço aos olhos e, quando o retirou, disse com a cabeça curvada:

— Por maior que seja o seu horror pela minha vida passada, não é maior que o meu. É para o esquecer, para o lavar, que procuro uma afeição pura, nobre. De resto, não creio que seja generoso da sua parte humilhar-me...

Timóteo pensou: «É danada!»

Curvou-se, murmurou «perdão» e acrescentou:

— Eu vejo que estou a falar com uma pessoa muito inteligente.., e então deixe-me, cos diabos, chegar à questão. Acha que seja amar um homem obrigá-lo a um casamento tão equívoco? Qual seria o destino desse pobre rapaz? Corar constantemente da sua mulher; não poder obter para ela o respeito necessário; há de encontrar muitos outros que saibam sobre o seu passado, tanto como ele mesmo. Deixe-me falar-lhe com franqueza. Sou um velho, conhecemos ambos o mundo. Todas as reservas seriam ridículas. Nunca, de modo nenhum, a pode levar à sociedade; todas as carreiras, toda a ambição, lhe estariam fechadas. Se tiverem filhos, os seus filhos teriam um nome terrível. Estão arriscados a que, a todo o momento, um insolente lhes diga, em cara, o que foi sua mãe.

Ela teve um gesto ansioso que vinha da paixão.

— Viveremos tão escondidos, tão retirados...

Timóteo teve um riso.

— Isso é romance! Vive-se retirado um ano! Não se pode viver toda a vida num chalet, a olhar para a Lua, a dar

beijinhos pelos cantos... A senhora mesma, pensa a senhora que pode habituar-se a essa reclusão, a uma vida de convento? Os hábitos de uma vida não se mudam como pares de luvas. Agora, decerto, está sob a ilusão que lhe dá a paixão, mas depois? Poderá resignar-se a viver pobremente, sem carruagem, sem festas, sem ceias, nem aventuras?...

— Mas perdão! — disse ela. — Que ideia é essa? Toda a minha vida vivi sem festas e sem aventuras. Os meus erros provieram — e baixando a voz — da necessidade. Acredite: da necessidade. Eu sou uma burguesa, sempre o fui, de família burguesa, com hábitos burgueses...

E vendo o espanto de Timóteo, julgando perceber nele um começo de abandono, de simpatia, teve a ideia de jogar a última carta, aproximou-se dele, quase à beira do sofá, com as mãos erguidas, e exclamou:

— Escute. Vou-lhe contar toda a minha vida, tenho confiança em si; vejo que é um homem de bem, um homem de coração, de inteligência, que me compreende... Nunca revelei estas coisas. Vítor não sabe nada. Julga-me, como todo o mundo, uma senhora da ilha da Madeira que fugiu

com um inglês e que, em Paris, depois… se fez.., o que eles dizem: cocote!

E teve um riso amargo. Uma aragem forte entrou e, maquinalmente, Timóteo, que estava do lado da porta, fez o movimento de se retirar da corrente de ar. Genoveva viu e correu a fechar a janela e, correndo o fecho, reuniu, num relance, os vagos detalhes da história que ia contar. Quando ia voltar, Timóteo estava de pé; o andar dela tinha-o ferido e uma vaga recordação condensou-se no espírito; os seus olhos devoravam-na.

— E então, de onde é? — perguntou quase com dificuldade.

— Casei em Portugal. — Hesitou; mas como se o corpo lhe sangrasse irresistivelmente, com um acento de vergonha: — Fugi ao meu marido…

— De onde é, de onde? — perguntou Timóteo; respirava com aflição e a bengala tremia-lhe na mão fria, extraordinariamente.

— Sou da Guarda — disse ela.

Timóteo estacou imóvel, com os olhos dilatados; murmurou duas vezes:

— Santo Nome de Deus! Santo Nome de Deus!

— O que é? — fez ela, lívida.

— Seu marido, quem era?

Ela respondeu ansiosamente com as mãos sobre o peito, toda inclinada para ele:

— Porquê? Meu marido chamava-se Pedro da Ega.

— Oh! Maldita! Maldita! Maldita! — bradou Timóteo. E os seus braços erguidos tinham uma tremura, o olhar alucinado; e com uma voz estrangulada, medonha:

— Mas esse, esse homem é Vítor da Ega. É seu filho! Eu sou Timóteo da Ega.

Ela levou as mãos à cabeça, com um gesto medonho; os olhos saíram-lhe das órbitas, a boca aberta queria gritar; arrimou-se à borda da mesa, os seus braços retesaram-se; levou a mão convulsivamente ao colar, a mola despedaçou-se; e dando passos vagos pela sala, com sons roucos e

tremores, os braços ao alto, batendo o ar, foi cair sobre o tapete, com os braços abertos.

Timóteo berrou:

— Olá, olá!

Mélanie correu, precipitou-se com gritos, sobre Genoveva; foi abrir as janelas, correu a desapertá-la. E Timóteo, alucinado, encostando-se às paredes, desceu a escada, atirou-se para a carruagem; o cocheiro, ao voltar-se, ficou pasmado de lhe ver as lágrimas a rolar pelos olhos.

Vítor, depois de ter visto o tio Timóteo entrar para casa de Genoveva, desceu a Rua do Alecrim, foi dar uma volta no Aterro. Estava muito nervoso, muito agitado. Encontrou Carvalhosa, que lhe perguntou por Genoveva.

«Ia bem, obrigado. « E como já tivesse passado quase uma hora, pensou que seria tempo de voltar e veio subindo com ele a Rua do Alecrim. Carvalhosa falou de política e de literatura. «Que lhe parecia o livro de poesias da besta do Roma? Nem ideal, nem imagens: uma banalidade pretensiosa.» Vítor respondeu com monossílabos, sorrisos

vagos. Dava esmola a todos os pobres que encontrava «para trazer a felicidade». Ao chegar ao Largo do Quintela, não viu a carruagem. «Bem, tinha-se ido o tio.»

— A literatura está num marasmo — disse o Carvalhosa.

— Está o diabo, está — replicou Vítor, com os olhos fitos na janela de Genoveva. E disse bruscamente adeus ao Carvalhosa, mas, pensando que teria sido seco, chamou-o, pediu-lhe que viesse jantar com Genoveva.

— Quando?

— Amanhã.

— Às seis?

— Às sete.

E correu a casa, subiu as escadas, aos quatro. Achou a porta aberta, entrou. Mas veio-lhe a ideia que talvez Timóteo ainda lá estivesse e a carruagem devesse voltar. Foi, em bicos dos pés, até à sala; entreabriu o reposteiro. Viu Genoveva sentada numa cadeira, os braços caídos, o rosto pendido sobre o peito.

— Genoveva — disse, baixo.

Notou então que estava toda esguedelhada, com o corpete aberto, lívida, velha. Entrou bruscamente. Ela ergueu o rosto, viu-o, ergueu-se num pulo e ficou com os braços estendidos, inteiriços, para ele, os dedos muito abertos.

— Que é, Genoveva? — gritou, aflito, correndo para ela.

Ela recuou, com os olhos dilatados, o corpo inteiriçado, um esgar na boca, medonho, e os seus braços faziam ansiosamente sinal «que não!, não!» Respirava tragicamente, com um aãh ansioso de agonia. E os olhos, terríveis, pasmados, como mortos, saíam-lhe das órbitas, fixavam-se nele, com uma persistência pavorosa.

Vítor ficou petrificado. Balbuciou:

— Genoveva, meu amor, que é? — E deu um passo.

Mas ela, possuída de um terror alucinado, recuou e, de repente, encolhida, procurou, com os olhos ferozmente esgazeados, uma porta, um canto, uma saída.

— Ah, meu Deus, que endoideceste! — exclamou ele com uma voz chorosa, estarrecido. — Mas, Genoveva, sou eu!

E ia para ela. Mas ela, abrindo a boca com uma ânsia terrível, soltou, num baque súbito, um grito:

— Maldito! Maldito!

E volteando-se, num relance, correu à janela e, lançando o corpo sobre o peitoril, atirou-se, com um grito estridente. Vítor sentiu ainda o seu corpo fazer, na rua, um som baço e mole de um fardo de roupa.

Quando as pessoas que conduziram o cadáver de Genoveva, entraram na sala, entre os clamores de Mélanie, encontraram Vítor estendido no chão; tinha batido com a cabeça na esquina de uma consola e da sua testa lívida corria um fio de sangue que, a pouco, secou no tapete.

Os jornais falaram, durante alguns dias, do «suicídio da Rua das Flores». A Polícia fez algumas investigações preguiçosas e o caso, considerado como um suicídio, lentamente esqueceu. Dâmaso, ao princípio, esteve, segundo disse aos amigos, «embatucado». Esteve em casa alguns dias. Mas não tardou em reaparecer, gordinho e risonho, e dizia com importância:

— Eu sempre lho profetizara. Era doida, havia de acabar mal.

Durante esse tempo, Vítor jazia com uma febre cerebral. Durante vinte e cinco noites, Timóteo e Clorinda não se deitaram e no dia em que Vítor pôde dar o seu primeiro passeio, em volta do quarto, apoiado à enfermeira, e comeu a sua primeira asa de galinha, o tio Timóteo abraçou-se a ele a chorar.

— Mas porque foi, mas porque foi? — disse Vítor, soluçando.

O tio Timóteo disse simplesmente:

— Não sei. Estava-me contando a sua vida passada e, de repente, desmaiou. Só Deus o sabe. Só Deus o deve saber.

Estava agora mais envelhecido; passava os dias ao pé da poltrona, onde Vítor ia ganhando as forças, a fumar cachimbos consecutivos, calado, com os olhos fitos no chão, o seu fiel Dick deitado aos pés.

Um dia, Vítor disse, de repente, depois de um grande silêncio:

— Mas eu estava para casar com essa mulher... Acha que devo deitar luto, quando sair?

Timóteo ergueu-se violentamente, deu alguns passos pelo quarto, parou subitamente, foi rufar no vão da janela e, voltando-se, pálido, disse:

— Sim. Um fumo no chapéu.

Mas Vítor tomou o luto de viúvo. Quis viajar. Partiu. Demorou-se em Madrid e, em Paris, como localizasse a casa de Genoveva, todos os dias, todas as noites, por lá passava, demorando-se a olhar a varanda, e parecia achar, naquele lugar onde ela vivera, alguma coisa da sua vida passada; a pensar que o alugaria e compraria a mobília, passava uma vida jovial; às três horas da manhã, às vezes, havia sons de piano; o criado de um café vizinho disse-lhe que morava lá uma chamada D'Arcy e, vendo que era um estrangeiro, aconselhou-lha: era bonita e custava apenas quatro libras.

Um dia, ao dobrar a rua, na Praça da Bolsa, deu, de repente, com Mélanie. Abraçaram-se longamente. Mélanie, com o dinheiro que Timóteo lhe dera, comprara uma pequena confeitaria no Bairro de Villete. Prosperava e Vítor

ia muitas vezes visitá-la; era no Inverno e sentados ambos sobre o tapete, ao pé do fogo, tomavam café à luz vaga que dava a lenha na chaminé, numa saleta escura; fora, a chuva, ou caía silenciosamente a neve, e falavam dela longamente, até que Vítor, com os olhos fitos no lume, ficava calado e perdido numa saudade infinita, com os olhos cheios de lágrimas. Mas, às onze horas, tinha de sair porque o amante de Mélanie, que era claque num teatro, entrava à meia-noite.

Voltou. Encontrou o tio Timóteo mais silencioso, mais velho, mais lúgubre. E daí a duas semanas, o tio Timóteo adoeceu com uma pleuresia. Teve uma morte muito tranquila e grave. Como Clorinda falava dos sacramentos, disse com uma voz fraca:

— Não. Nada de padres. Não me amargurem este último momento. É o melhor da vida.

Deixou a Vítor, no seu testamento, setenta contos.

Passados dois meses, Vítor voltava do cemitério dos Prazeres onde fora ver a sepultura de Genoveva e a do tio

Timóteo, quando, ao passar numa rua, sentiu uma rapariguita correr atrás dele.

— Meu senhor, meu senhor.

— Que se passa?

— É a senhora, a grande, que diz que venha.

E no segundo andar. Surpreendido, seguiu a rapariga e, num pobre segundo andar, encontrou Joana, que se lhe atirou aos braços e contou a sua história. Depois da partida do Cerrão para o Brasil, recebera, no primeiro paquete, algum dinheiro; mas havia seis meses que não recebia nada; tinha tudo no prego; já não trazia o vestido de chita amarela, mas, um pouco abatida pela melancolia, a sua beleza ganhara delicadeza.

Vítor pôs-lhe casa e viveu em concubinagem com ela, educando a filha do Cerrão. Dizem que vai casar com ela. Dedica-se, já mais consolado, a trabalhos literários e há tempos publicava no Almanaque das Senhoras esta poesia, imitada de um poema de Richepin:

A GENOVEVA

*Tão profundamente amada*

*Tu foste, que a minha vida*

*Da tua lembrança querida*

*Pra sempre está perfumada.*

*Tens outros amores talvez,*

*Mas, sem fé e sem coragem,*

*Guardo passes de estalagem*

*Onde se dorme uma vez.*

*Nos olhos mais cativantes*

*É ainda a ti que te vejo,*

*Por ares do meu desejo,*

*Vivo por ti, como dantes.*

*Nos planos de Jericó,*

*Assim o rei Mago ia*

*Em cada estrela que via,*

*Seguindo uma estrela só.*

*E na posse mais demente*

*Do corpo mais desejado,*

*Basta voltar-me para o lado,*

*Para te ver ali presente.*

D. Joana Coutinho, que leu estes versos e os adorou, perguntava-lhe, há dias, na casa do Sr. Seixas, onde Vítor recita as vezes:

— E sua mulher não tem ciúmes?

Vítor sorriu, não respondeu... «Mas como ter podia? Joana, sua mulher, não sabia ler.»